

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

FABRICIO DA MATA LUCAS



**ESPAÇOS URBANOS DE LAZER: PRAÇAS PÚBLICAS E
DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS EM UBERLÂNDIA (MG)**

UBERLÂNDIA/ MG

2022

FABRICIO DA MATA LUCAS

**ESPAÇOS URBANOS DE LAZER: PRAÇAS PÚBLICAS E DINÂMICAS
SOCIOESPACIAIS EM UBERLÂNDIA (MG)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Geisa Daise Gumiero Cleps

Uberlândia/MG

2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L933 Lucas, Fabrício da Mata, 1980-

2022 Espaços urbanos de lazer: [recurso eletrônico] :

Praças públicas e dinâmicas socioespaciais em Uberlândia(MG) / Fabrício da Mata Lucas. - 2022.

Orientadora: Geisa Daise Gumiero Cleps.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Geografia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.208>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Geografia. I. Cleps, Geisa Daise Gumiero, 1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H35 - Bairro Santa Monica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902 Telefone: (34) 3239-4381/3291-6304 -
www.ppgeo.ig.ufu.br - posgeo@ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	GEOGRAFIA				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, Número 222, PPGGEO				
Data:	23 de março de 2022	Hora de início:	14h:00m	Hora de encerramento:	18h:30m
Matrícula do Discente:	11813GEO005				
Nome do Discente:	FABRÍCIO DA MATA LUCAS				
Título do Trabalho:	ESPAÇOS URBANOS DE LAZER: PRAÇAS PÚBLICAS E DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS EM UBERLÂNDIA (MG)				
Área de concentração:	GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO				
Linha de pesquisa:	ANÁLISE, PLANEJAMENTO E GESTÃO DOS ESPAÇOS URBANO E RURAL/ENSINO DE GEOGRAFIA				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se no Anfiteatro [On line], Campus [Meet.jit.si], da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em GEOGRAFIA, assim composta: Professores Doutores: Everaldo Santos Melazzo - UNESP - Presidente Prudente/SP; Marcos Antônio Silvestre Gomes - UFTM/MG; William Rodrigues Ferreira - IG/UFU; Marlene Teresinha de Munro Colesanti - IG/UFU e Geisa Daise Gumiero Cleps - IG/UFU orientador(a) do(a) candidato(a). Em função da Pandemia COVID-19, todos os membros participaram de forma on line.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Geisa Daise Gumiero Cleps - IG - UFU, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimeada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida eachada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Geisa Daise Gumiero Cleps, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/03/2022, às 10:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º,

§ 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Everaldo Santos Melazzo, Usuário Externo**, em 25/03/2022, às 10:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marlene Teresinha de Muno Colesanti, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/03/2022, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamentono art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de](#)

[outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **William Rodrigues Ferreira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/03/2022, às 14:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º,

§ 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antônio Silvestre Gomes, Usuário Externo**, em 28/03/2022, às 13:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3411221** eo código CRC **AE7CFE64**.

FABRICIO DA MATA LUCAS

**ESPAÇOS URBANOS DE LAZER: PRAÇAS PÚBLICAS E DINÂMICAS
SOCIOESPACIAIS EM UBERLÂNDIA (MG)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território

Banca examinadora:

Profa. Dra. Geisa Daise Gumiero Cleps (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Marlene T. de Muno Colesanti

Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. William Rodrigues Ferreira

Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Everaldo Santos Melazzo

Universidade Estadual Paulista

Prof. Dr. Marcos Antônio Silvestre Gomes

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Uberlândia, 23 de março de 2022.

Resultado: APROVADO.

Dedico esta tese à minha querida mãe, a Sra. Imirene da Mata (in memoriam), “quanta saudade”, pelo seu amor, carinho, dedicação e por acreditar que a educação pudesse romper barreiras e proporcionar uma vida melhor para seus filhos, apesar do pouco acesso aos estudos. Dedico também à minha querida companheira Aline, com amor e carinho e à minha filha Luiza, minha luz e razão para seguir em frente todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e à minha família, minha mãe (*in memoriam*), especialmente à minha esposa Aline e minha filha Luiza, presentes com amor e compreensão para que pudesse seguir esta jornada, muito cansativa e de muita paciência, porém exitosa. A você, Luiza, minha grande inspiração para fazer o melhor a cada dia. Agradeço à minha irmã Luciana, pelo incentivo, pelas conversas e por fazer parte e ser importante em minha vida. Meus queridos sobrinhos Vinícius, Maria Clara e Wesley (de coração).

Agradeço especialmente à Professora Geisa, pelo carinho, compreensão e por aceitar me acompanhar na orientação desta Tese. À Professora Beatriz, por demonstrar empatia e apoio ao me conhecer e incentivar no início da Pós-Graduação no IG -UFU. Aos professores Willian, Maria Beatriz e Vitor, que contribuíram enormemente nas etapas prévias a este momento ao avaliarem meu projeto de pesquisa e meu relatório de qualificação. Aos professores Everaldo e Raul, da FCT -UNESP, por participarem como orientadores na minha jornada acadêmica a mais de uma década na UNESP de Presidente Prudente. Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do IG UFU, João e Izabel pelas informações prestadas.

Agradeço à Prefeitura de Uberlândia, representada pelas secretarias municipais de Planejamento Urbano e Meio Ambiente e Serviços Urbanos, sobretudo à primeira destas, por contribuir com informações relevantes que possibilitaram a consecução do trabalho. Aos representantes da sociedade civil adotantes de praças e à empresa ITV Urbanismo por também fornecerem informações nesse processo. Agradeço imensamente às pessoas que participaram da enquete de opinião direcionada de forma on-line, tanto àqueles que responderam, quanto aos que disseminaram em seus contatos e redes sociais a presente pesquisa. Ressalto também, as pessoas que mesmo com as complicações decorrentes da propagação do COVID 19, se dispuseram a fornecer alguma informação durante as pesquisas de campo realizados nas praças públicas.

Agradeço às demais pessoas que de alguma forma contribuíram, nos bate-papos, geralmente à distância em virtude dos tempos difíceis que vivemos, e que dispuseram seu tempo para ajudar com alguma informação ou na leitura da tese nesta caminhada, entre tantos, valeu Sérgio “Duas Unhas” e Fabio de Frutal.

Por fim, agradeço imensamente ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), campus Ituiutaba, por fornecer o suporte legal e financeiro para o desenvolvimento desta Tese de Doutorado. Muito obrigado!

Ficar prisioneiro do presente ou do passado é a melhor maneira para não fazer aquele passo adiante, sem o qual nenhum povo se encontra com o futuro. (Milton Santos. O espaço do Cidadão, 1987).

RESUMO

A temática em questão, traz à tona uma reflexão relevante em relação à utilização do espaço intraurbano no âmbito das cidades atuais, ao considerar os espaços públicos e sua interface com o lazer. Observa-se a importância dos espaços livres públicos na consolidação de atividades culturais e/ou esportivas que favoreçam a qualidade de vida nas cidades. São pertinentes as implicações que influenciam no cotidiano das pessoas e nas atividades desenvolvidas no seu tempo disponível, com destaque para as formas de consumo dos parques e das praças públicas, estas últimas, vitais para o bem-estar nas cidades, tendo em vista que são mais presentes no espaço intraurbano. É nesse prisma que se elenca uma reflexão em torno da realidade da cidade de Uberlândia (MG). Na cidade, verifica-se uma representativa expansão da malha urbana e do contingente populacional, com pouco mais de 700.000 habitantes em 2021, observa-se que não há uma distribuição equilibrada dos espaços livres das praças públicas, com maior concentração no entorno de bairros que fazem parte ou se encontram próximos do Setor Central. A tese tem como objetivo analisar os espaços públicos destinados ao lazer na cidade de Uberlândia (MG), especificamente no que tange aos espaços livres das praças públicas. O foco principal estrutura-se a partir de dois momentos eminentemente teóricos e outros três que remetem à análise da organização das atividades de lazer nos espaços livres públicos da cidade. No âmbito teórico, inicialmente são apresentadas as dinâmicas existentes no interior do processo de urbanização, levando em conta os agentes que atuam na produção do espaço intraurbano. É necessário visualizar os aspectos que remetem ao crescimento territorial, com as descontinuidades presentes no tecido urbano, as novas centralidades e os processos de segregação socioespacial e exclusão social intrínsecos. Analisa-se a expansão das cidades brasileiras contemporâneas, visualizando o crescimento das cidades interioranas e médias, com o intuito de inserir a cidade que pauta esta discussão, além de integrar o lazer no contexto e nos projetos urbanos atuais. Posteriormente, resgata-se a análise acerca da consolidação do lazer na sociedade para, na sequência, abordar as formas de apropriação e consumo do espaço, com uma abordagem em torno dos espaços públicos. Para analisar a organização das atividades de lazer na cidade, considera-se a consolidação dos espaços públicos e dos equipamentos existentes, na sequência, o panorama das políticas públicas relacionadas e, especificamente, os espaços livres das praças públicas. Em seguida, destacam-se informações fornecidas por moradores de diferentes bairros da cidade sobre suas opções de lazer e formas de uso das praças públicas. Em um último momento, observa-se como ocorre a apropriação dos espaços livres das praças, considerando a realidade de algumas praças presentes tanto em áreas elitizadas, quanto periféricas da cidade. Ressalta-se que os espaços livres das praças se constituem como os espaços mais democráticos, passíveis de contradições e de possibilidades de interação social nos momentos de lazer dos cidadãos.

Palavras – chave: espaço intraurbano, espaço livre público, lazer, praças, Uberlândia (MG).

ABSTRACT

The present issue brings up a relevant reflection concerning the use of intra-urban space within the scope of current cities when considering public spaces and their interface with leisure. This research observes the importance of public open spaces in the consolidation of cultural and/or sports activities that favor the quality of life in cities. The implications that influence people's daily lives and the activities carried out in their available time are relevant, with emphasis on the forms of consumption of parks and public squares, the latter being vital for the well-being in cities, once they are more present in the intra-urban space. From this perspective, this study lists a reflection on the reality of the city of Uberlândia (MG). In the city, there is a representative expansion of the urban fabric and the population contingent, with just over 700,000 inhabitants in 2021, having no balanced distribution of the open spaces of public squares, with greater concentration in the surroundings of neighborhoods that are part of or close to the Central Sector. The thesis aims to analyze the public spaces intended for leisure in the city of Uberlândia (MG), specifically about the open spaces of public squares. The main focus is structured from two eminently theoretical moments and other three that refer to the analysis of the organization of leisure activities in the public open spaces of the city. In the theoretical scope, the present study initially presents the existing dynamics within the urbanization process, taking into account the agents that act in the production of intra-urban space. It is necessary to visualize the aspects that refer to territorial growth, with the discontinuities present in the urban fabric, the new centralities, and the intrinsic processes of socio-spatial segregation and social exclusion. The research analyzes the expansion of contemporary Brazilian cities, visualizing the growth of interior and medium-sized cities, intending to insert the city that guides this discussion, in addition to integrating leisure in the context and current urban projects. Subsequently, the study resumes the analysis about the consolidation of leisure in society and then addresses the forms of appropriation and consumption of space, with an approach around public spaces. To analyze the organization of leisure activities in the city, the consolidation of public spaces and existing equipment is considered, followed by the panorama of related public policies and, specifically, the open spaces of public squares. Then, the research highlights information provided by residents of different neighborhoods in the city about their leisure options and ways of using public squares. In the last moment, this study observes how the appropriation of the open spaces of the squares occurs, considering the reality of some squares present in both elite and peripheral areas of the city. It is noteworthy that the open spaces of the squares are the most democratic spaces, subject to contradictions and possibilities of social interaction in the moments of leisure of the city dwellers.

Keywords: intra-urban space, public open space, leisure, squares, Uberlândia (MG).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 - Praça da Sé – São Paulo, 2010.....	101
Figura 2 – Praça Clarimundo Carneiro (meados da década de 30 do Séc. XX)/ - Praça Clarimundo Carneiro (2021).....	108
Figura 3 - Praça Tubal Vilela (primeira metade do Séc.XX)/ Praça Tubal Vilela (2014).....	110
Figura 4 - Praça Sérgio Pacheco (1976 - Inauguração)/ - Praça Sérgio Pacheco (2021).....	111
Figura 5 - Parque do Sabiá – Uberlândia, 2021.....	134
Figura 6 – Praça Hamilton Marques Magalhães, Shopping Park – Setor Sul 2020.....	149
Figura 7–Praça “Inonimada”, Morumbi – Setor Leste 2020.....	149
Figura 8 - Mosaico de imagens da Praça Sérgio Pacheco – 2021.....	228
Figura 9 - Vista parcial das torneiras (bebedouros) e dos caminhos internos da Praça Sérgio Pacheco – 2021.....	231
Figura 10 – Vista parcial da Quadra Poliesportiva, do palco do Teatro de Arena e do Parque Infantil da Praça Sérgio Pacheco – 2021.....	232
Figura 11 – Vista parcial da arborização da Praça Sérgio Pacheco – 2021.....	233
Figura 12 – Vista parcial da Praça Sérgio Pacheco no período noturno - 2021.....	237
Figura 13 – Mosaico de imagens da Praça Tubal Vilela – 2021.....	239
Figura 14– Espelho d’água com chafariz e área arborizada nas laterais da Pça. Tubal Vilela – 2021.....	241
Figura 15 – Praça Clarimundo Carneiro com destaque para o Museu Municipal e o coreto – 2021.....	245
Figura 16 – Arborização e sombreamento da Praça Clarimundo Carneiro – 2021.....	246
Figura 17 – Vista parcial da Praça Clarinda de Freitas e seus equipamentos de lazer-2021...252	
Figura 18 – Vista parcial da Praça Clarinda de Freitas com destaque para a arborização, os mobiliários e os equipamentos danificados -2021.....	255
Figura 19 – Praça Chico Mendes com destaque para mobiliários, equipamentos de lazer e arborização – 2021.....	259

Figura 20– Praça José Motta com destaque para o mobiliário e alguns equipamentos de lazer- 2021.....	264
Figura 21– Mobiliários e equipamentos danificados na Praça José Motta- 2021.....	265
Figura 22– Vista parcial das imediações do “Assentamento Glória” e da Praça Maria Preta (bairro São Jorge)- 2021.....	268
Figura 23 - Praça Maria Preta com destaque para a utilização do seu espaço e dos equipamentos de lazer- 2021.....	269
Figura 24 – Parte central da Praça Américo Ferreira de Abreu – 2021.....	275
Figura 25 – Arborização, mobiliários e equipamentos de lazer e recreação da Praça Américo F. de Abreu- 2021.....	276
Figura 26 – Praça do Jacaré com destaque para a arborização e a pista de skate temática- 2021.....	281
Figura 27- Praça Dr. Walter Luís Manhães com destaque para mobiliários e equipamentos de lazer- 2021.....	288
Figura 28 – Praça Leopoldo F. Goulart com destaque para os equipamentos de lazer e os mobiliários deteriorados- 2021.....	293

Gráficos

Gráfico 1 – Parques urbanos, total de praças, praças com equipamentos de lazer e demais equipamentos de recreação e esportes por setores em Uberlândia- 2020.....	147
Gráfico 2 – Tipologia dos equipamentos de lazer e demais instalações presentes nas praças de Uberlândia por setores- 2020.....	152
Gráfico 3 – Número de programas de esporte e recreação desenvolvidos nos complexos/ centros esportivos por setores em Uberlândia- 2019.....	175
Gráfico 4 – Uberlândia: Número de pessoas atendidas pelos programas esportivos da FUTEL – 2017, 2018 e 2019.....	176
Gráfico 5- Número de Praças adotadas nos Setores Urbanos de Uberlândia- 2020.....	189
Gráfico 6 – Uberlândia: Número de habitantes dos setores urbanos por praças, 2010.....	195
Gráfico 7 – Faixa etária dos participantes da enquete de opinião- 2021.....	199
Gráfico 8 – Nível de escolaridade e faixas salariais dos participantes da enquete Online- 2021.....	200

Gráfico 9 – Atividade empregatícia/profissional e o respectivo número de horas semanais ocupadas pelos participantes da enquete de opinião – 2021.....	201
Gráfico 10 – Quantidade de horas disponíveis às atividades de lazer/recreação pelos participantes da enquete de opinião- 2021.....	202
Gráfico 11 – Atividades desenvolvidas pelos participantes da enquete de opinião no espaço residencial- 2021.....	203
Gráfico 12 – Atividades desenvolvidas pelos participantes da enquete de opinião fora do espaço residencial- 2021.....	204
Gráfico 13 – Utilização das praças semanalmente e ao longo dos diferentes períodos do dia – 2021.....	208
Gráfico 14 – Motivações de uso das praças públicas pelos participantes da enquete de opinião – 2021.....	211
Gráfico 15 - Motivações para a não utilização das praças públicas por parte dos participantes da enquete de opinião - 2021.....	212
Gráfico 16 – Aspectos que favorecem a melhor utilização das praças públicas segundo os participantes da enquete de opinião – 2021.....	213

Mapas

Mapa 1 – Divisão de Uberlândia por Setores Territoriais - 2020.....	106
Mapa 2 – Praças e Parques Urbanos disponíveis ao lazer em Uberlândia -2020.....	156
Mapa 3 – Complexos Poliesportivos e Praças Públicas em Uberlândia – 2020.....	157
Mapa 4 – Uberlândia: Espacialização das praças do Setor Central e população dos bairros com base no Censo Demográfico de 2010.....	217
Mapa 5 – Uberlândia: Espacialização das praças do Setor Norte e população dos bairros com base no Censo Demográfico de 2010.....	218
Mapa 6 – Uberlândia: Espacialização das praças do Setor Sul e população dos bairros com base no Censo Demográfico de 2010.....	219
Mapa 7 – Uberlândia: Espacialização das praças do Setor Leste e população dos bairros com base no Censo Demográfico de 2010.....	220
Mapa 8 – Uberlândia: Espacialização das praças do Setor Oeste e população dos bairros com base no Censo Demográfico de 2010.....	222

Quadros

Quadro 1 - Equipamentos comunitários: praças, parques urbanos e complexos esportivos do Setor Central de Uberlândia, 2020.....	114
Quadro 2 - Equipamentos comunitários: praças, parques urbanos e complexos esportivos do Setor Norte de Uberlândia, 2020.....	121
Quadro 3 - Equipamentos comunitários: praças, parques urbanos e complexos esportivos do Setor Sul de Uberlândia, 2020.....	127
Quadro 4 - Equipamentos comunitários: praças, parques urbanos e complexos esportivos no Setor Leste de Uberlândia, 2020.....	136
Quadro 5 - Equipamentos comunitários: praças, parques urbanos e complexos esportivos do Setor Oeste de Uberlândia, 2020.....	143
Quadro 6 - Espaços culturais de acesso público nos setores de Uberlândia- 2020.....	161
Quadro 7- Uberlândia: Eventos e Cessões de Estrutura - 2019/FUTEL.....	174
Quadro 8 – Uberlândia: Convênios e Parcerias firmadas entre a FUTEL e outras entidades 2019/2020.....	177
Quadro 9 - Número de Frequentadores e Apresentações nos Espaços e Programas Culturais de Uberlândia – 2019.....	179
Quadro 10 – Pessoas Físicas ou Jurídicas e as respectivas Praças/ ou áreas verdes adotadas em Uberlândia-2020.....	188
Quadro 11 – Funcionamento do Projeto de Adoção de Praças e Canteiros Verdes em Uberlândia- 2020.....	190
Quadro 12 - Uberlândia: Número de Respondentes da Enquete Online, por setor territorial urbano e seus respectivos bairros - 2021	198
Quadro 13 – Praças lembradas pelos respondentes da enquete de opinião em Uberlândia – 2021.....	209
Quadro 14- Importância da existência das praças segundo os respondentes da enquete-2021.....	214
Quadro 15 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça Sérgio Pacheco - bairro Centro - Setor Central, 2021.....	230
Quadro 16 – Síntese da observação da Praça Sérgio Pacheco- Setor Central, 2021.....	234
Quadro 17 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça Tubal Vilela – bairro Centro - Setor Central, 2021	240

Quadro 18 – Síntese da observação da Praça Tubal Vilela- Setor Central, 2021.....	242
Quadro 19– Descrição dos mobiliários, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça Clarimundo Carneiro - bairro Fundinho -Setor Central, 2021.....	247
Quadro 20 - Síntese sobre a observação da Praça Clarimundo Carneiro- Setor Central, 2021.....	249
Quadro 21– Descrição dos mobiliários, equipamentos e espaços verdes na Praça Clarinda de Freitas - bairro Roosevelt- Setor Norte, 2021.....	254
Quadro 22- Síntese sobre a observação do uso da Praça Clarinda de Freitas -Setor Norte, 2021.....	256
Quadro 23 – Descrição do mobiliário, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça Chico Mendes - bairro Pacaembu- Setor Norte, 2021.....	258
Quadro 24 - Síntese sobre a observação da Praça Chico Mendes- Setor Norte, 2021.....	260
Quadro 25– Descrição dos mobiliários, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça José Motta - bairro Morada da Colina- Setor Sul, 2021.....	263
Quadro 26 - Síntese sobre a observação do uso da Praça José Motta- Setor Sul, 2021.....	266
Quadro 27 – Descrição do mobiliário, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça Maria Preta - bairro São Jorge- Setor Sul, 2021.....	270
Quadro 28 - Síntese sobre a observação do uso da Praça Maria Preta- Setor Sul, 2021.....	271
Quadro 29 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça Américo Ferreira de Abreu – bairro Santa Mônica- Setor Leste, 2021.....	274
Quadro 30 - Síntese sobre a observação do uso da Praça Américo Ferreira de Abreu- Setor Leste, 2021.....	277
Quadro 31– Descrição do mobiliário, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça do Jacaré - bairro Novo Mundo- Setor Leste, 2021.....	282
Quadro 32 - Síntese sobre a observação do uso da Praça do Jacaré- Setor Leste, 2021.....	284
Quadro 33- Descrição do mobiliário, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça Walter Luís Manhães - bairro Luizote de Freitas- Setor Oeste, 2021.....	287
Quadro 34 - Síntese sobre a observação do uso da Praça Dr. Walter L. Manhães- Setor Oeste, 2021.....	289
Quadro 35 – Descrição do mobiliário, equipamentos e espaços verdes existentes na Praça Leopoldo Ferreira Goulart - bairro Canaã- Setor Oeste, 2021.....	292

Quadro 36 - Síntese sobre a observação do uso da Praça Leopoldo Ferreira Goulart- Setor Oeste, 2021.....	294
----------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de Municípios e População nos Censos Demográficos, segundo as classes de tamanho da população dos municípios do Brasil – 1970/2010.....	47
Tabela 2 - Médias concentrações urbanas com os 10 maiores Produtos Internos Brutos -PIBs, por faixas populacionais - Brasil – 2010.....	53
Tabela 3 – Caracterização da estrutura das Praças Públicas de Uberlândia- 2020.....	150
Tabela 4 – Uberlândia: Número de parques urbanos com uso e equipamentos para o lazer- 2020.....	155
Tabela 5 – Uberlândia: População urbana por Setores (2010) e Número de Praças por Setores (2020)	182
Tabela 6 – Relação entre as faixas salariais dos respondentes e suas respectivas atividades de lazer desenvolvidas na cidade de Uberlândia, 2021.....	205
Tabela 7 – Relação entre as faixas salariais dos respondentes e a utilização de praças públicas na cidade de Uberlândia, 2021.....	207
Tabela 8 – Levantamento qualitativo dos equipamentos e instalações das Praças analisadas, 2021.....	297

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 - ESPAÇO URBANO E LAZER: CONSTRUINDO UMA DISCUSSÃO.....	29
1.1 - A produção do espaço urbano: urbanização, cidade e espaço intraurbano.....	30
1.2 - Da Metrópole às cidades médias no Brasil.....	42
1.3 - O lazer na cidade contemporânea.....	57
2 – ESPAÇOS PÚBLICOS E LAZER: UM ESTUDO A PARTIR DA LÓGICA CAPITALISTA.....	66
2.1- A relevância do lazer na sociedade capitalista.....	67
2.2 – Espaço público: conceitos, contextos e apropriação.....	83
2.3 – Espaços livres públicos: Parques urbanos e praças públicas.....	92
3 – CARACTERIZAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER EM UBERLÂNDIA.....	104
3.1 - Praças, parques e demais espaços e equipamentos públicos de esporte, recreação e lazer.....	105
3.2 - Síntese da espacialização dos espaços livres esportivos/recreativos.....	147
3.3 – Espaços e Equipamentos culturais presentes nos setores urbanos.....	158
4 – AS POLÍTICAS PÚBLICAS, OS AGENTES DE PRODUÇÃO DAS PRAÇAS E A UTILIZAÇÃO DESSES ESPAÇOS PÚBLICOS PELOS MORADORES DE UBERLÂNDIA.....	165
4.1 – Plano Diretor, políticas públicas e as ações de lazer, esporte e cultura.....	166
4.2 – As Políticas Públicas e a atuação dos agentes vinculados às Praças.....	180
4.3 – Praças Públicas de Uberlândia: o olhar dos habitantes sobre esses espaços e a definição das praças escolhidas para a análise empírica.....	194

5 – ESPAÇOS LIVRES: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DAS PRAÇAS PÚBLICAS EM UBERLÂNDIA.....	224
5.1 – As Praças do Setor Central.....	225
5.2 – As praças dos setores urbanos: Norte, Sul, Leste e Oeste.....	251
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	305
REFERÊNCIAS.....	311
APÊNDICE.....	320

INTRODUÇÃO

*(...) E a cidade se apresenta centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e metrô
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs*

*A cidade não para a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce (...)*

(Chico Science e Nação Zumbi/1993)

Esta tese tem como objetivo principal analisar os espaços públicos destinados ao lazer na cidade de Uberlândia (MG), sobretudo, no que tange à utilização dos espaços livres das praças públicas, tendo como referência o consumo de tais espaços pela população. A temática apresenta relevância ao refletir acerca de dinâmicas presentes no espaço urbano atual, tendo em vista a importância dos espaços livres na consolidação de atividades culturais e/ou esportivas que contemplem o lazer e a qualidade de vida nas cidades¹. A presente discussão que envolve o lazer nos espaços urbanos, traz à tona uma temática que vem sendo alvo de nossas investigações já a algum tempo, a qual culminou na produção da Dissertação de Mestrado defendida no ano de 2007².

Faz-se necessário compreender as diferenças na apropriação de espaços públicos tanto em áreas centrais, quanto em áreas periféricas, sejam elas vinculadas à presença de segmentos de maior poder aquisitivo, ou marcadas por processos de segregação espacial e/ou exclusão social.

Nesse sentido, é importante apresentar alguns questionamentos acerca da atratividade dos espaços públicos atuais: O que realmente falta para que estes espaços despertem o interesse das pessoas nos seus diferentes anseios e desejos? Será que já foram

¹ Existe uma diversidade de trabalhos acadêmicos no Brasil (entre teses e dissertações) que abarcam a relação entre as temáticas lazer, espaços públicos urbanos e praças, ora com foco maior em uma dessas temáticas, ora abordando a relação entre as mesmas. Os trabalhos abrangem diferentes áreas do conhecimento, predominando estudos da Arquitetura e Urbanismo e da Geografia. Ao levantar as 25 primeiras páginas do portal da CAPES que apresentam relação mais direta com as temáticas mencionadas, obteve-se uma relação de 213 dissertações e 29 teses defendidas entre 1990 e 2021. Desse número, três dissertações e uma tese foram defendidas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Três delas no Programa de Pós-Graduação em Geografia, todas analisam a realidade urbana de outras cidades brasileiras. Um quadro que sintetiza esses números é apresentado no Apêndice A desta Tese.

² O trabalho em destaque, foi defendido na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e procurou analisar a expansão das políticas públicas direcionadas ao lazer em áreas de fundos de vale sujeitas à exclusão social na cidade de Presidente Prudente (SP). Ver a Dissertação de Mestrado de Lucas (2007). “A prática do lazer em áreas urbanas sujeitas à exclusão social em Presidente Prudente – SP”.

atrativos em algum momento? É necessário ter mais desses espaços nas áreas periféricas pobres? Como resgatar o interesse pelo lazer vivenciado nos espaços públicos? Como a população que reside próxima a esses espaços os consomem no seu cotidiano?

Para refletir sobre esses questionamentos, a tese estrutura-se a partir dos seguintes objetivos específicos: Resgatar a discussão teórica que aborda a produção do espaço urbano, a dinâmica das cidades atuais e sua interseção com o lazer contemporâneo; Realizar uma reflexão sobre a produção do lazer na sociedade capitalista, os espaços públicos e sua apropriação no contexto da relação público x privado; Identificar e caracterizar através da disposição no espaço urbano de Uberlândia os principais espaços públicos de lazer existentes, com foco nos espaços livres; Compreender as principais políticas públicas ligadas ao lazer, os agentes vinculados à produção das praças e a visão da população acerca destes espaços públicos na cidade; Observar as atuais formas de uso e apropriação dos espaços livres públicos das praças, localizadas em diferentes setores do espaço intraurbano de Uberlândia, tanto em áreas centrais quanto em áreas periféricas.

A presença de espaços livres públicos se consolida como fundamental equipamento para a qualidade de vida e bem-estar dos cidadãos, sobretudo, por propiciar o acesso democrático e lúdico, passível de contradições e de possibilidades de interação social nos momentos de lazer na cidade. Embora seja aparente uma série de problemas que ocasionam em críticas por parte de moradores e no próprio esvaziamento a determinados espaços públicos como as praças, ainda assim, elas representam em nossa visão, verdadeiros “oásis” no espaço urbano, seja pela forma aberta e ampla que rompe com o padrão das áreas construídas, pelo sombreamento, pelas opções de lazer e entretenimento. Nesse sentido, defende-se, a partir desta tese, a necessidade de melhorar a qualidade e ampliar a presença das praças no espaço urbano de Uberlândia (MG).

A tese permeia dois grupos de delineamentos fundamentais para a coleta de dados. Inicialmente, perpassa pelas fontes escritas que incluem levantamentos bibliográficos e documental e, em seguida, pelo trabalho de campo nas praças. Considera-se, também os questionários respondidos pelo poder público, por representantes do setor privado e por inúmeros moradores da cidade acerca de suas formas de vivenciar o lazer e a relação com as formas de apropriação das praças.

Na busca de uma construção teórica que sustente a pesquisa, utilizam-se estudos produzidos por geógrafos e por outros estudiosos como arquitetos e sociólogos, por exemplo, que retratam a produção do espaço urbano, suas diferentes implicações, as dinâmicas de uso/ocupação do solo e o acesso a cidadania (entre eles destacam-se: Harvey, Santos, Lefébvre,

Castells, Villaça, Carlos, Spósito e outros). É importante salientar a necessidade das leituras que incluem a dinâmica de produção do espaço urbano numa escala mais ampla para se chegar à realidade das cidades brasileiras, incluindo temáticas de estudo acerca da cidade de Uberlândia, através de teses, dissertações e artigos científicos publicados em periódicos.

Utilizam-se fontes que integram os estudos da sociologia do lazer (como Dumazedier, Marcellino e Padilha, por exemplo). Esta discussão visa embasar o entendimento sobre as diferentes conceituações do lazer, bem como sua disseminação ao longo da sociedade urbana. Outros referenciais que discutem os espaços públicos e suas formas de apropriação, na perspectiva de visualizar as relações que podem ser estabelecidas com a dinâmica dos lazers, também são destacados (como Lefévre, Carlos, Gomes, Serpa e outros).

As fontes documentais serviram de referência para a análise, através de bases cartográficas, ou mesmo no acervo de documentos oficiais, vinculados ao poder público municipal, pois forneceram informações relevantes sobre a cidade de Uberlândia, como a localização e a manutenção dos espaços e dos equipamentos públicos de lazer e das praças, por exemplo.

Pensar o espaço urbano e, por sua vez, sua forma de reprodução material e espacial, nos faz refletir sobre relevantes dinâmicas que permeiam, influenciam e são influenciadas por diversos interesses e ações que contemplam a vida em sociedade, através de seus agentes e das dinâmicas de produção.

Grande parte da população mundial vive em áreas urbanas, concentradas fundamentalmente nas grandes cidades e nas regiões metropolitanas. O efeito mais significativo que envolve essa questão foi a capacidade de concentração de pessoas, serviços, comércio, indústria, atividades econômicas de uma forma geral. Também é onde concentra a vida pública, a tomada de decisões e de interesses, o poder político, a reunião e a contestação por parte dos grupos organizados, além das conexões que se estabelecem em escala mais ampla com outros espaços marcados por processos e demandas que se complexificam ao longo do tempo.

No espaço urbano faz-se presente as dinâmicas de produção, de circulação e de consumo, sendo esta última vital para a reprodução diária da sociedade. Na visão de Villaça (2001) não é o processo de produção, mas sim o de consumo que interessa diretamente ao espaço intraurbano, ou seja, ao contexto da estruturação interna das cidades. No âmbito das dinâmicas de consumo temos a presença do lazer, que será abordado ao longo desta tese como elemento central, o qual predominantemente reflete o uso de um tempo/espaço determinado, geralmente fora do trabalho, presente de forma desigual no cotidiano das pessoas.

A sociedade vive atualmente em um período no qual a mesma lógica que rege a produção (o trabalho) perpassa e se faz presente no lazer, visto por muitos como uma necessidade que surge a partir do advento da sociedade industrial. A ideia frequente de relaxamento, fruição e qualidade nas ações muitas vezes é marcada por uma lógica produtivista.

O lazer aparece como uma necessidade que deve ser (re)vista e conquistada a qualquer custo. Como afirma Rolnick (2000, p.02), é muito comum ocorrer a:

(...) luta por um corpo feliz e saudável que requer empenho e esforço tão intensos quanto o trabalho. Não é possível, hoje, imaginar o lazer como uma vivência simples, algo oposto ao trabalho, quando o lazer é reduzido ao consumo de mercadorias de prazer, mercadorias culturais, mercadorias turísticas.

As cidades vêm sendo marcadas pela expansão e descontinuidade territorial, fragmentadas do ponto de vista de seus usos e, conseqüentemente, segregadas, sendo o lazer restrito a espaços e tempos determinados. Ao visualizar o espaço do lazer como o espaço urbano em si, ou seja, tanto por meio de seus espaços/ equipamentos específicos (públicos ou privados), quanto por meio dos espaços não convencionais (como a própria rua ou a residência), torna-se pertinente observar como tal atividade (prática ou contemplativa) conduz uma estreita relação no cotidiano das pessoas com o consumo do e no espaço.

A produção e a reprodução do espaço, no modo de produção capitalista, tendem a transformar os objetos e o próprio imaginário (sonhos) em mercadorias suscetíveis ao consumo e auxiliar na reprodução do capital. O lazer, enquanto atividade predominantemente vinculada ao tempo/espaço fora do trabalho, ou liberado, encontra-se cada vez mais associado como um “slogan” ou sinônimo de produto a ser consumido, sendo comum, atualmente, não apenas converter parte dos lugares, mas o espaço como um todo como produto a ser explorado e consumido para o entretenimento.

Nesse contexto, a conversão dos lugares em um espaço controlado a serviço do poder econômico, que atua segundo interesses privados, sobrepõe-se nas cidades e em projetos atuais aos interesses eminentemente dos agentes públicos. Significa dizer que a cidade, através de seus diversos espaços públicos, sofre com a valorização e/ou desvalorização e a falta de interesse enquanto expoente do lazer. Até mesmo nos mais representativos espaços, as formas de apropriação ocorrem seguindo uma lógica de disputa que converge com a sobreposição de interesses de determinados grupos.

A respeito dessa lógica de apropriação do espaço através de seu consumo, Carlos (2001b, p.174) considera um movimento que vai do espaço de consumo,

(...) particularmente produtivo – da fábrica que cria espaço enquanto condição de produção, distribuição, circulação, troca e consumo de mercadorias - ao consumo do espaço, (...), cada vez mais se compram e se vendem pedaços do espaço para a reprodução da vida.

Dessa forma, o espaço torna-se uma mercadoria a ser consumida e idealizada, muitas vezes, para o entretenimento, com processos que culminam na fomentação dos desejos e da individualidade, normalmente vinculados às estratégias da propaganda, da publicidade e do marketing que “produzem as necessidades”.

Ao pensar no acesso democrático ao lazer, é relevante refletir sobre o espaço público e sua disposição no interior das cidades. Nesse sentido, analisar tal espaço implica em compreender sua relevância para a sociedade e para o modo de vida urbano, sendo comum atualmente a sua conversão de ponto de referência e de encontro ao espaço de circulação, de marginalização e de insegurança.

Ao fazer referência a Lefévre, Serpa (2007, p.19) coloca que “se o espaço público é, sobretudo, social, ele contém antes de tudo as representações das relações de produção, que, por sua vez, enquadram as relações de poder, nos espaços públicos, (...) também nos edifícios”. O autor destaca que, “caminhamos para a consagração do individualismo como modo de vida ideal, em detrimento de um coletivo cada vez mais decadente”. (SERPA, 2007, p.35).

As experiências bem-sucedidas nos espaços públicos em muitos países do ocidente, entre eles o Brasil, referem-se, sobretudo, na visibilidade de espaços localizados em áreas centrais, ocasionalmente mantidos a partir de parcerias público-privadas.

Assim, existem espaços que reforçam a propaganda de cidades saudáveis e preocupadas com a qualidade de vida o que, por um lado, agrega aspectos positivos, por outro, camuflam, muitas vezes, a inexistência de espaços públicos qualificados (com equipamentos e mobiliários adequados) disseminados na malha urbana, bem como de políticas públicas que atendam à população, sobretudo, de áreas mais vulneráveis. É importante mencionar que a implantação de tais espaços qualificados valoriza determinadas áreas o que, muitas vezes, força o deslocamento da população com menor poder aquisitivo para locais mais periféricos menos providos de infraestrutura urbana.

É de suma relevância destacar a presença dos espaços livres públicos destinados ao lazer, principalmente os parques e as praças, sendo estas últimas, vitais para o bem-estar dos cidadãos, tendo em vista que são mais presentes na cidade. Nossa principal hipótese remete à existência de uma cidade que apresenta praças dispostas por sua malha urbana, entretanto, mais concentradas em determinados lugares, sendo comum a ausência de ações do poder público que mantenham a infraestrutura adequada e que favoreçam a vitalidade desses espaços. É possível

levantar, que a dimensão das relações de uso e apropriação estabelecidas no âmbito do lazer em Uberlândia vai além das ações do poder público, ao considerar as relações cotidianas que se organizam nos espaços de lazer.

No processo de investigação e de desenvolvimento metodológico, é importante destacar sucintamente os caminhos trilhados, que respaldam a pesquisa empírica e a escolha das praças públicas para a análise. Inicialmente, ocorre o levantamento e a caracterização das principais políticas públicas relacionadas ao lazer na cidade, contemplando os espaços, equipamentos e a programação vinculada ao poder público municipal. Nessa etapa, levanta-se a quantidade e a distribuição espacial das praças na cidade, bem como a visualização delas através de imagens de satélite do *Google Maps/ Street View*.

Esse processo conta com fontes documentais fornecidas pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, sendo algumas disponíveis nas páginas oficiais em formato digital e outras fornecidas a partir de questionários, encaminhados para as secretarias municipais e seus respectivos responsáveis.

A partir da definição das praças como os espaços públicos de referência para o lazer, seja por serem vistos como importantes espaços livres e acessíveis, ou ainda devido à maior presença pela cidade, outros questionários foram encaminhados para segmentos do setor privado e para pessoas ou entidades que atuam em parceria com o poder público na manutenção de praças.

Um questionário on-line foi disponibilizado na plataforma do *Google Forms* para os moradores de Uberlândia durante um mês, entre os meses de abril e maio de 2021, com a participação de 164 respondentes de variadas faixas etárias, níveis de escolaridade e poder aquisitivo residentes em 53 bairros da cidade. O questionário citado, continha questões com variadas alternativas com o objetivo de abordar o entendimento da população acerca de suas atividades e práticas de lazer, levando em conta, fundamentalmente, a visão das pessoas em relação à presença das praças públicas. A ideia foi identificar as motivações que resultam na apropriação ou não desses espaços livres, contemplando os benefícios, as opções de lazer, as dificuldades de acesso e de utilização de tais espaços.

A partir do contexto mencionado, foram selecionadas onze praças públicas para a realização da pesquisa de campo. Essas praças elencadas encontram-se em bairros centrais e periféricos do espaço intraurbano, contemplam equipamentos de lazer e de recreação, e

representam um total de duas praças por setor territorial urbano³. A exceção corresponde ao Setor Central, com a escolha de três importantes praças públicas as quais recebem grande fluxo de pessoas diariamente.

A representação das praças deu-se por meio de figuras. Enquanto que a observação e a análise dos elementos que compõem esses equipamentos públicos de lazer ocorreram por meio de formulários elaborados para esta finalidade. Cabe salientar que os dois primeiros formulários que norteiam essa etapa da pesquisa foram referenciados e adaptados na metodologia apresentada por De Angelis et al. (2005). O primeiro, aborda a distribuição do número de mobiliários, equipamentos de lazer e aspectos relacionados à vegetação e ao paisagismo das praças. O segundo, enfatiza a qualidade dos mobiliários, dos equipamentos e do paisagismo presente em cada uma delas. Para fins de qualificação das praças, a partir dos elementos selecionados para a observação, adotou-se como critério a atribuição de uma nota com a qual se pudesse avaliar a qualidade dos itens elencados. Com o objetivo de observar as diferentes formas de apropriação e de utilização das praças públicas pela população, elaborou-se um terceiro formulário o qual permitiu a realização da pesquisa em três momentos, em dias e horários distintos em cada uma das praças.

No que tange a essa apropriação, com o distanciamento e cuidados necessários impostos pela Pandemia do Novo Coronavírus (COVID19), estabeleceu-se contato direto com poucos usuários nas praças analisadas. Nesse momento, através de conversa informal, alguns usuários relataram virtudes e dificuldades a respeito dos locais em destaque. Dadas as restrições e de acordo com as normas de distanciamento impostas, pode-se dialogar com um total de dezoito pessoas as quais, forneceram informações sobre as praças que muito auxiliaram na análise pretendida.

Faz-se necessário salientar que, o contexto pandêmico vivenciado mundialmente, desde o final do ano de 2019, resultou em mudanças bruscas no convívio e na interação com os equipamentos e espaços que concentram atividades coletivas, com interferências no cotidiano e no relacionamento social das pessoas. Tais mudanças, afetaram a execução de diversas atividades do dia a dia, inclusive com fortes implicações na execução da pesquisa de campo realizada nessa tese.

Em meio a esse processo, a utilização do espaço intraurbano é sujeita às inúmeras restrições no acesso aos lugares o que, evidentemente, implica no cotidiano das pessoas e na

³ A cidade de Uberlândia encontra-se dividida segundo a Secretaria de Planejamento Urbano (SEPLAN) em cinco setores territoriais urbanos, são eles: Central, Norte, Sul, Leste e Oeste.

dinâmica de diversos espaços públicos. Nas praças, por exemplo, verifica-se uma dupla situação, por um lado, não há a continuidade de qualquer tipo de programação que ofereça atividades de lazer. Por outro, passa a ser comum em determinados horários a sua utilização em busca de atividades ao ar livre, sobretudo, àquelas ligadas à prática esportiva, em virtude do fechamento de outros espaços específicos para a realização dessas atividades físicas.

A partir do exposto acima, a tese ficou estruturada em cinco seções. A Seção 1 – “Espaço Urbano e Lazer: construindo uma discussão” traz, inicialmente, considerações acerca da produção do espaço urbano, contextualizando a expansão da urbanização e do modo de vida urbano na sociedade. Analisa o contexto da organização do espaço intraurbano, com as dinâmicas de expansão e de descontinuidade territorial, o que resulta em processos de segregação espacial nas cidades.

Um outro momento aborda a lógica de crescimento das grandes e médias cidades brasileiras, procurando visualizar as dinâmicas responsáveis pela expansão urbana no interior do país, as quais permitiram, especificamente, o crescimento das cidades médias. É nesse âmbito que se retratam aspectos relevantes acerca da realidade da cidade de Uberlândia, a qual constitui referência para esta pesquisa, e que corresponde a uma dessas cidades, que se expandiram territorialmente, demograficamente e economicamente. Também é contemplada uma análise sobre a dinâmica do lazer nas cidades contemporâneas, considerando as ações e os projetos urbanos presentes que têm como referência a produção de espaços de entretenimento.

A Seção 2, “Espaços públicos e lazer: um estudo a partir da lógica capitalista” inicia com um estudo que considera a inserção do lazer na sociedade, sua possível origem e associação decorrente da expansão da industrialização, e o forte vínculo com o desenvolvimento de atividades a partir da utilização do tempo liberado e do não trabalho. Em seguida, apresenta um esboço que enfatiza a crescente vinculação e apropriação do espaço como mercadoria.

Posteriormente, é inserido o contexto dos espaços públicos contemporâneos, focando-se em ideias acerca do espaço público e em sua crescente desvalorização em contrapartida à expansão dos espaços privados. Na sequência, traz uma reflexão sobre alguns tipos de espaços públicos e sua inserção no espaço urbano, sobretudo os espaços livres das praças e dos parques urbanos. Tais espaços livres assumem grande relevância na estruturação interna das cidades, servindo de referência para a investigação das possibilidades de lazer.

A Seção 3, “Caracterização e identificação dos espaços públicos de lazer em Uberlândia”, contempla o levantamento dos espaços e equipamentos públicos de lazer da cidade, a partir da utilização de referencial documental do “Caderno Informativo – 2018/2019”, atualizado em 2020 e disponibilizado via online pela Prefeitura Municipal de Uberlândia,

através da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano (SEPLAN). Este documento contempla a existência e a localização de uma série de equipamentos comunitários e itinerantes, os quais estão vinculados às unidades de atendimento direto das políticas sociais setoriais do município.

Nesse prisma, foram consideradas as praças, os parques urbanos, os complexos esportivos, os espaços culturais e demais equipamentos utilizados para o lazer. Tais informações foram agrupadas e organizadas em quadros que indicam o nome, a localização, o grau de urbanização⁴ (nomenclatura apresentada pelo poder público) e os equipamentos existentes em cada um dos cinco setores territoriais urbanos da cidade para, em seguida, analisar e caracterizar sua distribuição no tecido urbano.

A Seção 4, “As políticas públicas, os agentes de produção das praças e a utilização desses espaços públicos pelos moradores de Uberlândia”, traz à tona, inicialmente, alguns apontamentos em relação ao Plano Diretor de Uberlândia, revisado no ano de 2017, com o objetivo de entender como as políticas de lazer encontram-se inseridas neste importante documento. Para complementar a análise, foi utilizado o Banco de Dados Integrados de 2020 (BDI), vinculado à SEPLAN, que disponibiliza a programação e o número de atendimentos das políticas e equipamentos presentes na cidade anualmente. Para a realização da tese, foram utilizadas as informações coletadas no BDI referentes ao ano de 2019.

Através de questionário aplicado junto às Secretarias de Planejamento Urbano (SEPLAN) e a do Meio Ambiente e Serviços Urbanos (SMMASU), foram consideradas as normativas que envolvem a instalação, os agentes e a manutenção dos espaços livres públicos das praças existentes em Uberlândia. Assim, as praças são justificadas como os espaços de referência na análise, tendo em vista sua maior presença pelo espaço intraurbano, caracterizando-se nos espaços livres públicos mais comuns existentes na cidade.

Um outro momento analisado nessa seção, visa abordar a opinião de moradores da cidade de Uberlândia, por meio de um questionário online, disponibilizado via *Google Forms*. É possível identificar as atividades de lazer, os aspectos que favoreçam ou dificultam as formas de apropriação das praças públicas, para verificar como essas pessoas concebem a qualidade e a atratividade de tais espaços na cidade em termos de equipamentos, mobiliários, áreas verdes e acessibilidade, por exemplo.

⁴ Cabe ressaltar que a utilização do termo “urbanização” dos espaços e equipamentos públicos de lazer corresponde a uma nomenclatura atribuída pelo poder público municipal, não sendo possível atrelar o uso de tal termo ao conteúdo conceitual que resulta no processo de urbanização.

É pertinente salientar que esse procedimento foi utilizado em decorrência das dificuldades impostas pela Pandemia do COVID19, conforme mencionado anteriormente, tendo em vista que, devido à propagação da doença e às restrições sanitárias impostas, tornou-se inviável o levantamento dos dados primários a partir de entrevistas em pesquisas de campo. Dessa maneira, a utilização do questionário online configurou-se na mais viável forma de entender a opinião da população local.

A Seção 5, “Espaços livres: observação e análise das praças públicas em Uberlândia”, parte-se da escolha das praças públicas elencadas como referência para a análise de campo. Nesse momento, é considerado um levantamento que faz uma adaptação baseada na metodologia já destacada de De Angelis et al. (2005), com destaque para o quantitativo de mobiliários, equipamentos de lazer e aspectos vinculados à vegetação e ao sombreamento, bem como uma análise da qualidade dessas estruturas.

Na Seção, apresenta-se os resultados da observação dos principais aspectos visíveis e das formas de consumo e apropriação de onze praças escolhidas para o estudo, as quais localizam-se nos setores territoriais urbanos da cidade de Uberlândia. É apresentado um conjunto de informações orais transcritas na redação do capítulo, as quais foram obtidas em conversas informais realizadas junto a alguns usuários presentes nas praças escolhidas para a análise.

Por fim, as considerações finais trazem à tona a síntese das principais ideias levantadas ao longo da tese, reforçando o papel dos espaços públicos das praças como os principais expoentes do lazer livre e democrático no espaço urbano, principalmente na cidade de Uberlândia (MG).



Praça Tubal Vilela (Setor Central) – Uberlândia (MG), 2021

ESPAÇO URBANO E LAZER: CONSTRUINDO UMA DISCUSSÃO

1 – ESPAÇO URBANO E LAZER: CONSTRUINDO UMA DISCUSSÃO

1.1- A produção do espaço urbano: urbanização, cidade e o espaço intraurbano

Partindo de linhas gerais acerca do contexto da urbanização, é necessário considerar que esta corresponde a uma dimensão histórica, um processo que apresenta uma permanente transformação na divisão social e territorial do trabalho se materializando através de uma forma urbana⁵, que, por sua vez, constitui a cidade. A cidade, nesse sentido, tende a compreender uma dimensão geográfica que apresenta essa materialização do processo de urbanização num dado momento, ou seja, representa a forma/ conteúdo do urbano.

Castells (2000) destaca que ao se discutir o sentido da urbanização, é possível considerar ao mesmo tempo, tanto através de um conjunto das formas espaciais específicas das sociedades humanas, caracterizadas pela concentração de atividades, serviços etc., quanto por meio de um conjunto de valores, da difusão de um sistema cultural específico. Assim, a essência do urbano constitui a imbricação da forma com um sistema cultural e de valores que são permeados por um conteúdo social.

Segundo Lefébvre (2001, p.03) pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, às questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância do lazer e das questões relativas à cultura.

Existe, nesse sentido, uma forte relação entre a industrialização e a expansão das cidades, o que acarreta de forma mais ampla um processo de urbanização. É evidente que a cidade não surge a partir da industrialização (Séculos XVIII e XIX), no entanto, é a partir dela que ocorre uma significativa expansão do número de cidades e, ao mesmo tempo, uma mudança nos valores da sociedade que se desenvolve em meio a esse processo.

Lefébvre (2001, p.06) destaca que:

(...) a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso.

⁵Esta forma urbana é vista para Lefébvre (2002) através de uma centralidade (inclui relações dialéticas – criação e destruição), devendo ser entendida como uma estratégia (classe operária ficou de fora em termos de espaço, o que gerou a segregação). É possível identificar uma disputa pelo espaço através dos diversos agentes. Spósito (2004) ressalta a importância de se pensar na ‘morfologia’ que vai além da forma (objeto), incluindo conteúdos enquanto materialização de um processo.

É com o advento da industrialização, fortemente atrelada à expansão capitalista que a cidade representa cada vez mais o espaço do terciário, pautado na troca. Carlos (2011, p.60) reforça essa ideia ao afirmar que:

(...) no capitalismo, a produção expande-se espacial e socialmente (...), incorporando todas as atividades do homem e redefinindo-se sob a lógica do processo de valorização do capital – o espaço tornado mercadoria sob a lógica do capital fez com que o uso (acesso necessário à realização da vida) fosse redefinido pelo valor de troca.

A produção do espaço, ao ser inserida na lógica de produção capitalista, tende a intensificar a produção, aumentando o acúmulo de mercadoria. Em um primeiro momento, com a expansão do processo de industrialização na Europa, aumentou-se a produção de mercadorias para atender ao consumo dos países que estavam na vanguarda industrial.

Nesse contexto, a produção é concebida como maquinofatureira, baseada no uso de máquinas, como a vapor, e na indústria que se localiza próxima às fontes de recursos naturais (carvão mineral, por exemplo). A priori, sua instalação ocorreu de forma não necessariamente vinculada ao tecido urbano das cidades, o que atrai mão de obra e gera uma aglomeração ao redor das indústrias. Aos poucos uma se aproxima da outra e passa a surgir a indústria na cidade, decorrente da expansão territorial urbana.

O concomitante processo de expansão da indústria e dos territórios urbanos ocorrido em solo europeu, especificamente nos países em que a economia industrial triunfou inicialmente, proporcionou uma intensa aglomeração populacional. Tal aglomeração não foi acompanhada das condições adequadas de habitação e de infraestrutura, sendo recorrentes as inúmeras habitações precárias e superlotadas próximas das indústrias nas grandes cidades e em diversos países, como na Inglaterra, por exemplo. Um quadro significativo que descreve com detalhes a precariedade das condições de vida dos bairros operários localizados no entorno das indústrias inglesas no Séc. XIX, especificamente da cidade de Manchester, pode ser visto através de Engels (1985).

A partir do início do Séc. XX, sobretudo, essa indústria se especializa na produção e passa a estar anexada à metropolização, localizando-se nas periferias das grandes cidades. Em seguida, num momento posterior, observa-se a presença de uma sociedade urbana e de uma múltipla localização dessas unidades produtivas. A indústria mais pesada e poluidora chega até as grandes cidades dos países que foram colônias e que atravessaram um processo tardio de industrialização.

Ao longo do Séc. XX torna-se possível vislumbrar um período marcado mais do que nunca pela ideologia do consumo. Aos poucos o consumo fica mais pautado na informação

do que na produção de mercadorias em si. Esse consumo de ideias, de tendências e de bens materiais que podem chegar aos consumidores através de compras e correspondências que às vezes estão a quilômetros de distância, reflete o padrão no qual se insere a sociedade contemporânea. Uma sociedade marcada pelo consumo de bens industriais e pela ideologia da informação, ao produzir um tipo de cidade que é cada vez mais complexa, percebida de diferentes maneiras no que concerne a apropriação dos lugares e a reestruturação e renovação urbana.

Torna-se possível destacar a influência significativa de uma estrutura disseminada pelas redes geográficas e informacionais, ou seja, a partir da presença de uma sociedade em rede conforme Castells nos apresenta⁶.

Segundo Spósito (2011, p.125):

No que se refere às cidades, teríamos, então, não apenas o estabelecimento de relações entre a cidade e o campo, mas também o reconhecimento de uma divisão social e territorial do trabalho realizando-se no âmbito de cada cidade, tanto quanto uma progressiva ampliação da escala em que essa divisão se estabelece.

No início da urbanização a divisão social do trabalho era relativamente simples, havia um alinhamento entre a cidade e o campo imediato e sob a responsabilidade dessa. A escala geográfica da vida política, social e econômica era restrita a uma pequena extensão territorial. Ao longo do tempo, o desenvolvimento do modo capitalista de produção engendrou um sistema que se mundializa. Ao tratar sobre essa temática Spósito (2011), reporta-se a Santos (1994) e Dolfus (1994) ao se referir a um ‘sistema mundo’, afirmando que a realização da vida econômica passou a se estabelecer em escala cada vez mais abrangente – incluindo muitos atores como grandes empresas, corporações, políticas de Estado etc.

Verificam-se constantes mudanças decorrentes de uma universalização do mundo (da produção, das trocas, da cultura e até dos modelos de vida social), vista através do que Santos (1988 e 2002) denominou de meio técnico científico informacional. Trata-se de uma

⁶ Termo designado por Manuel Castells (1999), que em seu primeiro volume da trilogia aborda um cenário mediado pelas novas tecnologias de informação e comunicação - TICs - e como estas interferem nas estruturas sociais. Destaca-se a expansão dos sistemas de informação e comunicação a partir da década de 1970, propulsores no processo de globalização. Do ponto de vista da urbanização, as alterações econômicas e políticas recentes redefinem os territórios a partir dos processos de dispersão e concentração. Onde a dispersão ocorre no sentido de empresas ou determinados grupos se espalharem – descentralização - em busca de pontos que apresentem benefícios para a economia e finanças globais (mão de obra barata, leis mais leves etc.), mantendo as suas sedes de comando em alguns territórios centrais. Ao mesmo tempo se concentra do ponto de vista financeiro e de decisões em alguns grandes centros que se tornam globais, geralmente nos países desenvolvidos, mas que também aparecem nos espaços periféricos do planeta. (CASTELLS, 1999; MUÑOZ, 2008; SASSEN, 2001 apud ALVES, H. 2013, p.121).

constante interdependência entre ciência, técnica e informação, a qual representa a representação geográfica da globalização e a expansão do capital em escala cada vez mais ampla, capaz de influenciar intensamente as variadas espacialidades e segmentos da sociedade.

Com a intensidade e a ampliação do tempo da circulação, expande-se a produção do excedente e a acumulação, fazendo com que a distância espacial se contraia. O imperativo da acumulação produz a concentração da produção e do capital, também gerando uma ampliação do mercado para a realização, consequência disso é o aumento dos fluxos no espaço. (HARVEY, 2005).

No âmbito do espaço urbano, passam a existir interações cada vez mais amplas, formando uma complexa rede urbana, com uma reestruturação das relações entre cidades decorrente dos aspectos da mundialização e da globalização. A redefinição das relações entre as cidades pode ser pensada, de um lado, a partir da intensificação das relações no âmbito das diferentes redes urbanas, e por outro, a partir da possibilidade de interação entre cidades de redes urbanas distintas, ocasionando mudança na qualidade das relações (SPÓSITO, 2011).

É possível prever uma escala de análise das dinâmicas e dos fatores de forma mais ampla, sendo preciso entender o regional, o nacional e o global para se chegar ao local. Spósito (2011), baseando-se em Smith (1998), afirma ser necessário analisar as mudanças de escala, as quais favorecem as descontinuidades territoriais nas relações, possibilitando a articulação entre escalas e redes que não estão próximas.

(...) não é possível se ver a cidade atual como unidade, porque não há o dentro e o fora, já que não é possível delimitá-la, (...) as interações espaciais colocam em relação à ordem próxima e a ordem distante, num período em que as tecnologias da informação combinam as formas de deslocamento material de pessoas e mercadorias, ainda que as condições não sejam oferecidas com equidade (desigualdades socioespaciais num primeiro plano), nem sejam, apropriadas com o mesmo sentido ou com as mesmas finalidades (diferenças socioespaciais num segundo plano). (SPÓSITO, 2011, p.134-135).

Ainda de acordo com Spósito (2004, p.10), “o par urbanização – cidade mantém-se como expressão de uma relação intrínseca e indissociável, mas agora caracterizado pelo rompimento da identidade entre processo e forma, no que se refere à tendência de concentração”. Nessa perspectiva, essa tendência não apenas se mantém como se reforça. O que se verifica é uma constante “expansão territorial urbana (aliada) à descontinuidade dos tecidos urbanos” (SPÓSITO, 2004, p.203).

Para Muñoz (2004), as cidades contemporâneas encontram-se cada vez mais inseridas no âmbito de redes que se articulam em escala global. Assim, são marcadas por um misto entre a dispersão e a concentração, passíveis de serem caracterizadas como “cidades

multiplicadas”, agregando novas centralidades, novos fluxos e mobilidade e novas formas de habitar.

Diante desse contexto, podemos indagar quais foram as mudanças mais significativas que reordenaram e reordenam a concentração urbana? São exclusivamente aspectos e tendências multiescalares que respondem a demandas externas e mais amplas, ou também são fruto de implicações locais que reforçam a concentração da renda urbana e do poder sob o interesse de determinados grupos no interior das cidades?

Acredita-se que, tanto a inserção das cidades com a presença do local no mundo através de sua reorganização em rede, bem como os desejos e forças atuantes das elites locais encontram-se imbricadas, ambos responsáveis pela dinâmica socioespacial presente atualmente nos espaços urbanos.

Ao considerar a produção do espaço urbano contemporâneo, cabe mencionar as conexões presentes entre os agentes de produção que proporcionam a presença de dinâmicas mais complexas que, no plano intraurbano, agregam novas centralidades acompanhadas de processos de expansão e de fragmentação territorial, com a presença constante dos espaços segregados.

A ideia de unidade territorial associada à expansão urbana, muda de sentido e passa a ser questionada na medida em que as discontinuidades se tornam mais presentes. Ou seja, as ações que se estabelecem no plano do espaço urbano, mais especificamente no intraurbano, suscitam diferentes interesses que acarretam sua expansão de maneira parcelada ou segmentada.

Villaça (2001) ressalta que o espaço intraurbano estabelece o fluxo de seres humanos, seja para trabalhar (força de trabalho como mercadoria), seja para consumo e lazer (reprodução da força de trabalho). Ao focar nos aspectos relativos ao espaço intraurbano, as localizações representam um importante aspecto a ser estudado. Na visão do autor, “os produtos específicos resultantes da produção do espaço intraurbano não são os objetos urbanos em si; as praças, as ruas ou os edifícios, mas suas localizações” (VILLAÇA, 2001, p.25).

De acordo com esse pensamento, para o entendimento da disposição dos objetos e da forma urbana na redefinição de uso e valor, não basta entender que algo está neste ou naquele lugar, mas sim o porquê dos empreendimentos se encontrarem neste ou naquele lugar e não em outros. É necessário verificar as motivações intrínsecas às localizações dos elementos da estrutura e suas correlações neste espaço intraurbano.

Carlos (2011) destaca que muitos estudos vistos como geográficos focaram ao longo do tempo na tradicional ideia de localização das atividades, todavia, vem ocorrendo um deslocamento do enfoque no intuito de entender a análise do conteúdo das relações que os

constituem enquanto tal, “(...) como movimento do processo de apropriação/produção/reprodução do espaço em seus conteúdos sociais”. (CARLOS, 2011, p.53)

A autora traz à tona que a ideia de produção está articulada à reprodução das relações sociais, o que ocorre em um determinado tempo e lugar, em escalas variáveis. A produção do espaço, nesse sentido, impõe a presença de conteúdos e determinações que obrigam a considerar os vários níveis da realidade como momentos diferenciados da reprodução da sociedade. É possível destacar o Estado, o capital com suas estratégias de reprodução (industrial, comercial ou financeiro, por exemplo), além dos sujeitos sociais que, em busca de seu meio de reprodução da vida humana, têm o espaço como condição, meio e produto de sua ação. (CARLOS, 2011).

Entender os agentes atuantes na produção do espaço urbano torna-se fundamental para visualizar a estruturação e a morfologia nele presentes. Para Corrêa (2011, p.44), esses agentes são “os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos”. Tais agentes estão inseridos em uma temporalidade e, assim, se utilizam das técnicas existentes naquele período para realizar sua espacialização. Deste modo, eles materializam no espaço os processos e os fenômenos sociais no local onde atuam.

Corrêa (2011) nos deixa algumas indagações a respeito, entre elas: Qual seria a importância atual desses agentes na produção do espaço? Será a mesma importância e influência exercida por esses agentes no espaço intraurbano e nas cidades de diferentes tamanhos demográficos, atividades econômicas e localização no Brasil?

Para pensar na atuação e na articulação desses agentes, o referido autor apresenta algumas ponderações relevantes, são elas: as “estratégias e práticas espaciais distintas e um único agente”; “estratégias e práticas espaciais semelhantes e diferentes agentes” e os “múltiplos papéis do Estado”. Na primeira ponderação, um mesmo agente social pode criar subsidiárias e investir em outras etapas presentes na configuração interna da cidade, uma empresa industrial através de subsidiárias pode investir na produção de imóveis ou na criação de loteamentos, por exemplo. Na segunda ponderação, ao contrário, vários agentes, cada um centrado em suas estratégias e práticas sociais pertinentes podem atuar visando os mesmos objetivos. Por último, o Estado aparece como capaz de desempenhar múltiplos papéis no que se refere à produção do espaço. “Essa multiplicidade decorre do fato de o Estado constituir uma arena na qual diferentes interesses e conflitos se enfrentam” (CORREA, 2011, p.45).

Isso significa dizer que os interesses muitas vezes se mesclam e um desses agentes pode adentrar à esfera do outro. Um exemplo é quando o proprietário dos meios de produção também é ou se torna proprietário fundiário, com o intuito de valorizar terras rurais adjacentes e transformá-las em urbanas, para especular a terra urbana e principalmente sua localização, até um momento de valorização posterior.

O Estado atua como principal gerenciador nesse processo, pois tem em suas mãos o aparato legal (a lei que define e regulariza as ações) além de ser grande proprietário de terras. O que deve ser colocado em questão é que muito rotineiramente os interesses dos promotores imobiliários e até dos grandes proprietários são alinhavados pelo Estado, sendo que a presença desses agentes na composição do poder público é muito comum para a defesa de seus interesses.

É possível destacar, por exemplo, a abertura de novos loteamentos em direções específicas na malha urbana de uma determinada cidade. Atendendo, na maioria das vezes, aos interesses do proprietário das terras, ou de um grupo empresarial que tem em mente a expansão de loteamentos que atenderão a determinado padrão socioeconômico. Assim, instalam-se loteamentos de baixa renda o mais distante possível, conseqüentemente, valorizam-se os lotes deixados no caminho com a passagem da infraestrutura necessária (água, energia etc.).

Ao mesmo tempo, é comum a instalação de determinados loteamentos de médio a alto padrão em determinadas direções no eixo periférico da malha urbana de muitas cidades, com a presença inclusive dos condomínios fechados horizontais, assistidos com a mais completa infraestrutura urbana. Tais condomínios encontram-se eventualmente próximos de loteamentos populares ou até irregulares, marcados pela baixa infraestrutura, sobretudo, no que diz respeito ao padrão das moradias e à baixa presença de espaços livres de lazer, por exemplo.

Nesse raciocínio, Spósito (2004, p.139) destaca que:

(...) a lógica de produção do espaço urbano é, no geral, orientada pela contínua extensão do território juridicamente urbano ou de fato urbano, já que quanto mais distantes e menos equipados forem os lotes recém lançados no mercado imobiliário, mais 'valorizados' tornam-se os outros terrenos, alterando-se para mais o gradiente geral de preços dos imóveis.

Pode-se considerar que muitas dessas relações estabelecidas entre o Estado e os outros agentes, ocorrem através de características marcadas pelo clientelismo, uma ideia que descreve uma relação de troca política. Fato este que tem como objetivo favorecer especificamente determinado grupo para receber benefícios posteriores. Existem casos nos quais os proprietários fundiários, cedem glebas ao poder público para a instalação de equipamentos que irão aferir valor àquela determinada área, para em seguida obter grande lucro

com os novos loteamentos que surgem no entorno (caso este que pode ser facilmente exemplificado e identificado na cidade objeto de estudo desta tese).

Nesse contexto de valorização de determinadas áreas, é comum a instalação de equipamentos urbanos especializados, que juntamente com o surgimento de loteamentos elitizados agregam mais valor a alguns eixos da malha urbana. Como, por exemplo, a presença de universidades, de shopping-centers, de centros culturais/ esportivos e especializados, e demais estabelecimentos que valorizam as imediações. Na cidade de Uberlândia o principal setor destinado a receber a instalação de condomínios horizontais elitizados corresponde ao Setor Sul, que conta com um novo shopping center, com universidades privadas, com restaurantes e outros equipamentos comerciais e de serviços, principalmente nas imediações de bairros como o Jardim Karaíba, Morada da Colina e Gávea.

A cidade apresenta-se como o lugar no qual os sujeitos entram em conflito em torno da reprodução do espaço no conjunto da sociedade (CARLOS, 2011). Em sua dimensão prática pode-se dizer que o espaço se reproduz através de modelos de comportamento e sistemas de valores, ocasionando relações entre os membros da sociedade. É no espaço intraurbano que essas possibilidades se concretizam, demonstrando uma disputa real, sejam pelos melhores e mais valorizados lotes e setores, ou mesmo para se conquistar o direito à cidadania, sobretudo ao direito à moradia, à infraestrutura básica, a equipamentos públicos de lazer, à segurança, ao transporte etc.

Ao analisar o contexto das metrópoles brasileiras e destacar a possibilidade de estender seu raciocínio para outras grandes cidades brasileiras e latino-americanas, Villaça (2001, p. 45) aponta que “(...) a força mais poderosa (mas não única) agindo sobre a estruturação do espaço intraurbano tem origem, na luta de classes pela apropriação diferenciada das vantagens e desvantagens do espaço construído e na segregação espacial dela resultante”. Isso reflete uma condição necessária para o domínio no espaço intraurbano.

Assim, o espaço intraurbano representa uma arena real de disputa, sendo que as forças hegemônicas geralmente conseguem se apropriar e dominar o espaço de acordo com seus interesses, impondo a produção de novas centralidades através da valorização de determinadas áreas e, por conseguinte, gerar a desvalorização e a segregação de outras. De qualquer forma, é relevante pensar que tais relações entre os grupos derivam de uma tensão que se estabelece dialeticamente e se materializa no espaço, mas que é fruto do modo de produção capitalista.

Antes de adentrar especificamente à ideia e às consequências associadas à segregação, é necessário levantar mais algumas características que remetem à localização e as

vantagens do espaço construído como estruturador no espaço intraurbano. Villaça (2001, p.72) argumenta que:

(...) há um consenso atualmente de que o espaço urbano é produzido (...) pelo trabalho social dispendido na produção de algo socialmente útil. Logo, esse trabalho produz um valor. (...) Há aí dois valores a considerar. O primeiro é o dos produtos em si – os edifícios, as ruas (etc.). O outro é o valor produzido pela aglomeração. Esse valor é dado pela localização dos edifícios, ruas e praças, pois é essa localização que os insere na aglomeração. A localização se apresenta assim como um valor de uso da terra (...) valor que no mercado, se traduz como preço da terra. Tal como qualquer valor, o da localização também é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la.

Assim, o gradiente de valor significativo da terra urbana tem relação direta com a localização, sendo vista através de suas características de acessibilidade, de presença de equipamentos públicos ou privados essenciais e, acima de tudo, através da possibilidade de gerar a descentralização desses equipamentos e, conseqüentemente, criar novas centralidades.

Corrêa (1979) no seu entendimento acerca do espaço urbano apresenta alguns processos espaciais relevantes. Entre eles, pode ser elencada a dinâmica da descentralização, que emerge a partir de novas dinâmicas (planejadas ou espontâneas) que possuem como propósito reduzir a excessiva centralidade. Isso decorre de fatores como o aumento do valor da terra urbana, dos congestionamentos e dos custos com transporte, das dificuldades para se obter espaço e, ainda, de restrições legais com relação ao uso e à apropriação do espaço.

As novas centralidades são capazes de atribuir significados diferentes à paisagem das cidades, com a redefinição de uso de equipamentos e a reorganização de vias públicas que tendem a valorizar (ou não) e criar determinadas localizações. Tal fato pode decorrer de uma ampla reestruturação do espaço urbano, ou simplesmente de aspectos pertinentes à renovação, não havendo necessariamente uma modificação na estruturação e comando das ações. A abertura de shopping centers, por exemplo, ou outras grandes superfícies comerciais, em determinados eixos urbanos, atraem uma série de infraestruturas, transformando-os em centros de consumo de bens, de serviços e de lazer. Conforme abordado por Spósito (2004), isso pode “levar a cidade para fora dela” e redefinir sua estrutura interna.

Esses circuitos espaciais gerados a partir das novas centralidades não são absorvidos por todos os habitantes das cidades, sem existir uma maneira razoável de compartilhar o território no sentido de estimular convivência e/ou relações de sociabilidade.

Santos (2014, p.107) destaca que:

Cada homem vale pelo lugar onde está; o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende da localização no território. Seu valor vai mudando incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças

de acessibilidade (tempo, frequência, preço) independentes de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até o mesmo salário, têm valor diferente segundo o lugar em que vivem (...). A possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde está.

Assim, é possível definir que a apropriação do espaço intraurbano ocorre de maneira desigual, sendo que a capacidade financeira e de mobilidade do indivíduo pelo espaço determina a sua posição enquanto cidadão dotado de gozar de direitos essenciais (entre eles o lazer). É nesse âmbito que pode ser pensada a cidade atual através de suas novas centralidades e da fragmentação espacial que dificulta a acessibilidade de grande parcela da população, ou seja, apresenta-se de forma descontínua e através de fortes componentes de exclusão social e segregação espacial.

Villaça (2001) destaca que a segregação espacial é característica comum presente principalmente nas grandes cidades brasileiras, onde as classes sociais se apresentam devidamente delimitadas e espacializadas no espaço urbano. “O que determina, em uma região, a segregação de uma classe é a concentração significativa dessa classe mais do que em qualquer outra região geral da metrópole” (VILLAÇA, 2001, p.143).

Segundo o referido autor, a segregação se apresenta como um processo necessário à dominação social, econômica e política por meio do espaço. “A maioria das análises partem de um espaço urbano dado, que é melhor, seja qual for o motivo, e por isso atraí os mais ricos, os que possuem mais prestígio, poder e status” (VILLAÇA, 2001, p.150).

É a camada de mais alta renda que, ao consumir e valorizar de forma diferenciada o espaço urbano, produz a segregação espacial. É através da existência da segregação que se permite aos grupos dominantes continuar seu domínio no espaço produzido, segundo seus interesses. Essa separação entre os diferentes segmentos sociais no espaço pode funcionar como um instrumento de poder para o grupo mais abastado.

Os estudos que envolvem a ideia acerca da segregação espacial têm início no final do Séc. XIX e remetem, segundo Corrêa (1999), a alguns modelos, entre estes, o de Kohl em 1841, sendo que a cidade é, na sua visão, caracterizada por estar dividida em anéis, onde os grupos mais abastados habitavam o centro, enquanto na periferia viviam os pobres. Na década de 1920 surge o modelo de E. W. Burgess que apresenta, ao contrário do anterior, as camadas mais ricas passando a viver nas periferias em busca de qualidade de vida e segurança (comum nos subúrbios dos EUA), enquanto as camadas mais pobres migram em direção ao centro da cidade buscando minimizar as distâncias do trabalho. Em seguida, no final da década de 1930, surgem as discussões do economista Hoyt. Segundo este, o padrão de segregação não seguia

um tipo concêntrico como o anterior, mas em setores a partir do centro, onde as regiões de maiores amenidades eram ocupadas pelas camadas de alto padrão e *status* social, sendo circundadas por camadas de médio padrão e os mais pobres localizados em setores diametralmente opostos (CORRÊA, 1999).

De acordo com Villaça (2001) os estudos sobre a segregação incidem ou no mecanismo de defesa, ou na busca de prestígio e status social. As causas da segregação por classe, especialmente no comparativo das diferentes áreas e setores da cidade não foram muito estudadas em períodos anteriores, de acordo com o autor. Ele defende,

(...) a constatação de que a estruturação espacial básica da metrópole brasileira tende a se realizar segundo setores de círculo, mais do que segundo círculos concêntricos, (...) os bairros residenciais de alta renda ‘andam’ ou ‘deslocam-se’ sempre na mesma direção. (VILLAÇA, 2001, p.153).

A ideia, nesse contexto, é de que quanto menos acentuada a estratificação social presente em uma metrópole e na grande cidade, maior é a tendência de uma organização de sua estrutura em círculos concêntricos, ou seja, um pouco mais uniforme e talvez menos desigual transformando o espaço intraurbano. No entanto, é visível nas grandes cidades brasileiras o efeito contrário, alguns “bolsões” privilegiados que abrigam segmentos de maior padrão de consumo encontram-se em determinados eixos ou setores ao longo das diversas cidades. Na formação das metrópoles brasileiras vários fatores foram fundamentais para a expansão dos loteamentos privilegiados em determinados lugares (áreas distantes das proximidades de rios sujeitas a alagamento, colinas com visão privilegiada, ou nas proximidades da orla marítima nas cidades litorâneas, por exemplo).

Para Spósito (2011, p.141):

(...) a distância entre os desiguais, na cidade, não se opera mais, (...) a partir da lógica de periferização dos mais pobres e da destinação, aos mais ricos, das áreas centrais e pericentrais, as melhores dotadas de meios de consumo coletivo (...). Os sistemas de segurança urbana oferecem condições para que a separação possa se aprofundar, ainda que justaponham, no “centro” e na “periferia” segmentos sociais com níveis desiguais de poder aquisitivo e com diferentes interesses de consumo.

Com a produção das áreas residenciais fechadas, realidade comum nas grandes e médias cidades brasileiras, ocorre a formação desse imaginário coletivo de segurança e tranquilidade de quem adquire tais moradas, onde, na maioria dos casos, busca-se algo em comum, seja em residenciais voltados para grupos com determinado padrão de consumo ou renda, faixa etária, contato com a natureza etc.

Nesses termos, a realidade urbana contemporânea pode remeter-se às iniciativas de autosegregação, que se trata de um aprofundamento das desigualdades, negando a possibilidade de diálogo e da diferença, “justifica a noção de fragmentação socioespacial, tanto (...) na dimensão sociopolítica (...) como em sua dimensão socioeconômica” (SPÓSITO, 2011, p.142).

O debate atual em torno da questão da segregação espacial nas cidades tem demonstrado que esse é um fenômeno multifacetado, sendo possível encontrar tipos variados de segregação, como, por exemplo, por raça, religião, idade, sexo, etnia, situação civil, por classes sociais, entre outros.

No caso do Brasil, segundo Negri (2008), a maioria das pesquisas mais recentes apontam que o principal tipo de segregação encontrada é a socioeconômica, por meio da qual as classes sociais distribuem-se de forma desigual no espaço urbano das grandes e médias cidades. Ocorre o surgimento de uma estrutura urbana dualizada entre ricos e pobres, uma organização espacial corporativa e fragmentada, onde as elites podem controlar a produção e o consumo da cidade, através de instrumentos como o Estado e o mercado imobiliário, conforme já destacamos, o que exclui e abandona a população de baixa renda à própria sorte.

Portanto, é possível dizer que nas cidades brasileiras os aspectos pertinentes à presença da segregação espacial são fundamentalmente demarcados na questão socioeconômica, fortemente atrelados ao déficit habitacional nas grandes e médias cidades, também levando a pensar que o crescimento urbano compartilha da exclusão social⁷. A exclusão social, por sua vez, pode ser vista através de uma série de termos, noções e conceitos que se aproximam, como pobreza, precariedade, vulnerabilidade, desenraizamento, marginalidade, dentre outros. Grande parte desses termos utilizados correspondem a etapas ou estágios que desencadeiam processos de exclusão social, comuns nas médias e grandes cidades brasileiras.

⁷ Segundo Escorel (1999, p.51-52), a difusão da ideia acerca da exclusão social possui sua origem em território francês inicialmente na obra de René Lenoir em 1974. Naquele momento, evidenciava-se que “(...) a noção de exclusão estava relacionada à sua dimensão subjetiva (...), e não a sua dimensão objetiva, econômico- ocupacional. (...) O núcleo duro da problemática foi identificado na crise do assalariamento como mecanismo de inserção social, ou seja, em mudanças no processo produtivo e na dinâmica de acumulação capitalista”. Essa discussão segundo a autora foi incorporada em âmbito acadêmico posterior à sua inserção no debate político-partidário, sendo fortemente incorporada por autores como Robert Castel e Serge Paugam, por exemplo, o primeiro destacando como núcleo central a inserção e integração social através do trabalho, e destacando que a desintegração desse vínculo gera processos de vulnerabilidade, o segundo enfatiza a desqualificação social (geradora de dependência dos pobres em relação aos serviços sociais) como propagador do processo e, no limite, a exclusão seria presente quando não houvesse mais nenhuma forma de luta e de ação organizada capaz de reverter tal situação. Para Schwartzman (2004, p.36), “o conceito de exclusão é, portanto, inseparável do de cidadania, que se refere aos direitos que as pessoas têm de participar da sociedade e usufruir certos benefícios considerados essenciais”.

A estrutura intraurbana revela e reproduz as desigualdades, entendendo-as como a capacidade desigual que cada grupo da sociedade possui em se localizar em determinados espaços (alguns mais privilegiados em relação a outros) e, conseqüentemente, levando a diferenças no acesso à infraestrutura e aos equipamentos urbanos fundamentais. Em seguida, aborda-se uma problematização que subsidia o entendimento da realidade das grandes e médias cidades brasileiras, no intuito de inserir a cidade de estudo deste trabalho, no caso Uberlândia.

1.2 - Da Metrópole às cidades médias

Através do enfoque apresentado, fica claro que temos a presença de vários fatores que ajudam a estruturar o espaço urbano. Tais fatores correspondem ao duelo e a composição entre os interesses dos diversos agentes urbanos que se estabelecem no âmbito local (na cidade) que atuam internamente para reestruturar o espaço.

Ao mesmo tempo, existem mecanismos que resultam principalmente do grau de integração que se estabelece entre as diferentes escalas e da formação de redes urbanas cada vez mais complexas. A cidade é produzida a partir de uma urbanização que apresenta temporalidades sobrepostas com base na fragmentação territorial, com localidades incluídas que representam pontos importantes da reprodução do capital em âmbito regional, nacional e até global – são os espaços luminosos na visão de Santos e Silveira (2001). Há também, a presença de localidades pouco ou não incluídas nesse processo mais amplo de reprodução e interação entre escalas, mesmo fisicamente próximas às grandes cidades, casos dos espaços opacos na visão dos autores supracitados.

As implicações que resultam na produção e reprodução do espaço urbano são decorrência de uma justaposição entre o acúmulo de tempos e movimento - ação da sociedade em um dado espaço. O resultado corresponde a processos de estruturação e reestruturação que mantêm a presença das marcas do passado nas formas, e, também, produzindo novas que sucedem às antigas. Isso não ocorre no sentido de criar um espaço único, mas na coexistência entre as marcas do passado, ou rugosidades, e as transformações decorrentes de novos processos e funções que atendem o presente sob a lógica da reprodução do capital.

Na perspectiva brasileira, a busca pelas cidades e seu desenvolvimento estão em sintonia com as mudanças em escala mundial e uma intensa densidade demográfica das populações que habitam os centros urbanos, podendo atrelar a presença das dimensões política, econômica e social articuladas na organização do território.

Durante muito tempo o Brasil urbano foi considerado um “arquipélago”, pouco integrado e ausente de comunicações fáceis entre as metrópoles (concentração de cidades predominantemente litorâneas), formando subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, com grande articulação ao mercado exterior, existindo centros urbanos dinâmicos, mas pouco integrados entre si. Em um segundo momento há esforços para a formação de um mercado único, mas a conexão do território é restrita às regiões Sudeste e Sul. Posteriormente, ocorre a formação de um mercado único nacional e, em seguida, de um mercado único nacional segmentado, ou seja, diferenciado com uma forte hierarquização articulada pelas grandes empresas hegemônicas e com o apoio do Estado. (SANTOS, 2009).

A partir das décadas de 1940 e 1950 impõem-se dinâmicas urbanas na totalidade do território brasileiro, prevalecendo a lógica da industrialização, entendendo-a como um processo social mais complexo que visava a formação de um mercado nacional, incluindo os esforços em integrá-lo. Ocorre então, uma mudança na lógica de organização política e econômica do território brasileiro que favorece sua urbanização. No período mencionado, a população brasileira cresce consideravelmente, sendo que, a partir de 1960 a urbana ultrapassa a rural, chegando a 56% em 1970. Para Santos (2009, p.30), ocorre “uma urbanização cada vez mais envolvente e presente no território (...) com o crescimento demográfico sustentado das cidades médias e maiores, incluídas (...) as capitais de estados”.

Assim, a ideologia do crescimento é legitimada. A prática da modernidade trouxe ao país a presença dos interesses das grandes corporações na urbanização brasileira em detrimento da população em geral e das empresas menores, o que resultou em uma enorme concentração da riqueza no âmbito das grandes empresas e, ao mesmo tempo, em uma enorme concentração de riqueza e intensificação da pobreza - cada vez mais difundida pelos territórios urbanos. (SANTOS, 2009).

É perceptível o crescimento demográfico e territorial das cidades brasileiras a partir da segunda metade do Séc. XX, visto como um fenômeno que se inicia com a formação de núcleos metropolitanos em torno de uma grande cidade central (uma metrópole), representada através de algumas capitais de estados que passam a exercer cada vez mais a vocação de metrópoles regionais e até nacionais, em última instância os maiores expoentes são os casos de São Paulo e Rio de Janeiro.

Esse adensamento revela a importância que tais cidades apresentaram na geração do emprego da força de trabalho, principalmente na indústria em um primeiro momento que atrai um grande fluxo migratório para a região Sudeste do país. Isso favorece a expansão territorial (horizontal e vertical) com grande quantidade de prédios construídos, aquecendo a

construção civil e o conseqüente adensamento populacional dessas metrópoles mencionadas, além de inúmeras outras no país.

No intuito de estabelecer políticas de Estado visando gerar um maior conhecimento da realidade territorial e de expandir a interiorização pelo país, inclusive urbana, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi o órgão estatal responsável por estudar e elaborar a divisão do território brasileiro. O foco era favorecer uma ampla organização e ocupação do território para levantar as potencialidades e alavancar a maior distribuição da população de forma a evitar a concentração, no caso do contexto urbano, em poucas cidades próximas do litoral.

Diferentes regionalizações do espaço brasileiro foram elaboradas no intuito de pensar políticas públicas para auxiliar na tomada de decisões acerca das atividades econômicas e de planejamento no território nacional. Isso se inicia nos anos 1940 e avança nos anos 1970, com foco na interiorização, através de projetos de ocupação do Cerrado e da Amazônia, implantação de estradas de rodagem, implantação de núcleos urbanos inspirados na criação da nova capital federal, bem como estudos e ações sobre a realidade metropolitana.

Spósito (2007) ressalta a presença de uma série de análises dos levantamentos feitos entre o final dos anos 1970 até o início de 1990 com o intuito de entender a influência das cidades, propiciando uma maior compreensão acerca das formas de organização espacial e da sociedade.

No Brasil, na década de 1970, surgem políticas que visavam a expansão de centros de desenvolvimento em regiões marginais, com o objetivo de erradicar a migração constante em direção às grandes metrópoles, incentivando a expansão e o desenvolvimento de cidades médias. (CORRÊA, 2007).

A ideia era propiciar uma descentralização regional e demográfica das metrópoles, em outras palavras, distribuir mais adequadamente a população que se concentrou de forma abrupta nas principais metrópoles. Para que isso se viabilizasse os investimentos em infraestrutura se faziam de suma importância para desenvolver o crescimento urbano no interior do país, algo que não foi plenamente atendido, pois as inúmeras cidades interioranas se expandiram territorialmente de forma desigual, ao revelar comumente as deficiências presentes nas grandes cidades e metrópoles, com áreas de maior e outras de menor disponibilidade de infraestrutura e serviços.

Nesse sentido, expandem-se inúmeros núcleos urbanos médios ou intermediários, entre as metrópoles e as pequenas cidades, com quantitativo demográfico e funções variadas no contexto socioespacial. A densidade dessas cidades se consolida mais no Centro-Sul do país,

com especial presença em estados como o de São Paulo, reflexo do espraiamento da economia industrial e de serviços a partir da metrópole paulista.

As metrópoles e principalmente os aglomerados metropolitanos que estão ao redor delas, continuam crescendo em números absolutos, porém, em ritmo menor, acontecendo paralelamente o crescimento de outras cidades que se constituem em núcleos médios e grandes, os quais variaram muito demograficamente ao longo do tempo.

Santos (2009), ao analisar o processo de urbanização em meados do Séc. XX, corrobora para o entendimento da aglomeração da urbanização em outro nível, ao confirmar a tendência a uma (des)metropolização que ocorre em paralelo com a permanência da metropolização. Existe nessa visão uma tendência que já vinha se resultando desde a década de 1970, na qual expande o número de cidades médias e de grandes cidades médias, ao mesmo tempo, as maiores cidades continuam crescendo.

Isso propiciou o aumento expressivo de cidades entre 200 mil e 500 mil habitantes e das cidades acima de 500 mil, chegando a um milhão de habitantes, multiplicando em 5,90 o crescimento da população urbana destas últimas entre 1950 e 1980. No que se refere às cidades com mais de um milhão de habitantes, o percentual da população brasileira presente diminuiu, mas o tamanho urbano das metrópoles não sofreu alteração, o que comprovou o crescimento das cidades médias em volume na participação urbana (SANTOS, 2009, p.135).

Essa previsão apresentada, por um lado, fruto do aumento de aglomerações médias e de manutenção da metropolização por outro, embora em ritmo menor, já indicava nos anos 1990 que esses processos continuariam paralelamente nas décadas seguintes, adentrando no Séc. XXI, criando uma rede urbana mais complexa, tanto funcional quanto morfologicamente.

Essas cidades médias passaram a receber um fluxo de pessoas que buscavam trabalho em atividades industriais e agrícolas presentes, além de um ambiente com maior qualidade de vida, se comparadas às metrópoles, mais facilidade no deslocamento, por exemplo. A maioria dos trabalhadores que encontram trabalho, são absorvidos efetivamente no setor de serviços e comércio. Esses núcleos ainda se tornam referência na produção de mão obra especializada, que pode ser absorvida localmente ou empregada nas grandes regiões metropolitanas.

As cidades intermediárias apresentam, assim, dimensões bem maiores. Essas cidades médias são, crescentemente, o lócus do trabalho intelectual, o lugar onde se obtêm informações necessárias à atividade econômica. Serão (...) cidades que reclamam cada vez mais trabalho qualificado, enquanto (...), as metrópoles, (...) poderão continuar a acolher populações pobres e despreparadas (SANTOS, 2009, p.136).

Alves, H. (2013) confirma esta tendência, destacada por Santos (2009), de expressivo aumento populacional nos núcleos urbanos médios, sobretudo, aqueles entre 200 e 500 mil habitantes para o período mais recente. Entre 2000 e 2012, as maiores taxas de crescimento foram registradas entre esses municípios médios, com destaque para a faixa populacional apontada acima. Por outro lado, a metropolização continua registrando, em 2012, um pouco mais de 37,2% da população brasileira concentrada nessas áreas metropolitanas, percentual ligeiramente superior em relação ao ano de 2000.

A observação da tabela a seguir, (Tabela 1) demonstra o expressivo crescimento dos núcleos urbanos de porte médio nos últimos cinco recenseamentos oficiais realizados pelo IBGE (entre 1970 e 2010). É possível observar o aumento vertiginoso do número de municípios de uma forma geral e, sobretudo, da população que se concentra nos municípios acima de 100.000 habitantes e daqueles com mais de 500.000 habitantes.

É perceptível, então, o surgimento de cidades médias e/ou de porte médio em todas as regiões do país, sendo pertinente levantar a ideia de que esses núcleos urbanos exercem influência na dinâmica regional e nos estados nos quais estão inseridos. A Tabela 1 permite identificar o crescimento do número de cidades acima de 100.000 habitantes, especificamente das que se encontram entre 100 e 500 mil. Observa-se que chega a 283 o número de municípios com mais de 100 mil habitantes no Censo de 2010, desse total, 245 municípios se enquadram na faixa entre 100.001 até 500.000 habitantes.

Tabela 1 - Número de Municípios e População nos Censos Demográficos, segundo as classes de tamanho da população dos municípios do Brasil – 1970/2010.

Classes de Tamanho da População dos Municípios	Número de Municípios e População nos Censos Demográficos				
	1970	1980	1991	2000	2010
Total	Número de Municípios				
	3.952	3.991	4.491	5.507	5.565
Até 2.000	56	56	58	105	118
De 2.001 a 5.000	602	610	682	1225	1183
De 5.001 a 10.000	1.058	957	1055	1312	1212
De 10.001 a 20.000	1.159	1.114	1.299	1.382	1.401
De 20.001 a 50.000	826	872	926	958	1.043
De 50.001 a 100.000	157	240	284	301	325
De 100.001 a 500.000	83	124	162	193	245
Mais de 500.000	11	18	25	31	38
Total	População dos Municípios				
	94.508.583	121.150.573	146.917.459	169.590.693	190.755.799
Até 2.000	92.110	88.183	91.431	172.231	197.429
De 2.001 a 5.000	2.213.159	2.228.112	2.451.222	4.316.217	4.176.916
De 5.001 a 10.000	7.764.485	7.069.211	7.687.121	9.376.707	8.541.935
De 10.001 a 20.000	16.403.397	15.937.703	18.453.189	19.654.601	19.743.967
De 20.001 a 50.000	24.998.753	26.728.931	28.005.202	28.700.747	31.344.671
De 50.001 a 100.000	10.443.490	15.937.465	19.379.111	20.911.053	22.314.204
De 100.001 a 500.000	14.610.868	23.631.329	32.073.626	39.576.864	48.565.171
Mais de 500.000	17.982.321	29.529.639	38.776.557	46.882.273	55.871.506

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Organização: SILVA, A. L. (2013). Disponível em file: /Downloads/49203-Texto%20do%20artigo-751375170761-1-10-20130910.pdf. Acesso em 10/04/2019.

Ainda de acordo com esta tabela, a população presente nos municípios acima de 100 mil habitantes chega em 2010 a pouco mais de 104 milhões de habitantes, sendo que a faixa de municípios entre 100.001 até 500.000 habitantes concentra um pouco acima de 48,5 milhões de pessoas e, os municípios acima de 500.000 habitantes contam com um pouco mais de 55,8 milhões de pessoas.

Pode-se dizer que as cidades consideradas médias foram pensadas como alternativa regional para a expansão do parque industrial brasileiro, contando com mão de obra e mercado consumidor em ascensão (SILVA, M. 2011).

Os serviços e as atividades sofisticadas e, principalmente, o comando das ações ainda permanecem concentrados nas grandes metrópoles brasileiras, principalmente em São Paulo. O papel e a importância de grande parte das cidades médias do interior brasileiro

atualmente são redefinidos pela difusão da agricultura científica e, conseqüentemente, do agronegócio, tornando-se cada vez mais os centros da produção.

Silva, A. (2013) aponta que existem diferentes perspectivas sendo construídas no presente, sendo necessário, de uma forma geral, focar tanto nos aspectos quantitativos (tamanho demográfico), quanto nos qualitativos (principalmente nas funções) que envolvem a conceituação dessas cidades.

Ao pensar uma tentativa de definição embasada no quantitativo populacional, é possível verificar as perspectivas descritas abaixo:

A Fundação IBGE, em definições mais recentes, afirmou que as cidades médias brasileiras são aquelas com população entre 100 mil e 500 mil habitantes. Para a ONU (GRAL/CREDAL, 1994), levando em conta a realidade latino-americana, as cidades médias são aquelas com população entre 100 mil e 1 milhão de habitantes. Avaliando o contexto mundial, Torné e Bellet Sanfeliu (1999, p.42) orientam que cidades médias são aquelas com população entre 20 mil habitantes e 2 milhões de habitantes, isto levando em conta que (...) a delimitação das posições intermediárias deve partir dos extremos superior e inferior de uma hierarquia urbana, [quer dizer], necessita de uma contextualização (BESSA, 2005, p.272).

Tais definições, ao levar em conta o quantitativo populacional, trazem à tona realidades urbanas muito distintas que variam muito em cada país ou região, sendo necessário pensar em um quantitativo médio que represente mais adequadamente cada realidade urbana e, também, incluir outras características que qualificam essas cidades.

Santos (2009) destaca as dificuldades em se considerar apenas o elemento demográfico para caracterizar uma cidade média.

Podemos classificar as cidades com mais de 20.000 habitantes como médias? Um dos problemas que se apresentam nas ciências humanas é o do uso e interpretação das séries estatísticas, pois o número, em momentos distintos, possui significado diferente. (...). O que chamávamos de cidade média em 1940/50, naturalmente não é cidade média dos anos 1970/80. No primeiro momento, uma cidade com mais de 20.000 habitantes poderia ser classificada como média, mas, hoje, para ser cidade média uma aglomeração deve ter população em torno dos 100.000 habitantes. Isto não invalida o uso de quadros estatísticos, mas sugere cautela em sua interpretação. (SANTOS, 2009, p. 79).

É possível considerar que em uma dada região, que evidenciava cidades com seus 20.000 ou 30.000 habitantes entre as décadas de 1940 e 1950, algumas talvez tenham aumentado de forma expressiva demograficamente, atingindo outro patamar na década de 1990 e início de 2000, por exemplo, em termos de importância e de “elo” articulador. No entanto, outras perderam, ou até permaneceram com a mesma população, deixando de ter a importância que outrora talvez tivessem.

Utilizar exclusivamente o critério quantitativo não parece ser uma opção razoável para mencionar as características e a dinâmica dessas cidades, é preciso verificar a inserção de tais cidades no contexto interurbano e intraurbano. Isso ocorre tanto através de seu papel regional de intermediador (entre centros maiores e menores) quanto de referência na prestação de serviços, na oferta de emprego etc. Além é claro, de sua configuração interna, vista por meio da formação de novas centralidades, da circulação e da expansão do tecido urbano, marcado pela descontinuidade territorial.

Silva, M. (2011, p.36) destaca que na década de 1990, com o objetivo de operacionalizar e definir a abrangência das cidades médias brasileiras, o IBGE e, também, Amorim e Serra (2001) sugerem critérios fundamentados na densidade populacional, ao considerar que os centros urbanos de médio porte⁸ que concentrassem população entre 100 mil e 500 mil habitantes seriam aqueles com atividades econômicas capazes de gerar economias de aglomeração.

O IBGE realizou estudos, visando identificar o funcionamento das redes urbanas brasileiras através do grau de influência exercido pelos diferentes núcleos urbanos, com base em critérios de tamanho populacional e político - administrativos.

O estudo analisado, intitulado “Regiões de Influência das Cidades 2007” publicado em 2008, foi comparado a outros realizados pelo presente órgão nos anos de 1972, 1987 e 2000. Nestes estudos são apresentadas as redes formadas pelos principais centros urbanos do país, baseadas na presença de órgãos do executivo, do judiciário, de grandes empresas, na oferta de ensino superior, serviços de saúde e domínios de internet (REGIÕES IBGE..., 2008).

As cidades foram classificadas em cinco níveis e, subdivididas em outros dois ou três subníveis: Em um primeiro nível aparecem as “Metrópoles”, que correspondem os doze principais centros urbanos do país (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Belém e Manaus)⁹, com grande porte, fortes relacionamentos entre si e, em geral, extensa área de influência direta. Foram divididas em três subníveis: a) Grande metrópole nacional – São Paulo, que se destaca como o

⁸ É necessário identificar as diferenças intrínsecas entre os conceitos de cidade média e cidade de médio porte ou porte médio, pois, no dizer de Spósito, “enquanto para caracterizar cidade de porte médio o tamanho demográfico é suficiente, para dotar a noção cidade média de um conteúdo conceitual é fundamental que se estudem os papéis desempenhados por cidades deste nível, para que esse aspecto prevaleça sobre o do tamanho demográfico, a partir da perspectiva (...) da articulação entre os níveis interurbano e intra-urbano das cidades” (SPÓSITO, 2004, p.327).

⁹ De acordo com a publicação mais recente do IBGE (2021), passa a existir três novas metrópoles brasileiras que se juntam às outras doze, são elas: Campinas, Florianópolis e Vitória.

maior conjunto urbano do país no primeiro nível da gestão territorial; b) Metrópole nacional – Rio de Janeiro e Brasília, também presentes no primeiro nível da gestão territorial juntamente com São Paulo; c) Metrópole – neste caso incluem inúmeras metrópoles que possuem ampla projeção em seus estados e capacidade de inserção nacional, como os exemplos de Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre etc. (REGIÕES IBGE..., 2008).

Em um segundo nível aparecem as “Capitais regionais”, compostas por 70 centros que, como as metrópoles, também se relacionam com o estrato superior da rede urbana, com destaque para os exemplos de algumas capitais do Nordeste (São Luís, Teresina etc.). Com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios. Ainda são elencados outros níveis que agregam as cidades menores, são os centros sub-regionais e os centros de zona, ambos com várias outras subdivisões e graus de relacionamento inferiores. (REGIÕES IBGE..., 2008).

Em outro trabalho realizado pelo IBGE com base nos dados oficiais do último recenseamento de 2010, são consideradas médias concentrações urbanas os municípios isolados e os arranjos populacionais acima de 100 000 até 750 000 habitantes¹⁰. Nessa análise, entende-se que é importante avaliar ambos, uma vez que, juntos, refletem o médio escalão da urbanização brasileira. Ao todo, são 80 municípios isolados, 78 arranjos populacionais e uma 1ª Integração de Arranjo Populacional, somando 380 municípios (ARRANJOS IBGE..., 2016).

Uberlândia aparece como um desses municípios isolados de acordo com essa classificação, sendo considerado como um núcleo de média concentração urbana, pouco mais de 600 mil habitantes no Censo de 2010 e em torno dos 700 mil habitantes em 2020.

Ao pensar em um número específico, por exemplo, uma média de 100 mil habitantes, é necessário ter cautela ao tentar uma definição, pois, pode haver a presença de cidades próximas desse contingente demográfico que exerçam o papel de centros extremamente dinâmicos em uma dada região ou estado, enquanto talvez em um estado ou região mais desenvolvida economicamente, tais cidades não consigam exercer um papel de relevância, podendo ser ofuscadas por outras maiores.

Uma definição, portanto, exclusivamente com base em critérios demográficos deve ser relativizada. Correa (2007) aponta que cidades com 100 mil habitantes podem ter sentido

¹⁰ Arranjo populacional é o termo usado pelo IBGE para identificar as diversas concentrações urbanas presentes no Brasil. Lembrando que tais aglomerações podem incluir áreas urbanas de mais de um município aglomerado (arranjo populacional) e, também, a aglomeração presente em um município isolado (ARRANJOS IBGE..., 2016).

diferente, já que passam por processos diferenciados de urbanização, como é o caso, por exemplo, do sertão da Bahia, do interior de São Paulo e da Amazônia. Isso leva a crer que existem cidades no interior da Amazônia que podem não apresentar uma grande concentração populacional em seu distrito sede, no entanto, podem cumprir o papel de suporte e sustentar uma estrutura econômica, política e social onde se encontram.

Essas cidades¹¹ que estão em posição intermediária, podem apresentar características singulares na rede urbana na qual se encontram inseridas, rompendo com o padrão de hierarquia urbana tradicional, sem existir necessariamente grande presença de relações econômicas ou até políticas intensas com as metrópoles mais próximas geograficamente. É possível, assim, haver ligação direta com o sistema econômico global, através da principal metrópole do país.

Isso leva-nos a pensar que uma cidade pode variar a partir de uma classificação, grosso modo, entre pequena, média ou grande de acordo com uma combinação de características. Estas, por sua vez, incluem o adensamento demográfico, a localização de tal cidade em um contexto interurbano em relação a outros centros urbanos no que se refere às funções presentes, além de sua configuração intraurbana. Quanto à configuração no âmbito intraurbano, o importante é refletir sobre a dinâmica interna, em outras palavras, o papel da elite local empreendedora, seja ligada a atividades agrícolas ou eminentemente urbanas (indústria, comércio e prestação de serviços), para direcionar o crescimento econômico e territorial de acordo com seus interesses.

O tamanho demográfico, conforme já elencado, não pode ser o único critério para pensar uma cidade. Todavia, não pode deixar de ser um critério que de forma combinada ajuda a desvendar a realidade urbana de uma cidade.

Ao pensar em Uberlândia, há muita dificuldade em enquadrar a cidade em um critério específico. Afinal, sua dinâmica tanto interna quanto externa a colocou ao longo do Séc. XX como um importante polo, com vínculo direto com a área rural e seu entorno (cidades de

¹¹ Para Spósito (2001, p.239), as cidades médias, “do ponto de vista funcional, desempenham papéis que se revelam no âmbito regional, e são elos importantes de articulação econômica entre os grandes centros metropolitanos e as pequenas cidades, em hierarquias que estruturam redes urbanas (...) mais complexas”. Alguns processos são fundamentais para a análise dessas cidades, são eles: a difusão da agricultura científica e do agronegócio; desconcentração da produção industrial; difusão do comércio e serviços especializados; aprofundamento das desigualdades socioespaciais. Corrêa (2007, p.24) “(...) considera a cidade média um tipo de cidade caracterizado por uma particular combinação de tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbano”. Essa combinação de características deve ser contextualizada geograficamente.

menor porte) por meio da dinâmica das atividades exercidas e, sobretudo, através da facilidade como eixo de comunicação entre o Sudeste e o Centro Oeste do país.

Do ponto de vista interurbano, analisando a presença da cidade em uma escala regional, observa-se a presença de uma aglomeração urbana que atinge grande extensão e expressividade, sem contar com outras aglomerações urbanas imediatamente integradas territorialmente no seu entorno, corroborando com o que o IBGE considerou como um “município isolado” e não um “arranjo populacional”. (ARRANJOS IBGE..., 2016).

Assim, diferente das outras aglomerações entre 500 e 750 mil habitantes de acordo com o Censo de 2010, corresponde à única aglomeração composta por um município isolado¹², conforme demonstrado na Tabela 2.

¹² Isso significa dizer que ao se referir a essas aglomerações urbanas, o IBGE considera em sua denominação de arranjo populacional uma cidade principal e as inúmeras outras que se encontram próximas desta primeira, compondo assim um aglomerado de municípios circunvizinhos. No caso de Uberlândia, que aparece em quarto lugar na tabela do IBGE que menciona essas aglomerações urbanas entre 500 e 750 mil habitantes em relação à posição absoluta de seu PIB, é significativo pensar que representa a única dessas aglomerações urbanas que não conta com outras áreas urbanas imediatamente conurbadas.

TABELA 2 - Médias concentrações urbanas com os 10 maiores Produtos Internos Brutos -PIBs, por faixas populacionais - Brasil - 2010

Médias Concentrações urbanas	Municípios	Tipo 1*	População	PIB – Produto Interno Bruto						
				Per capita-1000 R\$	Total-bilh. R\$	Distribuição Percentual (%)				
						Agropecuária	Indúst.	Adm. Pública	Serviços	Impostos
População acima de 500.000 a 750.000 habitantes										
Jundiaí/SP	7	AP	698 724	50,75	35,46	0,3	33,9	4,6	47,2	14,7
Ribeirão Preto/SP	7	AP	747 228	25,731	19,227	0,9	17,1	9	61,6	11,5
Joinville/SC	2	AP	540 098	35,179	19	0,4	44,4	6,9	37	11,4
Uberlândia/MG	1	MI	604 013	30,276	18,287	2,3	24	7	43,6	23,1
Caxias do Sul/RS	3	AP	504 317	34,537	17,418	1,3	38	9,2	36	15,4
Londrina/ PR	4	AP	663 507	18,675	12,391	1,9	18,5	10,1	53,9	15,5
São José do Rio Preto/ SP	12	AP	549 203	20,916	11,487	2,1	18,7	9,7	58,4	11,1
Ipatinga/MG	10	AP	509 110	22,452	11,431	0,4	46,7	10,1	29,2	13,7
Maringá/PR	10	AP	551 656	18,596	10,259	2,8	17,9	10,4	56,8	13,1
Juiz de Fora/MG	5	AP	538 764	16,608	8,948	0,6	22,6	13,2	49,9	13,8

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010 e Produto Interno Bruto dos Municípios 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em 10/05/2019.

Tipo 1* AP- Arranjo Populacional; MI – Município Isolado.

Uberlândia, de acordo com os dados apresentados, pode ser considerada uma grande cidade média conforme Santos (2009) esboça, ao destacar o expressivo crescimento dos núcleos não metropolitanos. O autor usa esse termo para tentar definir as cidades que se encontram no limiar entre as médias propriamente ditas e as metrópoles.

Fazendo alusão ao termo trazido por Santos (2009), publicado originalmente em 1993, Soares et al. (2004) instituem Uberlândia como uma grande cidade média, cidade que possui importância regional significativa na rede urbana que se encontra inserida. Assim, a grande cidade média nessa visão exerce relações constantes e duradouras com seu espaço regional, com o campo modernizado em suas proximidades e com centros urbanos de hierarquia superior. (SOARES et al. 2004).

Essa grande cidade média pode ser vista como uma cidade regional. De uma forma geral, encontra-se inserida segundo Cleps (2005, p.171), em um processo mais amplo que propagou em escala nacional a descentralização agroindustrial para os cerrados e ao mesmo tempo, junto com a dinâmica populacional, “(...) provocou um duplo efeito espacial: um movimento de descentralização urbano-demográfico e a criação e a refuncionalização de centros”.

Inúmeras cidades se expandiram territorialmente calcadas em mecanismos vinculados ao desenvolvimento agropecuário e agroindustrial. No caso da região do Triângulo Mineiro, Cleps (2005, p.171) destaca que esta,

(...) apresenta-se fortemente caracterizada por práticas regionalistas com determinado modo de produção e representatividade política, com grupos que se unem em defesa de interesses políticos, econômicos e sociais. Um exemplo significativo dessa intervenção foi a constituição da rede viária regional, (...), que implicou um processo de reestruturação dos antigos centros e a canalização de recursos financeiros para novos espaços criados pelas políticas de incentivos fiscais voltados à exploração agrícola dos cerrados pelo Estado, a partir dos meados da década de 1970, e que contribuíram para redefinir os movimentos de população e urbanização regional.

Uberlândia, nesse sentido, apresenta forte vínculo com o setor agroindustrial, destacando-se os inúmeros interesses políticos locais, como por exemplo, para atrair a implantação de importantes vias de circulação (desde a Ferrovia Mogiana até as vias rodoviárias), o que juntamente com sua posição geográfica favoreceu a conexão e distribuição de mercadorias pelo país.

Segundo Cleps (2005, p.175):

A modernização da agricultura e a consolidação de um capital de origem regional, aliados à dinâmica de ampliação de infra-estruturas que interiorizaram a economia brasileira, transformaram Uberlândia num centro de polarização regional, pois a cidade passou a centralizar atividades de serviços, de produção industrial, além da atividade comercial. O crescimento populacional apresentado por Uberlândia marca um limiar no processo de urbanização da cidade, aferindo-lhe um caráter dominante de núcleo urbano regional como espaço de circulação e de reprodução da força de trabalho.

Nesse contexto, a presente cidade apresenta característica “ímpar”, já que representa um núcleo urbano de alto adensamento populacional, marcada por uma diversidade em termos de produção (agroindústria, agricultura, comércio e serviços), na função de entreposto articulador (na comunicação e em transportes), mas, principalmente, em grande centro de consumo, nos níveis intra e interurbano.

Para Cleps (2005, p.176), origina-se e fortalece uma significativa dinâmica inter e intrarregional, “(...) que aos poucos foi consolidando a formação da rede urbana local, na qual

Uberlândia transformou-se num importante polo de atração regional totalmente articulado com outros centros regionais e, principalmente, com a metrópole global paulista”.

Nesse sentido, a centralidade de Uberlândia atende um raio que inclui uma considerável distância geográfica, extrapolando a mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (IBGE)¹³, estabelecendo influência direta em partes de outros estados inclusive, no sul e sudoeste de Goiás, no nordeste e sudoeste de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, respectivamente, além de alguns trechos do norte paulista. Tal centralidade, pode ser estendida nacionalmente se mencionar a presença do setor de comércio e de serviços vinculado à concentração e grau de abrangência dos atacado-distribuidores, o que coloca a cidade como o grande polo nacional conforme Cleps (2005) destaca.

Isso demonstra a capacidade de atração e de centralidade exercida pela cidade em uma região na qual os núcleos urbanos encontram-se esparsos, ou seja, com limites de município que apresentam considerável distância entre as áreas urbanizadas.

Bessa (2005, p.276) afirma que:

Uberlândia é exemplo crescente da importância das cidades médias brasileiras, pois, a partir de 1970, apresentou considerável desenvolvimento econômico, caracterizado pela ampliação e diversificação da produção material, agropecuária e industrial, e da produção não material, comércio e prestação de serviços. Paralelamente, ocorreu o desenvolvimento das infraestruturas econômicas, marcado pela implantação de sistemas de engenharia associados, primordialmente, aos transportes e às comunicações. Essa materialidade, em conjunto com suas formas de regulação, promoveu a expansão das funções urbanas centrais, o surgimento de novas funcionalidades e o aparecimento de especializações produtivas, resultando em maior complexidade funcional, da qual deriva o incremento das interações espaciais, que passaram a ocorrer por meio de horizontalidades e verticalidades, que expressam (...) relações espaciais locais e regionais e relações espaciais extra-regionais.

Nesse raciocínio, ao analisar o papel exercido por Uberlândia no contexto da rede urbana do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Bessa (2005) destaca que a cidade se encontra no topo da hierarquia urbana regional, mencionando que se trata de uma cidade regional.

Sua configuração territorial interna segue a lógica de contínua extensão horizontal, produção de novas centralidades e fragmentação territorial, com a presença constante da

¹³ Esta classificação adotada pelo IBGE em mesorregiões foi substituída no ano de 2017. A nova classificação considera as regiões intermediárias e as imediatas, no caso, a mesorregião supracitada foi dividida nas regiões intermediárias de Uberlândia, Uberaba e Patos de Minas, cada uma delas com suas respectivas regiões imediatas. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017). «Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil.

segregação espacial. Isso ocorre tanto através da concentração de condomínios de médio a alto padrão em determinados eixos, sobretudo no Setor Sul, quanto de conjuntos habitacionais populares com alta densidade demográfica e de processos de favelização.

Ferreira (2002) destaca que a cidade passa por grande expansão urbana a partir da década de 1970, com a incorporação de novas áreas que contribuem para a expansão de novos loteamentos, destinados à autoconstrução e à construção de conjuntos habitacionais que atendem a especulação imobiliária. Nesse prisma, a paisagem da cidade expande-se fundamentalmente de forma horizontal, com grande contribuição do relevo favorável a isso, sendo possível apontar também a crescente verticalização em tempos mais recentes.

A cidade passa por uma setorização, na qual Ferreira (2002) menciona que Bessa e Soares (1999) argumentam que obedece a critérios excludentes, onde a expansão territorial dos setores da cidade servirá para atender determinadas finalidades e segmentos sociais, como o comércio e os serviços no Setor Central, os bairros de médio a alto padrão no Setor Sul, a expansão de loteamentos populares nos Setores Oeste e Leste e o Setor Norte destinado à expansão do Distrito Industrial.

Observa-se que a cidade apresenta as características de grande centro polarizador regional e ampla complexidade de funções, ligadas à produção e ao consumo. Também são cada vez mais presentes as inúmeras desigualdades em seu interior, da formação de amplas “ilhas de prosperidade e qualidade de vida” e, ao mesmo tempo, do aumento territorial de submoradias e favelas, além dos congestionamentos no trânsito, da enorme distância de alguns loteamentos em relação a serviços essenciais urbanos etc.

É possível mencionar que esse contexto se encontra presente em outras típicas cidades médias compostas por um menor adensamento populacional, porém, visualiza-se mais latente em cidades da dimensão de Uberlândia. A cidade se mantém como o ‘elo’ entre os deslocamentos de mercadorias e informações de diferentes regiões brasileiras, integrando-se diretamente com as principais metrópoles nacionais, embora ainda não apresente as características de uma formação metropolitana por meio da junção com outros núcleos urbanos de forma conurbada.

Considera-se essa cidade, a qual corresponde à base de materialização desta tese como uma grande cidade média, ou melhor, como um espaço transitório¹⁴ que se encontra em expansão demográfica e territorial, e que seu papel desempenhado vem ao longo do tempo se

¹⁴ Ver Corrêa (2007) e Spósito (2007).

modificando e continua em constante transformação. A seguir será abordada a inserção da atividade do lazer no espaço urbano atual.

1.3 - O lazer na cidade contemporânea

Neste momento nossa reflexão parte para algumas considerações a respeito da presença do lazer no âmbito das cidades atuais. Inúmeros projetos urbanísticos veem sendo implantados nas grandes cidades como forma de requalificar o espaço urbano, algo positivo por um lado e que contempla a presença do consumo do espaço através do lazer. Por outro lado, costumam reforçar processos excludentes, com a formação de espaços valorizados que acabam “empurrando” as populações vulneráveis e os usos indesejáveis para lugares cada vez mais distantes e sem infraestrutura. Isso se relaciona muito com a presença do lazer enquanto mercadoria.

Krippendorf (2003) ressalta que, além de uma intensa fragmentação do tempo que caracteriza o período atual, é evidenciado também um aprofundamento da fragmentação do espaço e para além da questão quantitativa. Pois, o espaço não está simplesmente tornando-se microscópico, mas sim, está adquirindo conteúdos que se multiplicam conforme as necessidades exigidas pela sociedade. Desse modo, observa-se à criação, no bojo de um espaço para morar pré-existente, de um espaço de distração.

Dessa segmentação temos a emergência desse espaço de distração, através de uma necessidade socialmente produzida que pode efetivamente ser apropriada pelo consumidor. Nesse movimento de apropriação, o espaço é convertido em lugar, pois, que o espaço para o tempo livre é cada vez mais operado pelo mercado, disso não há dúvida. Todavia, a consciência do sujeito acerca dessa nuance já não pode ser atestada com a mesma facilidade, mesmo porque a liberdade do tempo de lazer se opõe de maneira contraditória à necessidade do mercado:

Na medida em que a publicidade e a cultura de consumo atuam nas sociedades capitalistas como instrumentos que corrompem a arte, a cultura, as necessidades e a própria vida, e na medida em que legitimam a conversão de tudo em mercadoria, elas contribuem para a generalização do processo de reificação ou coisificação. Nesse sentido, o lazer – enquanto atividade a ser realizada num tempo considerado “livre” – também é mercadoria nas sociedades regidas pela lógica e racionalidade do capital. Por isso, tempo livre e capitalismo formam um par imperfeito, do ponto de vista do caráter de liberdade atribuído a este tempo. (PADILHA, 2006, p.146-147).

O espaço destinado às diferentes atividades sejam elas contemplativas ou ativas/esportivas, deve vislumbrar o princípio do prazer e da fruição, considerando a liberdade de escolha nas ações desenvolvidas por cada indivíduo. No entanto, é inegável que tanto o

aproveitamento do tempo quanto dos espaços, materializados nos lugares do lazer se tornaram cada vez mais apropriados pelo mercado e pelo consumo.

Marcellino (1995) faz uma crítica a essa visão mercadológica do lazer. Para ele o lazer, visto mais recentemente, difere-se da utilização espontânea do tempo livre ou disponível, pois “(...) a prática do lazer na sociedade moderna é marcada por fortes componentes de produtividade. Valoriza-se a performance, o produto e não o processo de vivência que lhe dá origem” (MARCELLINO, 1995, p.28).

Santos (2014) destaca que o intenso processo de urbanização, pelo qual as cidades atravessam, proporciona a existência de uma cidade mais corporativa, onde os grupos com maior ascensão econômica e social se apropriam mais intensamente desta. Assim, “o lazer na cidade se torna igualmente o lazer pago, inserindo a população no mundo do consumo” (SANTOS, 2014, p.64).

Ainda segundo o autor, “um resultado da planificação urbana capitalista combinada com o processo especulativo do mercado é a distribuição desigual dos equipamentos de educação e de lazer” (SANTOS, 2014, p.116). Portanto, o lazer se dissemina de forma distinta dentro do espaço, já que o lugar que os indivíduos detêm na cidade e até no campo, torna-se um dado fundamental para a reprodução das relações sociais desiguais.

Carlos (2001a) também corrobora com esta análise afirmando que, “(...) hoje o lazer é mediado pela mercadoria, que faz com que o cidadão, longe de se apropriar socialmente da cidade, através de brincadeiras, dos jogos, do ócio, se veja obrigado ao consumo de diversão”. Observa-se, neste sentido, a tendência de mercantilização do lazer, sobretudo pelo fato de poder representar uma enorme fonte de renda, diferenciando cada vez mais os usos e os segmentos sociais de acordo com o poder de compra de cada indivíduo. (CARLOS, 2001a, p.40).

Nesse contexto, a atividade do lazer na sociedade atual encontra-se fortemente atrelada a uma visão mercantilizada, onde o lazer ligado ao shopping center, sobretudo nas grandes e médias cidades, por exemplo, pode ganhar mais destaque que o lazer vivenciado em espaços públicos, representados, por praças e parques. Isso se deve, talvez, pelo “visível” aparato de segurança e comodidade ofertado, além de todo um “glamour” ou supervalorização que envolve a utilização dos espaços coletivos privados, em contrapartida aos espaços públicos livres e abertos que podem ser subutilizados.

Padilha (2003) chama atenção ao resgatar o conceito de lazer trazido por Marcellino, ao considerar que “(...) lazer e cultura podem (ou deveriam) existir não apenas enquanto mercadorias restritas àqueles que podem pagar por elas, mas como algo que pertence

a todos nós, ao povo, como processo de conhecimento popular que se constrói e reconstrói a cada dia” (PADILHA, 2003, p.254).

Todavia, vem ocorrendo uma vinculação em nível global das atividades de lazer com o consumo. O lazer passa a ser cada vez mais identificado com determinados espaços privados, ou mesmo com os passeios turísticos, sendo cada vez menos ligado com atividades gratuitas que possam despertar prazer e entretenimento às pessoas.

Ao levantar essa perspectiva da mercantilização do lazer, é possível refletir acerca das considerações levantadas por Bauman (2008), quando este faz referência à presença de uma “sociedade líquido-moderna de consumidores”, na qual a instabilidade dos desejos, o instantâneo e o efêmero ditam as regras. Assim, a tendência é de ver no presente a possibilidade máxima de contemplar e obter as coisas, de forma que tudo rapidamente torna-se descartável, desde as ideias até os objetos, o que corrobora com o contexto no qual a atividade do lazer predominantemente se insere como mais um elemento que reforça esta instantaneidade na sociedade atual.

Rolnik (2000) nos apresenta de forma sucinta e objetiva duas formas de se visualizar o uso do lazer no espaço urbano atualmente, a primeira o coloca como privilégio de consumo real, ou mera possibilidade de usufruir da cidade e do tempo de forma agradável, sendo possível identificá-lo a partir de pontos específicos destinados a tal prática, onde o espaço fica identificado apenas como simples local de acesso, tanto no espaço doméstico quanto nos espaços do consumo cultural e esportivo.

Ao pensar nas próprias residências das pessoas, percebe-se que em seu interior existem pontos específicos de uso, principalmente relacionados a manifestações passivas, sobretudo, àquelas vinculadas ao assistir televisão. Além disso, para as famílias de menor renda, o lazer acaba sendo, sobretudo, vinculado ao espaço da casa ou lar, embora não seja talvez a maioria que usufrua plenamente do lazer em suas residências.

A segunda forma abordada por Rolnik (2000) corresponde à presença do lazer encarnado na cidade, ou seja, uma volta e estreitamento das relações entre os cidadãos nos espaços públicos, identificado com a dimensão pública da cidade, para assim, proporcionar qualidade de vida através do estreitamento de relações pessoais e sociais. Corrobora-se com esta segunda perspectiva, a qual, inclusive, vai de encontro com o resgate da vida pública na cidade e de ver esta como valor de uso conforme a visão apresentada por Lefébvre.

Nas últimas décadas do Séc. XX, especificamente a partir da década de 1980, torna-se possível identificar algumas preocupações com o lazer a partir de programas governamentais no Brasil, com sua associação direta ao esporte, não considerando seu conteúdo cultural. Na

década de 1990, é possível observar a ascensão de um novo modelo que verifica no lazer um mercado altamente lucrativo (com pacotes turísticos, pontos específicos de gastronomia, divulgação da cultura local etc.). Desenvolve-se rapidamente um novo mercado nos países da Europa Ocidental e nos EUA, para em seguida ganhar relevância no Brasil. De acordo com essa nova visão, o lazer passa a ser visto sob a ótica de um negócio voltado para o entretenimento, que transforma e molda os seus valores em algo a ser consumido, inserindo uma visão mercadológica na prática e na contemplação do lazer (MELO, 2003).

O lazer vinculado ao modo de vida urbano apresenta, portanto, forte conotação e apelo ao consumo, seja de mercadorias, imagens, signos, sonhos etc. Isso atribui ao lazer, uma visão de mercado, ou seja, de negócio para quem estrutura suas atividades e para quem o consome como um fato que implicará dispor de recursos financeiros.

Assim, identifica-se que o lazer que vem sendo disseminado de forma mais preponderante no espaço urbano, representa muito mais algo funcional, do que um lazer que promova uma autorreflexão e bem-estar ao indivíduo, com foco na qualidade de vida e livre ação e criação. Trata-se de um lazer cada vez mais comprometido com o mundo do consumo, com a função de levantar ‘tipos’ ou marcas a serem seguidas, também sendo visto como álibi contra a marginalização social que acarreta o aumento da violência urbana.

É possível levantar a presença de projetos urbanísticos que possuem como justificativa melhorar o uso das cidades, com forte vínculo com as atividades culturais e de lazer. Esses projetos remetem às diversas formas de requalificar determinadas áreas presentes nas grandes cidades que se encontram sucateadas, as quais passaram em algum momento pelo seu apogeu, ao servir de referência econômica, política ou social, como por exemplo, antigas fábricas, palacetes etc.

Tais edificações, geralmente foram instaladas em áreas do tecido urbano que exerceram a maior centralidade em tempos pretéritos, em decadência durante longos períodos, até serem (re)pensadas com base em um olhar de mudança nas suas funções e processos mais recentes, mantendo sua forma original ou mesmo uma fachada, para atender novos usos comumente vinculados à cultura e ao lazer.

Essa grande centralidade foi atribuída em um primeiro momento às áreas centrais nas grandes cidades, estas por sua vez se redefinem. Na visão de Corrêa (1979, p.122-123) “(...) a emergência da área central é concomitante à ampliação das relações entre a cidade e o mundo externo a ela, que se verifica a partir do advento da Revolução Industrial, e é uma das resultantes em termos espaciais das diversas inovações que aparecem”.

Assim, é possível identificar as noções de centralização e descentralização já elencadas, bem como outras segundo Corrêa (1979), como coesão, segregação, invasão-sucessão e inércia que se estabelecem como processos espaciais responsáveis diretamente pela organização espacial complexa presente na metrópole moderna. Evidencia-se ainda, parcialmente ou de forma mais completa, a presença desses processos em outras cidades de médio a grande porte.

Nesse contexto, os processos descentralizantes representam “um processo espacial associado às deseconomias de aglomeração da área central, ao crescimento demográfico e espacial da cidade, inserindo-se no processo de acumulação de capital”. (CORRÊA, 1979, p.129).

Quando se pensa no valor dos imóveis e aluguéis nas áreas centrais e em suas adjacências, formadas pela zona periférica ao seu entorno, não significa dizer que se tornaram extremamente baixos. Na verdade, algumas edificações mais deterioradas passam exercer a função de moradia para um elevado número de pessoas, enquanto outras permanecem fechadas, com nítida função especulativa de valorizar a terra urbana. De qualquer forma, o valor que se atribui à terra urbana e ao metro quadrado continua consideravelmente elevado nas áreas centrais.

A decadência e a refuncionalização das áreas centrais, atribuiu funções de comércio e de serviços que atendem, sobretudo, a população de baixa renda, sendo perceptível à luz do dia o grande fluxo de pessoas e intenso tráfego de veículos, dificuldade para estacionar e a presença constante do transporte coletivo, com linhas de ônibus que interligam o centro aos diferentes bairros e distritos. Durante a noite são áreas cada vez mais esvaziadas, normalmente inseguras para o deslocamento de pessoas. As praças como espaços abertos voltados ao lazer servem durante o dia como meros locais de passagem, durante a noite se entregam ao abandono e muitas vezes à moradia daqueles despossuídos inseridos em situação de exclusão social.

Segundo Ribeiro Filho (2004, p.160) as áreas centrais passaram ao longo do tempo por processos de reestruturação que resultaram “nas ações de interesses entre o Estado e setor imobiliário, estando associadas às necessidades de adequar a forma urbana ao novo contexto social e à acumulação do capital”. Inúmeras ações se estabeleceram em cidades de variados países, inicialmente na Europa e nos EUA, para em seguida ocorrer, por exemplo, no Brasil, com foco no alargamento de vias públicas para favorecer a circulação do automóvel, na remoção de cortiços e moradias precárias, dentre outras medidas.

Nesse panorama é que surge no final do séc. XX em escala internacional, novas formas de renovação, como a revitalização e a gentrificação, sendo tais ações associadas à ideia de reabilitação ou revalorização dos centros das grandes cidades. (RIBEIRO FILHO, 2004).

Portanto, imbricadas em um movimento dialético e contínuo, as áreas centrais atualmente mesmo sujeitas a processos de desvalorização e não atrativas para as elites enquanto lugar de consumo e lazer, também podem se renovar, ou ao menos parte delas recebem investimentos pontuais. Isso ocorre por meio de tombamentos, restauração de fachadas, reforma de praças, instalação de equipamentos culturais (salas de espetáculos), atividades gastronômicas etc., que (re)valorizam e servem para atrair pessoas com interesses diversificados e até um razoável poder de consumo.

A presença de tais projetos também atinge outros lugares estratégicos ao longo da malha urbana, seja em antigas estações ferroviárias, pontes ou viadutos desativados, galpões de antigas fábricas, bem como inúmeras áreas de fundos de vale. Nestas últimas verifica-se a forte conotação com o uso compartilhado entre equipamentos culturais, práticas de recreação e esportes ao ar livre e o almejado contato com a natureza, cada vez mais raro ao modo de vida urbano.

As diversas intervenções urbanísticas correspondem a projetos públicos ou de iniciativa privada que visam atingir áreas antigas ou até relativamente recentes (estratégicas funcionalmente) da malha urbana das grandes cidades, seja com a finalidade de apresentar uma reestruturação ou revitalização funcional, a recuperação ou reabilitação arquitetônica e a reapropriação social e cultural.

Attux (2001), com base em Simões Jr. (1994), destaca cronologicamente a divisão das intervenções urbanas em três momentos. O primeiro remete ao embelezamento urbano a partir da França do Séc. XIX (meados de 1850). O segundo corresponde à ideia de renovação urbana inspirada na Carta de Atenas (1933), com o surgimento do urbanismo racionalista ou funcionalista, onde a cidade deveria cumprir os fundamentos de habitar, trabalhar, recrear e circular. O terceiro remete à década de 1970 com a ideia de revitalização urbana, como reação ao modelo de planejamento moderno, surgindo ações baseadas no revivalismo seletivo de estilos antigos visando preservar a história, a vitalidade das áreas urbanas em decadência. Surge assim, a ideia da humanização dos espaços através de sua valorização e preservação, com incentivo ao turismo, ao lazer e à cultura.

Carreras (1994) destaca o amplo processo de requalificação urbana implementado em Barcelona como exemplo, levantando que a iniciativa pública lidera o desenvolvimento de projetos que tinham como foco o ócio, ou seja, abrindo ao capital privado o uso das instalações

olímpicas (pós Olimpíadas de 1992), do centro principal e áreas portuárias. Tal projeto remodela o uso do espaço público e corresponde a uma iniciativa bem-sucedida que insere a cidade no circuito do grande capital atrelada à imagem de internacionalização, entendendo-a como um grande espaço para consumir.

Esse processo de revitalização reflete na revalorização dos espaços modificados, sendo que as modificações inseridas nas antigas formas garantem a criação de uma nova paisagem, que contempla o antigo/ histórico com os novos usos, com uma cara moderna, que se integra às necessidades e estratégias do sistema econômico vigente.

Muñoz (2004) sugere a presença de uma “urbanização” presente no contexto atual, referindo-se a uma paisagem urbana comum a qualquer lugar – expressão dos países centrais de economia avançada. Ocorre em virtude da especialização das áreas e da segregação socioespacial, dessa combinação criam-se os espaços tematizados (comuns e padronizados).

Tal processo não corresponde apenas ao apagamento das diferenças, mas apresenta uma dinâmica intrínseca muito mais complexa, articulada em torno de uma espécie de gestão das diferenças. Obter como resultado uma paisagem comum, torna-se necessário também conseguir absorver, em certo grau, o caráter local, que se encontra sempre ajustado, eliminando os seus elementos incômodos, que são adaptados de forma a se tornarem apropriados para um gosto global. O local aparece, então, nesses arranjos como o diferente, que confere mais-valia a paisagens homogeneizadas. (MUÑOZ, 2004).

Nesta perspectiva é que inúmeros projetos revitalizadores foram e vêm sendo instalados em muitas cidades brasileiras, com foco principal nos centros históricos. Embora seja possível ressaltar o embelezamento associado a tais projetos, muitas ações visam afastar dos centros ou de determinados locais específicos os segmentos sociais indesejáveis que aí residem em moradias precárias ou mesmo pelas ruas e praças.

Sem querer nos alongar, é possível trazer à tona inúmeros exemplos. Dentre estes apontamos dois presentes nas principais metrópoles brasileiras: na cidade do Rio de Janeiro através do intitulado projeto do “Porto Maravilha”, no entorno da região portuária; em São Paulo, o projeto “Nova Luz”, nas adjacências da “cracolândia”¹⁵ na região central da capital paulista.

Tanto um quanto o outro, resultam em procedimentos de revalorização das áreas em destaque, sendo o primeiro marcado pela disputa entre os sem teto e os interesses do

¹⁵ O termo “cracolândia” refere-se a uma denominação popular designada para identificar um local na região central de São Paulo marcado pela constante presença de inúmeros usuários e traficantes de drogas pelas ruas.

empresariado com o aval do poder público para revitalização da área do antigo porto no centro da cidade, voltado para servir de referência ao segmento turístico tendo em vista os eventos esportivos que foram realizados em escala planetária entre os anos de 2014 e 2016 (Copa do Mundo e Olimpíadas, respectivamente). No segundo caso, trata-se da revitalização do entorno das antigas estações de trem (Luz e Júlio Prestes) e conseqüentemente de reconduzir o capital imobiliário para investir em novos prédios residenciais, incluindo também a parceria público - privada, o que passa pelo embate entre tais interesses e os inúmeros excluídos (sem teto e usuários de drogas) espalhados pelas ruas.

Faz-se necessário pensar na revitalização urbanística como um meio de gerar espaços qualificados para todos, e não para atender um segmento em específico, voltado para o poder econômico. Porém, na prática o capital vê na revitalização de áreas centrais (por exemplo) riquíssimo meio a ser explorado. Os processos de gentrificação se tornaram comuns nas grandes cidades a partir das décadas de 1960 e 1970, obrigando a população pobre a se deslocar para locais mais precários e vulneráveis, enquanto aqueles que resistiram ficaram nos arredores da área central. De uma forma geral, inúmeros terrenos ou antigos prédios que não foram demolidos, ao longo do tempo geraram um passivo social e espacial conforme Souza (2011) destaca.

Mesmo sendo vistos nitidamente como projetos que se tornaram viáveis ao capital imobiliário, as ações de revitalização devem incluir, ao menos em tese, um resgate do valor simbólico relacionado ao patrimônio histórico, artístico e arquitetônico. A melhoria econômica que viabilize os moradores do entorno, a humanização dos espaços, o aumento dos espaços de lazer, o incentivo às habitações de interesse social, a preocupação com o meio ambiente e a participação social na concepção e implantação das diretrizes propostas.

No contexto de Uberlândia, é possível exemplificar um projeto de revitalização da área central proposto pela Prefeitura Municipal no ano de 2009. Alves, L. e Ribeiro Filho (2013, p.08) destacam que a ideia do projeto proposto visava assegurar a vitalidade da área central, intitulado “Projeto de Requalificação da Área Central e Fundinho Integrado ao Contexto dos Bairros”. O projeto foi pautado “(...) na busca de uma requalificação embasada na mobilidade sustentável e acessibilidade universal, priorização dos transportes não motorizados e coletivos, (...), melhoria da mobilidade, em consonância com as propostas e instrumentos do Plano Diretor - 2006”, incluindo a dinamização da área via diversificação dos usos, reutilização dos espaços e melhoria da infraestrutura.

Esse exemplo de Uberlândia mostra, a priori, a ideia de priorizar a mobilidade e a presença da mobilidade de pedestres, em contrapartida ao intenso fluxo de transporte individual.

Será discutido mais especificamente a realidade intraurbana da cidade no decorrer das Seções 3, 4 e 5, com o intuito de entender a dinâmica interna da cidade no que compete ao consumo do espaço por meio do lazer.

Observa-se com base nessas considerações que, de uma forma geral, esses projetos procuram reorientar os fluxos presentes em locais específicos dos centros urbanos, principalmente nas áreas centrais que sofreram processos de desvalorização devido à saída dos segmentos de médio e alto poder aquisitivo, seja através da mudança das moradias, ou na busca por consumo e lazer em outros locais. É importante questionar como a atividade do lazer aparece inserida na agenda de tais projetos, pois é muito comum existir prioridade na implementação de bares, restaurantes e casas noturnas que são inseridas ou se customizam com a presença da revitalização. Por outro lado, é relevante pensar em uma agenda para os espaços públicos e que estes possam contar com a participação popular na composição de tal agenda de lazer.

Marcellino (2000, p.25) destaca que “(...) democratizar o lazer implica em democratizar o espaço. E se o assunto for colocado em termos da vida diária, do cotidiano das pessoas, não há como fugir do fato: o espaço para o lazer é o espaço urbano”.

Nessa perspectiva, continua o autor afirmando que “os espaços preservados e revitalizados contribuem de maneira significativa para uma vivência mais rica da cidade, quebrando a monotonia dos conjuntos, estabelecendo pontos de referência e mesmo vínculos afetivos” (MARCELLINO, 2000, p.28).

A partir dessa lógica, que busca visualizar a cidade como espaço de lazer, significa pensar que o espaço de lazer de um morador que habita um condomínio ou loteamento fechado, de médio a alto padrão aquisitivo, não é o mesmo que o de outro morador da mesma cidade que habita um bairro mais pobre. Isso nos remete à ideia da existência de uma apropriação desigual do espaço intraurbano, o que reflete uma lógica de fruição desigual da prática e da contemplação do lazer.

Essa lógica desigual de apropriação do lazer é que propicia a identificação de diferentes espaços no âmbito das cidades, sendo possível perceber a presença de espaços qualificados com infraestrutura que podem não atender a uma grande demanda de pessoas que, em contrapartida, usufruem precariamente ou convertem outros espaços não convencionais ao seu lazer. A seguir, destaca-se na próxima Seção o surgimento da discussão teórica acerca do lazer na sociedade, bem como a lógica do consumo do espaço através da relação público x privado, com foco no contexto dos espaços públicos, no intuito de (re)pensar a importância desses para o lazer na cidade atual.



Praça Clarimundo Carneiro (Setor Central), Uberlândia (MG), 2021.

**ESPAÇOS PÚBLICOS E LAZER: UM ESTUDO A PARTIR DA LÓGICA
CAPITALISTA**

2 – ESPAÇOS PÚBLICOS E LAZER: UM ESTUDO A PARTIR DA LÓGICA CAPITALISTA

2.1- A relevância do lazer na sociedade capitalista

A prática e o consumo do lazer se fazem presentes atualmente como um dos componentes de grande relevância na dinâmica das cidades contemporâneas, sobretudo na realidade das metrópoles e das cidades médias, sendo sua espacialidade e territorialidade fundamental para a vivência cotidiana do espaço urbano.

Ao elencar tal discussão, deve ser levado em consideração que vivemos em uma sociedade que apresenta forte valorização ao uso de um suposto tempo voltado para a recreação ou entretenimento em nome da qualidade de vida, sobretudo, através de atividades marcadas pela *'performance'*, seja pela busca incessante por um corpo saudável, ou até como meio de ver e ser visto, sendo representativa a conotação dada ao poder de consumo. Tais atividades, nem sempre disponíveis para os segmentos sociais mais desprovidos economicamente, muitas vezes deturpam o real sentido do lazer, pois atrelam forte relevância ao fator financeiro, culminando ainda mais nas desigualdades no espaço urbano e no limite em fatores de exclusão social e segregação espacial.

Antes de adentrar em uma discussão que envolve propriamente uma tentativa de conceituar o lazer, com foco em suas diferentes abordagens, cabe fazer uma ressalva a respeito da pequena expressividade dada às suas implicações nos estudos geográficos, sobretudo, às implicações espaciais decorrentes do uso do *'tempo livre'* ou *'disponível'*. Isso reforça uma das vertentes fundamentais para se pensar a evolução do lazer na sociedade, conforme visualiza-se adiante.

Na visão de Mascarenhas de Jesus (2003), ao tentar lidar com uma discussão acerca da utilização do tempo livre, possível de se vivenciar o lazer, verifica-se a pouca expressividade dada a essa discussão na literatura geográfica. Assim:

Cabe aos geógrafos, indubitavelmente, o estudo de suas implicações territoriais ou, no sentido mais geral, de sua espacialidade. Entretanto, esta dimensão espacial permanece pouco estudada, pois quando examinamos a trajetória do pensamento geográfico, o que se percebe em seu extenso e mutante repertório temático é justamente a escassez de preocupações quanto ao uso do tempo livre. (MASCARENHAS de JESUS, 2003, p.8).

É possível constatar uma ênfase interdisciplinar dada aos estudos do lazer, embora tal discussão tenha sido consolidada no âmbito das Ciências Sociais, especificamente na Sociologia. Parker (1978) é um desses autores que faz referência a essa ênfase interdisciplinar,

comenta genericamente a preocupação central de alguns campos de estudo em relação à temática. O autor destaca o especial interesse nos fatores espaciais e ambientais por parte de geógrafos sociais. Em período mais recente é possível constatar uma produção que envolve a temática no campo geográfico ainda incipiente, como por exemplo, através do efeito das políticas públicas em áreas de exclusão social em cidades médias¹⁶.

No que tange ao seu surgimento na história, bem como sua possível conceituação, inúmeros autores vêm apresentando um debate que ora o aproxima da ideia de tempo, ora de atitude. Concomitantemente, ora o considera como um fenômeno presente desde as sociedades mais antigas, ora como algo propagado a partir do advento da industrialização nos países desenvolvidos, instituído fundamentalmente a partir da separação do ‘tempo do relógio’, excluído o tempo destinado à produção por meio do trabalho (labor).

Será abordado, então, um panorama geral da possível origem do que passou a ser denominado e conhecido como lazer ao longo do tempo. A palavra lazer, conforme ressalta Medeiros (1975) e Andrade (2001), vem do latim ‘*licere*’ e significa ser lícito, permitido. Portanto, esse termo oriundo do latim remete à ideia de permissão, ou seja, de liberdade, num contexto que liberta o indivíduo de obrigações para desfrutar prazerosamente seu dia.

Ao se referir à origem do lazer, torna-se possível, inicialmente, pensá-lo sob um viés que o considera como um fenômeno sempre presente na humanidade. Medeiros (1975) já associando a realização do lazer à condição de “tempo”, apresenta sinteticamente sua inserção em diferentes sociedades e períodos históricos.

Pode-se dizer que desde as sociedades primitivas há uma mistura entre o tempo de lazer e o tempo de trabalho, não havendo grande separação, sendo comum desde o período pré-clássico, passando por Grécia e Roma antiga, a ideia da possibilidade do desfrute de horas prazerosas por parte dos privilegiados presentes nessas sociedades. Em contrapartida, os servos e escravos trabalhavam exaustivamente nessas sociedades para compensar o desfrute desses privilegiados. Na Grécia, os homens gozavam de intenso lazer, sendo que “(...) os grandes filósofos gregos justificavam a escravidão, porque permitia o lazer ao cidadão” (MEDEIROS, 1975, p.8).

Na Grécia antiga, o tempo livre recebia a denominação de ócio, e era atribuído maior valor a esse momento do que à vida de trabalho. De acordo com Bacal (2003, p.43):

¹⁶ Ver a Dissertação de Mestrado já mencionada anteriormente de Lucas (2007). “A prática do lazer em áreas urbanas sujeitas à exclusão social em Presidente Prudente – SP”.

Para o homem grego, o ócio não significava estar ocioso no sentido de não fazer nada, mas implicava operações de natureza intelectual e espiritual que se traduziam no exercício da contemplação da verdade, do bem e da beleza, de forma não utilitária.

Parker (1978, p.26 - 27) destaca que “a concepção grega de lazer se baseava numa associação à aprendizagem ou cultivo do eu, em lugar de basear-se em tempo livre”. Dessa forma, “(...) a concepção grega de lazer era realmente parte, de uma concepção mais ampla da natureza de um homem livre”. Essa valorização do ‘eu’ pode ser interpretada como sendo um momento utilizado pelos gregos para sua livre criação, seja nas artes ou na filosofia, momento este de plena liberdade, destinado para os indivíduos se dedicarem a suas aspirações individuais, em detrimento de atividades que pudessem estar ligadas as obrigações rotineiras.

De Masi (2000) ressalta que a concepção de ócio foi trazida pelos gregos, destacando as virtudes físicas e que essas estavam ligadas estritamente ao esporte, embora atualmente o ócio seja comumente atribuído a uma conotação negativa.

Quem trabalhava, isto é, suava, ou era um escravo ou era um cidadão de segunda classe. As atividades não - físicas (a política, o estudo, a poesia, a filosofia) eram ‘ociosas’, ou seja, expressões mentais dignas somente dos cidadãos de primeira classe. (DE MASI, 2000, p.15).

Esse contexto reforça claramente que as atividades prazerosas, dignas do pensar ou do exercitar-se fisicamente, eram exclusivas aos grupos abastados, aos “cidadãos de primeira classe”. Por outro lado, a provável maioria da população não tinha acesso, tempo e espaço destinado para tais atividades.

Posteriormente, na Idade Média, as possibilidades de lazer subordinavam-se à classe social de cada indivíduo, passando pelo critério do senhor e às exigências da associação à qual se pertencia. No período marcado pela “Renascença” ocorreu intensa valorização artística, literária, filosófica e científica, com valorização do tempo destinado ao pensar, numa espécie de retomada do pensamento grego no estilo de usufruir do ócio. (MEDEIROS, 1975).

O lazer, nesse sentido, esteve relacionado em uma escala de longa duração, ao processo de produção e reprodução da sociedade, numa tênue fronteira entre as atividades obrigatórias e não obrigatórias, mais possíveis de serem desfrutadas, obviamente, pelos grupos de pessoas mais privilegiadas.

As situações vividas até aquele momento se alteraram com a implantação da reforma protestante nos séculos XVI e XVII, uma vez que ocorreu uma supervalorização do trabalho e uma condenação do tempo livre, sendo este associado ao tempo “desperdiçado”.

Assim, o protestantismo justificou o tempo destinado ao lazer como ocioso e improdutivo, ou seja, tempo ocupado com práticas “sujeitas ao pecado”.

Para Andrade (2001, p.13), até o século XIX “(...) era quase dogmática a interpretação da mentalidade bíblica, segundo a qual os homens nasceram para trabalhar e seu trabalho era considerado como meio e forma de purgação de pecados ou culpas”. Dessa forma, de acordo com Weber (1967), percebe-se que o dever religioso principalmente protestante, associado ao trabalho intensifica a ideia de produção para servir o capital juntamente como forma de servir a Deus.

A associação do lazer visto por um lado, como um fenômeno presente desde as diferentes sociedades pré-industriais, não possibilita identificá-lo claramente como uma atividade ou tempo desanexado das atividades laborais.

Para alguns, absolutamente privilegiados do ponto de vista de sua posição social e econômica, as atividades ou mesmo o tempo destinado a situações que proporcionassem prazer (discutíveis se já se expressavam como lazer), esteve amplamente presente nas diversas sociedades. Enquanto para os grupos de pessoas menos favorecidas, houve o predomínio do trabalho que, mesmo assim, era mais entrelaçado por algumas pausas, o que não necessariamente se revertia em atividades ou tempo destinados ao prazer/satisfação do indivíduo.

Com o início da Revolução Industrial (meados do Séc. XVIII), ocorre uma alteração brusca do tempo destinado ao trabalho, com drástico aumento, por meio da padronização e especialização da produção, o que fez o trabalhador se tornar um condutor de máquinas. Em 1825 são iniciadas na Inglaterra as reivindicações dos operários que visavam a redução da jornada de trabalho, no entanto, “o lazer não figurava ainda como reivindicação valiosa por si mesma” (MEDEIROS, 1975, p.26).

Com o decorrer da revolução industrial chegaram a ser estabelecidas longas jornadas de trabalho por dia. Paulatinamente, com a criação e organização dos movimentos operários e de constantes reivindicações organizadas, a jornada de trabalho se reduziu inicialmente nos países que se encontravam no centro do modo de produção capitalista, onde primeiro se conheceu os avanços e impactos da indústria.

Nesse período, Paul Lafargue escreveu o manifesto intitulado “O Direito à Preguiça”. De acordo com Chauí (2000, p.23), esta obra apresenta:

(...) um painel da sociedade burguesa, visando alcançar o proletariado no nível da consciência de classe e por isso é a crítica da ideologia do trabalho, isto é, a exposição das causas e da forma do trabalho na economia capitalista, ou o trabalho assalariado.

É possível refletir que essa livre interação entre o trabalho e o restante da vida das pessoas, existente num período anterior ao advento da revolução industrial, questionada por alguns e enfatizada por outros como possível de se vivenciar momentos supostamente voltados para o lazer, é substituída a partir do início da industrialização, responsável pela subordinação ao tempo do relógio, que contribui para a divisão do tempo destinado às diversas esferas da vida, sobretudo nas cidades.

Nesse sentido, o lazer é concebido para outro ponto de vista como fenômeno típico da sociedade industrial. Passa a fazer sentido a partir do momento que existe uma nítida separação entre o tempo imposto ao trabalho e o restante do tempo, em boa parte revertido em descanso para reposição das energias utilizadas na intensa jornada de trabalho, não necessariamente vinculado em um primeiro momento, ao usufruto do “tempo livre”.

Parker (1978) argumenta que embora o lazer possa ser verificado nas mais diferentes sociedades e nos mais diversos períodos históricos, ganha conotação diferente com o período industrial. Assim:

É possível argumentar que o lazer nunca existiu para as massas populares enquanto parte separada da vida, até ser conquistado em razão dos períodos de trabalho excessivamente longos. Segundo esse princípio, o lazer poderia ser considerado um produto da sociedade industrial. (PARKER, 1978, p.29).

Dumazedier (1999, p.27) contesta tal visão sobre a presença do lazer nas sociedades pré-industriais, ao destacar não ser possível acreditar que “(...) a ociosidade dos filósofos da antiga Grécia ou dos fidalgos do Séc. XVI possa ser chamada de lazer. Estes privilegiados da sorte, cultos ou não, faziam pagar sua ociosidade com o trabalho dos escravos, dos camponeses ou dos valetes”. No dizer do autor, o lazer surge como decorrência do avanço da técnica que permitiu a expansão da sociedade industrial. Nesse sentido:

Nas sociedades pré-industriais do período histórico, o lazer não existe tampouco. O trabalho inscreve-se nos ciclos naturais das estações e dos dias: é intenso durante a boa estação, e esmorece durante a estação má. Seu ritmo é natural, ele é cortado por pausas, cantos, jogos, cerimônias. Em geral se confunde com a atividade do dia (...). Entre trabalho e repouso o corte não é nítido. Nos climas temperados, no decurso dos longos meses de inverno, o trabalho intenso desaparece para dar lugar a uma semi - atividade durante a qual a luta pela vida é, muitas vezes, difícil. (...) Esta inatividade é suportada; ela é amiúde associada a um cortejo de adversidades. Evidentemente, não apresenta as propriedades do lazer moderno. (DUMAZEDIER, 1999, p.26).

Diante dessas vertentes, as quais apresentam concepções diferenciadas no que se refere ao surgimento do lazer, é possível identificar o lazer ora por um viés que o considera como uma atividade (prática ou contemplativa) sempre existente na vida do homem, ou por outro lado, como produto e expressão da sociedade industrial.

Ao considerar o lazer como produto do período industrial, é possível admitir que a forma como o lazer passou a ser incorporado na sociedade urbano-industrial é resultante de uma drástica separação do “tempo” na vida das pessoas, especificamente das massas trabalhadoras. “Quando o lazer penetra na vida rural das sociedades modernas, é porque o trabalho rural tende a organizar-se segundo o modo de trabalho industrial e porque a vida rural está penetrada pelos modelos da vida urbana que correspondem a ele” (DUMAZEDIER, 1999, p.28).

Parker (1978, p.34) destaca que “se o lazer for realmente um produto da sociedade industrial, deve-se esperar que as influências sociais sejam mais fortes do que as individuais, e as semelhanças entre as formas como as pessoas usam seu lazer devem ser maiores do que as diferenças”. Para o autor, não há simplesmente padrões de lazer para um tipo de classe ou outro, mas também “(...) diferentes abordagens ao lazer, baseadas em distinções de classes, em relação a outras esferas da vida e, em especial ao trabalho”.

Na visão desse autor, a ideia do lazer visto sob a ótica de produto da sociedade industrial corresponde a um modelo que impõe um padrão a ser seguido, um padrão social, deixando de lado as aspirações individuais que são consideradas relevantes na vida do indivíduo. Nesse raciocínio, as aspirações individuais correspondem às escolhas pessoais e vão além dos padrões impostos a partir da industrialização, levando a pressupor a existência do lazer em períodos pretéritos e, ao mesmo tempo, a presença de uma nova concepção advinda da sociedade industrial.

De qualquer forma, Parker pondera que esse tipo de lazer, visto através desse crivo que separa radicalmente as atividades obrigatórias e o tempo ligados ao trabalho das outras esferas da vida, é produto da sociedade industrial. Na visão de Dumazedier, o lazer não pode ser verificado através das pausas aleatórias, presentes, por exemplo, nos ciclos naturais ou intempéries que impediam as atividades ligadas ao trabalho nos períodos pré-industriais, devendo ser identificado como uma prática especificamente ligada ao período de (não) trabalho. Portanto, oriundo dessa segmentação das atividades desenvolvidas durante o dia, entre a obrigatoriedade e a não obrigatoriedade, sendo marca dessa sociedade industrial.

Torna-se evidente que, com a expansão da era industrial e a crescente ascensão da produção em grande escala decorrente dessa fase, o processo de urbanização se intensifica e a vida nas cidades impõe uma divisão cada vez mais voraz no(s) tempo(s) e espaço das pessoas, verificando-se um aumento brusco do período destinado ao trabalho, sendo dicotomizadas as parcelas do tempo no dia a dia.

Nesse contexto é que constantes reivindicações por mais tempo fora do trabalho vêm à tona, pois a pequena parcela de tempo restante aos trabalhadores, além do trabalho, era

destinada para a reposição das energias físicas e das necessidades fisiológicas, não podendo pensar em momentos dedicados a algum tipo de atividade prazerosa e descompromissada.

Ao pensar nas formas de conceber o que constitui o lazer, apresentam-se duas linhas gerais, uma delas associa o lazer à ideia de tempo livre, a outra considera o lazer como uma atitude, sendo que ambas contemplam aspectos fundamentais para o seu entendimento.

Segundo Marcellino (2003, p.23-24):

Entre os estudiosos do lazer não há ainda um acordo na forma de entendê-lo, sendo que podemos distinguir pelo menos duas grandes linhas: a que se fundamenta na variável atitude e considera o lazer como um estilo de vida, portanto independente de um tempo determinado; e a que supõe esse tempo, situando-o como “tempo liberado” do trabalho ou como “tempo livre”, não só do trabalho, mas de outras obrigações: familiares, sociais, políticas e religiosas, enfatizando a qualidade das ocupações desenvolvidas.

Ainda de acordo com Marcellino (2003), é possível destacar que essa vertente, a qual considera o lazer um estilo de vida ou uma atitude¹⁷, prevê a possibilidade de momentos de lazer até no próprio ambiente de trabalho, desde que exista uma relação de satisfação, através de uma ligação entre o sujeito e a experiência vivida, não fazendo sentido a circunstância de tempo.

Essa afirmação nos faz refletir sobre a possibilidade do lazer ser encontrado nos diversos ambientes, se confundindo com o próprio trabalho dependendo da satisfação proporcionada, o que pode levar a pensar em um caráter de não distinção entre o que compreende respectivamente, ao lazer e ao trabalho.

O lazer encarado apenas como atitude, como estilo de vida, fica na dependência exclusiva da relação da pessoa envolvida com a atitude. E, assim, qualquer atividade poderia ser considerada lazer, até mesmo o trabalho, desde que atendessem a determinadas características, como a escolha individual, e um nível de prazer e satisfação elevados. (MARCELLINO, 2000, p.10).

Mesmo ao levar em conta a individualidade, observa-se que nem todo espaço de trabalho proporciona prazer, ocorrendo na maioria das vezes o contrário, pois grande parte desses espaços desempenha um caráter rotineiro e até hostil, gerador de insatisfação, sobretudo, devido à forte relação de imposição e rotina que se encontra presente.

A outra linha teórica citada por Marcellino, a qual inclui o lazer a um tempo determinado, pode ser considerada a partir da ênfase no uso do tempo livre¹⁸, frequentemente difundida no Brasil e no mundo. Esta linha teórica se propagou e influenciou inúmeros estudos acerca da temática.

¹⁷ O sociólogo David Riesman é um dos principais representantes desta linha teórica.

¹⁸ Considerações elaboradas a partir dos estudos do sociólogo Jofre Dumazedier.

Para Dumazedier (2001, p.34), o lazer compreende o,

(...) conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Esse autor destaca o lazer como algo que possa vir a ser desenvolvido na esfera do tempo livre, nos momentos de total liberdade, os quais o indivíduo possui para se portar da maneira que lhe for desejada, pressupondo não haver mais nenhuma obrigação a ser cumprida, nem mesmo com relação a algum tipo de atividade desenvolvida no próprio âmbito familiar que reflita um cunho obrigatório. A presença de seus estudos obteve grande difusão e influência entre os pesquisadores brasileiros.

Dumazedier (1999) destaca que, historicamente, o direito ao lazer é definido em relação ao trabalho profissional. A liberação do tempo e das obrigações profissionais é acompanhada de um duplo modelo de destinação do tempo, sendo presentes de um lado, o “tempo livre propriamente dito” e de outro, as obrigações sociofamiliares (familiares, conjugais e domésticas), as de cunho sociopolítico e sociorreligioso. Em sua visão, essas outras atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho não se constituem em tempo livre para o lazer.

O presente autor critica veementemente a ideia de atrelar o lazer como um estilo de comportamento, ou algo possível de ser encontrado em qualquer atividade. Assim,

(...) a criança não confunde recreação com trabalho escolar; o adulto não pode absolutamente confundir seus lazeres com as obrigações do trabalho profissional ou doméstico, mesmo quando encontra prazer nestes últimos. Porém esta liberdade é sempre limitada, condicionada. (DUMAZEDIER, 1999, p.58).

Um segundo enfoque criticado pelo autor se traduz a partir da noção de diferenciar o lazer somente em relação ao trabalho profissional. O que, em sua visão, também não é suficiente para se compreender com clareza o conceito de lazer, pois o restante do tempo, geralmente sobrecarregado de obrigações familiares, não deve corresponder ao lazer. Um terceiro enfoque, alvo de críticas, refere-se a uma abordagem que separa o lazer de atividades profissionais e familiares, mas deixa-o em conjunto com atividades sociopolíticas e/ ou socio espirituais. Para o autor, “(...) a tomada de responsabilidade sócio-política (ou sócio-espiritual) pode lhe trazer uma satisfação profunda; ela pode efetuar-se numa atmosfera de festa, mas pode exigir, ao contrário, uma disciplina, um sacrifício penoso”. (DUMAZEDIER, 1999, p.91).

O quarto enfoque, compreende na visão do autor, uma forma mais apropriada de orientar a consumação do tempo de lazer, refere-se à “realização da pessoa como fim último”,

juntando-se as propriedades resultantes da combinação de um caráter liberatório, hedonístico, desinteressado e pessoal (DUMAZEDIER, 1999). A atividade de lazer se associa assim à existência de situações prazerosas no âmbito do tempo livre, sendo totalmente desvinculada de qualquer tipo de obrigação ou imposição social.

De qualquer forma, cabe uma reflexão se realmente existe um tempo absolutamente desvinculado de qualquer tipo de responsabilidade ou necessidade de cunho social, já que mesmo ao usufruir o ‘tempo livre’, encontramos sujeitos a pensar de forma organizada, carregando tensões acerca de outras demandas cotidianas que ocorreram ou estão por vir. É importante mencionar que a sociedade atual é cada vez mais impulsionada pelo consumo, no tempo livre ou liberado do trabalho, onde é recorrente a indução e vinculação ao consumo do entretenimento, seja através de viagens, filmes, passeios a restaurantes, bares etc.

Ao entender o tempo livre como o momento ideal para a realização do lazer, torna-se possível indagar, será que existe ‘tempo livre’ para todos? Com toda certeza essa resposta parece óbvia, não apenas com relação ao tempo livre, mas também com relação à apropriação do espaço para o lazer, sendo que a própria localização do indivíduo é marcada por entraves ou barreiras que dificultam seu acesso à cidade e seus equipamentos (culturais, esportivos etc.), como cidadão dotado de direitos conforme Santos (2014) apresenta. Este cidadão, sujeito com frequência a processos excludentes (de ordem econômica e espacial, por exemplo), mesmo com acesso ao tempo liberado das atividades profissionais, dificilmente consegue revertê-lo em tempo livre para o lazer.

De toda forma, Dumazedier (1999, p.153) faz uma ressalva ao considerar a expansão do lazer materializado a partir do tempo livre para o mundo ocidental contemporâneo, destacando que, “nas sociedades com economia retardada as necessidades de alimentação, roupas, moradia, são tais que os trabalhadores que já aderiram aos valores da civilização moderna desejarão provavelmente ganhar mais dinheiro que tempo livre”. Ainda enfatiza que não basta se referir de forma específica às funções do lazer em relação ao trabalho, mas levantar outros fatores, em relação ao espaço, como a distância entre o local de habitação e o trabalho, além da qualidade das habitações e a disposição do espaço urbano.

Para Parker (1978, p.12) “enquadrar o lazer como tempo livre é uma visão extremamente simplista”. Assim, não se pode enquadrar a riqueza de opções proporcionadas pelas atividades de lazer a um único período, sem mesmo se importar com o caráter das atividades desenvolvidas nesse tempo. O autor considera que embora o lazer possa remeter a atividades de livre escolha do indivíduo, não se deve deixar de lembrar que não existe tempo totalmente desvinculado de coações normativas.

O presente autor destaca ser muito complicado definir e conceituar o lazer, pois é possível considerar diferentes enfoques. Um deles seria pensar nas 24 horas do dia e subtrair os períodos do dia que compreendem atividades obrigatórias, como trabalho, alimentação e necessidades fisiológicas. Outro seria pensar na qualidade das atividades realizadas nesse tempo livre. Destaca-se também, a junção dessas duas ideias, sendo possível vê-lo como “(...) uma série de ocupações as quais o indivíduo pode comprar-se de livre e espontânea vontade”. (PARKER, 1978, p.19).

Ao discordar com a visão específica de lazer desenvolvida por Dumazedier, Parker (1978, p.21) afirma que “uma compreensão adequada de lazer exige que consideremos tanto as suas dimensões de tempo quanto de atividade”. É inadequado em sua visão, classificar o lazer somente como tempo livre, pois o tempo que um desempregado possui com certeza não é visto por ele mesmo como tempo de lazer.

É relevante pensar que lazer e trabalho são dois conceitos intrínsecos, podendo o lazer ser visto como algo que pressupõe o trabalho. Esse tipo de tempo ocioso, sem ocupação com qualquer tipo de atividade profissional não pode constituir-se em tempo e nem em atividade de lazer. Para pressupor a vivência de momentos de lazer, o indivíduo deve estar em primeiro lugar inserido em alguma atividade que garanta a sua manutenção e sobrevivência, até porque o lazer também constitui, fundamentalmente, um ato de consumo, geralmente agregado de forte apelo ao consumo de mercadorias.

Marcellino (2003, p.24-25) ressalta que:

O conceito de lazer que se restringe à consideração do tempo também incorre em áreas nebulosas, uma vez que, como as exemplificadas pelo fato de que o mesmo indivíduo pode, em um dado período de tempo, desenvolver atividades simultâneas. (...) Nas relações sociais tempo algum é totalmente livre de coações ou de normas de conduta.

Para o presente autor seria mais correto falar em tempo disponível, a partir da possibilidade de usufruir um tempo concebido (mas não completamente livre) após o cumprimento de outras obrigações, definindo assim, o “lazer como a cultura compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível”. (MARCELLINO, 1995, p.31).

Torna-se possível refletir acerca de uma cultura que agregue qualidade nas ocupações e atividades desempenhadas, no intuito de considerar atividades que vão além da prática física do lazer, ao também levar em conta sua contemplação, desde que seja do interesse de cada um.

Pensar na existência de um tempo disponível parece ser mais oportuno. Ao levar em conta a possibilidade de usufruir de algo ofertado a partir da desvinculação provisória de outras atividades obrigatórias, as quais contemplem satisfatoriamente o indivíduo, incluindo a presença de atitudes que proporcionem prazer nas ações realizadas e nos espaços que são destinados.

Marcellino (2003) chama a atenção para que o lazer seja considerado em sua conceituação com base nas duas perspectivas destacadas até agora, tanto como “atitude” quanto “tempo”, sendo necessário atrelar a ideia de qualidade e satisfação nas ações ao usufruir este lazer. Mesmo ao focar a importância de um tempo específico (disponível), deve ficar evidente que esse tempo não se encontra isolado das problemáticas presentes em outras esferas da vida. Também alerta para os perigos de partilhar de uma visão funcionalista¹⁹, ou seja, atribuir ao lazer a ideia de algo “útil”, que sirva exclusivamente para compensar os desvios de conduta e o cansaço físico e mental oriundos do mundo do trabalho.

Essa visão funcionalista é focada nas abordagens “romântica”, “moralista”, “compensatória” e “utilitarista”. Em todas as abordagens,

(...) pode-se depreender uma visão ‘funcionalista’ do lazer, altamente conservadora, que busca a paz social, a manutenção da ordem, instrumentalizando o lazer como recurso para o ajustamento das pessoas a uma sociedade supostamente harmoniosa, ou fator que ajuda a suportar a disciplina e as imposições sociais e a ocupar o tempo com atividades equilibradas e corretas do ponto de vista moral. (MARCELLINO, 2000, p.48).

Essas abordagens colocam o lazer como “válvula de escape”, visando garantir a manutenção do “*status quo*”, não se verificando uma efetiva intenção em ver o lazer como algo realmente humanizador, ou seja, como um fim prazeroso em si mesmo, vendo-o apenas como um instrumento diminuidor das tensões proporcionadas no trabalho.

Ao associar o lazer como assimilador de tensões, torna-se perceptível o interesse em desviar a atenção dos problemas sociais, pessoais e, por que não, socioespaciais. Apresenta-se assim, a possibilidade de pensar no “antilazer”, o qual constitui uma construção ideológica que tem como objetivo garantir a ordem, servindo de instrumento de dominação. Para Marcellino (2000, p.49), esse antilazer corresponde a “(...) simples atividades a serem consumidas alimentando a situação alienada”.

Padilha (2003) faz duras críticas a uma visão amplamente divulgada atualmente que remete à existência de uma “civilização do tempo livre” ou do “ócio criativo”, ao afirmar que

¹⁹ Marcellino destaca que vários autores brasileiros apresentaram o lazer calcado na ideia de tempo livre e baseado nessa visão funcionalista. Entre eles, Requixa (1973) e Medeiros (1975).

devem ficar claras as grandes diferenças existentes nos países capitalistas, sendo presentes em muitos a extrema miséria, violência etc. Não é possível falar em “ócio criativo” em espaços marcados por problemas de toda ordem, onde o trabalho é desenvolvido em sua maioria na informalidade.

O lazer contemporâneo, portanto, pode ser visualizado a partir da presença maior em termos de “horas disponíveis”, de possibilidades de práticas e de consumo (passivo ou ativo), sobretudo, a partir dos chamados países desenvolvidos que se encontram no centro do sistema capitalista (foco na Europa Ocidental e na América Anglo Saxônica).

A atividade industrial foi marcadamente importante na delimitação obrigatória do tempo, separando-o entre as várias esferas da vida e com foco no trabalho, deixa de ser o pivô principal na ocupação dos empregados em muitos países e, conseqüentemente, em importantes centros urbanos²⁰. Passa a ser cada vez mais expressiva a presença dos serviços, sejam especializados, mais presentes nas áreas que se encontram no centro do sistema capitalista, sejam através dos inúmeros serviços informais, em grande quantidade nas áreas que se encontram na periferia do capitalismo. No âmbito desta expansão dos serviços, é possível elencar um complexo de atividades e equipamentos que têm como foco justamente atender ao lazer nos centros urbanos e, em última instância, o segmento do turismo.

Ao refletir acerca da atividade do lazer no mundo atual, fica evidente sua importância tanto prática quanto contemplativa para a sociedade. Possibilidade indispensável de relaxamento, formação intelectual, atividades físicas e busca pelo prazer individual. Propiciado na vida moderna a partir da disposição de um tempo específico, tal atividade encontra-se cada vez mais permeada pela consumação de signos, incluindo objetos, momentos prazerosos e sonhos que se relacionam permanentemente com o cotidiano de cada um, mesmo que nem todos o vivenciem efetivamente.

As atividades desenvolvidas vinculam-se cada vez mais com o perfil socioeconômico das pessoas e sua capacidade de deslocamento espacial, ou seja, reflete as potencialidades em relação à utilização e consumo no/do espaço. Nesse sentido, a forte

²⁰ Sem adentrarmos no mérito dessa discussão que merece ampla conceituação a respeito, torna-se muito comum a presença da expressão pós-industrial nos dias atuais, fruto de muitas polêmicas. Queremos deixar claro que a atividade industrial não é superada no sentido de deixar de existir, pelo contrário, vai ser readequada a partir de novos processos de desconcentração e espraiamento, além de novas centralidades que se associam à produção das cidades e do modo de vida urbano no período contemporâneo. Krippendorf (2003) nos chama atenção que apesar de alguns exageros, o fato é que grande parte das principais economias do mundo, sobretudo os países desenvolvidos, têm na atividade industrial, atualmente, uma contribuição muito menor do que aquela observada no início do século XX. Os Estados Unidos, por exemplo, têm na indústria 25% de sua economia; contra 70% no comércio e nos serviços.

vinculação com as relações de mercado faz-se presente, relacionando a possibilidade do desfrute do tempo disponível a um negócio, mais comum ainda ao se tratar de períodos longos como as ‘férias’, articulando-se com a ascensão da atividade turística.

O espaço geográfico e sua reprodução enquanto totalidade resulta da reprodução das relações sociais e espaciais, produzindo inúmeras novas contradições inerentes à extensão do capitalismo. Tais contradições permeiam as instalações que atendam à atividade do lazer nas cidades, desde a implantação de espaços específicos, dotados de equipamentos públicos (como praças e/ou parques esportivos), que muitas vezes são concentrados em determinados lugares sem atender a setores densamente povoados nas periferias. O mesmo pode ser pensado acerca das ações revitalizadoras que (re)funcionalizam determinadas áreas, criando espaços de consumo e lazer que, por outro lado, excluem muitos segmentos sociais.

Ao levar em conta essa totalidade que representa o espaço geográfico, torna-se possível compreendê-lo a partir da presença de objetos (naturais e artificiais), atores sociais, ações e conflitos que se inter-relacionam e se realizam num constante movimento. Nas palavras de Santos (1988), corresponde a “(...) um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos”. O espaço se produz a partir do “resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”. (SANTOS, 1988, p.71).

As ações e decisões tomadas em âmbito geral são cada vez mais controladas a partir de outras escalas (mundiais, por exemplo) e alheias ao cotidiano da sociedade. No entanto, não pode ser negligenciado que é na escala do lugar que as demandas de âmbito mundial ganham dimensão, impondo e sendo adaptadas constantemente para manter o ciclo de reprodução. A manifestação das práticas socioespaciais que se aproximam do cotidiano e resultam na produção/ reprodução do espaço social diário, fazem-se presentes no lugar.

Assim, para Carlos (2007a, p.41) “o lugar, (...), liga-se de modo inexorável à realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações reais indispensáveis a ela, mas a produção da vida e do lugar revela a necessidade de sua reprodução continuada”. Ainda nesse contexto, a ideia de reprodução é fundamental para a compreensão desse processo, sendo que a noção de produção se relaciona à apropriação, esta última indica que as relações ocorrem no plano do morar, englobando os momentos de lazer, trabalho, vida privada e o sentido do dinamismo entre as necessidades e os desejos que pautam a reprodução da vida.

A noção acerca do cotidiano revela-se como mais um elemento importante de análise, pois se refere às ações que permeiam diária e corriqueiramente a vida em uma dada fração do espaço. Como decorrência da reprodução do capital, um novo espaço se cria em escala

mais ampla (mundial) que transcende o lugar, impondo a formação de um espaço homogeneizante, com usos cada vez mais controlados e comuns.

Carlos (2007a, p.43) destaca que:

O plano da vida cotidiana – no lugar – como produto direto da reprodução do capital, revela o mundo da mercadoria que se generaliza invadindo e colonizando a vida cotidiana, mediando as relações sociais e redefinindo-as a partir da criação de modelos e padrões estipulados pelo consumo da mercadoria enquanto símbolo definidor das relações.

A padronização de gostos, marcas e principalmente, a forma de usar o seu momento de lazer torna-se mediada por um controle que já está “implícito” às ações de cada um, que tende a direcionar determinados padrões, os quais servirão de referência para os variados segmentos sociais. O culto à estética (corpo perfeito) associa-se, por exemplo, ao consumo de vestuário, espaços especializados e dietas alimentares rigorosas que se relacionam ao ideário de ‘saúde perfeita’, como indicador de que o indivíduo precisa estar com seu corpo em plena forma para ser visto, seja no clube, na rua, na praia, em uma viagem etc.

Carlos (2007a, p.43) destaca ainda que aceitar as novas condições de existência, implica na “constituição de uma rotina altamente organizada da vida, (que) transforma radicalmente a sociabilidade, empobrecendo as relações sociais na medida em que as relações entre as pessoas passam a ser substituídas por relações mediadas pela mercadoria”.

Nesse âmbito, o plano da vida cotidiana, vivenciado no lugar, deixa de apresentar características espontâneas e improvisadas vinculadas ao contato direto entre as pessoas, sobretudo, no que compete ao uso do tempo livre ou disponível nas médias e grandes cidades. Isso significa que muitas relações de vizinhança, como sentar-se na calçada para conversar com vizinhos e as brincadeiras de crianças na rua, por exemplo, tornam-se absolutamente incomuns, resistindo ainda alguns lampejos desses contatos em alguns bairros específicos, onde talvez se presencie a convivência de várias gerações em áreas periféricas e nas pequenas cidades.

O mais comum, atualmente, é seguir a tendência de um cotidiano controlado, no qual as rápidas mutações transformam e destroem os referenciais da vida cotidiana. O cotidiano deixou de ser rico de possibilidades – subjetividades – e se converte em objeto de organização social.

Lefévre (1991, p.115) ao tecer suas críticas, ressalta que o imaginário em relação à prática cotidiana (vista como coação e apropriação) tem uma função: “(...) mascarar o domínio das coações, a escassa capacidade de apropriação, a nitidez dos conflitos e dos problemas reais”.

Isso corrobora o entendimento acerca do controle mencionado, que conta com inúmeros agentes doutrinadores que camuflam os conflitos latentes e atuam para impor os comandos do sistema econômico vigente.

O papel da mídia, especificamente sua vinculação ao poder da televisão, é fundamental no âmbito da vida cotidiana. Com a programação que se instala e comanda as atitudes e ações presentes no dia a dia, é notória a diminuição da comunicação no espaço da própria casa, com a presença de um espaço/tempo mais abstrato, ausente de formas concretas de vida e com experiências mais ilusórias do que reais.

É nessa lógica que o espaço de consumo se converte em consumo do espaço, comprovando a presença de uma lógica de mercado que se apropria e controla todos os momentos na vida do indivíduo, inclusive do *ócio* ou tempo de lazer. Essa lógica será mais impactante em escalas mais amplas (regional e até mundial), com a presença da atividade turística e da criação de seus “simulacros”.

Na produção atual do espaço, se constitui por um lado, um processo de mundialização dos valores de uma sociedade urbana que impõe a homogeneização do espaço, mas, ao mesmo tempo, acarreta a fragmentação do espaço e do indivíduo. (CARLOS, 2007b). O espaço urbano como já destacado, é substancialmente fragmentado (fatiado) em pedaços para diferenciar os padrões dos grupos sociais que o habitam, tanto em termos de moradia quanto de acesso a equipamentos necessários para a reprodução da vida.

No que tange à homogeneização, tal processo desenvolve um novo espaço baseado na não - identidade e não - pertencimento, chamado de “não - lugar”. Esse não - lugar representa a fração do espaço sem nenhum tipo de referência pessoal e afetiva. Ao mencionar o sentido antropológico de Augé (1994), Carlos (2007b) destaca que seria aquele lugar não identitário, não relacional e não histórico, como as autoestradas, aeroportos e supermercados, vistos como lugares de passagem e não de fixação dos indivíduos. Esses pontos específicos do espaço, ausentes de relações e referências com seus usuários relacionam-se à ideia da “urbanização” já mencionada anteriormente, com base em Muñoz (2004).

Com relação ao turismo, os não lugares representam simulacros, ou seja, simulações que tentam representar um mundo que efetivamente, não é o real. A presença de grandes hotéis de luxo, *resorts*, restaurantes, vias e até espaços públicos altamente especializados indicam apropriadamente esse contexto. Nesses exemplos, propaga-se a ideia de um espaço global, comum a qualquer lugar que inibe as características do local.

Carlos (2001b, p.176) ao atentar para essa questão, ressalta que “a reprodução espacial, voltada para o reprodutivo e para o repetitivo, produz simulacros no espaço,

consumidos enquanto espaços de turismo e lazer, enquanto simulação de um espaço novo – na realidade, um espaço fragmentado, reduzido e limitado pelas necessidades da acumulação”.

Assim é que surgem as novas formas urbanas, as quais reforçam uma lógica que conduz a uma seleção programada dos lugares, onde esses são “(...) escolhidos e retirados da dinâmica cotidiana e orgânica da cidade como lugar”. (DAMIANI, 1997, p.46).

É possível dizer que as horas de não trabalho destinadas ao desfrute do lazer estão fortemente vinculadas às regras do mercado, criando uma relação mais artificial entre o cidadão (usuário) e os espaços presentes, gerando uma falsa ideia de apropriação dos lugares.

No âmbito da sociedade moderna, o lazer surge como uma necessidade que permanece até os dias atuais, tal necessidade perde muito no passar do tempo o seu caráter espontâneo emaranhado no cotidiano das pessoas, tornando-se cooptado na visão de Carlos (2007b) pelo desenvolvimento da sociedade de consumo que tudo que toca transforma em mercadoria, tornando o homem num elemento passivo.

Com relação à sociedade de consumo, Barbosa (2004) apresenta que tal expressão é vista como um rótulo recorrente e utilizado na contemporaneidade para se referir a um tipo de sociedade, na qual o critério da individualidade passa a comandar a escolha dos bens a consumir. Nesse contexto, verifica-se uma mudança no padrão de consumo familiar para o individual, bem como de uma passagem do consumo de ‘pátina’ (ligado à tradição) para a ‘moda’, caracterizada pela efemeridade e individualidade.

Barbosa (2004) destaca a necessidade de se distinguir analiticamente entre as teorias da sociedade de consumo e as teorias do consumo, sendo que as primeiras visam identificar o porquê do consumo desempenhar papel tão importante na sociedade contemporânea ocidental, mapeando e atribuindo alguma característica específica. Enquanto que as teorias de consumo abordam outras dimensões da vida social, incluindo respostas para várias questões como processos sociais e subjetivos que estão na raiz da escolha de bens e serviços, os valores presentes etc.

Como não é o propósito aprofundar em tal discussão, é mencionada a presença do texto²¹ da autora supracitada, que apresenta como um conjunto de teóricos abordam a temática. Na reflexão a autora destaca, de acordo com vários autores, as interpretações e críticas que contemplam a ideia da indústria cultural e da cultura enquanto mercadoria (formação da cultura

²¹ No livro *Sociedade de Consumo* (2004), Livia Barbosa levanta uma discussão em torno da formação dessa sociedade de consumo e de uma cultura do consumo, apresentando as interpretações de uma série de pensadores que refletiram essa questão. Entre os autores citados, estão Don Slater, Fearthstone, Baudrillard, Bauman, Campbell entre outros.

de massas), a presença da produção de signos e imagens como fator simbólico preponderante, o papel individualista e desagregador, até as possibilidades de os indivíduos repensarem sua crise de identidade e se reafirmarem a partir do consumo.

Ao retornar à questão espacial e articular com o acesso do cidadão ao lugar, entende-se que as relações de consumo se ampliaram de forma latente, ao ponto de não ser deixada de lado nenhuma fração do espaço que possa interessar ao processo de reprodução do capital. Assim, tudo que seja possível pensar se torna consumível, do lugar ao espaço global, acarretando um aumento exponencial desse consumo, ao ponto do cidadão (dotado de direitos em tese) ser associado a um mero usuário.

Para Santos (2014, p.49), “a glorificação do consumo se acompanha da diminuição gradativa de outras sensibilidades, como a noção de individualidade que, aliás, constitui um dos alicerces da cidadania”, revelando um individualismo feroz e sem fronteiras.

Ao se referir à escala intraurbana, é possível ter em mente que no local, a análise do consumo do espaço se acirra na relação contraditória que envolve a separação entre espaços públicos e espaços privados. Assim, os espaços privados passam a serem almeçados, circundados por uma esfera de “glamour”, tornando-se os grandes atrativos quando se pensa no lazer urbano. Cabe repensar acerca das possibilidades de inserir a esfera do lazer como capaz de gerar a apropriação dos espaços - dos lugares do lazer - por parte das pessoas, sobretudo, no que tange aos espaços públicos.

2.2 – Espaço público: conceitos, contextos e apropriação

Ao se referir ao contexto dos espaços públicos, o foco de discussão neste tópico aborda o espaço público urbano, ao analisar sua importância para associá-lo ao acesso democrático à cidade. Este espaço se materializa a partir de diferentes formas urbanas encravadas no interior das cidades, sendo historicamente visto como lócus do encontro, da discussão política, da busca pelo espetáculo, do contato com a natureza etc.

É importante mencionar que existe uma variedade de espaços materializados que se caracterizam como públicos, havendo a necessidade de distingui-los de acordo com os usos e normas de funcionamento.

Pode-se elencar alguns desses espaços que possuem vínculo com as atividades de lazer. De um lado, existem os inúmeros prédios ou repartições públicas com usos controlados, como museus, teatros, bibliotecas etc. Por outro lado, estão presentes os espaços livres e abertos, como praças, largos e parques, por exemplo. Ambos são caracterizados através de seu uso público, com algumas restrições de uso e não de acesso, além de se localizarem em áreas

mantidas pelo poder público, sendo fundamental servirem ao amplo acesso à população, sem distinção.

Para Serpa (2007, p.15), “na análise do espaço público urbano, forma e conteúdo são, (...) indissociáveis, e uma discussão sobre o tema passa (...) pela difícil articulação entre aspectos que dão concretude à esfera pública urbana e aqueles de cunho mais abstrato, que denunciam o caráter intersubjetivo”. Uma abordagem nesse prisma inclui a noção de cidadania, a ação política e a análise da acessibilidade.

A noção de acessibilidade (com forte viés geográfico) deve corresponder a algo que vá além do acesso físico e material, mas também incluir os aspectos simbólicos e, conseqüentemente, possibilitar a apropriação social dos espaços públicos urbanos. O mais perceptível hoje é que mesmo em espaços abertos e de uso coletivo, ocorre uma apropriação seletiva e diferenciada dos espaços.

Nesse sentido, (re) pensar essa apropriação do espaço público parece ser um grande desafio, sobretudo, devido ao contexto de padronização existente a partir da mundialização/globalização, que impõe cada vez mais a presença de “modelos comuns” às formas urbanas presentes. Ocorre, todavia, uma crescente expansão de outros espaços coletivos, geralmente privados, que em nome da segurança e conforto tornam-se atrativas opções de lazer conforme já foi mencionado.

Serpa (2007, p.38) destaca que “as relações de propriedade podem inviabilizar a apropriação social do espaço público no contexto urbano”. Ao se apoiar no sentido lefebvriano, esse tipo de apropriação, no limite, gera uma não apropriação, pois deixa escapar o afetivo, o imaginário e o prazer. Assim, nessa visão a acessibilidade física aos novos e remodelados parques públicos, por exemplo, não assegura a apropriação dos segmentos populares e nem a democratização do acesso.

É pertinente associar a transferência das relações privadas e de propriedade para a esfera dos espaços públicos, onde a apropriação é desigual. Em espaços bem estruturados e cuidados o acesso às classes populares é menor. Em contrapartida, em alguns espaços mal-cuidados, sucateados e geralmente próximos de áreas periféricas, existem outros grupos que ocupam em certos horários através de usos/formas de consumo não desejáveis (usuários e traficantes de drogas etc.), o que acaba inibindo a presença da população do entorno.

Ao pensar nas dimensões socioculturais e políticas dos espaços públicos, é pertinente destacar a presença de importantes pensadores (filósofos) do espaço público segundo Serpa (2007), entre eles estão Hannah Arendt e Jurgen Habermas. A primeira vê o espaço público como lugar da ação política e expressão de modos de subjetivação não identitários,

lugar do exercício da cidadania. Já Habermas, considera o lugar do agir comunicacional, da controvérsia democrática e uso livre da razão. É no espaço público que se efetiva o discurso político, sendo que a co-presença de indivíduos é fundamental para a transmutação do indivíduo em público, de forma que sua razão seja apresentada sem obstáculos.

Queiroga (2012) empreende grande discussão acerca da relação entre o espaço público e a esfera pública, o que em sua visão é erroneamente confundido quando automaticamente consideram os dois conceitos com o mesmo sentido. Ao se basear nas considerações levantadas por Arendt e Habermas, coloca a esfera pública como o domínio da cultura em sentido amplo. Assim, “a esfera pública contemporânea, seja ela em sentido estrito ou amplo (política ou geral), não possui suporte apenas os espaços ditos públicos”. Essa esfera é pautada na ocorrência de práticas espaciais, as quais podem ser concebidas como espacialidades da esfera pública e se realizarem em diferentes espaços, livres ou edificados, públicos ou privados, embora se situem fundamentalmente, nos espaços livres públicos. (QUEIROGA, 2012, p.50).

Por outro lado, o espaço público é definido pelo autor como “(...) todo aquele de propriedade pública, podendo se prestar, ou não, à esfera pública, seja ela estrita – esfera pública política -, ou ampliada – esfera pública geral”. É importante pensar na natureza específica de cada bem público, sendo que alguns embora sejam de interesse público, apresentam restrição no uso e, conseqüentemente não recebem ações da esfera pública. (QUEIROGA, 2012, p.58-59).

Gomes (2002) considera em sua visão algumas incompreensões presentes que norteiam a concepção do espaço público. Uma delas seria a definição negativa que atribui a simples ideia de público contrário de privado, possibilitando certa ambigüidade, já que outras considerações como coletivo, comum etc., permeiam tal discussão. Outro ponto de crítica seria a ideia de atribuir o espaço público a uma área juridicamente delimitada, considerando que não seja apropriado atribuir uma lei que regulamenta uma existência para definir um objeto, imaginando-se que este precede a lei. O terceiro ponto passível de crítica se refere à ideia de defini-lo simplesmente pela qualidade de livre acesso, não distinguindo público de coletivo ou comum, além de não considerar outros espaços públicos que não apresentam livre acesso, como hospitais, áreas militares etc.

O autor reforça que os atributos de um espaço público são aqueles que têm relação direta com a vida pública. Pode ser “(...) simultaneamente o lugar onde os problemas se apresentam, tomam forma, ganham uma dimensão pública, (...), são resolvidos”. (GOMES, 2002, p.160). Alerta que um dos grandes problemas da nossa sociedade foi o de transformar o

público em passivos espectadores, algo que vai de encontro com o que já fora colocado em relação à homogeneização das práticas cotidianas, as quais resultam de uma fragmentação, tanto do espaço quanto do indivíduo enquanto ator social.

O espaço público está sujeito a diferentes visões e definições, sendo possível pensá-lo como o lugar suscetível ao encontro no espaço urbano, muito embora seja oficialmente delimitado a partir da relação de propriedade, ou seja, a partir de espaços e equipamentos mantidos pelo Estado.

Tal espaço pode representar um ponto estruturante da malha urbana e confluência de caminhos e lugares, espaço de passagem e permanência, construído por diversos agentes, quer na sua forma material ou vivencial (NARCISO, 2009).

Gomes (2002) destaca que “fisicamente”, o espaço público corresponde a qualquer tipo de espaço no qual não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer pessoa, marcado por regras de convívio que devem ser respeitadas. Assim, fica atribuída a característica de público à sujeição de regras de civilidade. No que se refere ao espaço físico, o autor coloca que essa ausência de obstáculos à presença e participação das pessoas pode incluir desde uma praça, praia ou rua e até mesmo um shopping center.

Com relação ao enquadramento do shopping Center nesta seara, cabe destacar um campo de discussão controversa, o qual define juridicamente por um lado, este espaço como privado, por outro, abre a possibilidade de vê-lo como lugar privado que adquire caráter público.

Bortoli (2017) considera que a condição das cidades contemporâneas e seus espaços públicos, demanda um novo olhar sobre as relações público-privado, pois o desenvolvimento de certos aspectos da esfera pública encontra-se presentes nos tradicionais espaços privados, aparecendo cada vez mais os espaços privados de uso público na atual cidade fragmentada e policêntrica.

O possível caráter público do shopping center se relaciona à percepção dos usuários, ou seja, a partir de um processo de apropriação que mesmo com “liberdade” para acessá-lo, estão presentes normatizações que expõem e o definem como propriedade privada. Isso ocorre mesmo quando seus limites são testados, como no caso dos “rolezinhos”²² que causaram bastante controvérsia na cidade de São Paulo alguns anos atrás.

²² Esse termo se refere a um encontro de inúmeros jovens da periferia iniciado no final do ano de 2013 a partir de contatos através de redes sociais em shopping centers da região metropolitana de São Paulo. Tais encontros foram extremamente conflituosos com lojistas e outros usuários, sujeitos a liminares proibitivas, suscitando reflexões sobre o acesso a estes espaços. Ver as matérias <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html> e <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/debate-shopping-centers-podem-proibir-os-rolezinhos/>.

Outra ideia de espaço público é trazida pelos pesquisadores do grupo de pesquisa QUAPÁ-SEL²³ e converge em levar em conta a propriedade como um dos aspectos fundamentais em sua definição. Paula (2017) traz à tona essa definição a partir de Hijioka et al. (2007), considerando que o espaço público é estruturado por meio dos seguintes aspectos fundamentais: a questão fundiária (propriedade), a apropriação e a acessibilidade. (HIJIOKA et al. 2007 apud PAULA, 2017).

Nesse entendimento, é necessário considerar a presença do Estado (seja em nível federal, estadual ou municipal) como proprietário e responsável por manter os espaços disponíveis para as pessoas. No caso da apropriação, entende-se que todo espaço público é apropriado pela população. No entanto, a apropriação que ocorre em outros espaços restritivos, como os shoppings e demais espaços privados, por exemplo, é de caráter coletivo.

Ainda nesse contexto, Gomes (2002, p.165-166) destaca que é o resultado de uma ação contratual com o espaço que traduz a ideia do espaço público, sendo que este “(...) se opõe assim ao conceito de espaço coletivo, fundado sobre a ideia de uma coletividade estruturada por uma identidade, ela mesma originária de uma suposta afinidade repartida de maneira uniforme sobre o espaço”. O que constrói o espaço público é a obediência às leis e limites, onde a individualidade se expressa dentro de um universo forçosamente plural.

Para Padilha (2003, p.262):

O *shopping-center* constitui-se em um espaço privado (travestido de público) de consumo individual que oferece estrategicamente o lazer como importante atrativo e que divulga um discurso de que visa a melhorar a qualidade de vida das pessoas. (...) O lazer foi sendo incorporado ao *shopping-center* de forma tão significativa que confundimos hoje o centro de compras com o centro de lazer.

Nesse sentido, é possível mencionar o shopping Center como um espaço voltado para o consumo que se converte a cada dia em espaço de lazer. Ao agregar muitas pessoas para frequentar suas salas de cinema, restaurantes e *fast foods*, por exemplo, tal espaço contém aspectos de um espaço coletivo, o que não significa que exista uma identidade rigidamente uniforme com relação ao espaço. No entanto, embora esse espaço venha a agregar diversas motivações para sua utilização, não se pode deixar de frisar que seu pilar principal se estabelece a partir da presença de uma base material que é privada, e que apesar de ser paulatinamente

²³ O QUAPÁ-SEL constitui um grupo que desenvolve estudos sobre os padrões existentes do sistema de espaços públicos e forma urbana nas cidades brasileiras, dando continuidade e aprofundando um processo de investigação iniciado em 1994 dentro do Laboratório da Paisagem da FAUUSP. Tal grupo é constituído por estudiosos em diversas regiões do Brasil.

ocupado por grupos de pessoas mais diversificados, a sua finalidade principal é o consumo de produtos em sua variedade de lojas.

Outra definição é trazida pelos “Documentos Temáticos da Habitat III” – produção acerca do espaço público publicada pela ONU. O documento serviu de referência para a Conferência das Nações Unidas realizada em Quito no Equador em 2016, que discutiu a temática da habitação e do desenvolvimento urbano sustentável. Assim, os “espaços públicos são todos os lugares de propriedade pública ou de uso público, acessível e desfrutável por todos sem necessidade de pagamento e sem fins lucrativos. Isso inclui ruas, espaços abertos e instalações públicas” (HABITAT III, 2016, p.01).

Essa definição considera o espaço público a partir de uma propriedade pública ou de uso público. No entanto, não apresenta a previsão para nenhum tipo de pagamento para o respectivo acesso, o que em tese não inclui uma série de prédios e instalações mantidas pelo Estado e abertas ao público que contam com a cobrança de taxas para sua manutenção, como teatros, zoológicos etc.

O documento prevê as metas do “desenvolvimento sustentável 2016-2030”, no qual está presente uma série de objetivos, entre esses, o de construir cidades e assentamentos humanos inclusivos, seguros, resistentes e sustentáveis, onde a inserção dos espaços públicos, verdes e seguros aparece como referência. Nessa perspectiva, o espaço público é visto a partir da presença de muitas formas espaciais, como parques, ruas, calçadas, mercados, prédios, praias etc.

O espaço público (visto) como um bem comum é o fator-chave para o cumprimento dos direitos humanos, o empoderamento das mulheres e a oferta de oportunidades para a juventude. Melhorar o acesso e a participação das pessoas mais vulneráveis é uma ferramenta poderosa para melhorar a equidade, promover a inclusão e combater a discriminação no espaço público. Habitação inadequada deve ser compensada por provisões generosas de espaço público de boa qualidade. Investimentos em ruas e infraestrutura de espaços públicos melhoram a produtividade urbana, os meios de subsistência e permitem melhor acesso aos mercados, aos empregos e aos serviços públicos, especialmente nos países em desenvolvimento onde mais da metade da força de trabalho urbana é informal. (HABITAT III, 2016, p.03).

Existe assim, uma tendência de associar a valorização e qualificação do espaço público à possibilidade de aumentar o preço dos imóveis e, conseqüentemente, a terra urbana. Nesse entendimento, o aumento da receita pública com imóveis mais valorizados e o próprio processo de gentrificação são ressaltados, com a ideia de que a partir disso possa haver mais recursos para investir em políticas redistributivas, com possibilidade de investir em espaços públicos em áreas mais vulneráveis.

Entende-se a necessidade de aumentar os recursos financeiros para ofertar e proporcionar qualidade aos espaços públicos. Existem algumas estratégias sendo praticadas, como, por exemplo, as parcerias público-privadas que objetivam a adoção de determinados espaços nas cidades. Obviamente que isso resulta em uma contrapartida que o poder público oferta para as empresas privadas, em troca de abater impostos e visibilidade (*marketing*).

As políticas redistributivas de aplicação de recursos em áreas mais excluídas são evidentemente relevantes. No entanto, na medida em que ocorre um avanço da gentrificação, com o aumento do valor da terra urbana, a tendência é de segregar ainda mais os segmentos sociais de baixa renda ainda presentes em certas áreas que passam por esse processo. Com isso, empurra-se mais a população vulnerável para setores espalhados da malha urbana.

Contudo, o presente documento analisado prevê a necessidade de planejamento e engajamento da população ao se pensar os espaços públicos e sua relação com uma cidade mais sustentável e compacta. Ou seja, contraditoriamente às consequências da gentrificação, encontra-se a ideia de reforçar a presença de uma cidade territorialmente mais compacta, que favoreça o deslocamento de grupos com necessidades especiais, o contato com a natureza através de espaços públicos arborizados etc.

Destaca-se ainda que, “a busca por ferramentas de engajamento na garantia e manutenção de espaços públicos tem estimulado o conceito de place-making (criação de lugares) que inspira as pessoas a re-imaginar e reinventar coletivamente os espaços públicos e melhorar seus bairros” (HABITAT III, 2016, p.06).

A presença de estratégias para favorecer o consumo ou uso do espaço público é válida, desde que isso contemple os ‘reais’ interesses dos moradores das diversas localizações da malha urbana das cidades. O problema, segundo Serpa (2007, p.76), é que em muitas vezes, na instalação de determinados espaços públicos, “os usuários raramente são objeto de grande interesse por parte dos agentes que viabilizam a implantação”, principalmente quando se trata de espaços que tendem a se tornar objeto visual que funcione como peça publicitária das administrações.

Mas, mesmo como peças publicitárias, será que os atuais espaços públicos cumprem sua função social? São espaços que garantem pluralidade de possibilidades para o lazer? Atendem a todos os segmentos sociais? Com toda certeza essas respostas apresentam-se carregadas de parcialidades, privilegiando alguns segmentos sociais em contrapartida a outros, já que historicamente os grupos mais desprovidos economicamente, sempre estiveram afastados de condições de gozar plenamente de tempo para frequentar esses espaços em seus momentos de lazer.

Em uma tentativa de esboçar um entendimento acerca do espaço público atual, parte-se da ideia de que houve um esvaziamento de sua função pública como expoente das diferenças e convívio, sobretudo no que se refere ao lazer. Isso se evidencia na medida em que inúmeros outros espaços coletivos e privados ampliam-se nas médias e grandes cidades.

Retomando Gomes (2002), é possível mencionar a presença de um ‘recuo da cidadania’. Segundo o autor:

(...) podemos facilmente relacionar as mudanças na imagem da cidade, diferente daquela construída nos primeiros tempos da modernidade, (...). Ela é hoje concebida como fragmentada, como soma de parcelas mais ou menos independentes, havendo uma multiplicação de espaços que são comuns, mas não públicos; há um confinamento dos terrenos de sociabilidade e diversas formas de nos extrairmos do espaço público (telefones celulares, fones de ouvido, etc.), os modelos de lugares se redefiniram, *shopping centers*, ruas fechadas, paredes ‘cegas’ etc. (GOMES, 2002, p174).

Nessa perspectiva, o autor busca questionar se houve algum momento no qual o espaço público tenha plenamente sido o lugar da cidadania. Aponta nesse sentido, algumas críticas feitas a Habermas por parte de algumas pesquisas históricas, as quais levantam que a degenerescência desse tipo de espacialidade pública atual faria sentido se houvesse de fato existido um momento de apogeu do espaço público. No entanto, o autor supracitado sem querer entrar nesse debate travado por especialistas, afirma que é possível “(...) conceber que a modernidade trouxe de fato uma nova ideia de política, uma ideia de cidade e vida social coincidente com esse período. (...) Isso permaneceu, (com) algumas controvérsias, como imagem ideal da vida coletiva, imagem social e imagem física”. (GOMES, 2002, p.173).

Aparece nessa perspectiva, um possível recuo da ideia fundadora de cidadania que organizou a cidade e sua convivência social no início da modernidade, algo que se materializa por meio da presença de novos arranjos físicos que resultam em novas formas de construir e conceber a vida coletiva. Portanto, esse recuo da cidadania corresponde a um paralelo recuo do espaço público.

Gomes (2002) identifica quatro processos em que esse recuo pode ser caracterizado. São eles: “apropriação privada dos espaços comuns”; “a progressão das identidades territoriais”; “o emuralhamento da vida social”; e o “crescimento das ilhas utópicas”.

O primeiro processo apresenta características complexas, que vão desde a presença de estruturas físicas fixas até a presença de instrumentos mais simbólicos, da ocupação de uma calçada ao fechamento efetivo de uma rua, por exemplo. O segundo processo remete à imposição das ideias de um grupo sobre os demais, uma espécie de ‘tribalização’ que visa criar um espaço identitário, algo que nega a mistura e o respeito às diferenças que deve permear o

espaço público. O terceiro processo corresponde a uma espécie de individualismo que é cada vez mais presente, onde os contatos sociais e o próprio lazer são intermediados por máquinas e recursos virtuais, indicando deslocamentos específicos para determinados espaços coletivos fechados e seletivos. O quarto processo é visto por um lugar no qual o padrão monetário determina a possibilidade de ingresso, ou seja, são os espaços exclusivos que representam verdadeiros simulacros da condição de cidadania, vistos como ‘cópias’ das cidades servem a um determinado grupo de pessoas (GOMES, 2002).

Yázigi (2000) também chama a atenção ao destacar que os espaços públicos sofreram de uma forma geral com alguns desviadores do contato humano, decorrentes do intenso uso de alguns aparatos oriundos do desenvolvimento técnico do capitalismo, como o maior uso do automóvel, da televisão e do computador doméstico. É possível acrescentar, mais recentemente, a disseminação de celulares, *tablets*, *smartphones* etc.

Sennet (1988) enfatiza a presença de um “espaço público morto”, trazendo à tona uma visão intimista reforçada na medida em que o domínio público é abandonado ou esvaziado. Assim, “(...) o ambiente incita a pensar no domínio público como desprovido de sentido. É o que acontece com a organização do espaço urbano” (SENNET, 1988, p.26).

Na visão do autor, o espaço público se torna uma “derivação do movimento”, se referindo às relações entre espaço e movimento produzidas pelo automóvel, “(...) as ruas da cidade adquirem uma função peculiar: permitir a movimentação. (...) O espaço público perde todo sentido próprio independente para a experimentação”. Isso acarreta cada vez mais, no isolamento social, o que em locais públicos se produz a partir de nossa visibilidade para os outros. (SENNET, 1988, p.28-29).

Diante desse cenário, como o espaço público é consumido e a quem atende? Parece óbvio que seu desfrute, sobretudo nos grandes centros urbanos, é visto como opção para os mais pobres. Na medida em que a ideia de ‘coisa pública’ se associa a algo de baixa qualidade, muitos dos espaços públicos são entregues ao abandono, tanto do poder público, quanto da população com mais recursos financeiros.

Com isso, já é comum nas metrópoles, e passa também a fazer parte do cenário das cidades médias, a presença de pessoas que praticamente não estabelecem relações com outros lugares das cidades, permanecendo isoladas em seus bairros. Isso gera uma espécie de formação de ‘ilhas’ dentro da própria cidade. Assim, é mais do que necessário refletir acerca de ações que viabilizem uma cidade mais democrática e acessível, isso sem dúvida passa por (re)pensar os espaços públicos.

2.3– Espaços livres públicos: Parques urbanos e praças públicas

Para reforçar algumas considerações a respeito dos espaços livres públicos voltados para o lazer, em linhas gerais, é apresentada uma contextualização da presença dos parques urbanos públicos e das praças públicas no âmbito das cidades.

Na visão de Kliass e Magnoli (2006, p.248), fica claro que são os espaços livres um dos fatores de maior importância para a polarização das atividades urbanas, visando a uma nova coesão social. O espaço aberto da vida coletiva é visto essencialmente como um órgão da vida democrática.

As cidades podem ser constituídas, do ponto de vista físico, de espaços com construções (habitação, indústria, comércio, hospitais, escolas etc.), espaços livres de construção (praças, parques, águas superficiais etc.) e espaços de integração urbana (rede rodoferroviária) (CAVALHEIRO e DEL PICCHIA,1992 apud CAVALHEIRO e NUCCI, 1998).

Ao considerar os espaços livres públicos com base em algumas contribuições lançadas pelo urbanismo, ressaltam-se principalmente as funções exercidas por tais espaços, com possibilidade de classificação em diferentes tipologias.

Paula (2017) por sua vez, apresenta uma caracterização geral, considerando por um lado, a presença do aspecto funcional, tão comum nos trabalhos do grupo de pesquisa QUAPÁ - SEL que propõe uma classificação para os espaços livres das cidades brasileiras. Ao levar em conta o aspecto funcional, são enumeradas algumas funções gerais, podendo agrupá-las em três grandes tipos-padrão: 1) espaços de circulação, convívio, lazer e recreação; 2) espaços de preservação ou conservação ambiental e 3) espaços livres relacionados a usos específicos.

Ao considerar esse agrupamento mais geral, outras inúmeras funções mais complexas são elencadas, entre essas, levanta-se o que possui maior relação com o lazer, ressaltando os espaços voltados para as práticas sociais. Esses espaços podem ser representados pelos mirantes, pátios, recantos, jardins, largos, escadarias, praças, parques, calçadão, praia urbana, quadras esportivas, campos de futebol de várzea, piscinas públicas etc.

Por outro lado, há outros elementos que vão além da funcionalidade, como a presença de vegetação, que pode também definir os espaços livres, conforme analisa Macedo (1985), levando em conta conceitos como espaços verdes, áreas verdes, áreas de lazer e áreas de circulação. (MACEDO, 1985 apud PAULA, p.29, 2017).

Tardim (2008) considera os espaços livres ou abertos como representativos, pois são caracterizados como espaços com grande importância e transformação na paisagem, verdadeiros componentes flexíveis da estrutura do território, funcional ou espacialmente.

Os parques urbanos, em âmbito geral, chamam mais atenção enquanto espaço público de lazer comparado às praças. Isso ocorre fundamentalmente pela extensão de suas áreas, capazes de concentrar diferentes tipos de equipamentos que atendem a uma variedade de funções acompanhadas de amplos espaços abertos e verdes.

As praças, passam principalmente nos tempos atuais mais despercebidas pelo olhar dos cidadãos como espaço referencial de lazer nas cidades, isso ocorre devido ao fato de possuírem área inferior em extensão se comparada aos parques, não agregando variadas funcionalidades em termos de equipamentos e espaço. Estas, por sua vez, normalmente estão presentes no imaginário coletivo como local de passagem e ponto de parada, não necessariamente como lócus específicos da busca por momentos de lazer como ocorre com os parques. No entanto, as praças preenchem mais o espaço intraurbano, ou seja, são mais distribuídas espacialmente pela cidade, servindo mais efetivamente ao cotidiano das pessoas nos diferentes locais.

Com relação aos parques, sua origem remonta à Europa, oficialmente na Inglaterra e, em seguida, muito disseminados em solo francês. A partir do término da Revolução Francesa entre os Séculos XVII e XVIII, propriedades da família real e de nobres são abertas ao público, exibindo grandes jardins e áreas de caça que antes eram abertas a poucos. Com a abertura dos parques, o jardim, até então confinado em palacetes e conventos, passa a ser passarela das grandes transformações sociais que se processam no final da Idade Média com a expansão das classes mercantil e burguesa. As mudanças se refletiram, além dos aspectos físicos e ambientais dos espaços, também nas formas de “ver e ser visto”, implicando também no aceite de normas de conduta e imposição da sociabilidade (SEGAWA, 1996, p.46).

Dois parques ingleses, um em Londres (*Victoria Park*, 1884) e o outro em Liverpool (*Birkenhead Park*, 1847) surgem como pioneiros na era dos parques com terras adquiridas especificamente para a finalidade recreativa. Isso vai de encontro com os “padrões estéticos que a burguesia inglesa passa a valorizar para o seu usufruto” (SEGAWA, 1996, p.29).

De toda maneira, é na segunda metade do Séc. XIX com as reformas de Haussmann em Paris, que a inserção de parques em estruturas urbanas se destaca, principalmente a partir de um sistema de áreas verdes definidas de acordo com suas dimensões e funções, usando os parques para prover maiores investimentos para a urbanização da cidade. (GARVIN, 2011 apud PAULA, 2017, p.35).

Pensando em uma época em que as condições sanitaristas começam a preocupar cada vez mais as elites, os parques surgem como uma possibilidade de ‘respirar ar puro’, no intuito de fugir da poluição derivada das indústrias e como fator de higienização.

A América, mais especificamente os Estados Unidos, de forma similar à Europa também inicia a instalação de parques públicos, motivados pela necessidade decorrente do crescimento populacional e industrial que acarreta consequências como a poluição do ar.

Na segunda metade do Séc. XIX, é implantado na cidade de Nova York o “*Central Park*”. Nos dias atuais, o parque mencionado oferece uma extensa gama de atividades para o lazer dos moradores e turistas de todas as idades, como zoológico, pista de patinação no gelo, teatro, museu, área para prática de esportes como beisebol, basquete, circuito para caminhadas etc. Esse parque apresenta amplo espaço para atividades de lazer, ora apontado com destaque em relação aos europeus em termos de porte e variedade de usos, ora considerado menos eficaz para a qualidade ambiental, principalmente em relação aos parisienses, onde os parques apresentam menor porte e se distribuem mais uniformemente pela malha urbana da cidade (PAULA, 2017).

Sem querer aprofundar nos parques estadunidenses, em termos de evolução de sua presença ocorrem algumas periodizações que incluem, inicialmente, o ideário higienista e elitista da segunda metade do Séc. XIX (*pleasure garden*). Em seguida passa por ideias mais progressistas que consideraram a presença dos espaços locais e do playground, por exemplo, até chegar pós década de 1960 em uma concepção que vê a cidade através de um todo heterogêneo, composto por ruas, largos, praças e parques que fazem parte de um sistema que visa aproveitar ao máximo o espaço urbano (PAULA, 2017).

Observa-se de uma forma geral, que na medida em que as cidades crescem espacialmente e os problemas decorrentes da industrialização afetam a qualidade de vida e tornam-se mais latentes, os parques urbanos são vistos tanto através da necessidade de criar um ambiente amenizador e ‘higienista’, quanto de possibilidade para as pessoas obterem lazer e recreação. Precisa ficar claro, que a presença de um parque pode modificar o entorno alterando o valor da terra urbana, ‘empurrando’ e segregando populações não desejadas para locais mais distantes e contribuir para a especulação imobiliária.

No Brasil, o parque público é anterior à visão de necessidade de amenizar as condições ambientais decorrentes do avanço industrial. Diferentemente do que ocorrera na Europa e EUA, mais que uma demanda, o parque brasileiro surge como algo que complementa o cenário das elites emergentes que controlavam a nova nação, as quais procuravam construir uma figuração urbana compatível com a de seus interlocutores internacionais, sobretudo europeus (MACEDO e SAKATA, 2010).

Os primeiros parques idealizados no país denotam ao Rio de Janeiro, o primeiro no final do Séc. XVIII (1783) chamado de “Passeio Público”, os dois outros ao longo do Séc. XIX,

um deles também situado no centro da cidade conhecido como “Campo de Santana” e o “Jardim Botânico”.

Os primeiros e mais tradicionais parques das capitais brasileiras nasceram no final do século XIX por inspiração das capitais europeias, visando o embelezamento urbano e a representação das elites, ao copiar o modelo e estilo de vida europeu (SAKATA, 2015).

No Séc. XX, dos anos de 1940 e 1950 adiante, com a intensa urbanização através dos novos hábitos culturais e da diminuição dos espaços vazios urbanos que podiam ser usados para o lazer, surgem os parques multifuncionais. Nas décadas de 1970 e 1980 é que a criação de parques nas grandes cidades se torna de fato um objetivo do poder público e isto ocorre de maneira sistemática. (SAKATA, 2015).

Ainda nesse contexto, os parques brasileiros podem ser divididos com base em Macedo e Sakata (2010) em ecléticos, modernos e contemporâneos. Os primeiros que surgiram são os ecléticos, com configuração morfológica estruturada por grandes maciços de árvores, extensa área gramada, águas em lagos e espelhos d'água, com fontes etc. que tinham a função de servir ao lazer contemplativo através de festejos e passeios.

Os parques modernos vieram na sequência e possuem playgrounds, áreas de convívio familiar, quadras poliesportivas, bem como atividades culturais em museus, anfiteatros, dentre outros. Visavam atender às finalidades recreativas, com a presença do esporte e do lazer cultural como premissas, já que o crescimento urbano mais intenso das cidades acarreta a diminuição dos espaços vazios. Os parques contemporâneos, por sua vez, surgem no final do Séc. XX, incorporando elementos ecléticos e uma nova linguagem, com características de um paisagismo com múltiplas influências internacionais e conceitos ecológicos. Apesar do predomínio do caráter ativo, a atividade contemplativa é mantida, mas o culto ao corpo ganha cada vez mais importância, diversificando-se os equipamentos esportivos presentes (MACEDO e SAKATA, 2010).

Podemos citar alguns parques brasileiros apontados como modernos no início da segunda metade do Séc. XX, como o Ibirapuera em São Paulo e o Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro. Ambos possuem representativas áreas, dividindo aquelas que são destinadas ao lazer contemplativo e ao lazer ativo. Com relação aos parques contemporâneos, existem outros inúmeros exemplos, como o Jardim Botânico em Curitiba ou o Costa Azul em Salvador, ambos inaugurados no início da década de 1990.

Nos grandes projetos paisagísticos contemporâneos, inclui-se a ideia da revitalização já mencionada, sendo comum a presença e readequação de terrenos geralmente marginalizados e degradados por processos de transformação do território, com mudanças

drásticas nas funções e processos que os constituíram. Isso ocorre, sobretudo, devido à introdução do meio técnico científico informacional conforme Santos (1988 e 2006) elenca e da dinâmica pós-industrial, concretizando na reutilização de antigas zonas produtivas, áreas centrais, instalações subutilizadas etc.

Alguns parques parisienses como o *Parc de la Villette*, construído em área antes ocupada por mercados de carne e matadouros, bem como o *High Line* construído sobre uma linha férrea elevada e abandonada em Nova York são representativos nesse processo, ambos localizados em espaços que compunham verdadeiras rugosidades no espaço urbano.

Cabe destacar as inúmeras áreas de várzea ou pantanosas sujeitas a inundações e isoladas em meio ao processo de expansão urbana, servindo em certos momentos, como obstáculos e depois drenadas para se tornarem parques urbanos (ex.: Parque do Ibirapuera), além de terrenos que recebiam resíduos sólidos e, também, se tornaram parques (ex.: Parque Vila Lobos) ambos em São Paulo.

A preocupação com a questão ambiental é latente na concepção dos parques mais recentes, de certa forma gerando um possível consenso conforme Sakata (2015) ressalta, a respeito da limitação dos recursos naturais por parte do uso exacerbado. No entanto, isso não agrega uma representativa modificação no padrão de consumo dos cidadãos, mas em torno da questão dos parques existe unanimidade a respeito de sua importância como espaços de preservação e do verde urbano, atribuindo visibilidade política inclusive.

O discurso do verde, com o intuito de pensar os jardins e os parques públicos, por exemplo, encontra-se em grande evidência, ao atribuir a ideia de que os parques públicos são verdadeiros expoentes da qualidade de vida urbana.

Serpa (2007) apresenta uma visão crítica em relação ao parque público contemporâneo ao enfatizar o contexto de grande programa imobiliário vinculado à sua presença. Ao analisar e comparar os parques públicos no Brasil, mais especificamente em Salvador e em Paris na França, destaca-se que em ambos são espaços públicos presentes que se transformam em objeto de consumo, expressando modismos que celebram estratégias segregacionistas de requalificação urbana. Assim, “(...) o parque público é antes de tudo um espaço com alto valor patrimonial, contrariando o senso comum que idealiza esses equipamentos como bens coletivos e lugares de diversão” (SERPA, 2007, p.42).

Isso representa, em linhas gerais, a concretização dos anseios políticos vinculados às diferentes gestões que se encontram no poder. Ou seja, constitui relevante política de governo, que privilegia o uso de uma nova classe média que também consome o solo urbano e demais equipamentos que passam por valorização devido à presença dos parques. De qualquer

forma, a função recreativa encontra-se presente, não pode ser esquecida ou deixada de ser notada, embora seja exemplar o interesse econômico na instalação desses empreendimentos públicos.

É notável o reforço das parcerias público-privadas que têm em mente amplos interesses econômicos, mas no discurso prévio à instalação isso não aparece de forma tão visível. É relevante pensar na presença cada vez mais significativa do capital privado interferindo no planejamento, onde a presença do Estado para empreender as ações, principalmente para a grande parcela da população mais vulnerável, vem se reduzindo.

Os parques atuais têm sido concebidos, na visão de Sakata (2015), à sombra dos tradicionais, mas em virtude do porte, da distribuição pela cidade e dos projetos e programas que os envolvem, parte deles não deveriam ser considerados como parques. Essa nomenclatura atrai popularidade e visibilidade, em muitos desses espaços, de acordo com essa visão, seria mais correto se falar em praça ou calçadão etc.

Ao analisar a realidade dos parques contemporâneos, Serpa (2007, p.43) destaca que “no Brasil, como na França, outros espaços públicos como as praças, largos e pequenos jardins escapam em geral a essa lógica – sobretudo econômica – segundo a qual os grandes parques tornaram-se imagens publicitárias dos poderes político e econômico.”

Assim, cabe uma reflexão sobre o processo de apropriação do capital privado que está implícito à presença dos parques contemporâneos, já que estes podem agregar modificações na infraestrutura do entorno que possibilitam a vinda de empreendimentos privados especializados, como restaurantes, shopping centers etc., além de pressionar a saída de populações mais vulneráveis. Criam-se, nesse sentido, inúmeras propagandas publicitárias, lançando novos loteamentos (fechados ou não) que visam agregar valor ao solo urbano e vender a imagem de estar mais próximo da natureza.

Isso se deve principalmente em relação à extensão das áreas que compreendem os parques urbanos ao compará-los com as praças e largos, ou seja, a visibilidade e possibilidade de agregar valor com um parque é expressivamente superior. Mesmo assim, muitas praças vêm atraindo a presença do capital privado por meio de parcerias, como, por exemplo, através dos programas de adoção de praças. Esses programas são cada vez mais comuns nas grandes e médias cidades, propiciando que uma determinada empresa, em troca de incentivos e de divulgar sua logomarca, invista minimamente na manutenção desses espaços (como na poda de grama, manutenção de bancos etc.).

Na cidade de Uberlândia, o mais expressivo parque urbano corresponde ao Parque do Sabiá, criado na década de 1980 com o intuito de atender a uma demanda que não possuía opções de lazer e recreação, sobretudo, para utilização nos finais de semana e feriados.

Durante muito tempo os espaços de lazer e recreação na cidade eram somente de âmbito particular, como clubes privados voltados para as camadas mais abastadas da sociedade, surgindo o parque mencionado como uma alternativa de lazer gratuito. (MAZZEI, COLESANTI e SANTOS, 2007). No início, esse espaço era restrito somente aos trabalhadores, existindo a necessidade de apresentar a carteira de trabalho para a entrada, sendo posteriormente, liberado para toda a população. Nas décadas seguintes, houve a implantação dos parques setoriais municipais em outras partes da cidade, conforme veremos na próxima seção da tese.

É importante mencionar que os parques urbanos normalmente contemplam grupos de pessoas que se apropriam dos mesmos de forma similar ao processo que ocorre em outros espaços privados, reproduzindo o comportamento individualista que coaduna com a ausência de sociabilidade tão comum ao ambiente privado. Mesmo sendo relevantes para o lazer urbano, as atividades práticas ou contemplativas comumente são realizadas de forma individualizada.

Os exemplos mais gritantes são notados de acordo com a divisão das formas de consumo do espaço que ocorrem ao longo da semana e até mesmo ao longo do dia por parte dos cidadãos, sendo comum no Parque do Sabiá em Uberlândia, por exemplo, a presença de segmentos sociais mais abastados, durante as manhãs ou no começo da noite através de caminhadas e corridas. Os segmentos populares encontram-se mais presentes nos finais de semana, com o piquenique, a utilização de quadras e/ou parque infantil.

Ao refletir sobre a praça pública e, conseqüentemente, acerca de seu consumo no espaço urbano atual, é preciso pensá-la como espaço livre e aberto capaz de agregar variados interesses e perfis de usuários. No intuito de visualizar brevemente seu papel na composição interna das cidades, para problematizá-la enquanto espaço de lazer, é preciso resgatar sua inserção espacial no contexto urbano em diferentes sociedades e momentos históricos.

É possível constatar mudanças significativas no desenvolvimento territorial das cidades europeias que culminaram em profundas transformações na paisagem, especialmente a partir da segunda metade do Século XV, sendo que a presença das praças, aferia funções significativas na trama social e na configuração da paisagem urbana, como o traçado das ruas, avenidas etc.

Segawa (1996, p.31) destaca que a praça corresponde a um espaço eminentemente antigo, que se confunde com a própria origem do conceito ocidental de urbano, diferente dos

parques e jardins públicos que são “(...) criações efetivamente materializadas - enquanto espaços públicos urbanos - a partir do século 17”.

A característica de espaço de encontro, destinado à presença de pessoas para diversas finalidades remete a antecessores como a *ágora* grega, por exemplo, que correspondia ao espaço aberto de reunião dos cidadãos, vista como centro dinâmico.

De Angelis et al. (2005, p.06) destacam que tanto o Fórum Romano quanto a *Ágora* Grega “(...) traduzem a necessidade passada (perpetuada até hoje por outras formas de espaços públicos) de se ter um espaço onde fosse possível reunir-se, comercializar, debater ideias, adorar deuses, assistir a jogos ou simplesmente ocupar a ociosidade do tempo”.

Outras espacialidades de praças são apresentadas ao longo do tempo, sendo recorrente a ideia de local de espetáculo, mercado, palco de discussões políticas, encontro dos cidadãos, além de incluir recantos ajardinados. Entre essas, são destacadas pelos autores supracitados a Medieval; a Maior Hispânica; a de Armas; a Renascentista; a Barroca; ou o modelo inspirado no classicismo inglês, por exemplo.

A Medieval possui aspecto físico irregular, assume o papel de espaço social, por excelência, podendo ser lugar do mercado ou da Igreja (admo), comum como ponto de encontro político. A Praça Maior remete às cidades hispânicas ou hispano-americanas, sendo vista como elemento central no urbanismo destas, com seu traçado retangular é palco de espetáculos profanos, reuniões públicas, mercado etc. A Praça de Armas é vista como um desdobramento da Praça Maior, devido a sua morfologia presente em amplos espaços abertos e pelo uso do espaço como mercado. Era localizada tanto como centro de referência da cidade fortificada (intramuros), quanto em áreas descampadas (extramuros) próxima de campos militares. A Praça Renascentista insere-se definitivamente na estrutura urbana, sendo entendida como um lugar especial, e não apenas um espaço vazio na estrutura urbana. A Praça Barroca torna-se mais monumental do que funcional, é nela que “a esplanada central expulsa o mercado dando lugar aos jardins, árvores, bancos e pérgulas”, reflete espetacularidade em sua forma. (DE ANGELIS et al. 2005, p.10).

A vida na praça pública no fim da Idade Média e Renascimento representava no cotidiano das pessoas o ponto de convergência de tudo que não era oficial, onde de certa forma gozava-se de práticas menos hierarquizadas não comuns em outros locais. Havia uma permeabilidade do riso e da festa. A cultura popular tinha na praça pública um território próprio, além de uma data própria que correspondia aos dias de festa e de feira. (BAKHTIN, 1987 apud SEGAWA, 1996, p.34). De qualquer forma, o comportamento em público era suscetível a uma

espécie de etiqueta, uma forma de representação que impunha as vestimentas adequadas e um código de conduta quase teatral para as pessoas, seguindo o modelo das elites de cada época.

De Angelis et al. (2005) destaca que a inspiração das praças derivadas das correntes artísticas pós renascimento primavam por praças com grandes monumentos, colunas, estátuas e demais adornos que idealizavam a ideia de grandiosidade e imponência. Assim, as praças que antecedem ao modernismo apresentam uma espécie de função endógena segundo os autores, submetidas, por exemplo, a um edifício sagrado como a Igreja ou a um espaço cívico. Na Inglaterra, em meados do Séc. XVIII surge a preocupação com relação à temática higiênico-recreativa e social, que ganha nas inovações arquitetônicas, que incluem as praças e os primeiros parques planejados, grande relevância na configuração urbana, estendendo-se ao longo do tempo pelo mundo. No caso inglês, surgem inicialmente inúmeras praças para atender conjuntos de edifícios residenciais que são dispostos e com uma abertura na qual se projetam as praças.

Em solo brasileiro, a presença de praças e largos remonta ao Brasil Colônia em seus primeiros séculos de colonização, com localização em uma posição de valorização do espaço e função organizacional, com arquitetura mais apurada em seu entorno, sendo comumente associadas ao 'adro' das igrejas. (REIS FILHO, 1968 apud DE ANGELIS et al. 2005, p.13).

As praças multiplicaram-se nos mais diversos formatos, não acompanhando um único padrão estético e morfológico, com dimensões variadas, ora com mais concreto ou mais ajardinadas, com a presença ou não de mobiliário. Tradicional lugar de encontros, festas populares e religiosas, sua associação original junto ao adro da igreja ainda é presente em grande parte do país, principalmente nas áreas centrais das pequenas às grandes cidades.

Ao refletir sobre a praça contemporânea, atribui-se a ideia de que esta normalmente não possui uma função específica, nem depende, em sentido estrito, de um edifício ou de um monumento. Sua finalidade é a de se constituir em um lugar atrativo de encontro e reunião (FAVOLE, 1995 apud DE ANGELIS et al. 2005).

Observa-se que esse tipo de praça tende a criar ambientes que permitem maior participação e envolvimento dos usuários no seu interior, de forma que eles interajam mais com o espaço da praça. No entanto, outros condicionantes tendem a criar novas territorialidades, com formas de apropriação mais individualizadas que proporcionam a sensação de insegurança por parte de muitos usuários que almejam um espaço de lazer. Ao mesmo tempo, outras atividades geralmente privadas (presença da TV, Internet etc.), e de espaços tematizados e controlados tornam-se mais atrativos e concorrem com o espaço público da praça.

Existem inúmeras praças que se constituíram como pontos de referência na paisagem urbana. Cada vez menos apreciadas como espaço de lazer nas grandes e médias cidades, incluem novas formas de consumo e apropriação do espaço, com a constante presença de aspectos que remetem a práticas ilegais. Embora envolvidas por elementos não convidativos que depreciam seu consumo, ainda são “nós” articuladores da livre expressão e deslocamento de transeuntes, sendo referência urbana.

Apesar de agregar diversas formas de consumo e problemas relacionados à segurança, inúmeras praças de grandes capitais, entre elas, destacamos a Praça da Sé em São Paulo, continuam servindo de referência e marco histórico/ turístico.

Figura 1 - Praça da Sé – São Paulo, 2010



Fonte:<https://asimplicidadedascoisas.wordpress.com/2010/09/27/>. Acesso em 05/05/2019.

Esta praça agrega inúmeros turistas ou mesmo pessoas visitantes de diferentes regiões da cidade, que compartilham do local com vendedores ambulantes, anunciantes de vagas de emprego e outros produtos, pastores que proclamam seus cultos ao ar livre, prostitutas, usuários de drogas, moradores de rua e demais transeuntes. Muitos transitam para ter acesso aos diversos estabelecimentos comerciais no seu entorno e ao metrô. Também não é possível esquecer a presença da Igreja Católica, comum na maioria das praças centrais pelo país. Nesse caso, está localizada a Igreja da Sé que atrai fiéis em seus horários de missa.

Essa diversidade de uso e consumo também pode ser observada em escala semelhante ou menor em outras diversas praças distribuídas pelo país, sobretudo, a partir das cidades médias. É evidente que um recorte como este acima se refere à paisagem captada em um período do dia. Outros inúmeros recortes podem apontar cenários distintos e talvez mais conflituosos, sobretudo ao longo da noite.

As praças Tubal Vilela²⁴ e Sérgio Pacheco, ambas na área central de Uberlândia retratam de forma apropriada grande diversidade de formas de consumo. As duas são localizadas próximas do entroncamento central de transporte público e coletivo, contam com uma grande movimentação diária de pessoas que se deslocam principalmente a trabalho ou para comprar no principal centro comercial da cidade. A segunda praça citada conta com equipamentos de lazer (playground, pista de caminhada etc.) e nos finais de semana com programação específica que atende a comunidade. Essas praças serão representadas e analisadas nas próximas seções.

Com relação às pequenas cidades, é possível refletir que a imagem urbana tenha maior conotação ainda com a presença do espaço público da praça se comparado a outros núcleos médios ou grandes, pois a praça nesse contexto pode exercer mais relevância como espaço de lazer. Isso fica evidente através da centralidade que uma praça (seu espaço com vegetação) e os eventos realizados nesta exercem em pequenas cidades, algo significativo devido à ausência de outros equipamentos e instalações, principalmente de âmbito privado.

Gomes M. (2007, p.106) destaca que, sobretudo nas pequenas cidades “(...) ainda é bastante comum associar o centro de uma cidade à presença da principal praça, bem como da igreja católica. Isso remete a considerar esses dois elementos como referenciais urbanos da área central de uma cidade”.

Concorda-se que a praça pode, portanto, ser considerada a “senhora dos espaços públicos”, utilizando a expressão de De Angelis et al. (2005). Fica claro que apesar de aglutinar variadas funções ao longo do tempo, sendo desviadas suas formas de consumo com o lazer nos médios e grandes centros urbanos em tempos atuais, ainda assim, não deixará de ser um referencial urbano caracterizado pela reunião e pelo encontro, mesmo sujeita ao conflito.

Ao pensar na importância das praças, cabe apontar alguns dos valores que fundamentam sua necessidade enquanto espaço público e que não devem ser negligenciados, principalmente pelo poder público. É trazida à tona, a observação realizada por De Angelis et al. (2005, p.16-17) com base em Robba e Macedo (2002), ao destacar os valores ambientais

²⁴ Atualmente o nome da praça suscita inúmeras divergências, oficialmente nas páginas oficiais da Prefeitura de Uberlândia ainda é encontrada com o nome de “Tubal Vilela”, em homenagem a um antigo prefeito. No entanto, existe um Projeto de Lei encaminhado à Câmara Municipal que visa mudar o nome da praça para “Ismene Mendes”. A mudança de nome já foi alvo de manifestações de mulheres na cidade, pois segundo informações de algumas entidades como o Sindicato dos Trabalhadores Técnico - Administrativos em instituições federais de Ensino Superior de Uberlândia, ou a ADUFU- Associação dos Docentes da UFU, o ex-prefeito homenageado teria sido responsável pelo assassinato de sua esposa na década de 1920 e absolvido. A ideia é homenagear a advogada Ismene Mendes que foi brutalmente torturada na década de 1980 e não houve punição para os responsáveis.

(como controle da temperatura ou melhoria na drenagem de águas pluviais, por exemplo), os valores funcionais (lazer e recreação urbana) e os valores estéticos e simbólicos (presença de objetos cênicos e referenciais da paisagem).

Do ponto de vista das ações que repensam o papel das praças, cabe refletir acerca da necessidade de (re)aproximação da população local, na busca de uma mistura que contemple o resgate de festas e da cultura popular de uma forma geral, bem como a presença de espaços com vegetação e equipamentos de lazer bem cuidados.

Por estarem mais próximas das pessoas comparadas aos parques, faz-se necessário o acompanhamento de benfeitorias básicas para servir à população de diferentes faixas etárias, no intuito de atender à qualidade de vida dos cidadãos. Dessa forma, é necessário refletir acerca dos espaços públicos de lazer e no papel das políticas públicas que vêm sendo introduzidas no espaço urbano de Uberlândia.



Praça Leopoldo Ferreira Goulart (Setor Oeste), Uberlândia (MG), 2021.

**CARACTERIZAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS
DE LAZER EM UBERLÂNDIA**

3 – CARACTERIZAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER EM UBERLÂNDIA

3.1 – Praças, parques e demais espaços e equipamentos públicos de esporte, recreação e lazer

Neste momento, direciona-se a discussão para a análise da espacialização dos espaços e equipamentos públicos que contemplam a demanda de lazer do espaço intraurbano da cidade de Uberlândia. Nessa perspectiva, é dada prioridade aos espaços livres públicos, entendendo-os como articuladores na dinâmica das formas urbanas. Ao pensar no lazer, evidentemente que os espaços livres precisam minimamente compartilhar de alguns elementos atrativos, para propiciar a presença das pessoas. Estes se distribuem através de diferentes aspectos no espaço intraurbano, com variação de formas, áreas, usos, apropriação etc.

Apresenta-se, portanto, o resultado da análise dos espaços públicos livres e abertos que, de alguma forma, contemplam a atividade do lazer em Uberlândia. A referência para a análise corresponde ao Caderno Informativo 2018/2019, atualizado em 2020 e republicado como Caderno Informativo 2020, disponível pela Secretaria Municipal de Planejamento Urbano (SEPLAN).

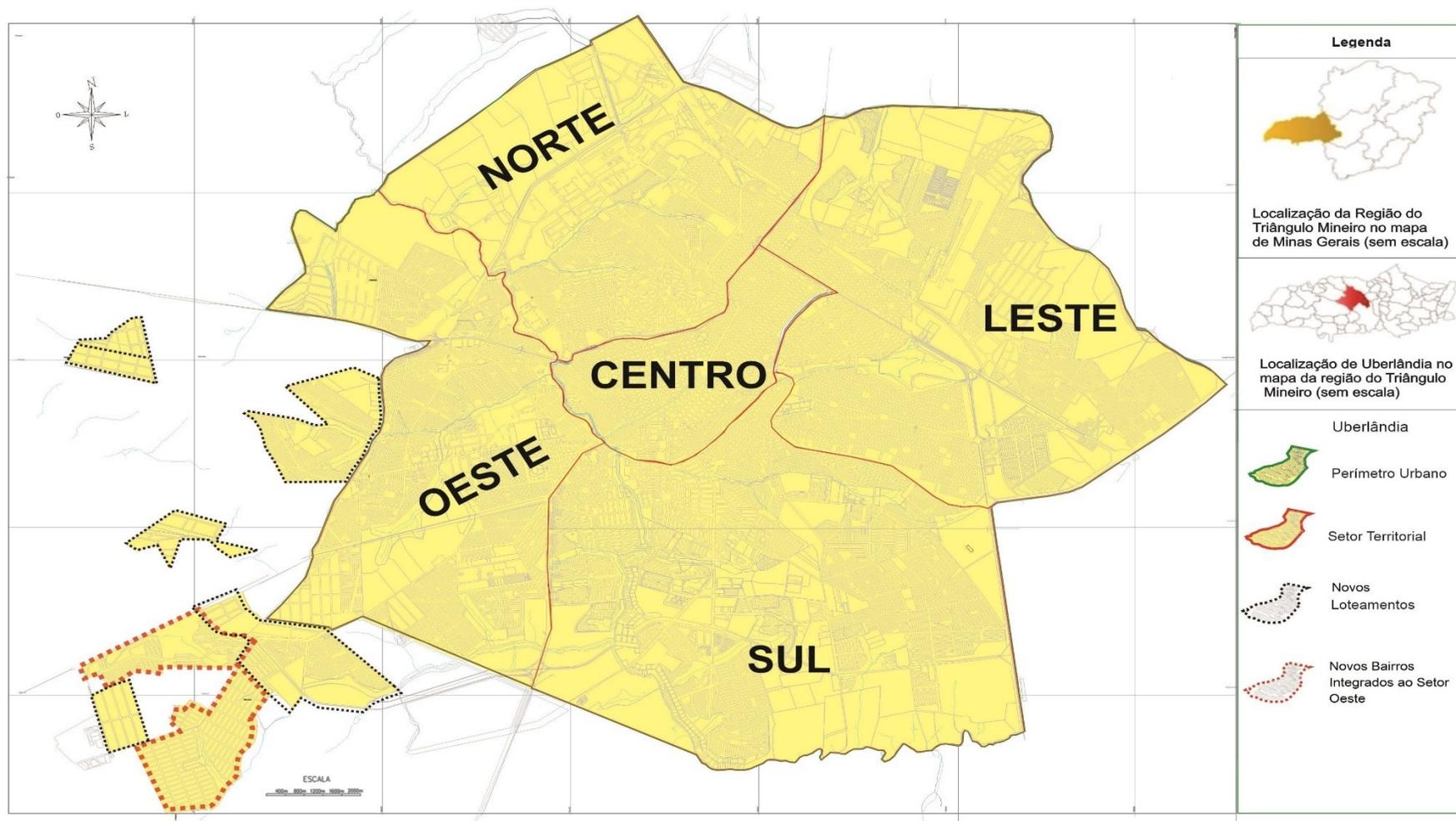
O documento em questão traz a descrição e localização de uma série de espaços, equipamentos e ações desenvolvidas na cidade, distribuídas pelos setores (Central, Norte, Sul, Leste e Oeste), considerando os bairros integrados presentes em cada um dos setores territoriais urbanos.

A organização dos diversos equipamentos e programas encontra-se anexada às secretarias municipais responsáveis. Ressalta-se neste momento, o vínculo com a Secretaria de Meio Ambiente e Serviços Urbanos (SMMASU) responsável pela gestão das praças e dos parques, bem como da Fundação Uberlandense de Turismo Esporte e Lazer (FUTEL), que direciona a implantação de programas e equipamentos esportivos para a comunidade.

Ao pensar nessas ações na cidade, é possível considerar o projeto “Bairros Integrados”, que segundo o poder público municipal, procura gerar possibilidades de um estudo detalhado da atual malha urbana, com a proposta de um sistema racionalizado de divisão espacial de modo a facilitar o trabalho dos órgãos públicos e das entidades privadas, além de orientar a população em relação a sua localização. (CADERNO INFORMATIVO- 2020).

A seguir, apresenta-se o Mapa 1, com a distribuição dos setores territoriais urbanos em Uberlândia.

MAPA 1 – DIVISÃO DE UBERLÂNDIA POR SETORES TERRITORIAIS URBANOS – 2020



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia – SEPLAN, (2020). **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Os espaços e equipamentos comunitários, especificamente das praças, parques e demais equipamentos públicos de esporte, recreação e lazer destacados nesse momento encontram-se vinculados aos cinco setores elencados (Central, Norte, Sul, Leste e Oeste).

São apresentados no decorrer deste tópico, cinco quadros referentes a cada setor que distinguem os espaços que contam com equipamentos e programas de lazer (ambos aparecem em tom mais escuro em *negrito*) e por aqueles que, segundo o documento analisado, não possuem equipamentos instalados.

O documento destaca o grau de urbanização das praças, considerando se estas são urbanizadas, semi-urbanizadas ou não urbanizadas. No entanto, não conceitua o que é necessário para uma praça ser ou não urbanizada²⁵. É importante salientar a ausência da discriminação do mobiliário presente (bancos, iluminação etc.) e, também, da vegetação presente (árvores, arbustos etc.).

Ao observar esses três tipos de praças em Uberlândia, a partir da nomenclatura adotada pela Prefeitura Municipal, foi possível visualizar que aquelas consideradas urbanizadas apresentam calçamento, áreas com vegetação e ajardinadas com paisagismo e, no mínimo a presença de mobiliário básico, como bancos e iluminação, por exemplo. As consideradas semi-urbanizadas, contemplam parcialmente alguns dos itens elencados nas anteriores, porém, normalmente com calçamento degradado ou a ausência de vegetação acompanhada de paisagismo. As não urbanizadas, comumente são representadas por terrenos abertos sem paisagismo, calçamento, mobiliário e equipamentos de lazer.

No entanto, em virtude de considerar o termo “urbanizado” a um processo que resulta em um contexto bem mais amplo de produção do espaço urbano, enfatiza-se nesta tese a ideia de considerar as praças como espaços dotados de infraestrutura “implantada”, “parcialmente implantada” e por aquelas apenas “designadas oficialmente” (sem qualquer infraestrutura).

Em relação ao Setor Central da cidade, são considerados os espaços e equipamentos dos bairros integrados Centro, Fundinho, Cazeca, Tabajaras, Lídice, Osvaldo Resende, Bom

²⁵ Cabe enfatizar a dificuldade em encontrar na literatura uma caracterização específica do que vem a ser uma “praça urbanizada”. Ao considerar outros apontamentos e normativas relacionadas à atuação do poder público em diferentes locais, torna-se possível associar essa “urbanização” como um processo que inclui a implantação de uma série de itens que compõem a infraestrutura básica de uma praça. Entre esses, o calçamento, que pode ser ecológico e conectar-se à vegetação, mas também deve propiciar boa acessibilidade às pessoas, compor mobiliários adequados como bancos em bom estado de conservação e que incluam materiais sustentáveis, iluminação adequada, jardinagem em boa conservação e, ocasionalmente, a presença de equipamentos que favoreçam a recreação e o lazer (parques infantis, academias etc.).

Jesus, Daniel Fonseca, Martins, Nossa Senhora Aparecida e Brasil. Nesse conjunto de bairros foi levantada a presença de 59 praças, um complexo esportivo nas instalações do Uberlândia Tênis Clube (UTC), que conta com a Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (FUTEL) na execução de escolinhas esportivas, e outro complexo esportivo que corresponde à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com seu espaço e programação voltada para a recreação e a prática esportiva disponível à população.

No que se refere às praças, observa-se que em muitas não estão discriminados os tipos de equipamentos presentes, sendo a maioria delas com infraestrutura implantada, pressupondo a presença de calçamento, vegetação, iluminação e alguns bancos, conforme foi possível observar através de imagens do *Google Maps*, a partir do recurso *Street View* que foi utilizado, num primeiro momento, para visualizar todas as praças da cidade.

Ao considerar os bairros Centro e Fundinho, representativos na formação inicial da cidade, é possível apresentar nomes de importantes praças presentes na memória do município, como, por exemplo, a Clarimundo Carneiro (Ver Figura 2), tombada como patrimônio histórico em 1985, arborizada e que conta com a presença de um coreto, bancos e do prédio que atualmente é o Museu Municipal (antiga Prefeitura).

Figura 2 – Praça Clarimundo Carneiro (meados da déc. de 1930 do Séc. XX)/ - Praça Clarimundo Carneiro (2021).



Fontes: museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/praca-clarimundo-carneiro-antiga-antonio-carlos. Acesso em 05/05/2019. /LUCAS, F. M., (Pesquisa de campo, 2021).

Inicialmente, a praça Clarimundo Carneiro teve a função de representar imponência e estilo moderno na época de sua instalação, passando por mudanças de nome nas primeiras décadas, sendo que “(...) em 1961, a praça passou a se chamar Praça Clarimundo Carneiro, em homenagem a um importante empresário local que desenvolveu suas atividades em Uberlândia nos primeiros anos do século XX”. (UBERLÂNDIA, 2020, s./p.)

As praças localizadas nas imediações do bairro Fundinho, as quais correspondem a oito no total, passaram por mudanças significativas, tanto em suas funções (como a destacada

acima), quanto no uso e importância na memória da cidade. Acompanhando um movimento já salientado em inúmeras cidades, as áreas centrais perdem ao longo do Séc. XX o status social de outrora, como “lugar do lazer” e fundamentalmente, como área eminentemente residencial, existindo a presença cada vez mais preponderante de áreas comerciais e de dificuldade no que diz respeito à mobilidade urbana, comum com os congestionamentos derivados da marcante presença de veículos individuais.

Assim, o bairro Fundinho através de projeto de requalificação que ainda inclui a área central como um todo, identificado como “Projeto de Requalificação da Área Central e Fundinho Integrado ao Contexto dos Bairros”, proposto pelo município a partir do ano de 2009, passa por grandes transformações nessa área (ALVES L. e RIBEIRO FILHO, 2013).

Nesse caso, o intuito foi estabelecer uma valorização dos pontos históricos, turísticos e culturais presentes. Pensou-se fundamentalmente nas praças, com propostas de torná-las mais abertas e amplas, com a diminuição de estacionamentos rotativos, aumento de ciclovias e espaços para caminhar que incluem a expansão das calçadas no entorno. Os pilares básicos, segundo a equipe da Tecisan Engenharia contratada para elaborar o projeto em 2009, basearam-se na ideia de resgate simbólico da área, da reestruturação urbanística e da mobilidade, da valorização do espaço público e incentivo ao uso residencial, cultural e turístico.

As ações de revitalização tornam-se cada vez mais comuns a partir do final da década de 1970 do Séc. XX nas grandes cidades brasileiras e, mais recentemente, este processo chega às áreas centrais nas cidades médias e pequenas. “As políticas urbanísticas e de planejamento desde então buscam intervir nas áreas centrais para reverter a situação instaurada, promovendo a recuperação e preservação das mesmas no âmbito dos aspectos físicos, sociais, econômicos, culturais e ambientais” (ALVES L. e RIBEIRO FILHO, 2013, p.06).

O bairro Fundinho embora ainda mantenha a presença de usos residenciais de padrão médio e médio/alto (conciliando antigas residências com novos edifícios), passa a receber um grande fluxo comercial, com a presença de serviços voltados para a cultura e educação, configurando-se em área de vocação artística e cultural. Oliveira (2017) destaca que a diversidade de usos propicia múltipla centralidade, com a formação de um sistema de espaços com permeabilidade e de uma rede de estruturas de movimentos no espaço urbano, sendo que as praças e as ruas são vistas como os principais lugares desses fluxos.

Embora as praças presentes no bairro citado acima não contemplem a presença de equipamentos que incluam atividades práticas e/ou esportivas de lazer, o seu entorno é composto por uma representativa quantidade de bares, restaurantes, dentre outros estabelecimentos que atraem pessoas em seus momentos de tempo livre ou disponível em busca

de relaxamento, o que não inclui a praça como finalidade principal. Mesmo assim, a praça com certeza agrega charme à paisagem de tais estabelecimentos de lazer.

Ao pensar no centro da cidade, destacam-se praças de significativa relevância, como a Tubal Vilela (Ver Figura 3), que também é tombada como patrimônio municipal. Esta praça, segundo informações do portal da prefeitura de Uberlândia, foi inicialmente parte de projetos urbanísticos elaborados a partir do final do Séc. XIX, com o objetivo de construir uma cidade moderna, “(...) no ano de 1898, o engenheiro da Mogiana, o inglês, James John Mellor que estava na cidade para implantação da estação ferroviária, foi contratado pela comunidade para desenhar a planta do espaço urbano que ficou conhecida como a ‘Cidade Nova’”. A ideia era abrir seis avenidas entre a parte mais antiga da cidade e a Estação da Mogiana. “(...) O quarteirão mais central dessa expansão, atual Praça Tubal Vilela, foi destinado à construção de um jardim, que recebeu inicialmente o nome de Praça da República”. (UBERLÂNDIA, 2020, s./p.).

Figura 3 – Praça Tubal Vilela (primeira metade do Séc.XX)/ Praça Tubal Vilela (2014)



Fontes: <http://museuvirtualdeuberlandia.com.br> / www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria/. Acesso em 05/05/2019.

Em período recente, essa praça passa por um processo de reivindicação da mudança de seu nome para Ismene Mendes, conforme já mencionado anteriormente. Corresponde à principal centralidade da cidade, sua estrutura inicial orientou um sistema de praças no bairro histórico que se conectava com a parte alta, definindo a qualidade da sua estrutura urbana. Essa organização definiu o padrão morfológico da área, caracterizou a área central da cidade e promoveu diferentes tipos de apropriação no espaço público. (COCOZZA E OLIVEIRA, 2013).

Outra praça no centro da cidade que é descrita com a presença de importantes equipamentos de lazer é a Praça Sérgio Pacheco (ver Figura 4), que conta com diversos equipamentos esportivos e recreativos. A praça foi inaugurada no ano de 1976 e seu projeto foi

alvo de disputas políticas para sua implantação que implicaram em mudanças na sua forma, sendo instalada em uma área onde anteriormente funcionava o pátio de trens da Cia. Mogiana. (MUSEU VIRTUAL DE UBERLÂNDIA, 2016).

Figura 4 – Praça Sérgio Pacheco (1976- Inauguração) / - Praça Sérgio Pacheco (2021)



Fontes: museuvirtualdeuberlandia.com.br. Acesso em 05/05/2019. / LUCAS, F. M. (Pesquisa de campo, 2021).

Essas praças ocupam pontos de grande fluxo de transeuntes na área central, sendo a última citada próxima das imediações do terminal central de ônibus intraurbano. Tanto essas praças destacadas, quanto inúmeras outras veem passando por projetos de revitalização que incluem a poda de árvores, melhorias na iluminação pública, reforma de parque infantil (quando tal equipamento está presente), instalação de academias de ginástica ao ar livre, dentre outras. Essa revitalização não aparece especificada no que diz respeito à concepção de seus projetos no documento analisado, apenas citando-os, tanto em praças com a infraestrutura implantada (como é o caso da maioria presente no Setor Central) e em praças com infraestrutura parcial ou apenas designadas oficialmente.

O processo de revitalização de praças já vem sendo destacado em anos anteriores à atual gestão conforme foi possível constatar em alguns portais de notícias²⁶, ao contar inclusive com a presença de pinturas de artistas plásticos em colunas, como na Praça Cícero Macedo no bairro Fundinho. Em entrevista no ano de 2018 ao jornal Diário de Uberlândia, o assessor da Secretaria do Meio Ambiente, Anderson Alves de Paula, em meio ao início das obras mais recentes de revitalização na Praça Sérgio Pacheco afirmou que “(...) certamente é algo que traz melhorias aos espaços públicos, para que ofereçam as condições necessárias para a população e os tornem pontos de encontros” (DIÁRIO DE UBERLANDIA, 2018, s./p.).

²⁶ Ver portal de notícias <http://uipi.com.br/destaques/destaque-1/2013/07/31/nove-pracas-de-uberlandia-ja-foramrevitalizadas/> e <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/06/projeto-visa-revitalizar-pracas-de-uberlandia-com-ajuda-de-artistas.html>. Acesso em 10/08/2019.

Observa-se nesta fala, ao menos em tese, a preocupação em resgatar nessas praças algo fundamental quando se reflete acerca da vivência do lazer em espaços públicos urbanos, justamente a possibilidade de se tornar ponto de encontro entre os cidadãos.

Para De Angelis et al. (2005, p.01), as praças correspondem ao “cenário de festas, passeios, reuniões, comércio, permanência, encontros e desencontros, descanso, convulsões sociais; obra do Homem no arco do tempo que transcende o próprio; registro vivo a perpetuar na História modismos e estilos de cada época”.

Nesse contexto, se para alguns as praças exprimem locais de bate papo, reencontro, para outros podem significar trocas de experiências, mercadorias, lazer, meditação e, embora vistas através de conceitos e funções variadas, “(...), porém, todas têm um ponto em comum: é o local da reunião, do encontro” conforme já salientado. (DE ANGELIS et al., 2005, p.02-03). De acordo com os autores citados,

(...) não há como negar que a função da praça alterou-se ao longo do tempo. Na antiguidade, sua função era bem mais rica de significado, não se limitando a lugar de cruzamento das vias públicas, estacionamento para automóveis ou de ponto para comércio de mercadorias as mais diversas. Esse estreitamento de sua função deu-se a partir do momento em que as estruturas logísticas dos mercados, a troca de informação e a própria informatização, aliados ao processo de globalização, sem dizer do poder com seus meios e seus símbolos, distanciaram-se da dimensão comunitária da coletividade, e se aproximaram do privado na sua dimensão familiar, se não, ao seu isolamento individual.

Com isso, pode-se dizer que ao longo do tempo as praças passam por uma mudança de significado no imaginário coletivo urbano, não deixando de ser um ponto de referência nas cidades, mesmo que sejam, sobretudo, voltadas apenas para a passagem em muitos casos e vistas com mais desconfiança como espaço de relaxamento e lazer. Isso pode ocorrer por um lado, devido à pouca efetividade do poder público em determinadas ações para mantê-las “vivas” e atrativas, por outro lado, pela forte valorização aos espaços coletivos e privados que agregam o status de segurança e tranquilidade, aliado ao consumo de mercadorias mencionado anteriormente.

Além das treze praças presentes no bairro Centro e no Fundinho, o Setor Central também é composto por quatro praças no Cazeca, doze no Tabajaras e cinco no Lídice, ambos os bairros vizinhos, sendo que dessas, apenas uma localizada no bairro Lídice é discriminada com a presença de equipamentos (barras de ginástica). As demais em sua maioria com infraestrutura implantada, contam esporadicamente com bancos e canteiros com vegetação e iluminação. Três praças sofreram alteração de bairro, duas delas anteriormente localizadas no

bairro Fundinho (João Fonseca e Ladário Teixeira) e uma no Centro (Luz e Claridade), ambas passaram a compor o bairro Tabajaras.

Os bairros Osvaldo Resende, Bom Jesus, Daniel Fonseca e Martins contam juntos com vinte praças, sendo onze delas no primeiro bairro citado. Desse total, em quatro aparecem discriminados os equipamentos, com a presença de academias ao ar livre e uma quadra de peteca em uma das praças no bairro Martins. Existe nesse último bairro o complexo esportivo do Uberlândia Tênis Clube (UTC) que oferece escolinhas de modalidades esportivas à comunidade. Em uma das praças presentes no bairro Osvaldo Rezende também existe um parque infantil não discriminado no documento analisado, identificado a partir da utilização do recurso *Street View* do *Google Maps*.

Ainda no Setor Central aparecem outras cinco praças nos bairros Nossa Sra. Aparecida e Brasil, sendo que quatro contam com equipamentos como parque infantil (playground), academias ao ar livre e um teatro de arena em uma delas. Existe um complexo esportivo que corresponde às instalações do campus de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que oferta uma série de atividades (desde danças, musculação, ginástica, atividades físicas para pessoas com deficiência, utilização das quadras de esportes, além de bibliotecas disponíveis para a pesquisa).

É possível verificar no setor inúmeras praças que são compostas por pequenos canteiros ou rotatórias gramadas. A seguir, no Quadro 1, apresentam-se as cinquenta e nove (59) praças e os dois complexos esportivos localizados no Setor Central de Uberlândia. E suas características de infraestrutura implantada, equipamentos e programas de esporte e lazer.

QUADRO 1 - EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS: PRAÇAS, PARQUES URBANOS E COMPLEXOS ESPORTIVOS DO SETOR CENTRAL - UBERLÂNDIA, 2020

Praças/ Parques/ Outros	Bairro	Endereço	Urbanização (Infraestrutura implantada)	Presença de equipamentos e/ou programas de esporte e lazer
1 - Adolfo Fonseca	Fundinho	Av. João Pinheiro, Av. Cipriano Del Fávoro, Rua Goiás, Rua Teixeira S.	Urbanizada - projeto de revitalização	Não discriminado - arborizada com bancos, calçamento e iluminação
2 - Cícero Macedo	Fundinho	Rua Coronel Severiano, Rua Felisberto Carrijo, Rua Coronel Manoel Alves, Rua Marechal Deodoro	Urbanizada	Arborizada com calçamento, iluminação e bancos/ Reserva Técnica de apoio ao Museu Municipal, antiga Biblioteca
3 - Clarimundo Carneiro	Fundinho	Av. Afonso Pena, Av. João Pinheiro, Rua Bernardo Guimarães, Rua Silviano	Urbanizada - projeto de revitalização	Arborizada com calçamento, iluminação e bancos/ Coreto, Museu Municipal
4 - Coronel Carneiro	Fundinho	Rua XV de Novembro, Rua Tiradentes, Rua Silva Jardim, Rua Dom Barreto	Urbanizada	Arborizada com calçamento, iluminação e bancos e Palco de apresentações
5 - Doutor Duarte	Fundinho	Rua Barão de Camargo, Rua Augusto César, General Osório	Urbanizada	Não discriminado – Canteiros gramados com coqueiros e árvores esporádicas, calçamento, iluminação e bancos
6 – Rosário	Fundinho	Rua Silviano Brandão, Rua Barão de Camargos, Rua Rodolfo Corrêa	Urbanizada	Não discriminado - área calçada com igreja, iluminação e algumas palmeiras
Total: 06 praças				
1 - Lindolfo França	Centro	Rua Professor Pedro Bernardes, Av. Rio Branco, Rua Olegário Maciel	Urbanizada	Não discriminado - canteiro com duas árvores*
2 - Luís de Freitas Costa	Centro	Av. Princesa Isabel, Av. Cipriano Del Fávoro, Rua Olegário Maciel	Urbanizada	Não discriminado - com alguns bancos, calçamento, iluminação e árvores
3 - Oswaldo Cruz	Centro	Av. Afonso Pena, Av. João Pessoa, Rua Coronel Antônio Alves	Urbanizada - projeto de revitalização	Não discriminado – na frente do antigo Fórum, com grandes árvores (figueiras), calçamento, iluminação e alguns bancos
4 - Prof. Jacy de Assis	Centro	Rua Coronel Antônio Alves, Av. Floriano Peixoto	Urbanizada	Não discriminado - calçada com a presença de bancos, iluminação e algumas árvores
5 - Sérgio Pacheco	Centro	Av. João Pessoa, Av. Fernando Vilela, Av. João Pinheiro, Av. João Naves de Ávila, Av. Brasil, Rua Roosevelt de Oliveira	Urbanizada	Arborizada com calçamento, iluminação e bancos, pq. Infantil, Teatro de Arena, Casa Ambiental, p. polícia, 02 quadras esportes, Feira da Gente, barras e Academia ao Ar Livre.
6 - Tubal Vilela	Centro	Av. Afonso Pena, Av. Floriano Peixoto, Rua Duque de Caxias	Urbanizada	Arborizada com calçamento, iluminação e bancos, Fonte luminosa, Concha acústica, lagos (03), posto policial
7 - Rui Barbosa	Centro	Av. Floriano Peixoto, Rua Goiás, Silviano Brandão	Urbanizada	Não discriminado - calçada com árvores, iluminação e bancos

Total: 07 praças				
1 - Ana Moraes	Cazeca	Rua Camilo Braga, Rua Antônio Morais	Urbanizada	Não discriminado - área arborizada com a presença de alguns bancos e iluminação
2 - Bercario Gomes Corrêa	Cazeca	Rua Diógenes de Morais, Rua Elmiro Gonçalves Pinto, Rua Camilo Braga	Semi-urbanizada	Não discriminado – Canteiro gramado com árvores e alguns bancos*
3 - Loja Maçônica Tiradentes	Cazeca	Rua José de Moraes, Av. Rio Branco, Rua Segismundo Moraes	Não urbanizada	Não discriminado - Gramada e arborizada
4 - Telmo Gomes Corrêa	Cazeca	Av. João Naves de Ávila, Rua Hortêncio Moraes, Rua Elmiro G.	Urbanizada - projeto de revitalização	Não discriminado- praça calçada com árvores, iluminação e bancos
Total: 04 praças				
1 - Antônio Constantino de Paula	Tabajaras	Rua Coronel Severiano, Rua Olavo Bilac, Rua Santa Vitória	Urbanizada	Não discriminado- pequena praça arborizada, com calçamento e alguns bancos*
2 - Coronel Virgílio Rodrigues da Cunha	Tabajaras	Rua XV de Novembro, Rua Professora Guaraciaba dos Santos, Rua Tamandaré	Urbanizada	Não discriminado – calçada, arborizada com bancos e iluminação
3 – Inominada	Tabajaras	Av. Afrânio Rodrigues da Cunha, Rua Souza Costa	Urbanizada	Não discriminado - pequeno canteiro com árvores, calçamento parcial e alguns bancos*
4 - José Esteves de Ávila	Tabajaras	Rua Icaraí, Rua Virgílio Melo Franco	Semi-urbanizada	Não discriminado - canteiro gramado com coqueiros*
5 - Nossa Senhora do Carmo	Tabajaras	Rua Bernardo Guimarães, Av. Paes Lemes	Urbanizada	Não discriminado- calçada com área verde(arborizada), iluminação e bancos
6 - Professor Nelson Cupertino	Tabajaras	Rua General Câmara, Rua Olavo Bilac, Rua Santa Vitória	Urbanizada	Não discriminado - calçada com a presença de bancos, iluminação e árvores
7 - Olívia Calábria (Musical)	Tabajaras	Rua Vital Macedo, Av. Afrânio Rodrigues da Cunha, Rua Tuiuti	Urbanizada	Não discriminado - calçada com área verde (grama e árvores), iluminação e bancos
8 - Plínio Salgado	Tabajaras	Rua Álvares Cabral, Av. Afrânio Rodrigues da Cunha, Rua Coronel S.	Não urbanizada	Não discriminado - gramada com árvores
9 - Ronaldo Guerreiro Pena	Tabajaras	Rua Santa Vitória, Rua XV de Novembro	Urbanizada	Não discriminado - pequeno canteiro ocupado por grande figueira*
10 - Ladário Teixeira	Tabajaras (bairro alterado)	Rua Augusto César, Rua Lúcia Matos, Rua Francisco Alves	Urbanizada	Não discriminado – Pequena praça calçada com alguns bancos e canteiros com árvores*
11 - João Fonseca	Tabajaras	Av. Princesa Isabel, Rua T. Santana	Urbanizada	Não discriminado - pequeno canteiro calçado com arbustos*
12 - Luz e Caridade	Tabajaras (bairro alterado)	Rua Felisberto Carrijo, Av. Princesa Isabel, Rua Goiás	Urbanizada	Não discriminado – pequena praça gramada com algumas árvores, calçamento parcial e iluminação*

Total: 12 praças				
1 - Jair Moreira Rodrigues	Lídice	Rua Jamil Tannús, Rua Rio Preto, Av. Rondon Pacheco, Rua Doutor Lacerda	Urbanizada	Gramada com algumas árvores, bancos, calçamento e Barras de ginástica (academia)
2 - Michel Cury	Lídice	Rua Duque de Caxias, Av. Rondon Pacheco, Rua Xavantes	Urbanizada	Não discriminado - gramada com algumas árvores e iluminação
3 - Professor Henckmar Borges	Lídice	Rua Professor Mário Porto, Rua Johen Carneiro	Semi-urbanizada no documento	Não discriminado- calçada, com canteiros gramados, árvores, iluminação e alguns bancos
4 - Nilson Marques Souza	Lídice	Rua Antônio Póvoa, Rua Javari, Rua Rodolfo Corrêa	Não urbanizada - Projeto de revitalização	Terreno aberto gramado com algumas árvores*
5 – Triângulo	Lídice	Rua Doutor Lacerda, Johen Carneiro, Rua Rio Preto	Não urbanizada	pequeno canteiro gramado com algumas árvores*
Total: 05 praças				
1 - Adalberto Rodrigues da Cunha	Oswaldo Resende	Rua Araguari, Rua Osvaldo Rezende	Urbanizada	Arborizada com gramado, bancos, calçamento, iluminação e Academia ao Ar Livre
2- Alayde Rezende Pereira	Oswaldo Resende	Rua Osvaldo Rezende, Rua Luís Rocha e Silva, Av. Estrela do Sul	Urbanizada	Não discriminado – Arborizada com gramado, bancos, calçamento, (pequeno parque infantil e barras de ginástica não informados no documento)**
3 - Américo Zardo	Oswaldo Resende	Av. Paes Leme, Rua Araxá, Rua Alexandre Marquez	Urbanizada	Não discriminado- praça com calçamento, área gramada, iluminação e bancos
4 - Frei Egídio Parisi	Oswaldo Resende	Rua Paes Leme, Av. Fernando Vilela	Urbanizada	Não discriminado- Gramada e arboriz., calçada e iluminação
5 - Elisa de Freitas Borges	Oswaldo Resende	Rua Bernardo Cupertino, Av. Paes Leme, Rua Campina Verde	Urbanizada	Não discriminado- canteiro gramado, com alguns bancos, calçamento e árvores*
6 - José Silvestre Costa	Oswaldo Resende	Rua João Thomaz de Resende, Rua Itanhandu, Rua Paes Leme.	Urbanizada	Arborizada com gramado, bancos, calçamento, iluminação.
7 - Lázaro Zamenhoff	Oswaldo Resende	Rua Padre Pio, Av. Paes Leme, Rua Tapuirama	Urbanizada	Não discriminado -arborizada, gramada com alguns bancos e calçamento
8 - Lions Clube	Oswaldo Resende	Av. Getúlio Vargas, Av. Marcos de Freitas Costa	Semi-urbanizada	Não discriminado- arborizada, gramada, com alguns bancos e iluminação
9 - Mário Rezende Ribeiro	Oswaldo Resende	Rua Tapuirama, Rua Poços de Caldas, Av. Marcos de Freitas Costa.	Urbanizada	Não discriminado- gramada com coqueiros, alguns bancos e calçamento
10 – P. Rezeck A. Gas.	Osv. Resende	Professor Rezeck Andraus Gassani	Urbanizada	arborizada com bancos, iluminação e academia ao ar livre.
11 – Inominada	Oswaldo Resende	Rua Osvaldo Rezende, Rua Otávio Oliveira Santos	Semi-urbanizada	Não discriminado- pequeno canteiro com algumas árvores*

Total: 11 praças				
1 - Almor Rodrigues da Cunha	Bom Jesus	Rua Estrela do Sul, Av. Mauá, Rua Costa Pereira	Urbanizada	Não discriminado - arborizada com alguns bancos, calçamento e iluminação
Total: 01 praça				
1 – Cataguazes	Daniel Fonseca	Av. Brigadeiro Sampaio, Rua Monlevade	Semi-urbanizada	Não discriminado- gramada e arborizada, calçamento e iluminação
2 – Pioneiros	Daniel Fonseca	Av. Marcos de Freitas Costa, Rua Indianópolis	Semi-urbanizada	Não discriminado- Gramada com algumas árvores, iluminação e calçamento
3 – Academia ao ar livre	Daniel Fonseca	Rua Geraldo Motta B. e Brigadeiro Sampaio		Academia ao ar livre instalada na margem direita do Parque Linear do Rio Uberabinha***.
Total: 02 praças e 01 academia ao ar livre				
1 – Bíblia	Martins	Rua Higino Guerra, Rua Rodrigues da Cunha, Rua Vieira Gonçalves	Urbanizada - projeto de revitalização	Não discriminado- arborizada, com calçamento, iluminação e alguns bancos
2 – Líbano	Martins	Rua Olegário Maciel, Rua Francisco Sales, Rua Artur Bernardes	Urbanizada - projeto de revitalização	Não discriminado- canteiros gramados e arborizada, com calçamento, iluminação e bancos
3 – Inominada	Martins	Av. Getúlio Vargas, Av. Raulino Cotta Pacheco	Urbanizada	Não discriminado- pequena praça, com canteiros gramados e arborizada, calçamento, iluminação e alguns bancos*
4 - Francisco Cotta Pacheco	Martins	Rua Alexandre Marquez, Rua José Andraus	Semi-urbanizada	Não discriminado- pequeno canteiro arborizado*
5 - Lêda Márcia Ferreira Cunha	Martins	Rua Monte Carmelo, Rua Rivalino Pereira	Não urbanizada	pequeno canteiro gramado e arborizado*
6 - Nicolau Feres	Martins	Av. Araguari, Av. Sacramento, Rua Artur Bernardes e Rua Rodrigues da Cunha	Urbanizada	Arborizada com bancos, calçamento, iluminação, Quadra de peteca, Academia ao Ar Livre, barras de ginástica. e (parque infantil não mencionado)**
7 - UTC – Centro Municipal de Alto Rendimento/	Martins	Av. Cipriano Del Fávero, 741		Ginástica artística, Futsal, vôlei, Basquete, Natação, Hidroginástica: adulto, mix dance, Judô, Karatê, Funcional (diferentes faixas etárias).
Total: 06 praças				
1 - Complexo Educação Física FAEFI/UFU/ Bibliotecas UFU/ESEBA	N. Sra. Aparecida	Rua Benjamin Constant, 1.286		Oferece Danças latinas, fitness saúde, futsal, ginástica olímpica, musculação, pilates e programa de atividades físicas para pessoas com deficiência/ acervos de livros.

2 - Osvaldo V.Gonçalves	N. Sra. Apar.	Rua Buriti Alegre, Rua F. de Moraes	Urbanizada	Arborizada e gramada, com bancos, calçamento, iluminação e Academia ao Ar Livre
3 - Nossa Senhora Aparecida	N. Sra. Aparecida	Av. João Pinheiro, Rua Prata, Rua Monte Alegre	Urbanizada	Não discriminado- arborizada com a presença de bancos, calçamento e iluminação
4 – Participação	N. Sra. Aparecida	Av. Rondon Pacheco, Rua Belém, Rua Porto Alegre, Rua Feliciano de Moraes	Semi urbanizada: projeto de revitalização	Arborizada com a presença de bancos, calçamento, iluminação, Playground e (barras de ginástica não informadas)** .
Total: 03 praças e 01 complexo esportivo				
1 -Ana Diniz	Brasil	Av. Maranhão, Av. Pará, Rua Espírito Santo, Rua Rio de Janeiro	Urbanizada - projeto de revitalização	Arborizada com a presença de bancos, calçamento, iluminação, Playground, Academia ao Ar Livre, barras de ginástica e (quadra não mencionada)**
2 - Hermínia Zocolli Costa	Brasil	Av. Cesário Alvim, Rua Feliciano de Moraes, Rua Padre Américo Ceppi, Rua José Resende dos Santos	Urbanizada	Arborizada com a presença de bancos, calçamento, iluminação, Playground, Teatro de Arena e (quadra não mencionada)**
Total: 02 praças				
TOTAL SETOR CENTRAL: 59 Praças e 02 Complexos Esportivos				
*Espaços identificados como praças que correspondem a pequenos canteiros gramados, com alguma árvore ou terrenos abertos sem qualquer tipo de paisagismo.				
**Praças que contemplam algum tipo de equipamento de lazer e esporte não informado pelo poder público no documento analisado.				
*** Apesar do destaque dado a uma academia ao ar livre instalada na margem direita do Parque Linear do Rio Uberabinha, no bairro Daniel Fonseca, oficialmente, segundo o documento analisado o parque linear em questão encontra-se no bairro Jaraguá (Setor Oeste).				
- O termo “urbanização” é de uso exclusivo da Prefeitura Municipal, considera-se ao longo da discussão, o termo “infraestrutura implantada”.				
As praças e demais equipamentos destacados em negrito contemplam equipamentos de esporte e lazer instalados.				

Fonte: Caderno Informativo 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Outro setor a ser destacado corresponde ao “Setor Norte”, no qual encontram-se espaços e equipamentos presentes nos bairros integrados Roosevelt, Jardim Brasília, Maravilha, Pacaembu, Santa Rosa, Nossa S. das Graças, Residencial Gramado, Marta Helena, Distrito Industrial e Minas Gerais. Nesse setor existem quarenta (40) praças, três complexos poliesportivos e dois parques (um deles passível de uso para o lazer).

O bairro Roosevelt com seu traçado irregular e sistema viário circular, apresenta vias radiais conectadas por praças e corresponde a algumas das experiências adotadas no processo de expansão da malha urbana entre as décadas de 1950 e 1970.

Este modelo é marcante no tecido urbano de Uberlândia, e outros parcelamentos são estruturados com este modelo, onde o sistema viário adquire uma importância maior na organização dos espaços livres. Tal modelo seguia os princípios urbanísticos que se desenvolviam no interior do Brasil, tendo, como principal expoente, Goiânia, cidade planejada com influência da cidade jardim e que despontava como exemplo de qualidade urbana (COCOZZA e OLIVEIRA, 2013, p.19).

A maioria das praças do setor encontra-se nesse bairro, sendo que em muitas não aparecem discriminados os equipamentos de lazer presentes. De quinze praças, apenas quatro contemplam equipamentos, como quadra de cimento, pista de skate, academia ao ar livre, parque infantil, palco de cimento e uma biblioteca do Sesi que funciona como sucursal da Biblioteca Municipal. Em uma delas encontra-se instalado o Complexo Poliesportivo do bairro. As demais praças correspondem a áreas gramadas, com a presença de árvores, iluminação e ocasionalmente bancos e algum tipo de calçamento.

Nos bairros Jardim Brasília, Maravilha e Pacaembu estão presentes onze praças e um Poliesportivo. Em duas praças de acordo com o Caderno Informativo-2020 aparecem discriminados alguns equipamentos, como academias de ginástica ao ar livre e quadra de cimento. Em outras três praças também se constata a presença de quadra de cimento, barras de ginástica e parque infantil, ausentes no documento e visíveis a partir da utilização do recurso *Street View* do *Google Maps*. É importante lembrar ainda que veem sendo instalados mais recentemente alguns equipamentos infantis (play kids) em duas praças, uma no Jardim Brasília e outra no Pacaembu, ambos ainda não integrados no documento em questão.

No bairro Maravilha encontra-se em fase de construção um espaço de esportes denominado de “Praça da Juventude”, não elencado no documento abordado, foi oficializado no Diário Oficial do município no dia 27/02/2020 de acordo com informações da Secretaria de Planejamento Urbano (UBERLÂNDIA, 2020).

Nos bairros Santa Rosa, Nossa Senhora das Graças e Residencial Gramado, de um total de oito praças, em cinco existem equipamentos como academia ao ar livre, quadra de cimento e parque infantil, além de um poliesportivo e do parque urbano “Victório Siquierolli” no bairro Santa Rosa. O parque é dotado de área com vegetação com trilhas ecológicas, centro de amostras com informações e plantas do cerrado (espaço para educação ambiental), museu, parque infantil e amplo espaço de relaxamento.

Nos bairros Marta Helena, Distrito Industrial e Minas Gerais estão presentes seis praças, com a presença de equipamentos como academia ao ar livre, quadra de cimento e parque infantil em quatro delas. Um parque infantil e um campo de futebol não declarados no documento analisado ainda são visíveis. Existe um parque urbano no Distrito Industrial que é restrito à preservação ambiental e não destinado para a recreação e lazer.

Do total de praças no setor, muitas correspondem a pequenos canteiros gramados, ou mesmo a terrenos vazios ocasionalmente com a presença de vegetação sem nenhum tipo de infraestrutura para o lazer. Nas demais praças que não apresentam equipamentos de lazer predominam as áreas gramadas, arborizadas ou com arbustos, alguns bancos, iluminação e calçamento parcial, conforme é destacado no próximo quadro.

QUADRO 2 - EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS: PRAÇAS, PARQUES URBANOS E COMPLEXOS ESPORTIVOS DO SETOR NORTE - UBERLÂNDIA, 2020

Praças/ Parques/ Outros	Bairro	Endereço	Urbanização (infraestrutura implantada)	Presença de equipamentos e/ou programas de esporte e lazer
1 – Centro Poliesportivo Roosevelt	Roosevelt	Praça Guilherme Freitas Paraíso, 59		Futsal, atletismo, hidroginástica, handebol, ginástica funcional, ginástica, futebol society e vôlei. (a partir de 07 anos).
2 - César Lathes	Roosevelt	Rua Emília Rosa da Silva, Clésio Migueleto	Semi urbanizada	Não discriminado- arborizada com iluminação
3 - Clarinda de Freitas	Roosevelt	Av. Adriano Bailoni, Av. Morum Bernardino	Urbanizada	Arborizada, com iluminação, calçamento e bancos, Quadra de cimento, Pista de Skate, barras, Academia ao Ar Livre e (parque infantil não destacado)**
4 - Geraldo Braga dos Santos	Roosevelt	Rua Oscar Machado, Rua João Tobias	Semi urbanizada	Não discriminado- canteiro arborizado com alguns bancos*
5 - Guilherme Freitas Paraíso	Roosevelt	Av. Morum Bernardino, Av. Cesário Crosara	Urbanizada	Instalado o Poliesportivo (ginásio), Quadra de cimento, Quadra de Grama, Academia ao Ar Livre, Biblioteca, quadra de areia e pq. Infantil.**
6 – Victor H. Silva S. (Hortências)	Roosevelt	Rua Rubens Chaves, Rua João Tobias	Semi urbanizada	Não discriminado- pequena praça arborizada*
7 - João Jorge Cury	Roosevelt	Av. Cesário Crosara, Av. Adriano Bailoni	Semi urb. Oficial	Não discriminado- Arborizada com bancos, calçamento e iluminação com palco e parque infantil não declarado**
8 - Jaime Testa	Roosevelt	Rua Oscar Machado, Rua Reno Pacheco	Não urbanizada	Arborizada
9 - Largo dos Lírios	Roosevelt	Av. Olívia de Freitas Guimarães, Rua Antônio S.	Semi urbanizada: projeto de reelit.	Não discriminado- Arborizada com alguns bancos, calçamento parcial e iluminação
10 - Largo das Rosas	Roosevelt	Av. Equador, Av. Haiti	Urbanizada	Não discriminado- Pequena praça arborizada com alguns bancos e iluminação*
11 – Lincoln	Roosevelt	Av. Morum Bernardino, Av. João Bernardes de Souza	Urbanizada	Arborizada, calçamento, iluminação, Quadra de cimento, Parque Infantil e Academia ao Ar Livre
12 - Noêmia Gonçalves Cardoso	Roosevelt	Av. Cesário Crosara, Rua Rodrigo Pereira Júnior	Não urbanizada: projeto de reelit.	gramada e arborizada
13 - Ruth Arantes	Roosevelt	Rua Mário Pafume, Rua Clésio	Urbanizada	Não discriminado- arborizada com alguns bancos e iluminação

14 - San Martin	Roosevelt	Rua Ordália Carneiro de Oliveira, Av. Cesário Crosara	Semi urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- localização da UAI Roosevelt
15 - Simon Bolívar	Roosevelt	Av. Moacir Lopes Carvalho, Av. Paulo Roberto Cunha S.	Não urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado -Pequena praça gramada e arborizada*
16 – Tomaz	Roosevelt	Rua Pedro Amâncio Dias, Av. Atlântica	Urbanizada	Não discriminado- gramada com árvores, bancos, calçamento e iluminação
Total: 15 praças e 01 poliesportivo				
1 – Centro Poliesportivo Jardim Brasília	Jd. Brasília	Rua Mercúrio, 895		Judô, futebol de campo, atletismo e ginástica e Mix dance. Possui Academia ao Ar Livre./ A partir de 07anos
2 – Inonimada	Jd. Brasília	Av. Constelação, Rua Plutão, Rua Astral	Não urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado - canteiro arborizado*
3 - Tancredo Silva Pinto	Jd. Brasília	Rua das Mães, Rua Mercúrio	Urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado – Arborizada, com bancos, iluminação e calçamento- parque infantil e barras de ginástica não informadas no documento **
4 - Agripino Augusto Silva	Jd. Brasília	Av. Coronel José Teófilo Carneiro, Av. Moisés F.	Semi urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado- gramada e arborizada
5 - João Batista Vieira	Jd. Brasília	Rua Cometa, Av. Constelação, Rua das Mães	Não urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado – pequena praça arborizada*
6 – Fraternidade****	Jd. Brasília	Rua das Mães, Rua Estrela Dalva	Semi urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado- arborizada com a presença de alguns bancos, calçamento e iluminação
7 - Eurípedes Maurício de Oliveira	Jd. Brasília	Rua Maria Abadia Silva, Rua Mercúrio	Não urbanizada	Não discriminado – gramada com arbustos e alguns bancos
Total: 06 praças e 01 poliesportivo				
1 - José Clemente Oliveira Filho	Maravilha	Rua Cometa, Rua Joaquim Clemente Oliveira	Não urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado -área gramada aberta com algumas árvores*
2 - Bento XVI	Maravilha	Rua Paulo de Tarso, Rua Geraldo José da Costa	Semi urbanizada: projeto de revit.	Gramada, com arbustos, alguns bancos, calçamento, iluminação e Academia ao Ar Livre
3 – Centro esportivo Pça da Juventude	Maravilha			Área em construção iniciada em 2020***.
Total: 02 praças				
1 - Vicente de Paula Pires****	Pacaembu	Rua Maria Grossi Raniero, Rua do Maracujá	Urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado- gramada com bancos, iluminação e barras de ginástica não informadas

2 - Virgílio Rodrigues Cunha Neto	Pacaembu	Rua Tonico Carrijo, Rua da Cereja	Urbanizada	Gramada, com algumas árvores, bancos, iluminação, quadra de cimento e barras de ginástica não informadas **
3 - Chico Mendes	Pacaembu	Rua Treze de Maio, Rua Rubens Cazabona	Urbanizada	Arborizada, com calçamento, bancos, iluminação, Quadra de cimento e Academia ao Ar Livre
Total: 03 praças				
1 - Alarico Assunção	Santa Rosa	Rua Lamartine Babo, Rua Dolores Duran	Urbanizada	Arborizada, com bancos, iluminação, calçamento, Quadra de cimento, Academia ao Ar Livre e (parque infantil não informado).**
2 - América Rezende	Santa Rosa	Rua Amapá, Rua Aires Ribeiro, Rua Albertino R.	Urbanizada	Não discriminado- arborizada com bancos, calçamento e iluminação
3 – Guatemala	Santa Rosa	Rua Manaus, Av. Olímpica, Av. Cleanto V. Gonçalves.	Não urbanizada	espaço aberto (terreno) sem arborização*
4 – Inonimada	Santa Rosa	Rua Vicentino Rosa, Rua Guiomar Lino Moreira	Semi urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado- gramada, com iluminação ao lado de fundo de vale com academia ao ar livre e parque infantil não mencionados**
5 - Luiz Gonzaga	Santa Rosa	Rua Noel Rosa, Rua Cartola, Av. Alexandrino Alves Vieira	Urbanizada	Não discriminado- gramada e arborizada com alguns bancos, calçamento e iluminação
6 – Centro Poliesportivo Jardim América	Santa Rosa	Av. Anália Resende Siquierolli, 2.625		Futebol de campo, atletismo, ginástica e jiu jitsu. Aulas de Skate da Escolinha de Skate da Futel./ A partir de 07 anos.
7 - Parque Natural Mun. Victório Siquierolli/ Museu do Cerrado	Santa Rosa	Av. Nossa Senhora do Carmo, 707		Trilhas ecológicas, Centro de Amostras das Coisas do Cerrado, casa de pau pique, anfiteatro ao ar livre, parque infantil e amplo espaço.
Total:05 praças e 01 ginásio e 01 parque				
1 - Comendador Tuffic Issa	Res. Gramado	Rua Neusa Magnino Cardoso, Al. Georgina Garcia	Semi urbanizada	Arborizada, com alguns bancos, iluminação, Quadra de cimento e Academia ao Ar Livre
Total: 01 praça				
1 - José Miguel	N. Sra.das Graças	Rua Oeste, Rua Lourdes Bernardes Garcia	Urbanizada	Arborizada, bancos, iluminação, calçamento, Quadra de cimento e Academia ao Ar Livre
2 - Tenente Cor. Edson Carneiro	N. Sra.das Graças	Rua Frei Caneca, Av. Conf. do Equador, Rua Acre	Urbanizada	Arborizada, bancos, iluminação, calçamento, Quadra de cimento, Parque Infantil e Academia ao Ar Livre
Total: 02 praças				

1 - Felipe dos Santos	Marta Helena	Rua José do Patrocínio, Rua Pedro Quirino da Silva	Urbanizada	Não discriminado- calçamento parcial, bancos, iluminação, gramada e arborizada com campo de futebol não informado**
2 - José Alair Mendes (Lopes Trovão)	Marta Helena	Rua Paulo Roberto Cunha Santos, Av. Arnaldo Contursi, Rua Bahia	Urbanizada	Arborizada, bancos, iluminação, calçamento, Quadra de cimento, Playground e Academia ao Livre
3 – Inominada	Marta Helena	Rua Mário Gomes de Faria, Rua Reinaldo Francalanci	Não urbanizada	Gramada com árvores, Academia ao Ar Livre informada inexistente.
4 - Primeiro de Maio	Marta Helena	Rua Miguel Barcha, Rua Osmar Silvério Silva	Urbanizada	Arborizada, bancos, iluminação, calçamento , Quadra de cimento, Parque Infantil e Academia ao Ar Livre
Total: 04 praças				
1 - Joaquim Fonseca e Silva	Dist. Industrial	Rua José Andraus Gassani, Av. Antônio Thomaz F.	Urbanizada	Não discriminado- praça gramada e arborizada com iluminação, calçamento e bancos
2 - Parque Municipal do Distrito Industrial	Dist. Industrial	Entre a rua Audina Carrijo e Coronel José Teófilo	Parque não urbanizado/ preservação	
Total: 01 praça e 01 parque				
1 – Inominada	Minas Gerais	Rua Monteiro Lobato, Rua dos Roussels, Rua das Sementes	Semi urbanizada: projeto de revitalização	Arborizada, alguns bancos, iluminação, calçamento parcial, Academia ao Ar Livre e (parque infantil não informado)**
Total: 01 praça				
SETOR NORTE: 40 praças, 03 complexos poliesportivos e 02 parques (01 deles passível de uso para o lazer).				
*Espaços identificados como praças que correspondem a pequenos canteiros gramados, com alguma árvore ou terrenos abertos sem qualquer tipo de paisagismo.				
**Praças que contemplam algum tipo de equipamento de lazer e esporte não informado pelo poder público no documento analisado.				
*** Área esportiva em construção não contemplada na contagem oficial. **** Praças que veem recebendo equipamentos infantis (play kids) a partir do ano de 2021.				
- O termo “urbanização” é de uso exclusivo da Prefeitura Municipal, considera-se ao longo da discussão, o termo “infraestrutura implantada”.				
As praças e demais equipamentos destacados em negrito contemplam equipamentos de esporte e lazer instalados.				

Fonte: Caderno Informativo 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Em seguida, destaca-se o Setor Sul, com a presença de bairros completamente heterogêneos, tanto do ponto de vista de sua concepção e planejamento, quanto do ponto de vista do poder aquisitivo da população que os habita, incluindo desde condomínios fechados de alto padrão até loteamentos populares com habitações exíguas em sua metragem. A partir de meados dos anos 2000 esse setor da cidade passou a se configurar como local de moradia e expectativa para os segmentos sociais de médio a alto padrão ascendentes, notadamente a partir da expansão dos loteamentos fechados que coadunam com o processo de segregação espacial, tão comum em áreas estratégicas de muitas cidades brasileiras a partir desse período.

A presença dessa elite fez surgir uma nova centralidade com a instalação de shopping-center, faculdades e espaços especializados de lazer que atendem essa demanda. Ao mesmo tempo, além do crescimento do Setor Sul da cidade atender aos interesses dos grupos mais abastados, nas suas franjas periféricas surge de forma mais espalhada novos bairros populares. Para Coccozza e Oliveira (2013, p.26),

(...) novamente, são loteamentos urbanos onde o espaço livre é apenas uma taxa, locados no projeto para aprovação, porém, não implantados. Um fator importante que marca a paisagem urbana das novas regiões periféricas é a explosão de novas construções para a população de baixa renda.

Esse setor é composto de acordo com a disposição dos equipamentos comunitários que apresentam vínculo com o lazer, esporte e a recreação, pelos bairros Saraiva, Pampulha, Vigilato Pereira, Carajás, Jardim Inconfidência, Lagoinha, Patrimônio, Morada da Colina, Gávea, Tubalina, Cidade Jardim, Nova Uberlândia, Laranjeiras, São Jorge, Granada, Santa Luzia e Shopping Park.

Em um primeiro adensamento, encontram-se presentes dezesseis praças, um centro/núcleo esportivo (com programação esportiva para a comunidade) e um parque urbano linear, localizados nos bairros Saraiva, Pampulha, Vigilato Pereira, Carajás, Jardim Inconfidência e Lagoinha. Das praças, seis pertencem ao bairro Saraiva, com apenas duas discriminadas com a presença de equipamentos (academia ao ar livre). O Parque Linear do Jardim Inconfidência conta com pista para caminhada e ciclismo, parque infantil, academia ao ar livre e área com vegetação. Cabe ainda ressaltar, o início da construção de uma praça, aprovada em maio de 2020, no bairro Pampulha, com árvores frutíferas e equipamentos de esporte e lazer, segundo informações oficiais. (UBERLÂNDIA, 2020).

Um segundo adensamento corresponde às proximidades dos bairros Morada da Colina, Patrimônio e Gávea. O entorno desses bairros conta com a presença de dez praças, um complexo poliesportivo no bairro Patrimônio e um parque urbano no bairro Gávea, que possui vegetação, pista de caminhada e museu. Das praças presentes, apenas uma no Morada da Colina

conta com alguns equipamentos de lazer, entre eles, uma academia ao ar livre destacada no documento. No bairro Patrimônio, uma praça possui um parque infantil não mencionado oficialmente, além de outra ocupada como estacionamento de um clube privado, denominado Praia Clube.

Outro adensamento corresponde aos bairros Sta. Luzia, Granada, São Jorge e Laranjeiras. Estão presentes vinte praças, dois complexos poliesportivos (com funcionamento de programação esportiva), um Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU) e um parque natural que conta com a visita agendada para o núcleo de educação ambiental. Das praças existentes, em duas delas no bairro São Jorge e em outra no Laranjeiras aparecem discriminados alguns equipamentos, como as academias ao ar livre, também presentes duas quadras de cimento não informadas. É importante mencionar algumas praças mais recentes, entre estas, a denominada “Maria Preta”, nas proximidades do assentamento Glória (bairro Élisson Prieto) que conta com área gramada e alguns equipamentos de lazer. Uma outra é a “José Oscar Bredariol”, no bairro Laranjeiras, ambas implantadas no final de 2019. No núcleo conhecido como CEU, funcionam alguns programas ligados à prática esportiva como futsal, vôlei, basquete e ginástica funcional, por exemplo.

Na junção dos bairros Tubalina, Cidade Jardim e Nova Uberlândia existem onze praças, duas delas com a presença de equipamentos de lazer, como academia ao ar livre e uma quadra de esportes não mencionada no documento. Novamente, uma praça é usada como estacionamento do clube privado exemplificado, no bairro Tubalina. No bairro Jardim Karaíba, por sua vez, constatou-se a presença de uma praça com parque infantil e academia ao ar livre. O entorno do bairro conhecido como Shopping Park constitui um adensamento que se encontra a uma distância entre 9 a 10 km do centro da cidade. O bairro constitui um núcleo residencial popular com moradias padronizadas, contando com a presença de um Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU) que possui alguns programas, equipamentos esportivos e biblioteca. Existe outro Complexo Esportivo que contempla programação esportiva, e três praças, sendo que uma delas recebeu recentemente uma academia ao ar livre, no final de 2020, embora nenhuma possua infraestrutura implantada.

O Setor Sul contempla ao todo sessenta e uma (61) praças, com predomínio de áreas gramadas com a presença esporádica de árvores, dois CEUs, cinco complexos esportivos/poliesportivos e três parques urbanos (áreas de preservação ambiental). Existem inúmeras praças desse total que são constituídas de canteiros gramados, com algum tipo de árvore, ou são simplesmente terrenos abertos sem qualquer tipo de paisagismo, sem mobiliário e equipamentos de lazer, conforme verifica-se no quadro a seguir.

QUADRO 3 - EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS: PRAÇAS, PARQUES URBANOS E COMPLEXOS ESPORTIVOS DO SETOR SUL - UBERLÂNDIA, 2020

Praças/ Parques/ Outros	Bairro	Endereço	Urbanização (Infraestrutura implantada)	Presença de equipamentos e/ou programas de esporte e lazer
1 - Doutor Manuel Crosara	Saraiva	Rua Luiza de Jesus, Rua Joana da Silva	Urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- arborizada e gramada, com a presença de bancos e iluminação.
2 - Luzencourt Guimarães Borges	Saraiva	Rua dos Carrijos, Rua Tabajaras, Rua Coronel Antônio Alves Pereira	Urbanizada	Não discriminado- pequeno canteiro gramado com uma árvore*
3 - Rubens Pereira de Rezende	Saraiva	Av. José Rezende Costa, Rua Alexandre Ribeiro Guimarães	Urbanizada	Gramada e arborizada, calçada, com bancos, iluminação e Academia ao Ar Livre
4 - Doutor Ney Hugo de Alencar	Saraiva	Rua João Naves de Ávila, Rua Nicodemos Alves dos Santos	Semi urbanizada	Não discriminado- Gramada e arborizada, com a presença de bancos e iluminação.
5 - Vasco Gifone	Saraiva	Rua Duque de Caxias, Rua Tapuios, Rua Tapajós	Urbanizada	Gramada e arborizada, calçada, com bancos, iluminação e Academia ao Ar Livre
6 - Vigilato Orozimbo Pereira	Saraiva	Rua José Zacharias Junqueira, Rua Nicodemos Alves dos Santos	Urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada, com a presença de bancos e iluminação.
Total: 06 praças				
1 – Inominada	Pampulha	Av. João Naves de Ávila, Rua Amoroso Costa, Rua Clemente Per.	Semi urbanizada	Não discriminado- Gramada e arborizada com calçamento parcial
2 - Doutora Carla Fares Amorim de Almeida	Pampulha	Av. João Naves de Ávila, Rua Barão de Ouro Preto, Rua Marcone	Urbanizada	Não discriminado- canteiro gramado e arborizado com alguns bancos*
3 – Praça Delegado Julio C. Domingues	Pampulha	Rua Cons. Lafaiete, Rua Leopoldo Bulhões, Rua Oliveira Lima	Não urbanizada: em construção	Em construção, pioneira do projeto “Frutifica” aprovada em 15/05/2020*
Total: 03 praças				
1 - Francisca Teodora	Vigilato Pereira	Rua Sérgio de Simoni, Rua Rita Fonseca Marquez, Rua Jacó Faína	Urbanizada	Não discriminado - recém revitalizada com academia ao ar livre, parque infantil , mesas, gramada com árvores, bancos, mesas e iluminação – 2020
2 - José Simioni	Vigilato Pereira	Rua Antônio Correia Júnior	Semi urbanizada	Não discriminado- pequena praça arborizada e gramada*
3 – Maria J. Póvoa A.	Vigilato Pereira	Rua Tamoios, Rua Kuluene, Rua Polidoro Freitas Rodrigues	Semi urbanizada	Não discriminado- pequena praça gramada com algumas árvores e bancos*

4 - Aloísio R. da Cunha	Vigilato P.	Rua Em. Saraiva, Rua Benj. Santos	Semi urbanizada	Não discriminado- Gramada com árvores e iluminação
Total: 04 praças				
1 - Ismael de Freitas	Carajás	Rua João Naves de Ávila, Rua Maracanã, Rua Aldorando José de Souza	Semi urbanizada	Não discriminado- gramada com a presença de algumas árvores e calçamento parcial
2 - São Jorge	Carajás	Av. João Naves de Ávila, Av. Pampulha, Rua Álvares Azevedo	Não urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- extensa área gramada com algumas árvores e iluminação
3 - São Lucas	Carajás	Rua Clemente Pereira, Rua Professor Eudóxio Casassanta Pereira	Não urbanizada	Não discriminado- área gramada e arborizada
Total: 03 praças				
1 - Parque Linear do Córrego Lagoinha	Jd. Inconfidência	Rua Antônio Francisco de Lisboa	Urbanizado	Pista de caminhada, Parque Infantil, Ciclovia e Academia ao Ar Livre (Aberto a população)
Total: 01 parque linear				
1 – Núcleo/complexo esportivo do Centro de referência	Lagoinha	Rua Pio XII, s/nº		Judô, Voleibol, Basquete, Ginástica, Lutas./ A partir de 07 anos.
Total: 01 núcleo de esportes				
1 – Centro Poliesportivo Patrimônio	Patrimônio	Rua José Custódio Pereira, 531		Futebol de campo, atletismo, handebol./ A partir dos 07 anos.
2 - Canto Maior dos Palmares	Patrimônio	Av. Liberdade, Rua Leblon	Semi urbanizada	Não discriminado- Gramada e arborizada com iluminação.
3 - Primo Crosara	Patrimônio	Av Hermes Fonseca Carneiro, Rua Vinte e Nove de Outubro	Semi urbanizada	Área arborizada usada como Estacionamento do Praia Clube
4 - Sebastião José Naves	Patrimônio	Av. Liberdade, Av. dos Municípios.	Não urbanizada	Não discriminado- Gramada e arborizada com iluminação, bancos e (parque infantil não informado). **
Total: 03 praças e 01 poliesportivo				
1 - Anahyta T. Fonseca	M.da Colina	Rua Israel Pinheiro, Al. João César	Urbanizada	Não discriminado- arborizada com a presença de bancos e iluminação.
2 - Idelmar Alves de Oliveira	Morada da Colina	Al. Sósthene Guimarães, Rua Anísio Alves, Al. Sand. Guimarães	Semi urbanizada	Não discriminado- área gramada com algumas árvores

3 – Inominada	Morada C.	Rua Washington B., Rua BereniceD	Semi urbanizada	Não discriminado –arborizada com a presença de bancos e iluminação
4 - José Motta	Morada da Colina	Av. Rondon Pacheco, Av. Francisco Galassi, Rua Liberdade	Urbanizada	Arborizada e gramada, com calçamento, bancos, iluminação, Academia ao Ar Livre e (parque infantil não declarado)**
5 - Durval Antônio de Faria	Morada da Colina	Av. Francisco Galassi, Rua Antônio Luiz Bastos, Av. Concórdia	Urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada, com a presença de bancos, calçamento e iluminação
6 - Leni Gargalhoni Novaes	Morada da Colina	Av. Francisco Galassi, Rua Odilon Guarato, Av. Nicomedes Alves dos Santos	Não urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- área gramada aberta*
7 - Roberto Miguel	Morada da Colina	Rua Durval Carrijo, Rua Ido Finotti, Al. Sóstenes Guimarães	Semi urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada com iluminação, calçamento parcial e alguns bancos.
Total: 07 praças				
1 - Parque Municipal Gávea/ Museu DICA	Gávea	Rua das Copaíbas com Av. dos Vinhedos	Urbanizado	Pista de caminhada, sistema solar trabalhado através dos professores do Museu DICA; Museu DICA./ Todo público.
Total: 01 parque linear				
1 - Adelson Ferreira Tavares	Tubalina	Rua Uirapuru, Rua Humaitá	Não urbanizada	Arborizada e calçada - usada como estacionamento do Praia Clube
2 - Amélia Souza Zardo	Tubalina	Rua Aniceto Pereira, Rua Eça de Queiroz, Rua Oscar Gomes	Urbanizada	Não discriminado- arborizada, gramada com bancos, calçamento e iluminação.
3 - Franklin Roosevelt	Tubalina	Rua Imperatriz Leopoldina, Rua Afonso Arinos e Rua Real Grandeza	Não Urbanizada	Área ocupada com Escola Municipal***
4 - Maestro Cláudio Santoro	Tubalina	Rua Santa Luzia, Rua São José, Rua Campos Sales, Rua Oscar	Urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- arborizada e gramada, iluminação, calçamento e bancos, com (quadra de esportes não informada)**
5 - Nídia Feres Tannús	Tubalina	Rua Nilo Peçanha, Av. Carlos Gomes, Rua Nossa S. de Fátima	Urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada, iluminação, calçamento e bancos
6 - São Francisco de Paula	Tubalina	Rua Oscar Gomes Moreira Júnior, Av. Sílvio Rugani, Av. Carlos G.	Urbanizada	Localizada na área da Diocese de Uberlândia, arborizada e gramada, com iluminação, bancos e Academia ao Ar Livre.
7 - Takeo Iwace	Tubalina	Rua Real Grandeza, Rua Athos Paranhos Veloso	Não urbanizada: projeto de revitaliz.	Não discriminado- terreno aberto*
Total: 07 praças				
1 - Filenila da Motta Pimentel	Cidade Jardim	Av. Doutor Arnaldo Godoy de Souza, Rua das Camomilas	Urbanizada	Não discriminado- pequena praça gramada e arborizada com a presença de bancos*

2 – Inominada	Cidade Jardim	Rua José de Oliveira Pinto, Rua João de Barro, Al. Serra Dourada	Semi urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada, com calçamento e iluminação
3 – Inominada	Cidade Jardim	Rua José de Oliveira Pinto / Al. Serra Dourada	Não urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada, com calçamento e iluminação
4 - Nossa Senhora da Conceição	Cidade Jardim	Av. Uirapuru, Rua Beijos Brancos, Rua das Papoulas.	Urbanizada	Não discriminado- pequena praça em rotatória arborizada e gramada, com a presença de bancos, calçamento e iluminação.*
Total: 04 praças				
1 – Inominada	Laranjeiras	Av. Israel, Rua Guiné	Não urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado-terreno aberto *
2 – Inominada	Laranjeiras	Av. Continental, Rua Nepal	Não urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- terreno aberto com algumas árvores e iluminação*
3 – Cristina Cavanis	Laranjeiras	Av. Iraque, Rua Irlanda	Não urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado-terreno aberto gramado com academia ao ar livre inaugurada em novembro de 2020*
4 – José Oscar Bredariol	Laranjeiras	Rua Sofia, Rua Veneza	Não urbanizada	Inaugurada em 23/12/2019 – Lei 13.444
5 – Centro Poliesportivo São Jorge Agenor Alves G.	Laranjeiras	Av. Toledo, 125		Futebol de campo, atletismo, ginástica, karatê, lutas, voleibol, Quadra de areia (inaugurada em 2019), ativ. Funcional e Acad. Ar Livre
Total: 04 praças não urbanizadas e 01 ginásio				
1 - Cláudio Adão de Jesus	São Jorge	Av. Seme Simão, Av. das Moedas, Rua Austral, Rua Ana Lemos	Semi urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada com paisagismo
2 - Ernesto Ceccon	São Jorge	Rua Oswaldo Silvério da Silva, Rua Ângelo Cunha	Urbanizada	Arborizada e gramada, com iluminação, calçamento, alguns bancos e (quadra não informada)**
3 – Inominada	São Jorge	Rua do Dólar, Rua do Dinar, Rua do Cruzado, Rua João Teixeira	Urbanizada	Gramada com algumas árvores, iluminação, calçamento parcial e Academia ao ar livre
4 – Inominada	São Jorge	Rua Hilário Gomes Rodrigues, Rua Augusto Rush	Não urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado-terreno aberto*
5 - Laerte Carrijo	São Jorge	Rua Seme Simão, Rua B. Const.	Não urb.: revitaliz.	Não discriminado-gramada com algumas árvores e iluminação
6 - Maria Abadia de Jesus	São Jorge	Rua Seme Simão, Rua Onilda Alves Marques, Rua do Dólar	Semi urbanizada	Não discriminado- área gramada com algumas árvores e iluminação
7 - Vicente de Paula Goulart	São Jorge	Av. Serra do Mar, Rua Chapadão do Bugre, Rua Cord. dos Andes	Não urbanizada	Não discriminado- Gramada com algumas árvores, iluminação e (Quadra não informada)**

8 – Maria Preta	São Jorge	Rua Geralda Francisca Borges	Urbanizada	Gramada com algumas árvores, bancos, calçamento e iluminação Academia de ginástica, parque infantil e campinho gramado (2019)
9 - Núcleo Esportivo / CEU Campo Alegre	São Jorge	Av. Cordilheira dos Andes, 1.015		Futsal, vôlei, basquete e ginástica funcional. Possui Academia ao Ar Livre./ A partir dos 07 anos.
Total: 08 praças e 01 Núcleo esportivo				
1 - Edris M. Channoum	Granada	Rua Idelfonso Pereira de Melo, Rua Artur Dias da Silva	Urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- gramada e arborizada, com calçamento parcial, alguns bancos e iluminação.
2 - Sumaia M. Channoum	Granada	Al. Gregório Faustinho Silva, Rua Laercio Antonieto	Não urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- Gramada com algumas árvores
3 - Benigno F. Sobrinho	Granada	Rua Doutor Edson Mauro Strack, Av. Abadio Bonifácio	Semi urbanizada:projeto de revitalização	Não discriminado- arborizada e gramada, com alguns bancos, parcialmente calçada e iluminação
4 - Mauro Moraes Lima	Granada	Rua Pio Batista Moraes, Rua Maria Francelina de Jesus	Semi urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada, com alguns bancos, calçamento e iluminação
5 - Leonel Inácio de Oliveira	Granada	Av. Seme Simão, Rua Amador Caetano de Faria	Urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada com alguns bancos
6 - Carmem Luciene Cassiano	Granada	Av. Seme Simão, Av. Angelino Favato	Não urbanizada	Não discriminado- canteiro/rotatória gramada com algumas árvores*
Total: 06 praças				
1 - Padre Ézio Daher	Sta. Luzia	Av. Joaquim Ribeiro, Av. Jaime de Barros, Rua Durval Medeiros	Semi urbanizada:projeto de revitalização	Não discriminado- gramada com algumas árvores e coqueiros, calçamento parcial
2 - Parque Natural Municipal Santa Luzia	Sta. Luzia	Rua Alípio Abrão, 600	Urbanizado	Núcleo de Educação Ambiental com atendimento orientado./ Todas as idades.
3 - Leonel Secundino de Souza	Sta. Luzia	Av. Angelino Favato, Al. Raul Petronilho de Pádua	Não urbanizada	Não discriminado- Terreno aberto*
4 – Centro Poliesp. Santa Luzia	Sta. Luzia	Rua Geraldo Abrão, 782		Futebol de campo, atletismo e ginástica./ A partir de 07 anos.
Total: 02 praças, 01 parque, 01 poliesportivo				
1 - Leopoldo de Melo	Jd. Karaíba	Al. Teodomiro das Costa Matos, Al. Otton Fleury, Al. Dinor Dias	Não urbanizada: projeto de revitalização	Área gramada e arborizada, com iluminação, Parque infantil e Academia ao Ar Livre.
Total: 01 praça				
1 - Complexo Esp.V.Olímpica	Shopping Park	Rua Lidormira Borges Nascimento, 2201		Natação, futebol, atletismo e hidrogenástica./ A partir dos 07 anos.

2 - Núcleo Esportivo / CEU Shopping Park/ Biblioteca	Shopping Park	Rua Juvenília Mota Leite, 700		Futsal, vôlei, basquete, ginástica funcional, zumba e balé. Possui Academia ao Ar Livre, pista de skate e parquinho infantil. Biblioteca
3 - Alex Sandro Garcia Lopes	Shopping Park	Rua Atílio Spini, Rua Juvenília Mota Leite	Não Urbanizada	Terreno aberto com vegetação nativa de cerrado*
4 - Doutor Hamilton Marques Magalhães	Shopping Park	Rua Antônio Carlos Martins Ribeiro, Rua Othay Ribeiro de Az.	Não Urbanizada	terreno gramado aberto*
5 - Frei Antonino Puglisi (Santo Puglisi)	Shopping Park	Rua Juracy de Sales Ferreira, Rua Juvenília Mota Leite	Não Urbanizada	terreno aberto com vegetação de cerrado*, com academia ao ar livre instalada em novembro de 2020.
Total: 01 CEU, 01 Complexo Esportivo, 3 praças				
SETOR SUL: 61 praças, 02 CEUs (Centro de Artes e Esportes Unificados), 5 complexos poliesportivos e 3 parques urbanos (espaço de preservação ambiental).				
*Espaços identificados como praças que correspondem a pequenos canteiros gramados, com alguma árvore ou terrenos abertos sem qualquer tipo de paisagismo.				
**Praças que contemplam algum tipo de equipamento de lazer e esporte não informado pelo poder público no documento analisado.				
*** Ocupada com escola municipal.				
- O termo “urbanização” é de uso exclusivo da Prefeitura Municipal, considera-se ao longo da discussão, o termo “infraestrutura implantada”.				
As praças e demais equipamentos destacados em negrito contemplam equipamentos de esporte e lazer instalados.				

Fonte: Caderno Informativo- 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Apresenta-se em seguida, a descrição dos equipamentos comunitários de recreação e lazer do Setor Leste da cidade de Uberlândia. Neste setor encontra-se presente um Parque ambiental urbano com amplo complexo de lazer, uma pista de skate, três poliesportivos/ centros esportivos e sessenta (60) praças, concentradas, sobretudo, nos bairros Tibery e Sta. Mônica, ambos mais próximos da área central.

Nesses bairros elencados (Tibery e Sta. Mônica) estão concentradas trinta e uma praças, sendo dezesseis no Tibery e quinze no Sta. Mônica. No Tibery, uma das praças abriga as instalações do Teatro Municipal, em outra funciona uma escola municipal e uma terceira contempla uma quadra de esportes e um parque infantil não informados no documento, ficando visível a considerável ausência de equipamentos de lazer nos espaços livres das praças do bairro. No Sta. Mônica encontram-se equipamentos como academia ao ar livre, quadra de cimento e parque infantil em duas das praças oficialmente, em uma terceira constata-se a presença de parque infantil e quadra de cimento não declarados oficialmente. Existe ainda, uma praça na qual iniciou-se a instalação dos equipamentos infantis (play kids) desde o ano de 2021.

O bairro Tibery ainda possui uma pista de skate onde funciona uma escolinha para praticantes entre 07 e 17 anos, um centro esportivo com aulas de futsal que atende a mesma faixa etária e um parque municipal com ampla área de 1.850.000 m². Este parque é considerado o grande modelo de parque urbano na cidade com possibilidade de utilização para o lazer, conforme já mencionado, corresponde oficialmente ao Complexo Virgílio Galassi, conhecido como Parque do Sabiá.

O parque começou a ser construído no final da década de 1970 e foi inaugurado em 1982, sendo possivelmente atrelado ao contexto de importante “ferramenta política” para o poder público municipal. O complexo engloba atualmente o Parque do Sabiá, um Parque Aquático e em seus anexos o Estádio de Futebol João Havelange (Parque do Sabiá) e uma Arena Multiuso, denominada de Tancredo Neves, popularmente conhecida como Arena Sabiazinho.

O Parque do Sabiá é considerado um dos principais pontos turísticos de Uberlândia, ao oferecer várias opções de lazer e esporte. Possui pista de corrida, caminhada e ciclismo com mais e 5.000 m de extensão, quadras poliesportivas e de areia, piscinas, campos de futebol, parque infantil, represa, zoológico, aquário com inúmeras espécies de peixes e uma extensa área com vegetação composta por bosque de aproximadamente 350.000 m². No local, há ainda pedalinho e trenzinho que atende principalmente o público infantil. É aberto todos os dias e recebe diariamente uma grande quantidade de pessoas de todas as idades, segundo informações da FUTEL. (UBERLÂNDIA, 2020).

Figura 5 - Parque do Sabiá – Uberlândia, 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

O parque em questão pode agregar a ideia de modelo como representação de lazer e turismo no espaço intraurbano de Uberlândia. É visto como uma alternativa de lazer gratuito em uma cidade na qual, historicamente, houve o predomínio dos clubes privados, representando uma opção de lazer junto à natureza, de amplo acesso para a população.

Os parques urbanos constituem espaços livres, com predominância de elementos vegetais, destinados à recreação, ao lazer e a conservação da natureza. Estes espaços, além de oferecerem opções para o turismo ecológico, são importantes áreas verdes, onde a urbanização praticamente eliminou essas opções (MAZZEI, COLESANTI e SANTOS, 2007).

Fica claro que no contexto de Uberlândia, este parque representa uma referência turística em termos de área com vegetação e espaço livre público de lazer, com acesso rápido através de vias que privilegiam o transporte individual, como no caso da Avenida Anselmo Alves dos Santos. Seu entorno vem representando grande centralidade, devido à instalação de diversos empreendimentos, como, por exemplo, um novo equipamento comercial denominado de Pátio Sabiá e a Unidade de Atendimento Integrado (UAI), responsável por emitir documentos e localizada no complexo desse empreendimento. Isso demonstra que essa área passa por valorização.

Serpa (2007, p.21) destaca que o parque público na cidade contemporânea é o “(...) destino final das políticas públicas, que, em última instância, procuram multiplicar o consumo e valorizar o solo urbano nos locais onde são aplicadas”. De toda forma, não resta dúvida da importância desse parque no direcionamento do lazer vivenciado em espaços públicos na cidade.

Ao retomar os demais espaços e equipamentos no Setor Leste, o bairro Segismundo Pereira agrega cinco praças, uma delas com academia ao ar livre, outra não informada com

algumas barras de ginástica e uma terceira que abriga as instalações de um complexo poliesportivo que conta com campo de futebol e quadra de esportes. Nos bairros Umuarama e Custódio Pereira aparecem quatro praças e um complexo poliesportivo, duas delas possuem quadra de areia, academia ao ar livre e parque infantil. No bairro Novo Mundo se destaca a presença de uma praça, sendo discriminado no documento apenas a Lei nº 13.113 de 2019, a qual faz referência à sua inauguração. No entanto, em nossa observação foi possível verificar a existência de uma área com paisagismo bem elaborado e uma pista de skate temática.

Nos bairros Aclimação e Alto Umuarama são quantificadas seis praças, com a presença de quadra de cimento, academia ao ar livre e parque infantil em dois desses espaços livres. As praças do Alto Umuarama chamam a atenção pelo fato da maioria não contemplarem infraestrutura implantada, correspondendo a áreas gramadas com algumas árvores e iluminação esporádica.

Nos bairros Jardim Ipanema, Morada dos Pássaros e nas Mansões do Aeroporto aparecem seis praças, sendo que apenas em duas do Jardim Ipanema constata-se a presença de equipamentos como quadra de cimento, barras de ginástica, academia ao ar livre e parque infantil. Nos bairros Morumbi, Grand Ville, Residencial Integração, Portal do Vale e Alvorada estão presentes apenas sete praças. Em cinco delas destacam-se equipamentos de lazer, como academia ao ar livre, quadra de cimento, de areia e parque infantil, por exemplo.

As praças do setor são majoritariamente compostas por área com vegetação (gramada e arborizada), com iluminação e aparecem ainda esporadicamente alguns bancos. Encontram-se presentes também praças que correspondem a pequenos canteiros gramados, com alguma árvore ou são efetivamente terrenos abertos, sem qualquer tipo de paisagismo e infraestrutura, conforme verifica-se no quadro a seguir.

QUADRO 4 - EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS: PRAÇAS, PARQUES URBANOS E COMPLEXOS ESPORTIVOS DO SETOR LESTE - UBERLÂNDIA, 2020

Praças/ parques/ outros	Bairros	Endereço	Urbanização (Infraestrutura implantada)	Presença de equipamentos e/ou programas de esporte e lazer
1 - Complexo esportivo Parque do Sabiá	Tibery	Rua Haia, s/nº	Urbanizada	Parque aquático, Ginástica, futebol de campo, natação, hidroginástica, vôlei de praia, rugby, corrida de rua, atletismo kids, ginástica funcional./ a partir dos 07 anos.
2 - Arena Multiuso Tancredo A. Neves-Sabiazinho	Tibery	Av. Anselmo Alves dos Santos, 3.415		Ginásio multiuso
3 - Estádio Municipal “Parque do Sabiá”	Tibery	Av. Anselmo Alves dos Santos, S/N		Estádio de futebol
4 - Centro Esportivo Ayrton Borges	Tibery	Av. Rondon Pacheco, 6.116		Futsal/ a partir dos 07 anos
5 - Pista e Escolinha de Skate da FUTEL	Tibery	Av. José Roberto Migliorini, s/nº		Pista de skate - Aulas de skate. (dos 07 aos 17 anos)
6 - Anísia Maria de Jesus	Tibery	Av. Suécia, Rua Roma	Urbanizada	Não discriminado- pequena praça gramada com árvores, alguns bancos e iluminação*
7 - Arlindo Magalhães Lima	Tibery	Av. Bélgica, Av. África	Semi urbanizada	Não discriminado- pequena praça gramada e arborizada *
8 – Brasil	Tibery	Rua João Guimarães Naves	Não urbanizada - projeto de revitalização	Não discriminado - área gramada defronte o Teatro Municipal
9 – Champagnat	Tibery	Av. Portugal, Av. África	Urbanizada	Não discriminado- arborizada com grama, calçamento, alguns bancos e iluminação
10 - Domingos Sávio Silva	Tibery	Av. Portugal, Av. Europa	Não urbanizada	Não discriminado- Pequena praça gramada com algumas árvores*
11 - Duartino Carrizo Fernandes	Tibery	Av. Bélgica, Av. Europa	Semi urbanizada	Não discriminado- pequena praça gramada e arborizada*
12 – Nações	Tibery	Av. Austrália, Av. Benjamin Magalhães	Urbanizada	Ocupada com equipamentos sociais (não discriminados) – EMEI (escola)***
13 - Gilson Gomide Machado	Tibery	Av. Benjamin Magalhães, Av. Alaska	Urbanizada	Não discriminado- Pequena praça gramada e arborizada com alguns bancos, iluminação e calçamento*
14 - João Batista de Lima	Tibery	Av. Suécia, Rua Lisboa	Urbanizada	Não discriminado- pequena praça gramada e arborizada, com alguns bancos e iluminação*
15 - Luiz Monte	Tibery	Av. África, av. Austrália	Semi urbanizada	Não discriminado- gramada com calçamento parcial e algumas árvores
16 - Manoel Hipólito Dantas	Tibery	Rua Rotary Clube, Av. Noruega, Rua Paris	Semi urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada

17 - Onofre de Oliveira	Tibery	Rua Atahyde de Deus Vieira, Rua Santiago	Não urbanizada	Não discriminado- pequeno canteiro gramado*
18 - Renato Humberto Calcagno	Tibery	Av. Ásia, Av. França	Não urbanizada - projeto de revitalização	Não discriminado- gramada com algumas árvores, iluminação e barras de ginástica não informadas**
19 – Triângulo	Tibery	Rua Rotary Clube, Av. Europa, Av. Noruega	Não urbanizada	Equipamentos sociais (não discriminados) – estação cidadania
20 - Senador Camilo Chaves	Tibery	Av. Benjamin Magalhães, Rua Montreal, Rua Frederico	Urbanizada	Arborizada e gramada, com calçamento, bancos e iluminação, quadra de esportes e (parque infantil não informado no documento)**
21 - Cívica Décio de Magalhães Tibery	Tibery	Av. Rondon Pacheco	Urbanizada	Área calçada e gramada, com a instalação do Teatro Municipal de Uberlândia
22 - Parque Municipal Virgílio Galassi - "Sabiá"	Tibery	Av. Haia - S/N	Urbanizada	Pista de caminhada, campos de futebol de grama, cascata e duchas artificiais, zoológico, lagos, parque aquático, aquário, parque infantil, quadras de areia, quadras de cimento, recanto dos idosos e truqueiros.
23 - Zoológico Municipal de Uberlândia	Tibery	Av. Haia - S/N		Pista de caminhada, bebedouros, sanitários, Núcleo de Educação Ambiental, espécies de vegetais nativos e fauna.
24 - Aquário Municipal / Parque do Sabiá	Tibery	Av. José Roberto Migliorini		Aquário aberto à visitação e projetos de educação ambiental.
Total: 16 praças, 01 parque (Complexo Esport., Zoológico, aquário, área de preservação, ginásio e estádio), pista de Skate e complexo esportivo				
1 – Asa	Sta. Mônica	Rua Isaú Rangel de Mendonça, Rua Tomaz	Urbanizada	Não discriminado- canteiro gramado com uma árvore*
2 - Alcides Borges Oliveira	Sta. Mônica	Av. José Paes Almeida, Rua Alexandrino Santos	Urbanizada	Arborizada e gramada, com calçamento, iluminação e alguns bancos, parque infantil, barras de ginástica e academia ao ar livre inaugurada em nov./2020.
3 - Américo Ferreira de Abreu	Sta. Mônica	Rua Alberto Alves Cabral, Rua Jorge M.	Urbanizada	Arborizada e gramada, com calçamento, iluminação e bancos, Quadra de cimento, Parque Infantil e Academia ao Ar Livre
4 - Aparecido Álvares	Sta. Mônica	Av. Segismundo Pereira, Rua José C., Rua João C.	Semi urbanizada	Não discriminado- Gramada e arborizada, iluminação e calçamento parcial
5 - Cívica (Centro Administrativo PMU)	Sta. Mônica	Av. Anselmo Alves dos Santos, Rua Ubiratan H.	Urbanizada	Não discriminado – (área gramada e centro administrativo – Prefeitura de Uberlândia)
6 - dos Meninos	Sta. Mônica	Rua Mário Pinto Sobrinho	Urbanizada	Arborizada e gramada, com calçamento, iluminação e alguns bancos, (quadra de esportes e parque infantil não informados no documento)**
7 - Doutor Kazuaki Taziri	Sta. Mônica	Rua Lázara Alves Ferreira, Rua Doutor L.	Urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada com calçamento, iluminação e alguns bancos

8 – Espir. Adib Attuch	Sta. Mônica	Rua Armando Tucci, Rua Manoel Ascenso B.	Não urbanizada - projeto de revitalização	Extensa e gramada com algumas árvores e iluminação
9 - Geraldo Teixeira Machado	Sta. Mônica	Rua Izaú Rangel de Mendonça, Rua Isaac O.	Semi urbanizada	Não discriminado- canteiro gramado com algumas árvores*
10 - Centro Administrativo Prefeitura Municipal	Sta. Mônica	Av. Ubiratan Honório de Castro, Av. João Naves	Semi urbanizada	Não discriminado – (área gramada e centro administrativo – Prefeitura de Uberlândia)
11 - Luiz Finotti	Sta. Mônica	Av. Segismundo Pereira, Rua Hidelbrando Oliva	Urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada com calçamento, iluminação e bancos
12 - Nelson Mendes Evangelista	Sta. Mônica	Rua Manoel Camargo da Cruz, Rua Alexandrino	Não urbanizada - projeto de revitalização	Não discriminado - Amplo terreno vazio*
13 - Nominato Afonso da Cunha	Sta. Mônica	Av. Ubiratan Honório de Castro, Av. Ortízio B.	Urbanizada	Não discriminado- pequena praça arborizada com alguns bancos*
14 - Said Chacur****	Sta. Mônica	Av. Doutor Mizael Rodrigues de Castro	Semi urbanizada	Não discriminado- área gramada com algumas árvores, calçamento parcial, iluminação e bancos
15 - Graça do Aché	Sta. Mônica	Rua Izaú Rangel Mendonça, Al. Uberaba	Não urbanizada	Não discriminado- Pequena praça gramada com algumas árvores e iluminação*
Total: 15 praças				
1 - Mestre Capela	Segismundo Pereira	Rua Doutor José Marçal Neto, Av. João Naves A.	Urbanizada	Não discriminado- arborizada e gramada, com calçamento e alguns bancos
2 - Calimério Lobato	Segismundo Per.	Rua M.A.Pinto, R.Edson	Não urb.: revital.	Não discriminado- grande área gramada com algumas árvores e iluminação
3 - do Centenário	Segismundo Per.	Rua Jerônima Lucas Barros, Rua Mário S.	Urbanizada	Área gramada com algumas árvores, calçamento parcial, iluminação e bancos. Abriga complexo poliesportivo com campo de futebol e quadra de esporte
4 - Doutor Fausto Savastano	Segismundo Per.	Rua Ronan Manoel Pereira, Rua Jerônima L.	Não urbanizada	Área gramada com algumas árvores, iluminação e Academia ao Ar Livre
5 - Hêlvio Cardoso	Segismundo Per.	Av. Salomão Abrahão, Rua João Ângelo Schiavinato	Urbanizada	Não discriminado- Gramada e arborizada, com calçamento parcial, alguns bancos, iluminação e barras de ginástica não informadas**
6 – Centro Poliesportivo Segis. Pereira	Segismundo Per.	Rua Jerônima Lucas Barros, s/n° (Pça. Cent.)		Futebol de campo, atletismo e ginástica/ A partir de 7 anos de idade.
Total: 05 praças e 01 Poliesportivo				
1 – Centro Poliesp. Custódio Pereira	Custódio Pereira	Rua Feliciano de Morais, 2.413		Futebol de campo, atletismo e ginástica/ A partir dos 7 anos de idade.
2 - Tenente Horácio Rodrigues de Freitas	Custódio Pereira	Rua Professor Ciro de Castro Almeida	Urbanizada	Não discriminado- arborizada com canteiros gramados, calçamento, iluminação e bancos

3 – República	Custódio Pereira	Rua Luiz Vieira Tavares, Rua Conrado de Brito	Não urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado - Área gramada com iluminação defronte a uma paróquia*
4 - Webert Júnio Fonseca (estação)	Custódio Pereira	Rua Tito Teixeira, Rua Ângelo Zoccolli	Urbanizada	Gramada e arborizada, calçamento, alguns bancos, iluminação, Quadra de areia, Academia ao Ar Livre e parque infantil.
Total: 03 praças e 01 Ginásio poliesportivo				
1 - Urias Batista Santos	Umuarama	Rua Maria Quitéria, Av. Pará, Rua David Canab.	Urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado- arborizada e gramada, com calçamento, iluminação, bancos e academia ao ar livre inaugurada em nov./2020.
Total: 01 praça				
1 - do Jacaré	Novo Mundo	Entre as Avenidas Dário Fagundes da Costa	Urbanizada	Praça inaugurada a partir da Lei nº 13.113, de 24/05/2019- área gramada e arborizada, calçamento, iluminação e pista de skate temática não informada.**
Total: 01 praça				
1 - Durval G. Xavier	Aclimação	Rua Geraldo R. Queiroz,	Urbanizada	Arborizada, calçada, iluminação, bancos, Quadra de cimento, playground e Academia
Total: 01 praça				
1 - Pedro Mendes da Silva	Alto Umuarama	Av. Doutor Vicente Salles Guimarães	Semi urbanizada	Não discriminado- gramada, arborizada, com presença de alguns bancos e iluminação
2 - Nicolau de Brito	Alto Umuarama	Av. Doutor Vicente Salles Guimarães	Não urbanizada	Não discriminado- área gramada aberta*
3 - Otton Chaves	Alto Umuarama	Av. Dom Pedro II, Rua Oril Caetano de Rez.	Não urbanizada	Não discriminado- área gramada aberta*
4 - Sebastião de Brito	Alto Umuarama	Rua Maria José Durães, Rua Olívia Cândida	Não urbanizada	Gramada com algumas árvores, parcialmente calçada e academia ao ar livre instalada em nov./2020.
5 - Marciene Motta Curcino	Alto Umuarama	Rua Ismael da Silva, Rua 6A, Rua Creusa Arli	Não urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado- gramada e arborizada com iluminação
Total: 05 praças				
1 – Bandeirantes	Jd. Ipanema	Av. Sideral, Rua Central	Semi urbanizada: projeto de revit.	Gramada com algumas árvores, iluminação, quadra de cimento e academia ao ar livre instalada em nov./2020
2 – Anelton Alves da Cunha	Jd. Ipanema	Rua Olga Prestes, entre as Ruas Indira Gandhi	Urbanizada	Gramada com (barras de ginástica e parque infantil não mencionados).
3 - José Alves dos Santos	Jd. Ipanema	Rua Salgado Filho	Não urbanizada	Arborizada, com iluminação, calçamento e bancos dentro dos limites do Aeroporto
Total: 03 praças				
1 - dos Araújo	Mansões Aerop.	Al. Europa, Al. América	Não urbanizada	terreno gramado aberto*
2 – Mindanau	Mansões Aerop.	Al. Hilimanjaro, Al. dos Andes, Al. Aconcágua	Não urbanizada	Rotatória gramada e arborizada*

Total: 02 praças/ *não urbanizadas				
1 - Roberto Lana	Morada Pássaros	Rua Beija Flor, Av. Jacarandá	Não urbanizada	terreno aberto*
Total: 01 praça/ *não urbanizada				
1 – Cardeal	Grand Ville	Al. dos Mandarins, Rua Albatroz, Rua Cotovia	Sem informações	área gramada com pequenas árvores, calçamento parcial, iluminação
2 – Tales G.Andrade	Grand Ville	Rua da Cor, Rua do Pigmento	Urbanizada	Gramada, com arbustos, calçamento, bancos e iluminação, academia ao ar livre e pq. Infantil
Total: 02 praças				
1 - Professor Eduardo A. Gassani	Morumbi	Rua José Maria Ribeiro, Rua Cambão	Urbanizada - jul. 2016	Gramada, com calçamento, bancos e iluminação, Academia ao Ar Livre, (parque infantil e quadra de esportes não informada)**
2 - Inonimada	Morumbi	Av. James Siqueira, Rua Espigão, Rua do Moinho	Não urbanizada	Localizada a UBS – Morumbi ao lado e terreno aberto com campo de terra*
Total: 02 praças				
1 - Juarez Garcia Nunes	Res. Integração	Rua da Unidade, Rua Prelado, Rua Alicerce	Urbanizada	Arborizada com bancos, iluminação e quadra de esportes
Total: 01 praça				
1 - Portal do Vale	Portal do Vale	Rua da Esperança	Semi urbanizada: projeto de revitalização	Gramada, com iluminação- (quadra de areia não mencionada)**
Total: 01 praça semi urbanizada				
1 - Odete Resende Pereira	Alvorada	Rua Aristides Fernandes Morais, Rua José Jorge	Urbanizada	Gramada,arborizada, com iluminação, bancos, Quadra de cimento e Academia ao Ar Livre
Total: 01 praça				
Setor Leste: 1 Parque ambiental com complexo de lazer/ esportivo, 1 pista de skate, 3 complexos poliesportivos e 60 praças (concentradas no Tibery e Sta. Mônica)				
*Espaços identificados como praças que correspondem a pequenos canteiros gramados, com alguma árvore ou terrenos abertos sem qualquer tipo de paisagismo.				
**Praças que contemplam algum tipo de equipamento de lazer e esporte não informado pelo poder público no documento analisado.				
*** Ocupada com escola municipal. ****Praça que vem recebendo equipamentos infantis (play kids) não mencionado oficialmente em 2021.				
- O termo “urbanização” é de uso exclusivo da Prefeitura Municipal, considera-se ao longo da discussão, o termo “infraestrutura implantada”.				
As praças e demais equipamentos destacados em negrito contemplam equipamentos de esporte e lazer instalados.				

Fonte: Caderno Informativo- 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O último setor urbano destacado na cidade de Uberlândia corresponde ao Setor Oeste, que inclui equipamentos comunitários nos bairros integrados Jaraguá, Planalto, Chácaras Tubalina e Quartel, Jardim Patrícia, Luizote de Freitas, Dona Zulmira, Taiaman, Jardim Canaã, Pequis, Jardim Holanda, Jardim das Palmeiras, Monte Hebron, Panorama, Mansour, Tocantins e Guarani. Nestes bairros existem trinta e seis (36) praças, oito poliesportivos/ centros esportivos, quatro academias de ginástica não instaladas em praças e seis parques²⁷ (dois deles não urbanizados e sem equipamentos de lazer).

Nos bairros Jaraguá, Planalto e Chácaras Tubalina e Quartel encontram-se presentes sete praças, em duas delas foi possível identificar equipamentos de lazer, como, por exemplo, uma quadra de esportes não destacada no documento. Existe ainda um poliesportivo onde funcionam alguns programas esportivos, uma academia ao ar livre instalada em área desvinculada de praça, um núcleo esportivo de referência profissionalizante e dois parques urbanos. Nesse último caso, um parque natural que oficialmente corresponde a uma área de preservação e um parque linear disponível para atividades de lazer margeando o rio Uberabinha.

O primeiro parque citado não agrega nenhum tipo de infraestrutura e não possui equipamentos de esporte e lazer, o Parque Natural Municipal do Óleo constitui uma área verde com a função específica de preservação. O parque que margeia o rio Uberabinha, por sua vez, é utilizado para o lazer e conta com a discriminação dos equipamentos de esporte e lazer presentes (pista de caminhada, ciclovia, academia ao ar livre e área arborizada).

Ao elencar especificamente, os parques lineares, é possível ressaltar que nas metrópoles, as proximidades dessas áreas acabaram sendo ocupadas irregularmente por populações mais pobres e vulneráveis, pois se tratam, por exemplo, de áreas sujeitas a alagamentos. Nas cidades médias, sobretudo a partir dos anos 2000, as ações do Estado combinam o grande potencial ambiental e a possibilidade de inserir equipamentos de lazer, conseqüentemente, geram valorização ao entorno, culminando em um novo olhar do mercado imobiliário para os bairros e loteamentos próximos.

Cocozza e Oliveira (2013, p.27) destacam que em Uberlândia alguns parques urbanos são criados em áreas de proteção ambiental, podendo citar, por exemplo, o Parque Linear do rio Uberabinha, “(...) que tem como principal objetivo criar um eixo de lazer, cultura e

²⁷ Ao considerar os parques urbanos no Setor Oeste, é importante mencionar que ao longo das margens do Córrego do Óleo existe o Parque Natural Municipal do Óleo, citado como área de preservação, além de outros trechos que contemplam parques lineares utilizados para o lazer, como o trecho 1 (Parque da Longevidade) e o trecho 2 (Parque Linear do Córrego do Óleo).

educação ambiental ao longo do trecho mais urbanizado do rio, costurando a área central com os bairros antes segregados”.

Os bairros Jardim Patrícia, Luizote de Freitas e Dona Zulmira possuem oito praças, com a presença de equipamentos em três delas, incluindo academia ao ar livre, quadra de cimento e parque infantil. Também existem dois poliesportivos (com equipamentos e programação esportiva), e um parque municipal com pista de caminhada, equipamentos de ginástica, espaço multiuso, mesas para jogos e área com vegetação. No bairro Taiaman estão presentes quatro praças e uma academia ao ar livre, com destaque para a recente instalação de uma praça no final de 2020.

Em um adensamento que inclui os bairros Jardim Canaã, Jardim Holanda, Jardim das Palmeiras, Monte Hebron, Panorama e Pequis encontram-se quatorze praças catalogadas, em apenas três existe algum tipo de equipamento como academia ao ar livre, quadra de cimento e parque infantil, sendo que a maioria das praças não possui infraestrutura implantada. Destaca-se ainda, uma academia ao ar livre desvinculada de praça, um poliesportivo e um parque urbano com pista de caminhada, parque infantil, academia ao ar livre, mesas de jogos, campo de futebol society e área de preservação.

Nos bairros Mansour e Jardim Europa existem duas praças, que contam com academia ao ar livre, quadra de cimento, barras de ginástica e parque infantil. Encontra-se também, um poliesportivo, um centro esportivo de iniciação ao atleta e dois parques, um deles especificamente destinado à preservação ambiental. O outro parque possui área de lazer que contempla equipamentos de esporte e recreação, como quadra poliesportiva, equipamentos de ginástica e academia ao ar livre, pista de caminhada e ciclismo, mesas para jogos, parque infantil e área multiuso. Por último, nos bairros Tocantins e Guarani verifica-se uma praça com academia ao ar livre, uma academia ao ar livre desvinculada da presença de praça e um poliesportivo.

Algumas das praças presentes são pequenas rotatórias gramadas e outras compreendem terrenos abertos nos loteamentos que, efetivamente, poderão vir a serem praças no futuro. Nas demais que possuem ou não equipamentos de lazer predominam as áreas gramadas com arborização parcial, iluminação e ocasionalmente alguns bancos, conforme apresentado no próximo quadro.

QUADRO 5 - EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS: PRAÇAS, PARQUES URBANOS E COMPLEXOS ESPORTIVOS DO SETOR OESTE - UBERLÂNDIA, 2020

Praças/parques/ outros	Bairro	Endereço	Urbanização (Infraestrutura implantada)	Presença de equipamentos e/ou programas de esportes e lazer
1 - Gefferson Guim. da Silva	Jaraguá	Av. Presidente Kennedy.	Não urbanizada	Não discriminado, extensa área gramada e arborizada*
2 – Montese	Jaraguá	Av. Brigadeiro Sampaio, Rua das Cerejeiras	Urbanizada: projeto de revitalização	Arborizada com bancos, iluminação e uma quadra de esportes não declarada no documento**
3 - Rita Ferreira Huguency	Jaraguá	Av. Getúlio Vargas, Av. Francisco Belório	Semi urbanizada	Não discriminado- arborizada, com iluminação e gramada*
4 - Sargento Ariston Souza Milhomem	Jaraguá	Av. Aspirante Mega	Urbanizada	Arborizada, com alguns bancos, iluminação e barras de ginástica**
5 – Inominada	Jaraguá	Rua das Perobas, Av. dos Buritis	Urbanizada	Não discriminado- canteiro gramado e calçado*
6 - Parque Linear Rio Uberabinha	Jaraguá	Entre as Av. Getúlio Vargas e Brigadeiro S.	Urbanizado	Pista de caminhada, ciclovia, Academia ao Ar Livre, área arborizada de mata nativa e replantada ao longo das margens do Rio Uberabinha.
Total: 05 praças e 1 parque linear				
1 - das Rosas	Chácaras Tubalina	Av. Aspirante Mega, Av. do Pinho	Não urbanizada	Não discriminado, grande rotatória gramada com árvores e iluminação*
Total: 01 praça				
1 - Régis Elias Simão*****	Planalto	Rua da Secretária, Rua do Sapateiro	Urbanizada	Não discriminado- gramada com árvores, calçamento, bancos e iluminação
2 - Academia ao Ar livre	Planalto	Rua das Gameleiras		Academia ao Ar Livre
3 – Centro Poliesportivo Tancredo Neves	Planalto	Rua Sétimo Spini, 420, Rua Maria Ab.Mamede.		Futebol de campo, atletismo, voleibol e ginástica/ A partir de 7 anos de idade.
4 - Núcleo esport. Centro de Referência Profissional.	Planalto	Rua do Borracheiro, 291		Não discriminado – atende crianças, adultos e idosos
5 - Parque Natural Municipal do Óleo	Planalto	Rua Sudepe S/N.	Não urbanizada	Área de preservação 18,75 hectares
Total: 01 praça, 01 academia ao ar livre (não localizada em praça), 01 centro poliesportivo, 01 núcleo esportivo, 01 parque não destinado para o lazer.				
1 - Doutor Bolivar Carneiro	Jd. Patrícia	Rua Maria Lobato Freitas, Av. Estela S.	Urbanizada: projeto de revitalização	Arborizada, com bancos, iluminação e calçamento, academia ao Ar Livre, barras de ginástica e Parque Infantil

2 - Doutor Manuel Eurípedes Castro	Jd. Patrícia	Rua Laurindo Fonseca Silva, Av. Godevino A.	Não urbanizada	Área verde ocupada com Escola Municipal***
Total: 02 praças				
1 - Doutor Walter Luiz Manhães	Luizote de Freitas	Rua Genarino Cazabona, Rua Antônio Rufino B.	Urbanizada: projeto de revitalização	Arborizada, com bancos, iluminação e calçamento, academia ao Ar Livre, quadra de cimento, (parque infantil e pista de skate não mencionados)**
2 - Santa Maria dos Anjos	Luizote de Freitas	Rua Antônio Rufino Borges, Rua Genarino C.	Urbanizada	Não discriminado- arborizada, com calçamento, iluminação e alguns bancos
3 - Edgar de Paulo	Luizote de Freitas	Rua João Bernardes da Silva, Rua José Vargas	Urbanizada: projeto de revitalização	Não discriminado- gramada, arborizada, com calçamento parcial, alguns bancos e iluminação.
4 – Centro Poliesportivo Luizote de Freitas	Luizote de Freitas	Rua Genarino Cazabona, 180		Futebol de campo, atletismo, voleibol, judô, basquete, ginástica e karatê./ A partir de 7 anos de idade. Academia ao ar livre inaugurada em nov./2020.
5 - Parque Municipal Luizote de Freitas	Luizote de Freitas	Rua Genarino Cazabona	Urbanizado	Possui parque infantil, pista de caminhada, equipamentos de ginástica para idoso, academia ao ar livre, espaço multiuso e mesas para jogos.
Total: 03 praças, 01 centro poliesportivo, 01 parque municipal.				
1 – Centro Poliesportivo Dona Zulmira	Dona Zulmira	Rua Alabastro, s/n		Futebol de campo, atletismo e ginástica./ A partir de 7 anos de idade. Academia ao ar livre.
2 – Liberdade	Dona Zulmira	Av. Juscelino Kubitscheck, Av. Rubi	Não tem informações	Rotatória com grama*
3 - Minas Gerais	D. Zulmira	Rua José Fonseca	Não urbanizada	Lote ocupado por Igreja***
4 - Antônio Stefane	Dona Zulmira	Av. dos Eucaliptos, Rua Cristal	Urbanizada	Arborizada, com calçamento parcial e iluminação, academia ao Ar Livre e barras de ginástica
Total: 03 praças e 01 centro poliesportivo				
1- Antônio Carlos Araújo	Taiaman	Rua Bauxita, Rua do Alumínio	Urbanizada	Não discriminado- pequena praça, arborizada com alguns bancos*
2 - Doutor Carmo Freitas	Taiaman	Av. Topázio, BR365	Não urbanizada	Não disc.- rotatória gramada junto a rodovia com alguns coqueiros*
3 – Sinfonia	Taiaman	Rua dos Taróis, Rua dos Pandeiros	Urbanizada	Gramada, arborizada, com calçamento parcial, alguns bancos e iluminação com academia ao ar livre e parque infantil instalados em 2020.
4 – João Alexandre da Silva	Taiaman	Rua dos Pandeiros, Pistons	Sem informação	Inaugurada em 07/08/2020
5 – Academia ao ar livre	Taiaman	Av. Ivaldete Cordeiro P.		Academia ao ar livre inaugurada em nov./2020
Total: 04 praças e uma academia ao ar livre separada				

1 – Centro Poliesportivo Jardim Canaã	Jd. Canaã	Rua Sinai, s/n°		Futebol de campo, voleibol, atletismo e ginástica./ A partir dos 7 anos de idade
2 - Emília dos Santos	Jd. Canaã	Av. Jerusalém, Av. Babel, Rua Lídia	Não urbanizada	Não discriminado- terreno aberto*
3 - Leopoldo Ferreira Goulart	Jd. Canaã	Rua Esmirna, Rua Mênfis, Rua Moabe	Urbanizada	Arborizada e gramada, com calçamento e bancos, Quadra de cimento, Parque infantil e Academia ao Ar Livre
4 - Morum Bernardino	Jd. Canaã	Rua Emílio Fad, Av. Jorge Isaac, Rua Chadi	Não urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado - terreno vazio aberto com campo de terra*
Total: 03 praças e 1 poliesportivo				
1 - Ângelo Naves Vicente	Jd. Holanda	Al. Neuza Borges da Fonseca, Al. Jecy Lemes	Semi urbanizada	Extensa área gramada aberta, com arbustos, iluminação, calçamento parcial e academia ao ar livre não localizada****.
2 - Benjamin Ven. de Melo	Jd. Holanda	Al. José de Oliveira	Não urbanizada	Não discriminado - terreno aberto com algumas árvores*
3 - Berlita Alves Nobre	Jd. Holanda	Al. Sivone Teodoro da Silva	Não urbanizada	Não discriminado - terreno aberto com algumas árvores*
4 - José Nobre Júnior	Jd. Holanda	Al. Rodrigo Pereira de Souza,	Não urbanizada	Não discriminado - terreno aberto*
5- Inominada	Jd. Holanda	Al. Divina Alegre, Al. Corretor	Não urbanizada	Não discriminado - terreno aberto*
Total: 05 praças/ *04 não urbanizadas				
1 – Inominada	Jd. Palmeiras	Rua das Codornas, Av. Olímpio	Semi urbanizada	Não discriminado- pequena praça gramada e arborizada*
2 - Theodora Santos	Jd. Palmeiras	Rua Rouxinóis, Rua Cisnes	Urbanizada	Não discriminado- arborizada com calçamento, bancos e iluminação
3 - Parque da Longevidade	Jd. Palmeiras	Rua da Enfermeira	Urbanizado	Pista de caminhada, parque infantil, academia ao ar livre, mesas de jogos de cartas e tabuleiros, campo de futebol society e área de preservação.
Total: 02 praças e 01 parque				
1 - Sebastião José da Silva	Monte Hebron	Rua Ivone Abrão da Silva, Rua Stefany G.	Não urbanizada	Não discriminado- terreno aberto*
2 - José Geraldo Alves	Monte Hebron	Rua Stefany Gomes Pereira, Rua Edmunda	Não urbanizada	Não discriminado- terreno aberto*
Total: 02 praças não urbanizadas				
1 - Altamiro Alves Ferreira	Panorama	Rua das Durantas, Rua das Rosas	Não urbanizada: projeto de revit.	Não discriminado- terreno aberto com vegetação nativa de cerrado*
2 – Zenilde de Lourdes S. Silveira	Panorama	Av. dos Ipês, Rua Erva Mate, Rua Catuaba	Semi urbanizada: projeto de revit.	Área gramada, com vegetação nativa, iluminação, Academia ao Ar Livre e (quadra de grama- não informada**)
3 - Academia ao Ar Livre	Panorama	Rua dos Sininhos		Academia ao Ar Livre

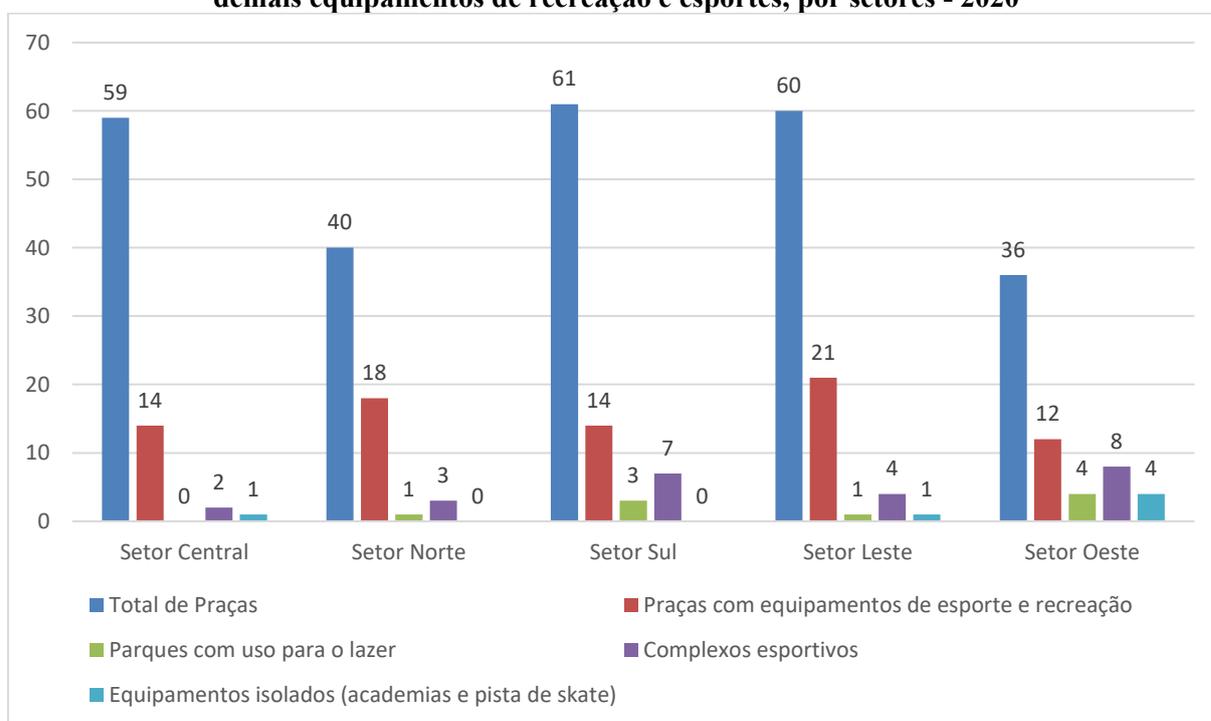
Total: 02 praças e 01 Academia ao Ar Livre				
1 - Centro Poliesportivo Mansour/PMU/FUTEL	Mansour	Rua Rio Citaré, 52		Atletismo, hidroginástica, natação, futebol de campo e ginástica multidisciplinar/ A partir dos 7 anos de idade.
2 - Geraldino Dias da Silva	Mansour	Rua Rio Jaguaribe, Rua Rio Tijuco	Urbanizada	Arborizada, com iluminação e bancos, Academia ao Ar Livre e Quadra de cimento
3 - Parque Munic. Mansour	Mansour	Rua Rio Jaguari, S/N.	Não urbanizado	Área sem equipamentos.
4 – Parque Linear do Córrego do Óleo	Mansour	Rua Rio Albani		pista de caminhada, ciclovia, quadra poliesportiva, quiosques com jogos de tabuleiro, parque infantil, academia ao ar livre e área multiuso.
Total: 1 praça, 1 poliesportivo, 2 parques				
1 - Centro de Iniciação ao Esporte	Jd. Europa	Av. Amsterdã, 403		Olímpica: Judô, Basquete, Voleibol, Handebol, Rugby, atletismo e Futsal./ Paralímpica: bocha, goalboal, atletismo, halterofilismo, volei, judô e tênis
2 – Generosa Maria de Sousa	Jd. Europa	Rua Constança, Rua Nápoles, Rua Bolonha	Semi urbanizada	Não discriminado- gramada com a presença de árvores formando um bosque com calçamento parcial, iluminação, parque infantil e barras de ginástica**
Total: 01 praça e 01 centro esportivo de atletas				
1 - Poliesportivo Tocantins	Tocantins	Rua Doutor Sérgio de Oliveira Marquez, 341		Futebol de campo, atletismo e ginástica./ A partir de 7 anos de idade.
2 - Antônio Martins	Tocantins	Rua José Gomes Ribeiro, Rua Joaquim Carrijo	Urbanizada	Arborizada, com bancos, calçamento e iluminação e Academia ao Ar Livre
3 - Academia ao Ar Livre	Guarani	Av. do Carnaval		Academia ao Ar Livre
Total Tocantins/ Guarani: 1 praça, 1 ginásio, 1 academia ao ar livre				
SETOR OESTE: 36 praças, 8 complexos poliesportivos/ centros esportivos, 4 academias de ginástica não instaladas em praças e 06 parques – espaços de preservação (2 deles não urbanizados e sem uso para o lazer)				
*Espaços identificados como praças que correspondem a pequenos canteiros gramados, com alguma árvore ou terrenos abertos sem qualquer tipo de paisagismo.				
**Praças que contemplam algum tipo de equipamento de lazer e esporte não informado pelo poder público no documento analisado.				
*** Ocupada com escola municipal. **** Academia ao ar livre não localizada a partir de imagens do <i>Street View</i> .				
***** Praça que vem recebendo equipamentos infantis (play kids) em 2021.				
- O termo “urbanização” é de uso exclusivo da Prefeitura Municipal, considera-se ao longo da discussão, o termo “infraestrutura implantada”.				
- As praças e demais equipamentos destacados em negrito contemplam equipamentos de esporte e lazer instalados.				

Fonte: Caderno Informativo- 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

3.2 - Síntese da espacialização dos espaços livres esportivos/ recreativos

Neste momento, apresentam-se gráficos, figuras, tabelas e mapas que sintetizam as informações levantadas acerca dos espaços e equipamentos de lazer, recreação e esportes presentes no Caderno Informativo- 2020, disponibilizado pela SEPLAN. O Gráfico 1, apresenta a distribuição do total de praças, das praças com equipamentos de lazer discriminados, dos parques utilizados para o lazer, dos complexos poliesportivos/ centros esportivos com programação de recreação e esportes, além dos equipamentos isolados de outros espaços de lazer e recreação (pista de skate e academias ao ar livre), por setor territorial.

Gráfico 1 – Uberlândia: Parques urbanos, total de praças, praças com equipamentos de lazer e demais equipamentos de recreação e esportes, por setores - 2020



Fonte: Caderno Informativo- 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

*Se considerar os equipamentos infantis denominados de “Play Kids” que iniciaram sua instalação em 2021 e ainda não são contabilizados na listagem oficial, aumenta o número de praças com equipamentos de lazer. (duas no Setor Norte, uma no Setor Leste e uma no Setor Oeste).

Existe grande concentração do total de praças nos setores Sul, Leste e Central, já as praças que contam com algum tipo de equipamento de lazer aparecem mais expressivamente nos setores Leste e Norte, respectivamente, conforme se visualiza no Gráfico 1. Observa-se uma diferença considerável em todos os setores da cidade no que se refere ao número total de praças

e àquelas dotadas de equipamentos que podem ser utilizados pela comunidade, sobretudo, voltados para o esporte e a recreação, com o predomínio das academias ao ar livre, dos parques infantis e das quadras de cimento ou areia. Desperta a atenção, a discrepância no número desses equipamentos por setores urbanos. Há uma expressiva concentração no Setor Sul, com 61 praças, onde apenas 14 delas possuem equipamentos; destaca-se também, o Setor Central, com 59 no total e 14 com algum tipo de equipamento de recreação e lazer.

Salienta-se que não há nenhuma referência no documento Caderno Informativo-2020 acerca da existência de pistas de caminhada nas praças, estando tais espaços de circulação de pedestres vinculados oficialmente aos parques urbanos. Também não se encontram informações sobre a presença específica de áreas com vegetação e do mobiliário das praças, como bancos e calçamento, por exemplo. Foi possível visualizar cada uma das praças por meio de sua localização e, conseqüentemente, verificar a existência ou não de mobiliário e equipamentos de esporte e lazer a partir do recurso *Street View* vinculado ao *Google Maps* e pesquisa de campo.

É relevante ressaltar que a presença de equipamentos de esporte e recreação configura um importante indicador para diagnosticar a qualidade do espaço público das praças, sobretudo no que tange à sua utilização para o lazer. No entanto, existem praças que mesmo sem a presença desses equipamentos específicos são referência em termos de espaços lúdicos e de lazer para a comunidade local no seu dia a dia, ou mesmo para quem as frequente esporadicamente, como os exemplos das praças Tubal Vilela no bairro Centro e Clarimundo Carneiro no Fundinho, ambas no Setor Central.

Observa-se que há praças que são compostas basicamente por canteiros gramados, muito comuns em algumas rotatórias da cidade. Por outro lado, existem casos, principalmente na franja periférica, de praças que não existem efetivamente, verificando-se apenas o espaço reservado para a instalação destas conforme as imagens coletadas do *Google Maps* nas **Figuras 6 e 7**. A primeira (Figura 6) contempla uma praça localizada no Setor Sul (bairro Shopping Park), enquanto a segunda (Figura 7), apresenta uma praça no Setor Leste (bairro Morumbi). Ambas localizadas em áreas periféricas do tecido urbano, visivelmente caracterizadas por terrenos abertos: a primeira em um local com vegetação nativa de Cerrado e, a segunda, em um terreno parcialmente gramado com grande parte de terra e, um “campinho de terra” ao lado de uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

Figura 6 – Praça Hamilton Marques Magalhães- Shopping Park – Setor Sul, 2020



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/street-view/Uberlandia/shopping-park>. Acesso em 20/04/2020.

Figura 7 – Praça “Inonimada” - Morumbi – Setor Leste, 2020



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/street-view/Uberlandia/morumbi>. Acesso em 20/04/2020.

É comum os espaços livres em terrenos abertos ou até a própria rua constituir opção de lazer, principalmente para crianças e adolescentes que habitam bairros periféricos sujeitos à exclusão social e desprovidos de espaços de lazer para seus moradores. Nesse sentido, apesar da praça em destaque na Figura 7 não contar com a presença de mobiliário e paisagismo, constitui um local apropriado pelos moradores do entorno, seja para jogar futebol no “campinho de terra”, soltar pipa etc.

É importante mencionar que as praças ocupadas por canteiros gramados, ou por terrenos abertos sem qualquer tipo de paisagismo, representam uma quantidade considerável em todos os setores da cidade. No entanto, especificamente estas últimas apenas designadas por lei que contemplam terrenos abertos, são representativas na periferia dos setores Oeste e Sul, com 13 e 8 praças em cada um, respectivamente, seguido do Setor Leste com seis praças localizadas nesta situação, conforme visualiza-se na tabela a seguir.

Tabela 3 – Caracterização da estrutura das Praças públicas de Uberlândia por setores - 2020

	Praças com Infraestrutura implantada			Praças com infraestrutura parcial ou apenas designadas				Total
	Praças com mobiliário e paisagismo com equipamento de lazer	Praças com paisagismo e mobiliário básico	Ocupada por outras instalações	Praças com algum tipo de paisagismo e mobiliário	Área com equipamento de recreação e lazer	Terrenos abertos sem paisagismo	Ocupada por outras instalações	
Setor Central	14	33		11		01		59
Setor Norte	14	06		14	04	01	01	40
Setor Sul	09	12		24	05	08	03	61
Setor Leste	16	10	02	19	05	06	02	60
Setor Oeste	09	06		03	03	13	02	36
Total	62	67	02	71	17	29	08	256

Fonte: Caderno Informativo- 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

*Outras instalações identificadas nas praças: estacionamentos, Igreja, Equipamentos sociais, Unidade de Saúde, Escolas e Prefeitura.

A partir desses dois agrupamentos que consideram, por um lado, as praças com infraestrutura implantada e, por outro, as que apresentam infraestrutura parcial ou ausente, verificam-se outras distinções. No grupo das que apresentam infraestrutura, aparecem as praças com vegetação (arborizadas e área gramada) e mobiliário básico (bancos, calçamento e iluminação), e aquelas que contam com vegetação, mobiliário e equipamentos de recreação e lazer. As que não agregam infraestrutura ou apenas de forma parcial, por sua vez, dividem-se entre as que possuem vegetação e alguns tipos de mobiliários degradados, aquelas que além do mobiliário contém algum equipamento de recreação e lazer e aquelas que constituem espaços livres sem qualquer tipo de paisagismo. Nos dois agrupamentos mencionados aparecem outros tipos de instalações, que muitas vezes ocupam uma praça inteira, como estacionamentos, igrejas, equipamentos sociais e de saúde etc.

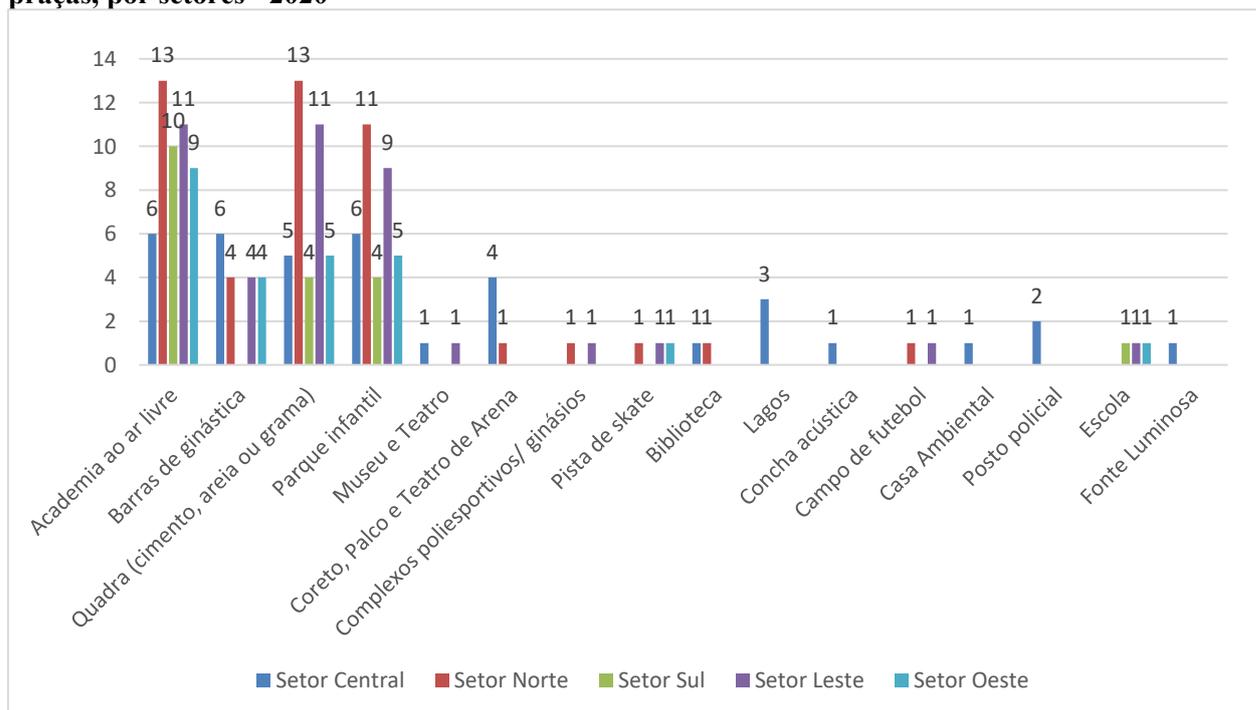
Verifica-se no Setor Central o predomínio de praças com infraestrutura implantada, com 47 nesta condição e 11 com infraestrutura parcial (algum tipo de paisagismo e mobiliário). No Setor Norte há equilíbrio, com 20 com infraestrutura plenamente implantada e outras 20 com problemas nessa infraestrutura. Nos demais, estão mais presentes as praças sem infraestrutura ou em situação parcial, sendo considerável no Setor Sul, por exemplo, com 40 praças no total. Nos dois agrupamentos (praças com infraestrutura implantada e com implantação parcial ou apenas designadas), observa-se um predomínio daquelas que contam

com paisagismo e mobiliário sem a presença de equipamentos de lazer, com 67 e 71 praças, respectivamente, no total dos cinco setores.

O Gráfico 2 a seguir, considera a tipologia dos equipamentos de esporte, recreação e lazer, bem como de outras instalações (escolas e postos policiais) presentes nas praças nos diferentes setores da cidade, sendo predominantes, as academias ao ar livre e as quadras de esportes, com destaque para o Setor Norte. Este setor mencionado lidera a quantidade de academias ao ar livre (13 no total), seguido dos setores Leste e Sul com 11 e 10 academias em cada um, respectivamente. As quadras esportivas, tanto as de cimento quanto as de areia ou grama também se encontram mais presentes no Setor Norte, com 13 no total, seguido do Setor Leste com 11 no total. Na disposição dos parques infantis, predomina novamente a concentração nas praças do Setor Norte (11 parques infantis), seguido do Setor Leste com nove desses parques. A presença desses três tipos de equipamentos elencados se destaca nas praças públicas de Uberlândia, localizando-os em todos os setores territoriais urbanos.

Outro fator que merece atenção é a presença de alguns equipamentos mais específicos, presentes basicamente em um desses setores, como no Central, por exemplo. Apesar de existirem nesse setor, são disponíveis em poucas praças, correspondendo aos seguintes equipamentos: palco de apresentações, coreto, teatro de arena, museu, biblioteca, fonte luminosa, concha acústica, lagos, centro ambiental e postos policiais.

Gráfico 2 – Uberlândia: Tipologia dos equipamentos de lazer e demais instalações presentes nas praças, por setores - 2020



Fonte: Caderno Informativo- 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

*Não foram destacados os playgrounds infantis conhecidos como “Play Kids”, que estavam em processo de instalação em cinco praças no ano de 2021. Um deles já computado está presente na Praça Webert J. Fonseca, no bairro Custódio Pereira, os demais vêm sendo implantados em outras quatro praças dos bairros Planalto, Santa Mônica, Pacaembu e Jardim Brasília, não atualizados oficialmente no Caderno Informativo 2020.

Os ginásios, centros esportivos e demais centros especializados que contemplam o esporte e a recreação contam com programas esportivos, escolinhas e oficinas que atendem à população no seu tempo livre. Encontram-se disponíveis para crianças a partir dos sete anos de idade, adolescentes, adultos e até idosos, concentrados nos setores Oeste e Sul, respectivamente, com oito e sete complexos esportivos em cada um. Alguns se encontram presentes em áreas da cidade desprovidas de infraestrutura e acessibilidade em relação às áreas centrais que contam com maior infraestrutura e opções de lazer.

Estão presentes dois espaços especializados no Setor Central, a Faculdade de Educação Física (FAEFI/ UFU) e o Uberlândia Tênis Clube (UTC). O Setor Norte possui três ginásios poliesportivos (Roosevelt, Jd. Brasília e Jd. América). No Setor Sul existem sete complexos esportivos (três ginásios poliesportivos nos bairros Laranjeiras, Patrimônio e Santa Luzia, um centro de referência no Lagoinha e a Vila Olímpica no Shopping Park). Encontram-se presentes ainda, dois CEUs (Shopping Park e São Jorge) e parcerias com programação esportiva em um Sesi. O Setor Leste contempla programas esportivos em três centros esportivos/ poliesportivos (Tibery, Custódio Pereira e Segismundo Pereira) e no Parque do Sabiá, o qual

possui ampla infraestrutura (parque esportivo, aquático, ginásio e estádio). O Setor Oeste por sua vez, mantém programação em seis poliesportivos (Planalto, Luizote de Freitas, Dona Zulmira, Canaã, Tocantins e Mansour), um centro de referência esportiva (Planalto), um Centro de Iniciação ao Esporte (CIE) no Jd. Europa e em parceria do município com o 36º Batalhão de Infantaria do Exército.

Os chamados Centros de Artes e Esportes Unificados (CEUs), presentes em dois locais no Setor Sul, destacam-se por concentrar em um mesmo espaço uma série de programas e equipamentos de recreação e cultura, como os citados nas praças. Pode-se caracterizá-los como complexos de lazer, que exercem a centralidade de uma praça e ofertam diversas atividades para a comunidade, fazendo-se necessário a ampliação de tais espaços em outros setores ao longo da cidade. Todavia, é importante ressaltar que esses espaços foram implantados por iniciativa do poder público federal através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), especificamente no ano de 2015, em parceria com o poder público municipal.

A maior parte desses complexos esportivos possui como estrutura física a presença de quadras ou ginásios poliesportivos, campo gramado e equipamentos de ginástica, sendo recorrentes as academias ao ar livre. A distribuição dos programas esportivos/recreativos, bem como o quantitativo de pessoas atendidas por setor territorial urbano são apresentados na próxima Seção da Tese, quando será contemplada a programação de lazer ofertada na cidade, incluindo a análise do Banco de Dados Integrados (BDI) de 2020.

A próxima tabela, (Tabela 4) apresenta a tipologia dos equipamentos de lazer presentes nos parques urbanos da cidade. Os itens elencados aparecem em cada setor com a numeração que varia de um a quatro, indicando o número de parques que contemplam equipamentos de lazer presentes nos setores e não a quantidade exata desses equipamentos. Portanto, o número quatro representa o máximo de parques disponíveis por setor que podem servir ao lazer da população.

Excetuando-se o Setor Central, nos demais existe ao menos um parque disponível para a atividade (prática e contemplativa) do lazer. Os setores Norte e Leste possuem um parque em cada um deles, ambos são de grande relevância e representam amplos espaços verdes e livres que integram o lazer na dinâmica intraurbana de Uberlândia, são eles, respectivamente: o Parque Victório Siquierolli e o Parque do Sabiá. O mais expressivo, que oferta diferentes opções ao usuário, é o Setor Leste com o “Complexo Parque do Sabiá”, o qual conta com outros equipamentos que vão além dos tradicionais vistos em outras áreas da cidade, como, por exemplo: aquário, zoológico e parque aquático.

Os equipamentos de maior destaque, de uma forma geral, são os parques infantis, presentes em parques dos setores Norte, Sul, Leste e Oeste. As pistas de caminhada, as academias ao ar livre e as mesas de jogos também aparecem em destaque, enquanto os demais espaços e equipamentos, como museu ou núcleo ambiental, trilhas, ciclovias, campos e quadras de esportes são menos comuns nos parques urbanos.

O Setor Oeste, por sua vez, possui o maior número de parques urbanos, com a presença de quatro passíveis de utilização com atividades de lazer e recreação. O Setor Central não agrega oficialmente um parque urbano, com a ressalva do bairro Daniel Fonseca que faz parte do setor e se limita com o Setor Oeste, nas margens do Rio Uberabinha, que conta com parque linear instalado no bairro Jaraguá. Existe uma academia ao ar livre implantada na margem direita do rio, contemplando o limite do bairro que faz parte do Setor Central.

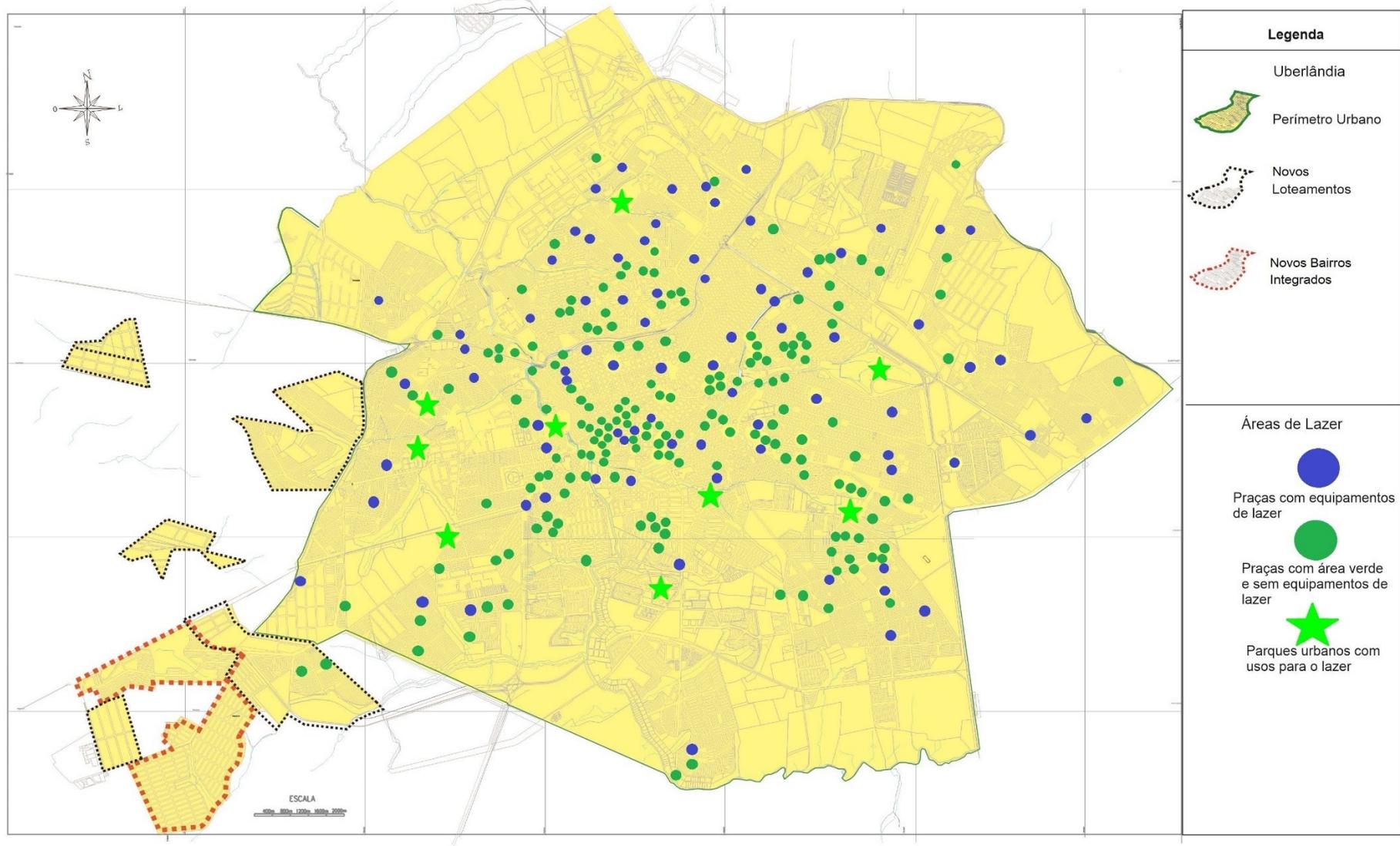
Tabela 4 – Uberlândia: Número de parques urbanos com uso e equipamentos para o lazer, por setores – 2020

	Setor Central	Setor Norte	Setor Sul	Setor Leste	Setor Oeste
Total de Parques por Setor		01	03	01	04
Tipologia dos equipamentos:					
1 – Pista de caminhada	-	-	02	01	04
2 – Parque infantil	-	01	01	01	03
3 – Ciclovía	-	-	01	-	02
4 – Academia ao Ar livre	-	-	01	-	04
5 – Trilhas ecológicas	-	01	-	01	-
6 – Museu e/ou Núcleo de educação (ambiental)	-	01	02	-	-
7 – Campos de futebol	-	-	-	01	01
8 – Quadras de esportes	-	-	-	01	01
9 – Mesas de jogos e/ou espaço multiuso	-	01	-	01	03
10 - Zoológico	-	-	-	01	-
11 – Aquário	-	-	-	01	-
12 – Parque aquático	-	-	-	01	-
13 – Lagos	-	-	-	01	-
14 – Anfiteatro ao ar livre	-	01	-	-	-

Fonte: Caderno Informativo -2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

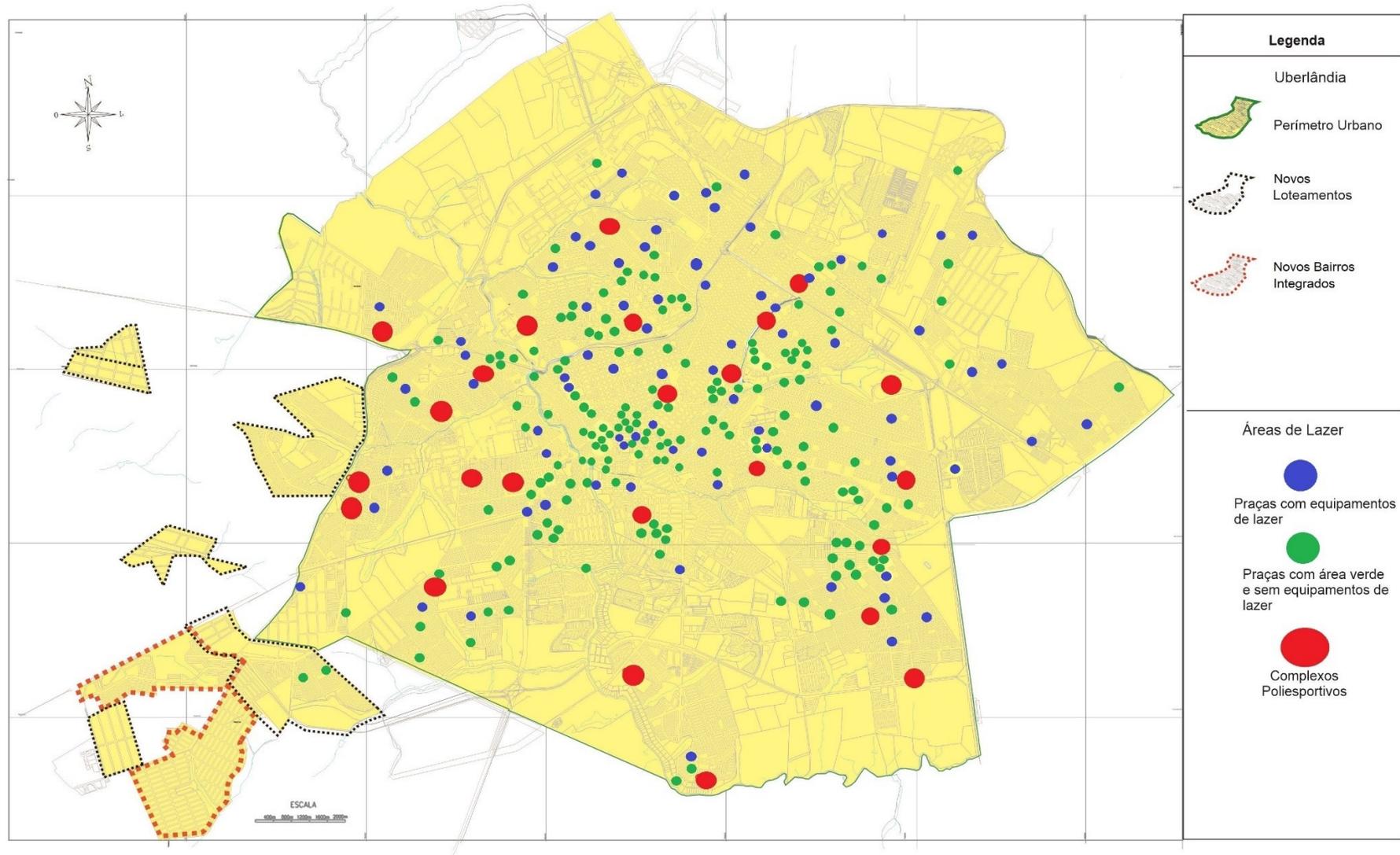
Nas próximas páginas são destacados os Mapas 2 e 3, que representam a espacialização dos espaços livres públicos de lazer e recreação mencionados. A base para a confecção desses mapas foi fornecida pela SEPLAN, com a disposição de praticamente todas as praças da malha urbana de Uberlândia. No Mapa 2, houve o acréscimo das praças que contemplam equipamentos esportivos e/ou culturais de lazer, bem como os parques urbanos disponíveis para a população. No Mapa 3, além de contemplar as praças, inseriu-se a presença dos complexos poliesportivos. Os mapas sintetizam as informações detalhadas nos gráficos, figuras e tabelas abordadas neste tópico, com destaque para as praças e os complexos poliesportivos em termos de localização pela malha urbana.

MAPA 2 – PRAÇAS E PARQUES URBANOS DISPONÍVEIS AO LAZER EM UBERLÂNDIA - 2020



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia – SEPLAN, (2020). **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

MAPA 3 – COMPLEXOS POLIESPORTIVOS E PRAÇAS PÚBLICAS DE UBERLÂNDIA - 2020



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia – SEPLAN, (2020). **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

No Mapa 2, observa-se que as praças que possuem equipamentos de lazer são mais concentradas no eixo central da malha urbana, entre o setor Central e os bairros dos setores Norte, Sul e Leste que margeiam o primeiro setor mencionado. Isso coincide com uma área onde estão presentes uma série de bairros dotados de boa infraestrutura urbana, muitos habitados por segmentos sociais de médio padrão econômico. Em relação aos parques, observa-se uma distribuição mais rarefeita pela malha urbana, ocupando pontos com maior concentração de vegetação e/ou mananciais de água, destacando-se os parques lineares que acompanham o leito de rios e córregos, como no caso dos quatro parques existentes no Setor Oeste (Linear do Rio Uberabinha, Luizote de Freitas, Longevidade e Linear do Córrego do Óleo).

Com base no Mapa 3, é possível verificar que os complexos poliesportivos se encontram mais dispersos pela malha urbana e atendem a muitos bairros periféricos, embora em número não muito representativo como um todo, com destaque para os Setores Oeste e Sul, com oitos e sete complexos, respectivamente. Tais estruturas ocupam muitas vezes o mesmo espaço físico de uma praça, alguns deles nelas instalados, com a presença de equipamentos esportivos que normalmente estão condicionados a determinados horários de uso pré-estabelecidos, portanto, não totalmente livres para o acesso como as praças.

3.3 – Espaços e Equipamentos culturais presentes nos setores

Apresenta-se sucintamente nesse momento, os espaços e equipamentos comunitários culturais presentes nos diferentes setores que compõem a cidade de Uberlândia. Encontram-se presentes espaços culturais como teatros, salas de espetáculo e shows, galerias de exposições de arte, museus com diversas finalidades, centros especializados em arquivos que resgatam a memória da cidade, bibliotecas, bem como alguns espaços voltados para a manifestação da cultura popular.

Todos os equipamentos elencados anteriormente correspondem a espaços públicos mantidos pelo poder público, seja no âmbito municipal, estadual e/ou federal, através de parcerias ou mantidos por Organizações não governamentais (ONGs) e, também, pela própria comunidade. Em todos se propagam manifestações que envolvem a cultura com possibilidades de usufruir o lazer na cidade.

É importante deixar claro que ao pensar o lazer como a cultura vivenciada no seu sentido mais amplo, fazendo menção a Marcellino (1995), tem-se em vista que a atividade do lazer se expressa tanto passivamente, através da leitura ou contemplação de uma

apresentação/exposição, quanto na forma ativa, não necessariamente no sentido de levar o indivíduo a praticar uma atividade física ou esportiva, mas incluindo também o engajamento com práticas e manifestações culturais de música, dança etc.

A maior parte dos espaços destinados à manifestação de práticas culturais correspondem a espaços que são públicos, mas que apresentam restrições no uso. Alguns desses espaços incluem palcos destinados a apresentações que restringem sua livre utilização devido ao fato de haver algum tipo de cobrança de taxa. Queiroga (2012) destaca a necessidade de pensar na natureza específica de cada bem público conforme já fora mencionado, pois é possível considerar que a maior parte dos espaços culturais levantados neste tópico são edificados. Assim, mesmo quando não há cobrança para o acesso, é comum ocorrer limitações no uso a determinados dias, horários e faixas etárias.

Nesse sentido, embora os espaços e os equipamentos destacados não estejam presentes em espaços livres públicos, especificamente nas praças e parques que são o interesse fundamental para este estudo, representam importantes possibilidades para os cidadãos usufruírem de atividades prazerosas em seus momentos de lazer, sendo possível relacioná-los com o consumo do espaço urbano em Uberlândia.

De acordo com as informações levantadas, observa-se no Setor Central da cidade a concentração das casas de espetáculo e museus, contando ainda com a presença de bibliotecas, como a Biblioteca Municipal que migrou recentemente da Praça Cícero Macedo para o antigo prédio do Fórum, atual Centro Municipal de Cultura. No total, são seis locais voltados para apresentações/exposições culturais, dois museus (com uma ramificação do Museu Municipal para conservação do acervo) e cinco bibliotecas (duas delas ligadas à UFU). Aparece presente o espaço cultural do antigo Fórum de Justiça da cidade, que corresponde ao Centro Municipal de Cultura descrito acima, o qual contempla a Biblioteca Municipal, a sede da Secretaria de Cultura e a Casa da Banda em suas instalações.

O Setor Norte possui uma biblioteca vinculada a uma ONG, outra biblioteca localizada em uma praça que funciona como sucursal da Biblioteca Municipal e o Museu do Cerrado vinculado à UFU, localizado no Parque Victório Siquierolli. O Setor Sul possui dois museus, um deles vinculado à UFU, cinco bibliotecas que incluem a presença de ONGs e da própria biblioteca da UFU, e outros cinco espaços específicos destinados à cultura popular, como “Folia de Reis” e “movimentos de valorização da cultura afro-brasileira”.

O Setor Leste contempla a maior presença de bibliotecas e acervos/arquivos (são sete no total) vinculados à pesquisa e, também, dois museus, um deles no campus Santa Mônica da UFU. Possui ainda o Teatro Municipal, uma Galeria de arte nas instalações da prefeitura e

um espaço de cultura popular. No Setor Oeste aparecem poucos espaços/equipamentos presentes, como o Museu de Arte Sacra, duas bibliotecas e um espaço de cultura popular, o único no âmbito cultural presente em uma extensa área periférica.

A seguir, encontra-se o Quadro 6 que destaca a distribuição dos espaços e equipamentos culturais mencionados.

QUADRO 6 – ESPAÇOS CULTURAIS DE ACESSO PÚBLICO NOS SETORES DE UBERLÂNDIA, 2020

SETOR CENTRAL – Total: 14 espaços		
Espaços culturais	Endereço	Atividades desenvolvidas
1 - Museu Universitário de Arte - MUNA / UFU (CULTURAL)	Defronte a P. Cícero Macedo	Organização, conservação e divulgação do acervo, além de pesquisas na área.
2 - Oficina cultural - Galeria de Arte, Sala alternativa, sala R. Rezende	Defronte a Pça Clarimundo Carneiro	Apresentações
3 - Casa da Cultura/ galeria de artes/Experimentações	Defronte a Pça Cel. Carneiro	Apresentações de atividades culturais
4 – Museu Municipal (Sede)*	Pça. Clarimundo Carn.	Aberto para visitas do acervo
5 – Museu Municipal de Uberlândia – Reserva Técnica	Pça. Cícero Macedo (antiga Biblioteca)	Guarda, conservação e recuperação do acervo cultural do Museu
Fundinho		
1 – Biblioteca Sebastião Lintz / ICASU	Av. Rio Branco, 785	Empréstimos de livros, pesquisas
2 – Teatro de Bolso do Mercado Municipal	Rua Olegário Maciel, 255	Projeção de filmes, recitais, performances de música, artes cênicas, etc.
3 – Espaço Cultural do Mercado Municipal/ Galeria de arte	Rua Olegário Maciel	Projeção de filmes, atividades culturais, exposições.
4 – Biblioteca Pública Municipal* (Centro Mun. de cultura)	Rua Cel. Antonio Alves	Empréstimos de livros e pesquisa no acervo -Já mencionada nas praças
5 – Centro Municipal de Cultura	R. Cel. Antonio Alves	Abriga Sec. Da Cultura, Biblioteca e Banda M.
6 - Casa da Banda	R. Cel. Antonio Alves	Aulas de música e ensaio da banda
Centro		
1 – Biblioteca Madre Tereza de Calcutá	Av. Marciano de Ávila, 422	Empréstimos de livros, pesquisas
Bom Jesus		
1 – (2) Bibliotecas UFU e ESEBA*		Pesquisa no acervo para público externo e retirada para público interno – descritas nos equipamentos esportivos
2 -Teatro Grande Otelo	Av. João Pinheiro	Apresentações artísticas
N. Sra. Aparecida		
SETOR NORTE – Total: 3 espaços		
1 – Biblioteca Sesi – suporte da Biblioteca Municipal*	Pça. Guilherme F. Paraíso	Empréstimos de livros, pesquisas - já mencionada na descrição das praças
2 - Biblioteca Amélia Moreira Lício Dias/ Ong VIDE	Rua Vicentino Rosa	Empréstimos de livros, pesquisas
3 – Museu do Cerrado*		Localizado no Parque Siquierolli
Roosevelt/ Santa Rosa		
SETOR SUL – Total: 12 espaços		
1 - Museu do Índio – UFU	Rua Vitalino R.Carmo	Exposição de peças e informações
2 - Associação do Terno do Congo de Sainha	Rua Emília Saraiva, 69	Espaço de cultura popular
Saraiva		
1 - Associação das Folias de Reis de Uberlândia – ONG	Rua B. de Ouro Preto	Espaço de cultura popular
Carajás		
1 - Movimento Negro Visão Aberta	Rua Itapuã, 189	Espaço de cultura popular
Vigilato Pereira		
1 - Biblioteca Noêmia A. Morais	Rua Maria Carvalho	Empréstimos de livros, pesquisas
Morada da Colina		
1 - Museu Dica	Parque Gávea	Ensino de Ciência interativa

2 - Instituto de Artes de Cultura Popular do Grupo Tabinha	Rua Felisberto Carrijo	Espaço de cultura popular
Gávea e Patrimônio		
1 - Biblioteca do Bairro Granada	Rua Edson Mauro	Empréstimos de livros, pesquisas
2 – Ponto de cultura Moçambique Estrela Guia	Rua América Viana	Cultura popular
Granada e São Jorge		
1 - Biblioteca da Gente – Ong Vida	Rua Horácio Almeida	Empréstimos de livros, pesquisas
2 - Biblioteca CEU*		Empréstimos de livros e pesquisas - já mencionada no complexo CEU
Shopping Park		
1 - Biblioteca Setorial Glória / UFU	BR 050. Km 78	Empréstimos para alunos e pesquisas para público externo
Glória		
SETOR LESTE – Total: 12 espaços		
1 - Museu da Água - DMAE	Av. Rondon Pacheco	Exposição de informações
2 - Congado Marinheiro de São Benedito	Rua Nicarágua, 185	Espaço de cultura popular
3 - Teatro Municipal e galeria de exposições*	Av. Rondon Pacheco, 7.070 em praça	Apresentações e exposições culturais -já mencionado na tabela de praças
Tibery		
1 - Centro de Documentação e Pesquisa em História UFU	Rua João N. Ávila	Acesso a pesquisas e informações
2 - Museu de Minerais e Rochas – UFU	Rua João N. Ávila	Acesso a pesquisas e informações
3 - Biblioteca Central Santa Mônica / UFU	Rua João Naves de Ávila, 2.121 - Bloco 3C	Empréstimos para alunos e pesquisas para público externo
4 - Biblioteca Prof. Heloísa R. e Silva	Av. Segismundo Per.	Empréstimos e pesquisas
5 – Galeria de arte Ido Finotti	Av. Anselmo A. Santos	Exposições de arte
Sta. Mônica		
1 - Arquivo Público Municipal de Uberlândia	Rua Ceará, 3.105	Recolhimento, guarda e preservação da documentação do Município/ pesquisa
Custódio Pereira		
1 - Herbarium Uberlandense / UFU	Av. Amazonas, s/n, Bloco 4G	Consulta ao acervo de plantas secas
2 - Biblioteca Set. Umuarama / UFU	Av. Amazonas, s/n	Empréstimos (alunos) e pesquisas (público)
3 - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas / UFU	Av. Pará, 1720 – Campus Umuarama	Empréstimos para alunos e pesquisas para público externo
Umuarama		
SETOR OESTE – Total: 4 espaços		
1 - Museu da Arte Sacra da Diocese	Av. dos Mognos, 355	Observação das peças e informações
Jaraguá		
2 - Biblioteca Carlota G. F. Smith - Centro Evangélico/ reabilitação	Rua Márcio Ribeiro da Silva, 301	Empréstimos e pesquisas
Chácaras Tubalina		
1 - Biblioteca Eunice Ruberti Resende – Jd. Patrícia	Rua Juvenal Martins Pires, 281	Empréstimos e pesquisas
1 - Terno de Moçambique Pena Branca de Nossa Senhora do Rosário - Canaã	Rua Siloé, 53	Espaço de Cultura Popular

*Constituem os equipamentos já mencionados nos outros quadros apresentados que destacam os espaços e equipamentos esportivos e de lazer.

Fonte: Caderno Informativo- 2020. Prefeitura de Uberlândia, SEPLAN, (2020). Acesso em 10/03/2020.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O documento oficial analisado também fornece informações a respeito dos chamados “equipamentos itinerantes”, com destaque para as bibliotecas itinerantes que circulam com livros da Biblioteca Municipal para algumas áreas da cidade. Existe um “carro biblioteca” que leva livros a servidores municipais e funcionários de empresas e ainda um “ônibus biblioteca”, que distribui exemplares para as comunidades dos bairros Jardim das Palmeiras, Planalto, Jardim Holanda, Dona Zulmira, Tocantins, Santa Rosa, Nossa Senhora das Graças, Laranjeiras, Aclimação e Segismundo Pereira (Setores Oeste, Norte, Sul e Leste, respectivamente).

Percebe-se uma concentração das salas de espetáculo no Setor Central e dos museus, arquivos e bibliotecas entre os Setores Central, Leste e Sul, com destaque para a Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A presença de ONGs e parcerias com igrejas e com a própria Universidade são expressivas na organização de bibliotecas na cidade. A existência da cultura popular chama a atenção, especificamente em alguns bairros do Setor Sul, com a Festa do Congado e a Folia de Reis, que valorizam a cultura afro-brasileira, através de manifestações culturais organizadas pela própria comunidade e que são consideradas manifestações culturais locais que têm atraído um grande número de pessoas.

Tais espaços e equipamentos contemplam faixas etárias e segmentos sociais distintos, evidenciando a localização dos mesmos no tecido urbano, pois existe uma concentração de determinados equipamentos de consumo cultural em áreas mais nobres, o que consequentemente, atrai a população do entorno que normalmente também se vincula à maior escolaridade. Por outro lado, as opções presentes na periferia, onde a população é mais carente de recursos, essas possibilidades de lazer são escassas. Cabe, indagar se não existe interesse da população dessas áreas mais vulneráveis por determinados equipamentos e práticas culturais ou, simplesmente, se tal fato não consiste em preocupação do poder público, não faz parte das políticas públicas locais, acirrando ainda mais os processos que desencadeiam a exclusão social na cidade.

Santos (2014) analisa a distribuição desigual dos equipamentos educacionais e de lazer na metrópole paulista nas últimas décadas do Séc. XX, referindo-se ao acesso a equipamentos culturais e sua concentração nas áreas centrais. Reafirma que uns e outros indivíduos se dividem no espaço de maneira distinta, reproduzindo relações sociais desiguais inclusive no acesso à cultura e ao lazer.

Essa reflexão permite pensar que uma investigação sobre as políticas públicas de lazer na cidade perpassa por diferentes perspectivas no processo de concepção dos espaços públicos, levando em conta o planejamento dos equipamentos e dos mobiliários, a

acessibilidade, a visibilidade, a segurança etc. para que, de fato, contribua para o aumento da oferta do lazer ao longo do espaço urbano.

Mais uma vez faz-se necessário reforçar que os espaços culturais não se encontram comumente associados aos espaços livres públicos. Todavia, ao considerar os espaços livres das praças, por exemplo, é de suma relevância não dissociar o conteúdo cultural e os respectivos equipamentos presentes nas praças, visto que a presença de espaços livres públicos pode auxiliar a manutenção de equipamentos culturais e de diversas formas de programação vinculadas ao lazer e à cultura.

Na sequência, encontra-se presente a Seção 4, que propõe uma discussão em torno das políticas públicas vinculadas ao lazer e aos espaços livres das praças públicas, enfatizando apontamentos trazidos por documentos e informações do poder público municipal. No final, é mencionado um conjunto de considerações baseadas na opinião de moradores da cidade de Uberlândia, por meio de questionários online, acerca de suas práticas de lazer e, da relação com a utilização das praças públicas.



Praça do Jacaré (Setor Leste), Uberlândia (MG), 2021.

**AS POLÍTICAS PÚBLICAS, OS AGENTES DE PRODUÇÃO DAS
PRAÇAS PÚBLICAS E A UTILIZAÇÃO DESSES ESPAÇOS PELOS
MORADORES DE UBERLÂNDIA**

4 – AS POLÍTICAS PÚBLICAS, OS AGENTES DE PRODUÇÃO DAS PRAÇAS PÚBLICAS E A UTILIZAÇÃO DESSES ESPAÇOS PELOS MORADORES DE UBERLÂNDIA

4.1 – Plano Diretor, políticas públicas e as ações de lazer, esporte e cultura

No âmbito da investigação das políticas públicas que contemplam o lazer em Uberlândia, é relevante a análise do Plano Diretor do município, com a finalidade de reforçar como se norteia a concepção do lazer nos espaços e equipamentos públicos.

Analisando o Projeto de Lei Complementar nº 023/2017 que dispõe sobre a revisão do Plano Diretor de Uberlândia, o artigo 5º presente no Título I conceitua e traz à tona os objetivos gerais do plano, considerando como uma de suas premissas no inciso (I) a:

(...) proteção da função social da cidade e garantia ao cidadão do pleno exercício dos direitos à terra, aos meios de subsistência, ao trabalho, à saúde, à educação, à cultura, à moradia, à proteção social, à segurança, ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, ao saneamento, ao lazer, à informação e demais direitos assegurados pela legislação vigente. (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR, p.03).

A proposta apresentada no plano considera a ideia da sustentabilidade²⁸ no município com foco no desenvolvimento local. Entre suas normativas presentes no Artigo 6º, alguns incisos são de grande valia para essa reflexão, ao considerar, por exemplo, “(...) a valorização dos espaços públicos, da habitabilidade e da acessibilidade; a recuperação, proteção e conservação de ambientes naturais e construídos; a ampliação e manutenção da infraestrutura

²⁸ A referência ao termo sustentabilidade encontra-se no Art. 6º do Título I, ao tratar como um dos objetivos gerais do Plano Diretor a “sustentabilidade municipal”, prevendo o desenvolvimento local equilibrado nas dimensões social, econômica e ambiental, para garantir a melhoria da qualidade de vida das presentes e futuras gerações. Tal definição vai de encontro com a discussão presente a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo na Suécia em 1972, bem como do relatório Brundtland formalizado na década de 1980 que traz à tona o conceito de desenvolvimento sustentável. Esse contexto foca na ideia de alcançar o crescimento econômico e industrial em equilíbrio e com menor impacto ao meio ambiente. Autores como Leff (2013) apontam para a necessidade de se pensar em uma nova racionalidade calcada em bases ecológicas e significações culturais, e que a educação se converte num processo estratégico com o propósito de formar valores, habilidades e capacidades para orientar a transição para a sustentabilidade. Serpa (2007) destaca que a ideia de sustentabilidade percorreu o mundo inteiro, criando uma nova dinâmica e que a base do desenvolvimento sustentável se dá a partir de novos poderes às instâncias locais, permitindo a resolução de muitos problemas ecológicos e sociais a partir da reapropriação da cena política local. A ideia da melhoria da qualidade de vida coloca as áreas verdes como fortes aliadas à imagem e atratividade das cidades.

urbana; e a participação da sociedade civil nos processos de planejamento e controle social”. (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR, p.04).

Ao considerar a cidade e o direito a ela, torna-se essencial o acesso a serviços, a equipamentos e demais infraestruturas urbanas. Mas, sem dúvida, cabe enfatizar a necessidade da sociedade civil se envolver nas ações do poder público e auxiliá-lo na proposição e no controle dessas. É relevante propiciar a participação das organizações de bairro e demais movimentos populares, como, por exemplo, nas audiências públicas já previstas no Estatuto da Cidade de 2001, para realmente tais grupos reivindicarem melhorias para os diversos bairros menos favorecidos na malha urbana.

No âmbito das diretrizes da política de desenvolvimento urbano prevista no Artigo 19, chama-nos atenção a ideia de um planejamento territorial que mantenha a concepção dos “bairros integrados”, onde foi possível observar que as políticas e os equipamentos comunitários ou itinerantes visam atender aos agrupamentos de bairros em conjunto. Também se destaca o incentivo para a diversidade de usos através dos subcentros, que podem constituírem-se em novas centralidades, bem como o incentivo a estratégias que favoreçam a reestruturação, renovação e requalificação da área central e manutenção do bairro Fundinho como centro histórico. (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR).

É no capítulo IX do Plano Diretor que as políticas públicas sociais que fazem referência à atividade do lazer aparecem de forma específica, como princípio relevante no âmbito da cidade. O Artigo 34 prevê que:

As políticas públicas sociais no Município de Uberlândia deverão ser desenvolvidas integradamente entre os diversos órgãos públicos e privados e terceiro setor, primando, sempre que possível, pela intersetorialidade e pela compatibilização às políticas, aos programas e às ações desenvolvidas em âmbito estadual e federal, com o objetivo de garantir a universalização do acesso aos serviços básicos, seguindo-se as diretrizes e ações previstas nas Seções I a VIII deste Capítulo. (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR, p.44 - 45).

Os Artigos 37 e 38 do documento supracitado, consideram as diretrizes e as ações que são vistas como prioridade para o esporte e o lazer no município. A seguir encontra-se o primeiro artigo citado que destaca as diretrizes do esporte e do lazer na íntegra.

Art. 37. Constituem diretrizes do esporte e do lazer:

I – possibilitar e ampliar o acesso da comunidade à prática de atividade física e ao lazer, a fim de melhorar a qualidade de vida da população, nas zonas urbana e rural;

II – criar meios para que Uberlândia continue sendo sede de competições regionais, estaduais, nacionais e internacionais, nas várias modalidades do esporte olímpico e paralímpico;

III – buscar a adequação do Estádio Municipal Parque do Sabiá e da Arena Tancredo Neves à Lei Federal nº 10.671, de 15 de maio de 2003 e suas alterações, que “Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências”, à Lei Federal nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que “Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência” e à Norma de Acessibilidade NBR 9050, da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT;

IV – melhorar a estrutura dos Núcleos de Esportes existentes, construindo piscinas aquecidas, vestiários e quiosques, realizando cobertura das quadras, instalando academias populares e construindo pistas de atletismo;

V – proporcionar e ampliar o acesso da comunidade à competição com qualidade, nas várias modalidades do esporte olímpico e paralímpico;

VI – criar meios para o término das obras do restaurante panorâmico, quiosque multiuso e parque aquático no Parque Municipal Virgílio Galassi;

VII – apoiar as atividades desenvolvidas nos Centros de Artes e Esportes Unificados dos Bairros Campo Alegre e Shopping Park – CEU’s;

VIII – garantir o acesso à população, em especial crianças, jovens e adolescentes, ao esporte como forma de lazer, de qualidade de vida, integração social e de competição;

IX – promover e incentivar a integração entre os diferentes órgãos esportivos, universidades e instituições ligadas ao esporte e ao lazer;

X – retomar as atividades nas instalações da Praça de Esportes de Uberlândia, por meio da Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer – FUTEL, para direção e administração total deste espaço físico. (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR, p.49).

Ao considerar as diretrizes elencadas, evidencia-se o estímulo à atividade física e ao esporte como forma de lazer, relacionando tais atividades à qualidade de vida. Muitos dos incisos indicam a prioridade em melhorar os núcleos e as instalações esportivas, além de apoiar atividades voltadas para o esporte, ao enfatizar a ideia de deixar a cidade em um patamar de referência para atrair eventos e competições.

Isso pode ser vinculado com as diretrizes que abordam o desenvolvimento do turismo apresentadas em outro capítulo do Plano Diretor, as quais se referem à necessidade de estruturar a cidade para atrair grandes eventos, entre eles, a inclusão dos esportivos. Denota-se ênfase ao esporte como capaz de propiciar integração social, qualidade de vida e lazer, principalmente para as faixas etárias mais jovens, sobretudo, adolescentes.

Entre as políticas sociais comunitárias que de fato atendem ao lazer como uma atividade mais livre, não reduzindo-o ao foco no rendimento esportivo, observa-se a presença das academias de ginástica instaladas em praças da cidade, que conta com verbas (federais e/ou

estaduais) refletindo uma ação integrada entre a fundação responsável pelo esporte e lazer (a FUTEL), e a Secretaria de Meio Ambiente e Serviços Urbanos que mantém as praças públicas.

Essas academias de ginástica correspondem, conforme já mencionado, no principal tipo de equipamento visualizado no documento Caderno Informativo- 2020, que apresenta a localização e a descrição dos equipamentos públicos de lazer na cidade. Outros equipamentos aparecem em menor número e, muitas praças públicas dos variados bairros ainda não são providas adequadamente com equipamentos de lazer e recreação, ficando perceptível o foco em espaços/equipamentos esportivos específicos (centros esportivos) destinados, sobretudo, à faixa etária mais jovem com o viés competitivo.

No que compete às ações de desenvolvimento elencadas no Artigo 38 do Plano Diretor, estão previstas parcerias com órgãos municipais responsáveis pela saúde para o atendimento aos atletas (olímpicos e paralímpicos), incentivo por meio de parcerias para o desenvolvimento do esporte de formação e rendimento, além de melhorias na estrutura e segurança de núcleos esportivos. Algumas obras pontuais no Complexo do Parque do Sabiá, como a realização do plano de manejo do parque, melhoria na infraestrutura de banheiros, vestiários e no seu entorno, com a proposição de novas portarias também são destaque (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR).

A Seção VII do presente documento faz referência às diretrizes e ações relacionadas à cultura. Cabe elencar algumas considerações, já que o aparato (equipamentos ou manifestações) que envolve as atividades culturais representam possibilidades de usufruir o lazer, muito embora, tal conceito esteja comumente atrelado ao esporte.

Entre as diretrizes presentes no Art.49 do Plano Diretor, aparece a ideia de fornecer ao município práticas artístico-culturais em diversas áreas, com foco na produção, na circulação e no consumo de bens culturais de forma descentralizada, para que essas práticas circulem e atinjam aos diferentes locais do espaço urbano. A possibilidade de celebração de parcerias para implantar equipamentos culturais, com a ampliação de oficinas e projetos que atendam as periferias, o desenvolvimento de sistemas de indicadores culturais e, conseqüentemente, o mapeamento das expressões culturais fazem-se presentes como algumas das ações definidas para a área (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR, p.70-74).

De qualquer forma, ao visualizar a disposição dos equipamentos culturais, principalmente das salas especializadas para apresentações, shows e oficinas, por exemplo, ainda há grande concentração em determinados locais do espaço urbano, sobretudo, na área central da cidade, o que reflete desigualdade e diferença na acessibilidade.

Em relação às praças e aos parques, tanto no que diz respeito à manutenção e/ou revitalização, mas principalmente com relação à presença de equipamentos e programação que ofereça possibilidade de consumo através do lazer, não há menção específica a respeito no Plano Diretor.

No Cap. IV do Plano Diretor, que trata do desenvolvimento ambiental do município, existem algumas diretrizes da política ambiental presentes no Art.14 que se aproximam da temática em questão. Nele (Art. 14) há uma observação que se refere à expansão e à integração dos parques lineares urbanos ao longo dos fundos de vale, como das possibilidades de preservação e uso para o lazer. Inclui ainda a ideia de viabilizar instrumentos que garantam recursos para a regularização de unidades de conservação e dos parques lineares ao longo dos córregos urbanos. Entre as ações previstas na política do meio ambiente, o Art. 15, contém um inciso (VII) que propõe a elaboração de um Plano de Arborização Urbana em conjunto com os demais órgãos afins da administração municipal (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR, p.16-18).

Cabe salientar que o destaque acima foi apresentado pois considera-se que a arborização urbana é de suma importância para a cidade, traz conforto térmico, de uma forma geral, e mais possibilidades de espaços abertos e livres para as pessoas usufruírem do lazer. Todavia, o documento analisado não discrimina como tal ação se desenvolve nos espaços responsáveis por concentrar essa arborização e servir de suporte ao lazer, ou seja, não se reporta aos parques e as praças, principalmente estas últimas por estarem presentes em muitos bairros da cidade.

Fazendo um paralelo com a Lei Orgânica Municipal, revista no ano de 2019, o Art. 176 reforça que o município proporcionará meios de recreação sadia e construtiva à comunidade, mediante alguns aspectos. Entre eles, destaca-se os incisos I, II e III, que focam na reserva de espaços verdes ou livres, em forma de parques, bosques, jardins e assemelhados, como base física da recreação urbana; na construção de equipamento de parques infantis, centros de juventude e edifício de convivência comunitária; e no aproveitamento de rios, lagos e matas e outros recursos naturais como locais de lazer. (LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA, 2013).

No Título III do Plano Diretor, que trata dos instrumentos da Política Urbana, encontra-se no Cap. II, através do Art. 61, o conceito de “outorga onerosa”, que possibilita a construção por parte do proprietário acima do coeficiente de aproveitamento básico mediante contrapartida. No Art. 64 estão dispostos como os recursos da outorga onerosa do direito de construir e alteração de uso serão obrigatoriamente destinados. Entre as possibilidades

elencadas nos incisos V e VI, há referências sobre custeios com a implantação de equipamentos urbanos e comunitários e a criação de espaços públicos de lazer e áreas verdes. (LEI COMPLEMENTAR Nº 023/2017 – PLANO DIRETOR, p.83).

A análise do presente documento não deixa claro quais são os equipamentos urbanos e comunitários, bem como os tipos de espaços públicos de lazer que serão estabelecidos. Em outras passagens que contemplam os instrumentos da política urbana, ainda são encontrados alguns dispositivos, como, por exemplo, o interesse que o poder público pode ter em determinados imóveis para a implantação de equipamentos urbanos e comunitários, cabendo a contrapartida aos proprietários. O caso dos imóveis, que sujeitos ao abandono passem para a tutela do município e destinem-se à mesma finalidade com a implantação desses equipamentos, constitui outra situação. Ao se abordar o estudo de impacto de vizinhança, também são considerados os efeitos com relação à implantação desses equipamentos urbanos e comunitários.

Ao que tudo indica, esses equipamentos urbanos que podem ser instalados mediante as condições mencionadas, referem-se a imóveis, ou seja, espaços privados e fechados que por alguma razão ficam sob a administração do poder público. Fica claro que, embora possam servir ao lazer, como, por exemplo, para instalar uma biblioteca comunitária ou um espaço cultural de apresentações artísticas etc., não se encontra uma conotação com a instalação de espaços livres públicos, sendo ausente o conteúdo que permeia as praças públicas.

Tendo em vista essas considerações, compreendendo a importância das políticas públicas na gestão do espaço urbano, entende-se que estas representam um conjunto de programas, planos e metas que num determinado espaço de decisão, seja em nível municipal, estadual ou federal, são transformadas em ações e políticas que visam atender a direitos que representam os interesses de diversas demandas da população.

Segundo Costa (1997, p.7):

Considera-se como política pública o espaço de tomada de decisão autorizada ou sancionada por intermédio de atores governamentais, compreendendo atos que viabilizam agendas de inovação em políticas ou que respondem a demandas de grupos de interesse.

Dessa forma, pensar em políticas públicas de lazer significa identificar e atender as demandas da população, bem como onde essas diferentes demandas se localizam no tecido urbano, com o intuito de se obter informações sobre quais são as reais necessidades da população que habita os diferentes bairros da cidade, inclusive no que se refere às suas atividades de lazer.

Para Belloni, Magalhães e Sousa (2000, p.44 - 45):

Política pública é a ação intencional do Estado junto à sociedade. Assim, por estar voltada para a sociedade e envolver recursos sociais, toda política pública deve ser sistematicamente avaliada do ponto de vista de sua relevância e adequação às necessidades sociais, além de abordar os aspectos de eficiência, eficácia e efetividade das ações empreendidas.

Costa (1997, p.11) aponta que “a relevância da problematização das políticas públicas para as análises urbanas deve-se ao pequeno desenvolvimento dos estudos sobre as arenas decisórias de políticas específicas relacionadas às mudanças sociais na cidade”.

Assim, a inexistência de políticas específicas, que apresentem efetividade visando pensar e propor mudanças sociais significativas na cidade pressupõe, então, a presença das políticas públicas no sentido de amenizar as desigualdades sociais comuns no espaço urbano. Para que isso ocorra, é necessário pensar em formas de desenvolvimento para a cidade, considerando sua forma mais ampla, não levando em conta somente os aspectos econômicos.

De toda forma, mesmo ao considerar as políticas públicas como a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacional, estadual ou municipal) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público, é fato que as ações tomadas e selecionadas pelos dirigentes públicos são aquelas entendidas por estes como as demandas ou expectativas da sociedade. Nessa perspectiva, o bem-estar da sociedade é sempre definido pelo governo e não pela sociedade. O interesse público, por sua vez, reflete as demandas e expectativas da sociedade e se forma a partir da atuação dos diversos grupos. (MANUAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2008).

No entendimento de Melazzo (2010, p.241), tendo como referência a junção de um arcabouço de elementos que ajudam a conceituar as políticas públicas, torna-se possível considerá-las como:

(...) conjuntos de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos, envolvendo procedimentos formais, informais e técnicos que expressam relações de poder e que se destinam à resolução de conflitos quanto a direitos de grupos e segmentos sociais ou como o espaço em que são disputadas diferentes concepções a respeito da formulação e implementação de direitos sociais, bem como sua extensão a diferentes grupos sociais.

Para o mesmo autor, ao pensar as políticas públicas, não é possível haver separação entre a concepção e formulação como um campo unicamente teórico e a execução ou o planejamento em si como algo exclusivamente de aplicação prática, desvinculado do pensar teórico, é relevante “(...) aliar capacidade técnica de leitura da realidade às possibilidades políticas da intervenção, tornando-as como partes de um mesmo processo”. (MELAZZO, 2010, p.250).

As políticas públicas atendem a grupos de interesses, e partem de um campo de discussão no qual as demandas individualizadas ganham corpo e instrumentação comum, que deverá atender a demandas da sociedade, a coletividade. É importante haver avaliação e acompanhamento das etapas do processo, para que a política em questão não se operacionalize através de uma ação isolada, ou que deixe de atingir o efeito desejado para a comunidade.

Os grupos responsáveis por representar a sociedade, seja os representantes da gestão pública, as organizações da sociedade civil, o empresariado, os sindicatos, as associações de moradores, ONGs etc., apresentam em tese suas demandas, reivindicações e nem sempre os interesses de determinados grupos são atendidos, prevalecendo as determinações e os acordos entre os grupos que tentam obter apoio um do outro para fortalecer suas aspirações.

É comum nesta seara, a constante associação entre os interesses de agentes ligados ao setor imobiliário, a proprietários de terras e demais segmentos do empresariado, no geral comumente presentes no interior da gestão pública. Embora existam mecanismos importantes de participação popular, previstos a partir do Estatuto das Cidades e incorporados ao Plano Diretor de Uberlândia em suas diferentes versões até os dias atuais, na prática, podem não ser tão efetivos quando apresentados exclusivamente no debate público formal, sendo necessárias muitas vezes outras formas de pressão mais incisivas e diretas por parte da população.

Nesse contexto, ressalta-se conforme Carlos (2001a.) nos apresenta, a menção ao espaço da luta, como uma outra dimensão da análise espacial, onde apesar de predominar as necessidades do capital com sua influência na produção do espaço, a sociedade não deixa de se inserir nessa lógica sem resistência, o que reforça o agir politicamente por meio de ações mais incisivas no espaço.

Silva, J.P. (2014) ao analisar o Plano Diretor de 2006, destaca que há avanços que se devem aos instrumentos jurídicos e de política urbana previstos no Estatuto das Cidades, por meio de normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar e equilíbrio ambiental. No entanto, ao considerar a legislação do parcelamento dos espaços em Uberlândia, observa-se a priorização do poder público em diminuir suas despesas no que compete à infraestrutura urbana, no atendimento aos interesses de aumentar os lucros dos agentes imobiliários.

Assim, nem tudo que é necessário adentrar à agenda do poder público e garantir efetividade em sua implantação tem o devido destaque, como o exemplo da ausência de uma diretriz mais sólida e específica que considere a organização dos espaços livres das praças no Plano Diretor de Uberlândia mais recente de 2017.

Portanto, ao pensar em políticas públicas deve ser considerado tanto o sentido político – como processo decisório no qual se denota os conflitos de interesses, quanto o sentido administrativo como conjunto de projetos e programas que deverão atender à sociedade. (MANUAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2008).

É relevante destacar que a política pública pode apresentar continuidade, ou seja, com a possibilidade de vir a ser uma política de Estado que independente do governante seja realizada, devido ao amparo na Constituição Federal. Por outro lado, pode ser uma política de governo, a depender da alternância de poder por parte dos gestores e isolada aos diferentes projetos de cada um deles.

Com isso, ao apreciar o Plano Diretor e os demais documentos analisados, verifica-se que o poder público municipal, através de sua Secretaria de Planejamento Urbano, considera a presença dos equipamentos comunitários e itinerantes como políticas públicas sociais. Reitera-se a necessidade de inserir ao Plano Diretor um conjunto de diretrizes que contemplem a adequação dos espaços livres públicos das praças e parques para o lazer, pensando efetivamente em propiciar mais possibilidades para o cidadão usufruir estes espaços.

Apresenta-se, na sequência, um conjunto de informações sobre a programação de lazer e recreação na cidade de Uberlândia, tendo como base o Banco de Dados Integrados (BDI) do ano de 2020, o qual agrega algumas informações complementares do Caderno Informativo-2020 e ainda das páginas oficiais vinculadas às diversas secretarias municipais.

Inicialmente, é destaque a presença dos eventos esportivos desenvolvidos na cidade no ano de 2019, sendo considerados os eventos organizados diretamente pela FUTEL ao longo da cidade, os eventos presentes no estádio João Havelange e demais eventos desenvolvidos tanto no complexo do Parque do Sabiá, quanto nos equipamentos poliesportivos. A maior representatividade é verificada na quantidade de eventos que ocorreram nestes últimos (Parque do Sabiá e Poliesportivos), conforme se visualiza no próximo quadro.

Quadro 7 – Uberlândia: Eventos e Cessões de Estrutura - 2019/FUTEL

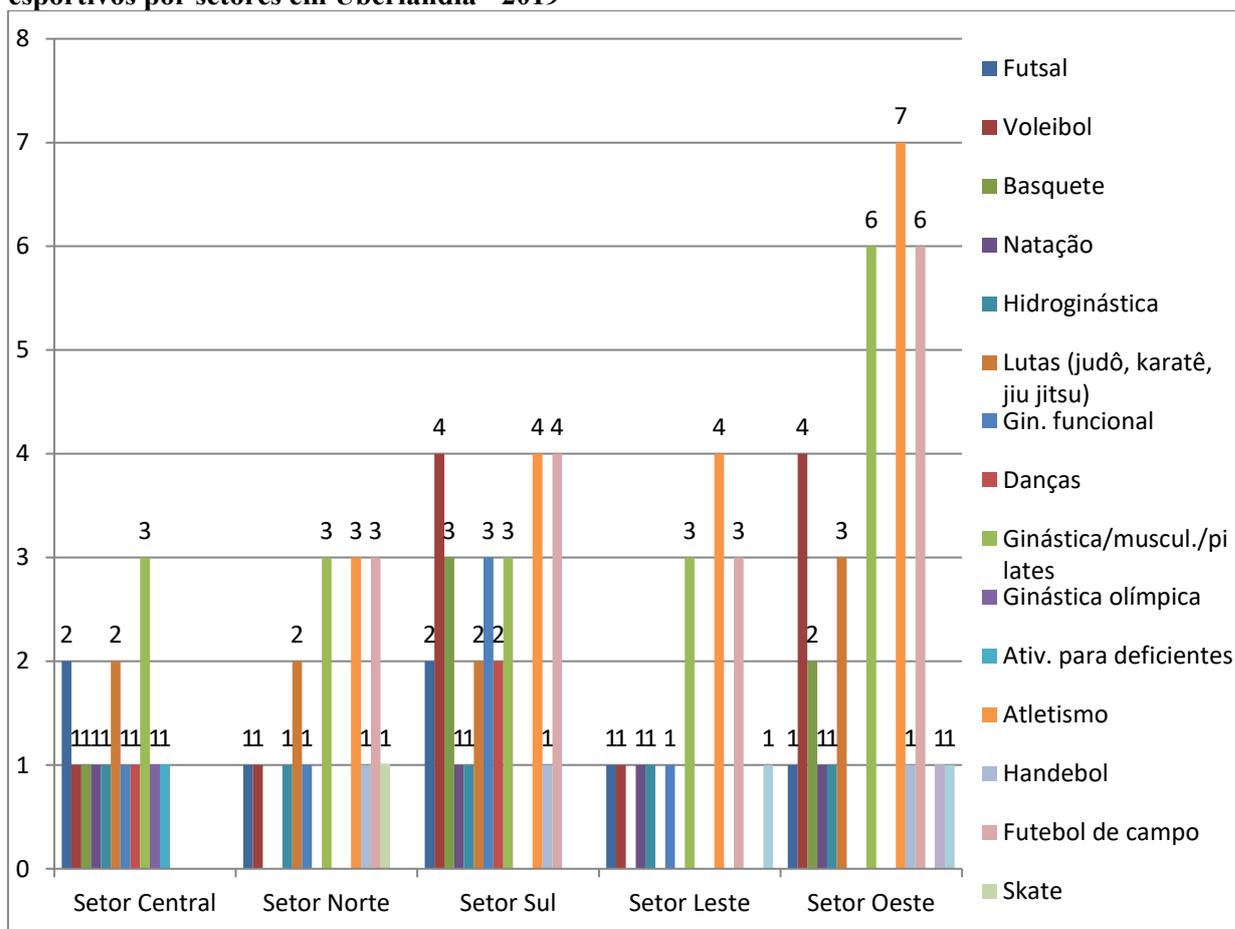
Eventos/Cessões	Atendimentos Total - Nº de Eventos e Cessões
FUTEL	2.100
Estádio João Havelange	40
Poliesportivos e Compl. Parque Sabiá	2.680

Fonte: FUTEL; Banco de Dados Integrados (2020) - SEPLAN, 2020. Acesso em 15/09/2020.

A seguir, o Gráfico 3 contempla os programas de esporte e recreação que são desenvolvidos nos complexos esportivos e CEUs presentes em cada um dos cinco setores territoriais urbanos de Uberlândia.

A programação e seus respectivos espaços de atendimento não são de competência exclusiva do poder público municipal, sendo possível apontar as instalações do campus de Educação Física da UFU, por exemplo. Os destaques na programação correspondem às atividades de ginástica/musculação, atletismo e futebol de campo. As atividades de ginástica/musculação são desenvolvidas em todos os setores, com ênfase no Setor Oeste com sua oferta em seis lugares diferentes. A programação de atletismo aparece presente nos setores Norte, Sul, Leste e Oeste, com destaque para o último setor apontado (sete lugares). O futebol de campo também é destaque nos setores Norte, Sul, Leste e Oeste, com maior expressividade no já mencionado Setor Oeste (seis lugares).

Gráfico 3 – Número de programas de esporte e recreação desenvolvidos nos complexos/centros esportivos por setores em Uberlândia - 2019

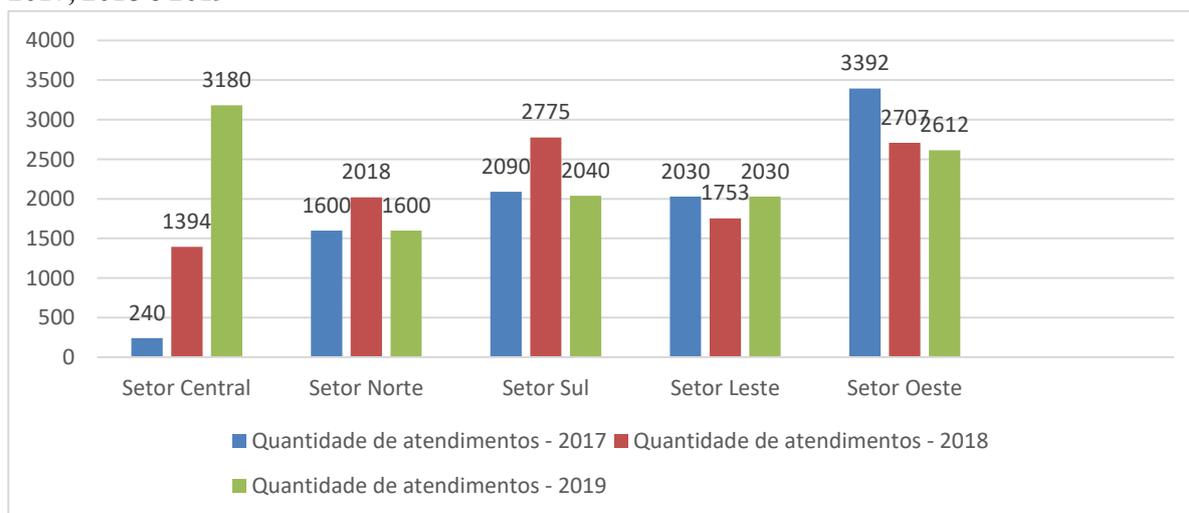


Fonte: Caderno Informativo 2020. Prefeitura de Uberlândia – SEPLAN, 2020. Acesso em 10/03/2020.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

É necessário salientar que o respectivo número e a distribuição das atividades esportivas e recreativas encontram-se oficialmente registrados no documento Caderno Informativo- 2020. O BDI do ano de 2020, contempla a presença de usuários dos programas mantidos nos espaços esportivos especializados mencionados acima. Destaca-se no Gráfico 4, o total de usuários atendidos pelos programas esportivos de forma comparativa nos anos de 2017, 2018 e 2019.

Gráfico 4 – Uberlândia: Número de pessoas atendidas pelos programas esportivos da FUTEL – 2017, 2018 e 2019



Fonte: Banco de Dados Integrados - BDI (2018, 2019 e 2020) – SEPLAN, 2020. Acesso em 15/09/2020. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Com exceção do Setor Norte, todos os demais realizaram mais de 2000 atendimentos no ano de 2019, com ênfase para o expressivo aumento no Setor Central. Ao comparar brevemente os atendimentos nos anos mencionados, observa-se que entre 2017 e 2018 houve o aumento de usuários nos Setores Norte e Sul, com 26,12% e 8,85%, respectivamente. No entanto, ao considerar o ano de 2019, ambos os setores apresentaram diminuição no quantitativo de pessoas presentes, com -20,71% no primeiro (Setor Norte) e -26,48% no segundo (Setor Sul).

Nos setores Leste e Oeste verifica-se redução, de -13,64% e -20,19%, respectivamente, entre o comparativo de 2017 para 2018. Já entre 2018 e 2019, ocorreu um aumento dos participantes no Setor Leste, em torno de 15,8%, com uma ligeira queda de -3,5% no Setor Oeste. O Setor Central, por sua vez, apresentou um aumento mais significativo de 2017 para 2018 com acréscimo de 480,83%; de 2018 para 2019 manteve este crescimento, com a adição de 128,12% de frequentadores nos programas esportivos, respaldado pela expansão de escolinhas esportivas nas instalações do UTC.

Ainda no que tange os programas esportivos, destaca-se a seguir inúmeros deles que firmavam parcerias entre diversas entidades ou associações e a FUTEL, sendo que alguns desses não se desenvolveram em espaços mantidos pelo poder público. Os destaques são os programas de paradesporto que ofertaram modalidades paralímpicas, correspondendo à maioria dessas parcerias e o maior quantitativo de usuários, ultrapassando 2.000 atendimentos no ano de 2019, conforme o quadro a seguir.

Quadro 8 - Uberlândia: Convênios e Parcerias firmadas entre a FUTEL e outras entidades – 2019/2020

Entidade	Nome do Programa	Modalidade	Local	Vagas Oferecidas	Total de Alunos
ALJ Associação dos Lutadores e Judocas de Uberlândia	Iniciação Esportiva	Judô	Poliesportivo Jardim Brasília e Quadra Lagoinha	300	180
Academia do Volei	Vida e Volei	Volei	Arena Sabiazinho e Quadra Lagoinha	200	200
ADEVIUDI – Associação dos Deficientes Visuais de Uberlândia	Paradesporto	Modalidade Paralímpicas	Sede Própria	400	350
APUV – Associação Paraolímpica Uberlandense de Deficientes Visuais	Paradesporto	Modalidade Paralímpicas	SESI/FAEFI/UFU/UT C-FUTC	115	115
ASUL – Associação de Surdos e Mudos de Uberlândia	Paradesporto	Modalidade Paralímpicas		1400 cadastrados	700
CDDU – Clube Desportivo Paradesportivo de Uberlândia	Paradesporto	Modalidade Paralímpicas	SESI/FAEFI/UFU	71	71
LUF – Liga Uberlandense de Futebol	Futebol de Campo	Contribuição – Repasse de Recursos	Airton Borges	14 mil cadastrados	40 equipes
ADEVETRIM	Paradesporto	GOALBALL	FAEFI-UFU	900 associados	900 atendimentos

Fonte: FUTEL; Banco de Dados integrados (2020) – SEPLAN, 2020. Acesso em 15/09/2020.

O BDI (2020), no seu Volume 2, apresenta uma breve descrição de pontos históricos e turísticos do município, incluindo uma listagem dos parques existentes, não contemplando informações mais específicas sobre a quantidade de usuários, equipamentos e

programas presentes. Nesse documento há apenas a citação do número de parques, classificados em municipais, lineares e esportivos.

No Volume 3 (BDI -2020) encontra-se uma descrição sobre cada um dos parques com sua localização e área, contemplando os parques lineares do Rio Uberabinha, do Córrego Lagoinha e os demais parques municipais. Entre estes últimos, é possível destacar: Parque Municipal do Distrito Industrial, Parque Municipal Luizote de Freitas, Parque Municipal Mansour, Parque Municipal Santa Luzia, Parque Municipal Victório Siquierolli, Parque Municipal Virgílio Galassi (Sabiá), Parque Natural Municipal do Óleo e Parque Municipal do Gávea. (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, s./p., 2020; BDI -2020, V.3, p.14, 2020).

Na página oficial da Secretaria Municipal e Meio Ambiente e Serviços Urbanos (SMMASU) são mencionados, especificamente, os parques municipais²⁹ formalizados a partir da Lei Federal 4.771/1965 que atende ao regime especial de proteção do Código Florestal, e da Lei 9.985/2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Em relação à presença das praças públicas e de programas que as contemplem, o BDI em análise, no seu Volume 3, bem como a página oficial da SMMASU, apontam como referência de projeto o programa “Adote uma Praça ou Canteiro Central”. O programa estabelece parcerias entre o poder público e a sociedade civil, para que esta última, por meio de empresas, pessoas físicas e ONGs, atue na adoção e na manutenção de praças. No próximo tópico de análise serão destacadas as informações fornecidas por adotantes de praças na cidade de Uberlândia.

Ao tratar do acesso aos programas culturais, o BDI-2020 destaca informações que contemplam a frequência dos usuários na programação ofertada nos espaços e equipamentos culturais mantidos pelo poder público.

Na Seção anterior (3), destacou-se a listagem dos espaços voltados para a cultura mantidos pelo poder público, incluindo, principalmente, a presença do poder público municipal, da União e das parcerias com ONGs. O BDI -2020 apresenta os espaços culturais mantidos pela

²⁹ No que diz respeito aos parques lineares, é possível verificar a ausência de informações específicas a respeito destes na página da SMMASU, sendo apenas citados no volume 2 do BDI. Encontram-se quatro parques lineares citados neste último documento, são eles: Rio Uberabinha, Córrego Bons Olhos, Córrego do Óleo e Córrego do Vinhedo. O parque linear do Córrego Lagoinha, no Jardim Inconfidência, não aparece conjuntamente com os outros parques lineares citados acima, sendo lembrado apenas no Volume 3 do BDI. Os parques lineares relacionam-se especificamente a diretrizes e ações ambientais do município, previstas e amparadas pelo Plano Diretor, conforme Lei Complementar 432 de 2006. (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, s./p., 2020).

prefeitura de Uberlândia e o quantitativo de pessoas presentes no ano de 2019, considerando a frequência aos espaços culturais, aos estádios e/ou arenas (Airton Borges, João Havelange e Arena Multiuso), aos teatros, às galerias de arte, às bibliotecas e aos museus.

O quadro a seguir retrata o número de frequentadores e de apresentações disponibilizadas nos espaços culturais mencionados, com destaque para os que obtiveram mais de 20.000 usuários em 2019. Isso inclui a frequência ao Teatro Municipal, à Biblioteca Municipal, às apresentações da Banda Municipal e da Banda Jovem, além dos festivais de cultura na comunidade, como a Festa do Congado, por exemplo.

Quadro 9 - Número de Frequentadores e Apresentações nos Espaços e Programas Culturais de Uberlândia - 2019

Espaços/ programas	Número de frequentadores	Apresentações/eventos
Teatro Municipal	133.799	191
Teatro de Bolso do Mercado Municipal	5.041	112
Museu Municipal	11.291	
Oficina Cultural	13.846	1.082
Biblioteca Municipal	30.776	
Biblioteca Sesi/Municipal	6.157	
Casa da Cultura	7.499	170
Banda Municipal e Banda Jovem	22.230	129
Mercado de Pulgas do Espaço cultural do Mercado Municipal	2.000	04
Cultura na Comunidade (Artes Visuais, Audiovisual, Festa do Congado e Projeto Harmonia)	24.664	
Oficinas, cursos e eventos da comunidade no CEU – Shopping Park	18.112	

Fonte: BDI – Banco de Dados Integrados (2020) – SEPLAN, 2020. Acesso em 15/09/2020.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Os números reforçam a importância de ações que visam o deslocamento de atividades culturais pelo espaço urbano, algo que deve receber atenção por parte dos gestores. É necessário que os espaços culturais permeiem intensamente as áreas periféricas da cidade e que sua programação contemple os espaços livres, no intuito de apresentar e integrar a comunidade com atividades culturais em seus momentos de lazer.

Acredita-se que isso ainda seja uma lacuna, sendo necessário ocorrer maior integração do uso das praças com atividades itinerantes, seja de âmbito cultural ou esportivo/recreativo³⁰. Isso deve ser pensado, principalmente, pelo fato de as praças serem mais

³⁰ É necessário ponderar que desde o final do ano de 2019 e em uma escala mais ampliada a partir de 2020, o mundo enfrenta a propagação da pandemia que ocasionou na doença COVID 19, que obrigou o

distribuídas espacialmente se comparadas a outros espaços, o que possibilita maior acessibilidade para as pessoas do entorno dos diferentes bairros, sobretudo, dos periféricos em relação às políticas e equipamentos que contemplem o lazer e a cultura. É pertinente destacar, que esse conjunto de informações referentes aos atendimentos realizados nos espaços e equipamentos públicos na cidade de Uberlândia contemplam a visão oficial divulgada pelo poder público.

Nesse sentido, justifica-se a escolha para observar empiricamente nesta tese a realidade das praças públicas da cidade, tendo em vista que estas se encontram mais disseminadas no interior do espaço urbano e atendem de forma mais imediata o cotidiano da população.

4.2 – As Políticas Públicas e a atuação dos agentes vinculados às Praças

Em consonância com as considerações levantadas até o momento, o espaço público considerado para a análise do lazer na cidade de Uberlândia compreende as praças públicas.

Ao refletir as dimensões do espaço público, cabe apontar conforme Serdoura (2007), a ocorrência de três dimensões: a primeira é a dimensão morfológica ou tipológica, onde o autor se remete ao pensamento de Lynch (1981) e destaca que as praças e largos aparecem presentes como um dos tipos básicos de espaços públicos não lineares nas cidades; a segunda refere-se à dimensão funcional, onde a vocação para o encontro e a interação através do lazer e da recreação é referência; e, a terceira corresponde à dimensão ambiental, a qual leva em conta as condições ambientais que podem ser favoráveis ou desfavoráveis na apropriação e utilização dos espaços públicos para o lazer.

Em relação às praças, uma série de fatores que interferem no microclima local, como a temperatura ambiente, a entrada da luz solar, a umidade do ar, a direção dos ventos e os aspectos que incluem fundamentalmente, o tipo de vegetação, devem ser pensados, principalmente em cidades como Uberlândia, com médias de temperaturas elevadas e escassez pluvial durante alguns meses do ano.

cancelamento de uma série de atividades desenvolvidas em grupo, como medida de contenção da doença por meio do distanciamento social. Com isso, certamente houve o impedimento da continuidade dos projetos esportivos, bem como dos espetáculos e eventos culturais fixos ou itinerantes desenvolvidos na cidade.

As praças, como já elencadas, confundem-se com a própria origem das cidades. São espaços livres e abertos que se encontram mais presentes ao longo da malha urbana, são componentes funcionalmente importantes na paisagem, com diferentes formas e finalidades de uso e apropriação. Nesse sentido, constituem-se no espaço público ideal para o desenvolvimento da atividade do lazer mais espontâneo nas cidades, principalmente, por estarem em diferentes bairros, incluindo a periferia mais desprovida de outros espaços e formas de lazer.

Ao focar nos espaços de lazer, o intuito é visualizar a variedade de possibilidades que as praças podem oferecer em termos de recreação, de atividade esportiva, de contemplação, de contato com a natureza e bem-estar através do sombreamento proporcionado e do mobiliário presente. Assim, relembra-se a ideia mencionada a respeito dos valores ambientais, funcionais (entre estes inclui o lazer e a recreação), estéticos e simbólicos relacionados às praças, elencados por De Angelis et al. (2005) com base em Robba e Macedo (2002).

De acordo com informações censitárias disponibilizadas pela SEPLAN, a partir do último Censo oficial realizado pelo IBGE em 2010, a população na malha urbana da cidade correspondia a 584.102 habitantes. Contudo, somando-se os dados divulgados pelo poder público local para cada setor urbano, apontou-se um total de 581.551 habitantes³¹. Do total distribuído por setor, 84.903 estavam presentes no Setor Central, 93.267 no Setor Norte, 125.842 no Setor Sul, 137.000 no Setor Leste e 140.539 habitantes no Setor Oeste, de acordo com a tabela 5, a seguir. (UBERLÂNDIA, 2020, s./p.).

³¹ Segundo informações da SEPLAN, existe discordância territorial entre os Setores Censitários adotados pelo IBGE e os Bairros Integrados oficiais utilizados pela Prefeitura de Uberlândia, nos Setores Sul e Leste, o que possivelmente interferiu na contagem da população por setor se comparado ao total da população urbana, pois não permite inferir a população destes territórios discordantes. É relevante enfatizar que apesar de ainda não haver uma contagem oficial da população por setor territorial urbano entre 2020 e 2021, a população total do município atualmente, ultrapassa os 700.000 habitantes segundo estimativas levantadas.

Tabela 5 – Uberlândia: População Urbana (2010) e Número de Praças por Setor (2020)

	População total por setor	Percentual da população por setor	Total de praças por setor	Percentual de praças por setor
Setor Central	84.903	14,6%	59	23,1%
Setor Norte	93.267	16,0%	40	15,6%
Setor Sul	125.842	21,6%	61	23,8%
Setor Leste	137.000	23,6%	60	23,4%
Setor Oeste	140.539	24,2%	36	14,1%
População total dos Setores urb.	581.551	100%	266	100%

Fonte: Censo Demográfico IBGE – 2010/ SEPLAN, 2020. Acesso em 15/09/2020.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

A partir dos dados apresentados na tabela, é possível destacar, com base no Censo Demográfico de 2010, que os setores mais populosos da cidade eram Setor Oeste, Leste e Sul (respectivamente, 24,2%, 23,6% e 21,6% da população urbana). Dois dos setores mais populosos, o Setor Sul e o Leste, também possuem a maior concentração de praças (23,8% e 23,4%), nesta ordem. Cabe salientar que o Setor Oeste, mais populoso, é o que concentra o menor número de praças públicas, 14,1% do total existente na cidade. Em Uberlândia, existem 256 praças distribuídas oficialmente nos cinco setores da área urbana em 2020. (UBERLÂNDIA, 2020, s./p.).

Em 2021, a população do município de Uberlândia foi estimada em pouco mais de 706 mil habitantes, de acordo com os dados da pesquisa por amostragem do IBGE. Um aumento de 17% com relação aos dados de 2010. Os números demonstram uma maior demanda por praças e espaços públicos de lazer.

No intuito de aprofundar o entendimento acerca das políticas públicas relacionadas às praças públicas da cidade, realizou-se uma análise a partir da aplicação de um questionário junto ao poder público municipal. O questionário foi direcionado às secretarias de Meio Ambiente e Serviços Urbanos (SMMASU) e de Planejamento Urbano (SEPLAN), sendo a primeira responsável pelo gerenciamento das praças públicas e áreas verdes e, a segunda, pelo planejamento e organização territorial do município. As respostas foram encaminhadas através de e-mail e carta-resposta pelo Núcleo de Projetos Ambientais vinculado à SMMASU e pela Diretoria de Urbanismo ligada à SEPLAN.

As perguntas levantadas foram igualmente encaminhadas às secretarias supracitadas. O primeiro bloco de questionamentos foi respondido pela Diretoria de Urbanismo (SEPLAN). Inicialmente perguntou-se sobre a existência de lei ou critério que normatize e exija a instalação de praças em Uberlândia, para, em seguida, identificar os responsáveis pela implantação de praças na cidade e qual a obrigatoriedade do poder público e do loteador no

referido processo. Procurou-se, também, obter informações acerca da existência de normas específicas para cada tipo de loteador, com o intuito de abordar as exigências impostas pelo poder público aos diferentes projetos de loteamento na execução de praças e áreas verdes.

Na sequência, o mesmo questionário foi encaminhado para o Núcleo de Projetos Ambientais (SMMASU). Nessa parte do formulário abordou-se temas referentes ao orçamento básico utilizado para a instalação e manutenção de uma praça, a existência e previsão de programação específica de lazer que atenda as praças e como se estabelecem os critérios das parcerias público-privadas.

Indagou-se, ainda, sobre a existência de mapeamento das praças da cidade com a disposição de seus equipamentos de lazer, sobre a possível existência de levantamento das áreas ou setores vulneráveis que necessitam dos espaços públicos das praças e, sobre a previsibilidade da urbanização dessas em determinados setores. Com o intuito de conferir a existência e a participação de consulta popular no processo que envolve a instalação de praças públicas na cidade, questionou-se sobre o perfil socioeconômico dos bairros em que se observa o maior envolvimento popular dos habitantes locais, quais as maiores reivindicações desses, e, por fim, se há reivindicações dos moradores de alguns bairros no intuito de requerer praças e áreas verdes.

Segundo a SEPLAN, não há nenhuma lei que normatiza a instalação de praças. Somente a obrigatoriedade, de acordo com a Lei Complementar nº523/2011 que trata do parcelamento do solo urbano, do loteador disponibilizar no ato do parcelamento, a depender da modalidade, um percentual da área (geralmente em torno de 9% do total da área loteável para a introdução de área verde pública). Essa é definida como “área de domínio público municipal que desempenhe as funções ecológica, paisagística e recreativa com predominância de áreas permeáveis e plantadas”. É exigida que a área seja entregue com a infraestrutura implantada. (DIRETORIA DE URBANISMO – SEPLAN, 2020, s./p.).

É reforçado que a obrigação do loteador constitui na doação de uma área verde e não necessariamente de uma praça.

Todavia, é previsto na legislação citada anteriormente que em todo e qualquer empreendimento, em área parcelada ou não parcelada, que, após estudo técnico realizado pela administração pública municipal, identificar a necessidade de investimentos em obras de infraestrutura incidentes e/ou não incidentes e em equipamentos sociais e comunitários, conforme cronograma e locais a serem determinados pelo poder executivo, o empreendedor, deverá participar, parcial ou integralmente, dos custos de implantação das obras necessárias ao desenvolvimento e qualidade de vida da população residente na área e suas proximidades (DIRETORIA DE URBANISMO – SEPLAN, 2020, s./p.).

Ainda é frisado pela diretoria citada acima que tanto nas Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS, quanto na necessidade de estudo de impacto de vizinhança, há possibilidade de exigência por parte do poder executivo para que o empreendedor participe integralmente dos custos de implantação das obras necessárias, podendo exigir até a instalação de praças como medida compensatória, tanto em casos de parcelamento do solo, como em caso da implantação de obras de grande porte. (DIRETORIA DE URBANISMO – SEPLAN, 2020, s./p.).

Sobre a doação dessas áreas verdes, é destacado pelo presente órgão consultado que existe uma série de exigências por parte do poder público que não diferencia os projetos de loteamento e seus responsáveis. Entre estas:

Toda área verde pública deve ser entregue com toda infraestrutura implantada; Não é permitida a destinação de áreas verdes públicas em rotatórias e canteiros centrais de vias públicas; Quando da necessidade de implantação de equipamentos sociais e comunitários, deverá ser prestada caução garantia da execução das obras; As áreas verdes públicas poderão ser impermeabilizadas no máximo 35% (trinta e cinco por cento), para a instalação de equipamentos de lazer (culturais, cívicos, esportivos e contemplativos), apoio e caminhos. (DIRETORIA DE URBANISMO – SEPLAN, 2020, s./p.).

No contexto abordado até o momento, observa-se que as áreas verdes, que devem ser disponíveis pelos loteadores no parcelamento do solo, não compreendem, necessariamente, a espaços de lazer e recreação que atendam a população. Essas áreas também não contemplam, obrigatoriamente, às praças públicas, com possibilidade de inclui-las na implantação de loteamentos, dependendo do tipo de empreendimento realizado em determinada área.

Nesse sentido, a doação de percentual de área verde associa-se ao tipo de modalidade presente no processo de parcelamento do solo, o que leva a refletir que, dependendo do tamanho da área parcelada, existirá ou não a necessidade da destinação de área verde. Ao abordar sobre a infraestrutura necessária, fica claro no documento que não corresponde exclusivamente a obras que contemplem equipamentos sociais e comunitários, ou seja, mobiliário e equipamentos disponíveis para as atividades de lazer.

Ao analisar as prerrogativas do poder público e do loteador na execução da infraestrutura das áreas verdes, observa-se que o primeiro, através do poder executivo deve fixar prazos, acompanhar e participar em conjunto com o responsável pelo loteamento da organização dessas áreas, as quais não podem ser restringidas a canteiros e rotatórias e nem provocar uma grande impermeabilização do solo. Não existe, a princípio, uma diferenciação de normativas e exigências aos tipos de empreendedores (ligados aos setores público ou privado, por exemplo) envolvidos na implantação de um loteamento e, em suas obrigações com relação

ao destino dessas áreas verdes. Observa-se assim, que não há obrigatoriedade por parte do poder público municipal na instalação de praças públicas na cidade de Uberlândia.

Segundo informações da SMMASU, na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) do município, “(...) não há previsão de verba para ser destinada a urbanização de praças, porém a execução de projetos paisagísticos e urbanísticos (...) são provenientes das medidas compensatórias de intervenção em APP e supressão arbórea”. Destaca-se, ainda, o reaproveitamento de materiais recebidos através de doações de alguns órgãos, entre eles o IBAMA, que servem para a execução de mobiliário utilizado, como em parques infantis ou pergolados. No que compete à manutenção, esta é realizada pela prefeitura de Uberlândia, com insumos obtidos por meio de parcerias, ou com recursos da própria SMMASU. (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, 2020, s./p.).

Com relação à presença de programação e equipamentos de lazer, o documento ressalta que,

(...) os projetos urbanísticos e paisagísticos partem de uma proposta completa que contempla pista de caminhada, acessibilidade, iluminação e um sistema de caminhos internos que faça as conexões dos espaços de convivência com os mobiliários e equipamentos dispostos ao longo da extensão da praça. O projeto paisagístico é concebido de modo a proporcionar espaços arborizados que garantam sombreamento durante o dia e um bom alcance de iluminação durante a noite. (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, 2020, s./p.).

Com relação à arborização, o referido documento apresenta que são utilizadas espécies arbóreas que contemplam espécies nativas do cerrado, com a presença inclusive de frutíferas e palmeiras. Quanto aos mobiliários e os equipamentos, estes devem contemplar bancos, lixeiras, pergolados, academias ao ar livre, parquinho infantil, campo de futebol etc. (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, 2020, s./p.).

A presença de programação de lazer permanente não foi mencionada, com possibilidade de levantar esporadicamente algum tipo de atividade vinculada às parcerias entre outras secretarias (como a da Cultura) ou até de iniciativa da sociedade civil. O que se destaca, é a oferta de um espaço com a disposição de equipamentos para ser utilizado em atividades ativas ou contemplativas.

O controle das praças, áreas verdes e parques do município, é realizado por meio de uma planilha de controle interno que possui a relação de todos os equipamentos mencionados. A intenção, segundo o núcleo responsável da SMMASU, é “urbanizar” (contemplar com infraestrutura implantada) novas praças em toda a extensão da cidade, no

entanto, não há recursos suficientes e não se encontra presente essa priorização a determinados setores vulneráveis. (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, 2020, s./p.).

Segundo a secretaria em questão, o seu Núcleo de Projetos Ambientais, vinculado à Diretoria de Desenvolvimento Ambiental desenvolveu um questionário que é aplicado no entorno das praças sujeitas à urbanização, para em seguida sistematizar esses dados e utilizá-los na concepção dos projetos urbanístico e paisagístico das novas praças.

O estímulo à participação dos moradores na elaboração dos projetos paisagísticos das praças e na definição de seus equipamentos é muito importante para que os recursos sejam gastos de maneira adequada e para que a população se sinta contemplada, o que contribui, inclusive, para maior apropriação e cuidado com o espaço. É válido ressaltar o desenvolvimento de um projeto de participação popular na construção da paisagem que objetiva despertar o olhar da comunidade para a importância do zelo com as áreas verdes da cidade de Uberlândia. (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, 2020, s./p.).

As possíveis reivindicações e/ou solicitações de moradores, no intuito de cobrar a instalação de praças nos bairros, chegam até a SMMASU através de requerimentos protocolados pelo poder legislativo municipal, ou através de Ofício. (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, 2020, s./p.).

A mensuração dos espaços livres públicos que concebem as áreas verdes, parques urbanos e praças é destacada na listagem dos equipamentos sociais comunitários presentes no Caderno Informativo- 2020, detalhado na Seção anterior.

Observa-se a inclusão da consulta popular no processo de implantação de praças, porém, não existem informações mais específicas sobre os bairros ou setores que mais se envolvem no processo e que cobram do poder público tais espaços públicos, apesar de considerar a existência dessas reivindicações. De forma geral, observa-se a ausência de recursos financeiros na execução de praças, evidenciando-se a falta de políticas que priorizem a instalação dessas em áreas mais vulneráveis sujeitas a exclusão social.

As parcerias público-privadas ocorrem a partir de leis, decretos, portarias ou editais de chamada pública que regulamentam e firmam “(...) termos de cooperação, de cessão de uso, e de adoção (...) que contribua com a gestão ambiental do território de Uberlândia, para implantar, ampliar, revitalizar, manter e/ou cuidar das áreas verdes”, com a ideia de melhorar a qualidade de vida da comunidade e do ambiente. Uma parceria de destaque corresponde ao programa “Adote uma Praça ou um Canteiro Central”, implantado no ano de 1997 pelo Decreto nº. 7.383 e recentemente regulamentado pela Lei Municipal nº 13.392/2020. “O programa de adoção é um convite à sociedade civil (moradores, comércios, escolas, etc.) para estreitar laços

entre essa sociedade civil e o governo no cuidado com o bem público e no exercício da cidadania de cada um” (NÚCLEO DE PROJETOS AMBIENTAIS – SMMASU, 2020, s./p.).

Essas parcerias precisam ser analisadas com cautela, pois é perceptível, conforme declarado pela SMMASU, que não existe uma verba específica para a instalação de praças em Uberlândia, sendo comum contar com recursos oriundos de outras medidas compensatórias relacionadas à legislação ambiental como, por exemplo, a intervenção em Área de Preservação Permanente (APP) e supressão arbórea. A manutenção encontra-se sujeita a recursos deslocados de outros órgãos ambientais ou vinculados à própria prefeitura, bem como dessas parcerias com a sociedade civil.

Por outro lado, essas parcerias representam uma importante forma de delegar a terceiros a responsabilidade do poder público com a manutenção desses espaços livres públicos. Nesse caso, as empresas ou entidades da sociedade civil atribuem comumente, um valor positivo e de mercado associado à propaganda e à divulgação de seus nomes, o que transita na tênue fronteira da relação “público – privado”, com crescente sobreposição dos interesses privados.

No intuito de compreender as parcerias estabelecidas no âmbito do programa Adote uma Praça ou um canteiro central, a ideia é trazer à tona as considerações acerca de algumas experiências desenvolvidas no processo de adoção e de manutenção por parte de empresas, pessoas físicas e ONGs.

Esse programa vem de encontro com as políticas praticadas em outras grandes e médias cidades brasileiras, explicitando que, independentemente da melhoria da qualidade do ar e da sensação térmica, a ideia de vender a propaganda do verde urbano atribui uma imagem positiva para a cidade e, especificamente, para as pessoas físicas, entidades e empresas que são associadas à ideia de preocupação com a questão ambiental.

Encontra-se a seguir, uma listagem das entidades da sociedade civil (**Quadro 10**) e dos locais que estão sendo mantidos por estas na cidade de Uberlândia, com base nas informações dos anos de 2017, 2018, 2019 e atualizadas em 2020. Percebe-se que tais ações vêm se expandindo, incluindo praças ou pequenas áreas verdes predominantemente localizadas em bairros mais centrais da cidade.

Quadro 10 - Pessoas Físicas ou Jurídicas e as respectivas Praças/ Áreas Verdes adotadas em Uberlândia- 2020

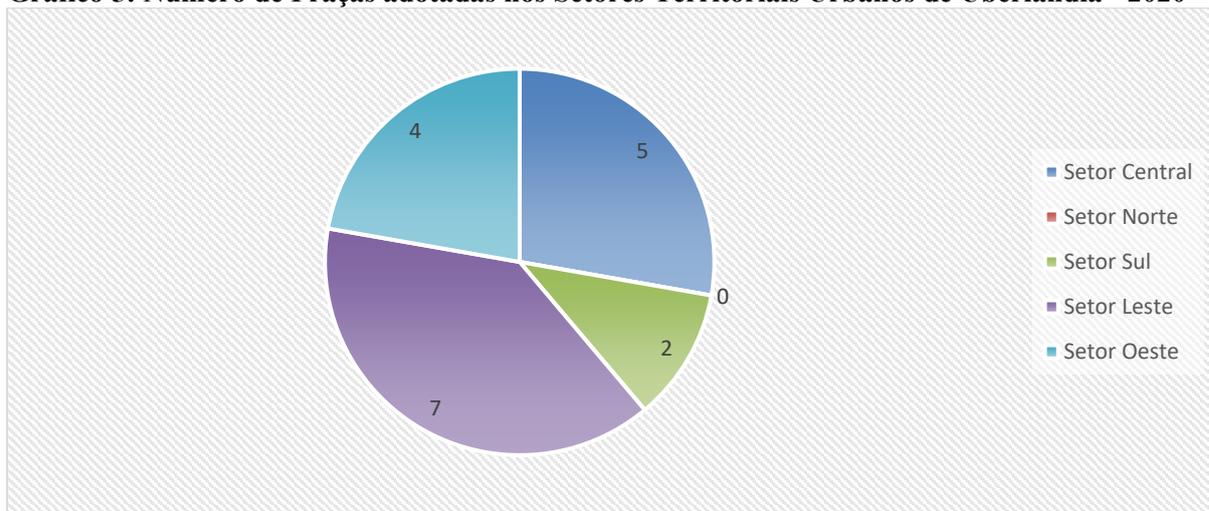
Nome da Empresa/pessoa física/Ong	Praça ou área verde adotada
1 – Ari Marcos Rosa Silva Jr.	Praça Juarez Garcia Nunes – Res. Integração
2 – Associação Viva Quinta	Quinta Alto Umuarama
3 – AZM Empreendimentos Imobiliários Ltda	Trecho do canteiro central da av. Paulo Firmino
4 – BASAN – Engenharia	Trecho do canteiro central da av. Ubirajara Zacharias – Bairro Vida Nova
5 – FMF Empório	Praça Inonimada – Jardim Holanda
6 – Paulo Sérgio Alves de Macedo	Praça Santa Maria dos Anjos – Luizote de Freitas
7 – R Freitas Empreendimentos Ltda	Trecho do canteiro central da av. Monsenhor Ed.
8 – Rejane Rodrigues de Souza	Praça Adolfo Fonseca – Fundinho
9 – SATTVA Controladoria	Trecho do canteiro central da av. Getúlio Vargas
10 – SPE Galena Incorporadora Ltda	Chácaras Tubalina
11- ADIMAX – indústria e comércio ltda	Área Verde na Rua Ângelo Naghetti
12 - OITO BRASIL URBANISMO LTDA	Praça Alto Umuarama
13 - LA Nave turismo	Trecho de canteiro na Av. Rondon Pacheco
14 - Marcos Vinícius Gonçalves Paiva	Praça Fausto Savastano (Segismundo P.)
15 - Real Espaço e Eventos Eireli	Canteiros da Av. Coronel Teófilo Carneiro
16 - Panificadora e Empório Divino Pão	Praça Nossa Senhora da Conceição (Cidade Jardim)
17 - Fibra Móveis Design EIRELI-ME	Praça Lázaro Zamenhoff (Oswaldo Rezende)
18 - Condomínio do Edifício GRIFF SHOP	Área sob viaduto da Rua Olegário Maciel
19 - AUDICON contadores e associados Ltda-epp	Trecho de canteiro central na Av. José Paes de Almeida – Santa Mônica
20 - DELTA Administração e Participação	Canteiro central da Av. Segismundo Pereira, trecho no viaduto Ceasa da Av. Segismundo Pereira
21 - LIONS CLUBE DE UBERLÂNDIA Cruzeiro do Sul	Praça Lions Clube (Daniel Fonseca)
22 - CHOCOME Alimentos Ltda	Praça Sebastião José Naves, bairro Copacabana
23 - Curso e Colégio GABARITO EIRELI	Área sob viaduto na Av. Olegário Maciel
24 - Renato Carvalho Bessa	Praça Champagnat (Tibery)
25 - WV Empreendimentos Ltda	Rotatória 1 localizada na confluência da Avenida Zulma Abdala com a Av. Firmamento, Grand Ville.
26 - Oliveira e Teixeira com. alimentos bebidas	Praça Ladário Teixeira, bairro General Osório
27 - Realiza Construtora Ltda	Trecho do canteiro central da Av. Anselmo Alves dos Santos
28 -Jurema Gara Walkiewicz	Praça Inominada, rua Lourdes C., Segismundo Pereira
29 - João Carlos Pereira	Área Verde, localizada entre as ruas Neuza Magnino Cardoso no bairro Residencial Gramado
30 - Fundação Maçônica Manoel dos Santos	Rotatória Geralda Lourdes Abreu Alves, Jd. Patrícia
31 - Manoel Rodrigues	Praça Rui Barbosa, localizada entre as ruas Barão de Camargos, no bairro Fundinho
32 - Ferreira e Segantini Centr.Med.Est.e Rep.	Trecho do canteiro central da Av. Presidente Médici
33 - Central de Ação Social Avançada – CASA	Praça Leopoldo Ferreira Goulart, rua Moabe, rua Menfins e rua Esmirna, no bairro Jardim Canaã
34 - Oswaldo Ferreira Franco Filho	Praça Doutor Kazuaki Taziri, localizada na Av. Lázara Alves Ferreira, no bairro Santa Mônica

Fonte: SMMASU - Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Serviços Urbanos, 2020. Acesso em 15/11/2020.

Ao todo são 34 espaços livres adotados pelas empresas, pessoas físicas e ONGs supracitadas no quadro. Dezoito desses espaços correspondem especificamente a praças, sendo

que cinco estão no Setor Central, sete no Setor Leste, duas no Setor Sul e quatro no Setor Oeste, conforme pode ser verificado no gráfico a seguir. O processo de adoção de praças e/ou áreas verdes (canteiros, rotatórias etc.) se expande em período recente na cidade, com destaque para as adoções no ano de 2020.

Gráfico 5: Número de Praças adotadas nos Setores Territoriais Urbanos de Uberlândia - 2020



Fonte: SMMASU, 2020. Acesso em 15/11/2020.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Com intuito de compreender melhor esta realidade buscou-se contato com inúmeros adotantes, contudo, houve grandes dificuldades, sobretudo, em relação às pessoas físicas. Foi estabelecida a interlocução com cinco dos dezoito adotantes de praças, porém, apenas dois responderam ao questionário encaminhado.

Esses adotantes apresentaram algumas informações referentes ao funcionamento da adoção em duas praças localizadas em bairros periféricos, predominantemente habitados por população de baixa renda. Uma das praças é a Leopoldo Ferreira Goulart que fica no bairro Canaã (Setor Oeste), adotada pela ONG CASA, a outra praça é a Juarez Garcia Nunes, no Residencial Integração (Setor Leste), adotada por pessoa física.

As duas praças contam com alguns equipamentos de esporte e lazer, ambas possuem quadra de esportes sem cobertura. Na praça do bairro Canaã, ainda existe parque infantil e academia ao ar livre. A seguir é apresentado o Quadro 11, que sintetiza as informações levantadas junto aos adotantes das praças mencionadas³².

³² As informações apresentadas no corpo do texto referentes ao contexto da adoção das praças por parte da ONG e da pessoa física citadas, são baseadas em um questionário que se encontra no Apêndice C da tese.

Quadro 11 - Funcionamento do Projeto de Adoção de Praças e Canteiros Verdes em Uberlândia-2021

Praças:	Leopoldo F. Goulart - Adotada por ONG	Juarez G. Nunes – Adotada por pessoa física
Tempo de adoção da praça	2 anos (24 meses)	1,5 ano (18 meses)
Funcionamento da adoção – responsabilidade do adotante	A ONG é responsável pela urbanização da praça, realizando pequenos reparos	Roçagem, pintura e manutenção
Contrapartida ofertada pela prefeitura para o adotante	Não ocorre	Não ocorre
Custo médio mensal do adotante	R\$ 3.000,00	R\$ 600,00
Previsão de prazo para a manutenção da adoção da praça	Não existe previsão de prazo	Anualmente
Presença de enquete por parte do adotante junto aos frequentadores da praça	Sim	Sim
Presença de retorno social, econômico e ambiental para o adotante de praças	Sem retorno econômico - A ideia é proporcionar um local agradável para a comunidade	Retorno social desde que a pessoa usufrua
Programação desenvolvida por parte do adotante na praça	Projeto Vida Saudável – com aulas de zumba gratuitas	Sem resposta específica – necessário acionar a prefeitura

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Acesso em 10/03/2021.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Observa-se que as duas praças passaram por um processo de adoção recente, no ano de 2019. Em ambas, a responsabilidade dos adotantes é manter reparos estruturais, como serviços de poda de grama e de árvores, pintura e manutenção de estruturas metálicas, por exemplo. É significativa a diferença no gasto mensal para manter as praças, sendo que na primeira (Leopoldo F. Goulart), o custo médio mensal é em torno de R\$ 3.000,00 segundo a ONG, enquanto na segunda (Juarez G. Nunes) o custo médio mensal é de R\$ 600,00.

Os adotantes afirmaram que não existe retorno econômico ao adotar as praças e que a ideia é ofertar um espaço de qualidade para que os moradores usufruam delas. Nos dois casos os adotantes relatam que realizam enquete com os usuários para visualizar suas expectativas em relação a estas praças, porém, não especificaram como isso ocorre. A adoção da ONG prevê a realização de aulas de “Zumba” na praça Leopoldo F. Goulart, no bairro Canaã, o que provavelmente aumenta o custo médio mensal de manutenção da praça. Todavia, a realização de aulas e eventos dessa natureza que reuniam muitas pessoas, passou por alguns períodos de proibição desde o ano de 2020 pelo poder público municipal, como forma de combater a propagação do Covid -19.

É perceptível a necessidade de ocupar essas praças com equipamentos qualificados e, fundamentalmente, por meio de práticas sociais que garantam o envolvimento da população, para que ocorra uma territorialização a partir do lazer nos espaços livres das praças.

Nesse contexto, é importante ponderar a efetivação dessas parcerias, de uma forma geral, o capital privado não se envolve em uma parceria que seja desvantajosa. O poder público sistematicamente investe na infraestrutura básica e por falta de interesse ou capacidade em manter adequadamente determinados serviços, manutenção etc., delega a concessão ao setor privado que, por sua vez, visa obter retorno financeiro.

De Angelis et al. (2005, p.31), ao mencionarem a questão da adoção de praças, apontam que essas parcerias retiram muitas praças do abandono e, quando levadas a sério, “(...) as empresas cumprem um papel que o poder público deixa de lado”. Assim, deve ocorrer fiscalização por parte do poder público para que não fique apenas no marketing político e comercial.

Ferreira (2002), por sua vez, destaca que as administrações municipais, no geral, pouco demonstram preocupação em reverter o abandono e o descaso dos espaços públicos no Brasil, proporcionando em certas situações até facilidades ao setor privado, em termos de concessões e permissões de uso de determinados espaços.

Portanto, muitos tipos de parcerias são comumente associados à lógica de (re)produção do capital, que normalmente situam a esfera do lazer a uma atividade de consumo de mercadorias. Muitos casos servem para reforçar desigualdades no acesso, já que os segmentos com maior capacidade financeira fatalmente têm maior facilidade para adentrar e se deslocar na busca por determinados espaços e equipamentos mais especializados.

Contudo, a forma de parceria retratada, que envolve a manutenção das praças, não agrega de forma evidente uma contrapartida econômica aos grupos adotantes. Esse processo ocorre indiretamente a partir da divulgação dos nomes destes, o que, de certa forma, significa propaganda positiva em relação às empresas que atraem maior visibilidade a seus produtos, bem como às ONGs que atraem incentivos, doações e, também, às pessoas físicas que por diversos interesses divulgam seus nomes, seja nos bairros ou na própria cidade. É evidente ainda, a possibilidade de abatimento de impostos que certamente os adotantes conseguem nesse âmbito.

Na visão de Bramante (2002), uma saída positiva que diminua o mal-estar na gestão pública passa pela convergência de uma espécie de ética de relacionamento, que corrobora em estabelecer princípios éticos na parceria público-privada. A ideia é oferecer ao outro aquilo que ele ainda não tem e necessita para o sucesso de ambos, e não tirar do outro o que necessita para

seu sucesso individual. Embora a lógica do capital esteja entranhada de uma forma geral e objetiva ao lucro, essas parcerias que visam cuidar das praças aproximam-se das considerações supracitadas.

Nesta seara, as parcerias com a comunidade são necessárias, tendo em vista que os segmentos da sociedade civil, que adotam essas praças, podem incentivar os habitantes de seu entorno a participar de projetos e até na ajuda para com os cuidados delas. É preciso o acompanhamento e a cobrança por parte dos moradores e do poder público, para que os interesses da população permaneçam em primeiro lugar. Faz-se necessário envolver os diversos grupos que vivem no entorno das praças na proposição de formas de ocupação e de apropriação dessas com atividades de lazer. Todavia, é necessário frisar que em muitas grandes cidades o poder público vem concedendo sistematicamente o uso e a manutenção de espaços públicos a segmentos privados, o que é bastante preocupante a longo prazo.

Em um contexto fora do programa de adoção das praças, mas que também permeia a fronteira do público e do privado nesse tipo de espaço público, pode-se exemplificar a instalação de uma praça por empresa do ramo imobiliário, responsável pela implantação de loteamento aberto que tem como público-alvo um segmento social de médio padrão de consumo, localizado no Setor Leste da cidade. Nesta região, nas proximidades das BRs 365 e 050 está instalado o loteamento Vida Nova, no bairro Novo Mundo, nele encontra-se a “Praça do Jacaré”, construída pela empresa responsável pelo loteamento, em 2015, oficialmente registrada pelo poder público através da Lei 13.113 no ano de 2019 com o nome supracitado.

Em contato com a empresa responsável pelo projeto³³, a ITV Urbanismo, com sedes nas cidades de Uberlândia e São Paulo, obteve-se informações mais específicas acerca da presente praça. Segundo o canal de comunicação e de atendimento da empresa, a praça foi planejada e construída pela ITV Urbanismo, assim como toda a infraestrutura do empreendimento, sem nenhuma participação da Prefeitura de Uberlândia. A praça possui um playground temático com pista de skate e uma parede de escalada no formato de um jacaré de papo amarelo, criado pela artista local Vânia Vilela. (ITV URBANISMO, 2020)

O modelo da praça foi inspirado em outras praças temáticas encontradas na Europa, e apresenta pioneirismo na cidade de Uberlândia, segundo a empresa. Ao questionar a respeito da participação dos moradores, constatou-se que a finalização da praça foi um ano depois da entrega do bairro, porém, atualmente, há grande envolvimento dos mesmos, inclusive quando

³³ As informações obtidas são baseadas em um questionário enviado através de e-mail para o canal de comunicação da empresa ITV Urbanismo em novembro de 2020 que se encontra no Apêndice D.

se organizaram para cobrar da prefeitura a oficialização do nome “Praça do Jacaré”, a qual é constantemente frequentada e recebe, inclusive, alguns eventos culturais e encontros organizados pela população, conforme destacado pelo canal de comunicação da empresa empreendedora.

Após a entrega do loteamento, em 2014, a ITV Urbanismo manteve a praça e demais áreas verdes, pistas de caminhada, canteiros centrais, sistema de drenagem de água etc., do bairro sob seu comando por quatro anos. Em 2018 a praça foi entregue à responsabilidade da prefeitura de Uberlândia, para que a SMMASU mantenha os seus serviços básicos de limpeza, poda e cuidados com sua estrutura.

Ao questionar a atratividade exercida pela praça no âmbito da venda de imóveis no entorno, a empresa considera que isso seja positivo.

Espaços de lazer bem planejados, equipados e arborizados são sempre um atrativo, principalmente agora, em tempos de pandemia, quando vemos o crescimento significativo de clientes interessados em trocar os apartamentos por casas com quintal, ou em condomínios com área de lazer e próximas às praças. No caso do Vida Nova, o loteamento foi um sucesso de vendas na época e muitos clientes queriam os terrenos mais próximos da Praça do Jacaré. Mas além de vender terrenos, a ITV Urbanismo quer proporcionar experiências únicas aos clientes e à população do entorno, pois sabemos que espaços verdes públicos são os principais articuladores da vida social. São lugares de encontro, de integração e de trocas, promovem a diversidade cultural, criam valor simbólico, identidade e a sensação de se pertencer àquele lugar. (ITV URBANISMO, s./p., 2020).

A propaganda do verde urbano, corrobora com o que já fora levantado em relação à visão positiva que grandes empreendimentos denominados “verdes”, como parques temáticos ou, nesse caso específico, as praças que acabam influenciando o mercado de imóveis, gerando externalidades atrativas ao capital imobiliário na produção de espaços planejados e seletivos para determinados segmentos sociais mais elitizados.

Segundo a empresa (ITV Urbanismo), não existem outras praças na cidade de Uberlândia nesse formato. Contudo, verifica-se em período recente a expansão desses espaços livres planejados, não necessariamente temáticos, em alguns loteamentos elitizados. É possível exemplificar com a praça Tales G. Andrade, com ampla infraestrutura e equipamentos de lazer e recreação, no loteamento Praça Alto Umuarama, identificada no Caderno Informativo- 2020 como bairro Grand Ville (Setor Leste). Neste caso, percebe-se que a praça e a estrutura asfáltica estão presentes desde o início do loteamento, foram previamente instaladas para atrair a venda de terrenos e a construção das casas.

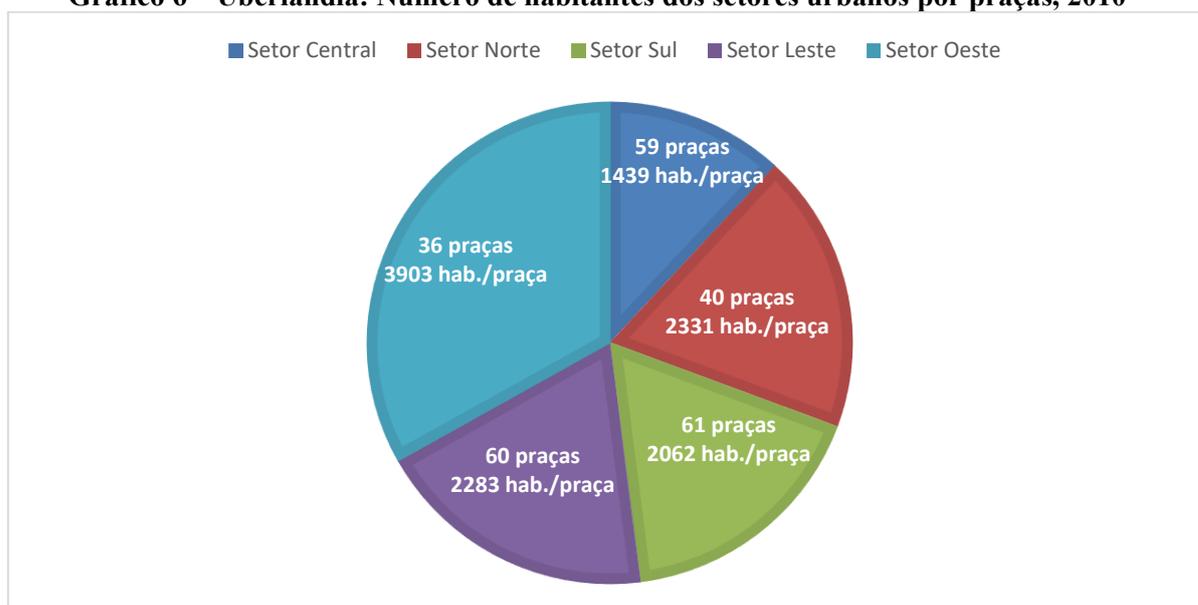
Portanto, tais exemplos tendem a ser cada vez mais comuns na cidade, seja em loteamentos abertos ou fechados, com o intuito de atrair um grupo social seletivo com maior

capacidade de consumo em torno da propaganda de busca por bem-estar, qualidade de vida e lazer em áreas com vegetação, amplas e confortáveis, dando centralidade às praças. Muitas delas oficialmente são públicas, mas, nos casos apresentados, não foram idealizadas pelo poder público, sendo atrativas nesse cenário.

4.3 – Praças Públicas de Uberlândia: o olhar dos habitantes sobre esses espaços e a definição das praças escolhidas para a análise empírica

Ao considerar o contexto de localização das praças públicas na malha urbana de Uberlândia, ressalta-se que estas correspondem a espaços dotados de infraestrutura (como calçamento, mobiliário, área permeável com vegetação) e equipamentos de lazer mais disseminados na cidade. Todavia, apesar de se fazerem presentes em diferentes bairros, com perfis demográfico e socioeconômico variados, sua presença em muitos bairros mais pobres não atende ao número de população, principalmente quando comparado ao tamanho do contingente populacional da cidade, além de muitas delas não agregarem infraestrutura básica.

A comparação do número de praças em relação ao total da população de cada um dos cinco setores urbanos de Uberlândia, apresenta uma proporcionalidade ainda mais desigual. De acordo com os dados do último recenseamento oficial, realizado pelo IBGE em 2010, o Setor Central apresentava aproximadamente 85.000 habitantes. Considerando o número total de praças existentes nesse setor (59 praças), havia uma praça para cerca de 1.439 habitantes. No setor Norte (40 praças), eram aproximadamente 2.331 hab. por praça; no Setor Sul (61 praças), 2.062 hab. por praça; no Setor Leste (60 praças), 2.283 hab. por praça; e, no Setor Oeste (36 praças), à época, havia uma praça para cada 3.903 habitantes, conforme apresentado no Gráfico 6, a seguir.

Gráfico 6 – Uberlândia: Número de habitantes dos setores urbanos por praças, 2010

Fonte: P.M.U. – SEPLAN, 2020. Acesso em 15/09/2020.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O comparativo do Setor Central com o Oeste é significativo, visto que, este último agrega a maior população urbana e inúmeros conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda, com a exceção de alguns bairros que compõem esse setor. Os dados revelam que o setor mais populoso da cidade concentra o menor número de praças, justamente o que, teoricamente, deveria ter mais equipamentos públicos de lazer para atender a população menos abastada, inclusive, muitas não contemplam mobiliário e equipamentos de lazer.

Outro setor importante a ser enfatizado é o Sul, que agrega a maior concentração dos loteamentos fechados da cidade, conta com equipamentos especializados e uma elite que acompanhou o efeito da descentralização e do espraiamento urbano do centro e de suas adjacências para essa direção, e agrega 61 praças, quase o dobro das existentes no Setor Oeste (36 no total).

Contudo, cabe ressaltar que no Setor Sul, em sua franja periférica, existem vários loteamentos populares desprovidos de praças, ao menos oficialmente. Constatou-se ainda, a presença de várias praças em terrenos abertos sem qualquer paisagismo e mobiliário. No bairro Shopping Park, localizado no setor, por exemplo, existem três praças não urbanizadas que são apenas terrenos abertos, uma delas com equipamentos de lazer recentemente instalados.

Esse fato reforça a segregação espacial, bem como os processos que desencadeiam a exclusão social presente em muitos níveis, e que gera o cerceamento da população em determinados locais ao seu entorno, devido ao distanciamento econômico, físico-geográfico e social e escasso acesso a espaços públicos de qualidade disponíveis para o lazer.

Santos (2014, p.63-65) escreveu a respeito do direito aos espaços públicos, típicos da vida urbana tradicional, considerando-os como impunemente privatizados, como no caso das praias, montanhas, calçadas etc. De acordo com ele, ao morar na periferia, os habitantes pobres, como na maioria das cidades brasileiras, “(...) estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente. (...) O resultado de todos esses agravos é um espaço empobrecido e que também se empobrece: material, social, política, cultural e moralmente”.

Fonseca (2005), ressalta que a ocupação do espaço urbano em Uberlândia indica um aumento do grau de isolamento de sua população: os ricos, por sua decisão deliberada de negar a cidade e de eleger os espaços (predominantemente privados) que querem utilizar e com quem conviver; e os pobres por lhes ser negado o direito de acesso à cidade e por falta de oportunidade de vivenciá-la.

Constata-se, assim, a ocorrência de graves desigualdades entre os setores urbanos, bem como no interior destes ao considerar a presença dos espaços livres públicos das praças, sendo importante lembrar que, a proporção de habitantes em relação ao número de praças destacada no Gráfico 6, é maior atualmente, ao considerar o vertiginoso crescimento populacional na última década, em que a população do município ultrapassou os 700.000 habitantes, segundo estimativas do IBGE em 2021.

Ao levantar essa proporção entre o número de habitantes por praça na cidade, não deve ser confundido com a proporção de área verde por habitante, já que as praças podem não ser necessariamente constituídas de áreas ou espaços vegetados.

Silva, L. (2018), ao abordar o mapeamento das áreas verdes em Uberlândia, cita Lima et al. (1994) que, ao conceituar as áreas verdes, consideram as praças como um dos tipos de áreas verdes que tem a função principal de lazer. Porém, uma praça pode não ser uma área verde, desde que a vegetação seja ausente e sua área basicamente impermeabilizada.

Silva, L. (2018), aborda ainda que o índice de área verde por habitante em muitos bairros da cidade está abaixo do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização das Nações Unidas (ONU), que é de 12 m² por habitante. Também constata que essas áreas se distribuem de forma fragmentada no tecido urbano, com alta concentração, por exemplo, no condomínio fechado Morada do Sol (Setor Oeste) que apresenta grandes lotes arborizados, em contrapartida a outras inúmeras áreas ao longo da cidade com índices muito baixos.

Majoritariamente, as praças de Uberlândia são dotadas de áreas com vegetação, desde espécies rasteiras até a presença de árvores de médio e grande porte, o que as tornam

essenciais para a utilização durante o dia, devido às altas temperaturas comuns na região, atraindo as pessoas para usufruir de atividades ativas e passivas em seus espaços.

No entendimento do poder público local, a praça é definida como “equipamento comunitário constituído de área verde com infraestrutura para lazer e recreação, podendo ser urbanizada, semi urbanizada ou não urbanizada”. (CADERNO INFORMATIVO - 2020, p.21, 2020).

Com o intuito de investigar o desenvolvimento das atividades de lazer nos espaços públicos em Uberlândia, é organizado um questionário que visa abordar a opinião dos moradores da cidade. A ideia é compreender como a população local vivencia o lazer nos espaços livres das praças públicas, sobretudo pela importância que esses espaços e seus equipamentos exercem como opção de lazer livre e democrática na cidade. A pesquisa de campo a priori, foi pensada para ser realizada com os usuários presentes em diversas praças da cidade. No entanto, a dificuldade em estabelecer o contato direto com as pessoas através da pesquisa de campo in loco, devido às medidas de segurança baseadas no distanciamento social e necessárias no combate à propagação do COVID 19, gerou mudanças na perspectiva do levantamento dos dados primários.

Realizou-se, assim, uma enquete de opinião através de um questionário online disponibilizado via *Google Forms* (ver Apêndice H), respondido entre os dias 16/04 e 16/05 de 2021, com o intuito de avaliar as perspectivas dos moradores de Uberlândia em relação à presença e utilização dos espaços livres das praças públicas da cidade. Algumas questões da enquete se aproximam, inicialmente, da metodologia adotada por De Angelis et al. (2005), conforme apresentado na introdução desta tese³⁴.

A realização da enquete à distância, por meio do questionário online, fez-se necessária e revelou outras perspectivas, pois abarcou um agrupamento de pessoas com variação de renda e que habitam diferentes bairros da cidade, populares e elitizados, contemplando um número expressivo de não usuários das praças, o que auxiliou na tentativa de entender as motivações e/ou dificuldades relacionadas à utilização dos espaços estudados.

Todavia, também são expostas as dificuldades nesse caminhar, fundamentalmente no que se refere ao grau de escolaridade dos respondentes. A maioria, com ensino superior, inclusive com representativa quantidade de portadores de títulos de Pós-Graduação, quase não

³⁴ As alternativas elencadas em cada pergunta foram formuladas e expostas pelo elaborador desta tese, sendo que o foco, a priori, visava os usuários e moradores do entorno das praças que serão abordadas na pesquisa na Seção 5.

contemplando pessoas com baixa escolaridade. É nesse prisma que se apresenta o número de respondentes da enquete de opinião, a qual contou com 164 respostas, totalizando 0,03% da população urbana de Uberlândia de acordo com o último Censo Demográfico oficial de 2010.

Apresenta-se, em um primeiro momento, um conjunto de informações que identificam o perfil das pessoas que responderam ao questionário, contemplando seu local de moradia, idade, gênero, estado civil, escolaridade, renda mensal aproximada, tipo de ocupação/trabalho e o tempo dispendido ao labor e às atividades livres (Ver Apêndice H). A seguir, no Quadro 12, disponibiliza-se a distribuição dos respondentes por bairro e setor territorial urbano em Uberlândia.

Quadro 12 – Uberlândia: Número de Respondentes da Enquete Online, por setor territorial urbano e seus respectivos bairros - 2021

Setor Central	Setor Norte	Setor Sul	Setor Leste	Setor Oeste
Bairros dos participantes:				
1 - Centro	1 - Roosevelt	1 - Cidade Jardim	1 - Sta. Mônica	1 - Jd. Patrícia
2 - Cazeca	2 - Jardim Brasília	2 - Patrimônio	2 - Novo Mundo	2 – Mansour
3 -Oswaldo Rezende	3 - Maravilha	3 - Larangeiras	3 - Integração	3 - Jd. Holanda
4 - Martins	4 - N. Sra. Das Graças	4 - São Jorge	4 - Alvorada	4 – Taiaman
5 - Brasil	5 - Pacaembu	5 - Gávea	5 - Alto Umuarama	5 - Jd. Europa
6 - Daniel Fonseca	6 - Resid. Gramado	6 - Jd. Inconfidência	6 - Tibery	6 - Chác. Tubalina
Total: 12	7 - Marta Helena	7 - Sta. Luzia	7 - Aclimação	7 - Jd. Das Palmeiras
	8 - Santa Rosa	8 - Saraiva	8 - Morumbi	8 - D. Zulmira
	Total: 16	9 - Granada	9 - Umuarama	9 – Planalto
		10 - N. Uberlândia	10 - Segismundo Per.	10 - Monte Hebron
		11 - Jd. Karaíba	11 - Mansões Aerop.	11 - Morada do Sol
		12 - Tubalina	12 - Marileusa	12 – Chácara
		13 - Vigilato Per.	Total: 60	Total: 25
		14 - Pampulha		
		15 - Mor. Da Colina		
		Total: 51		

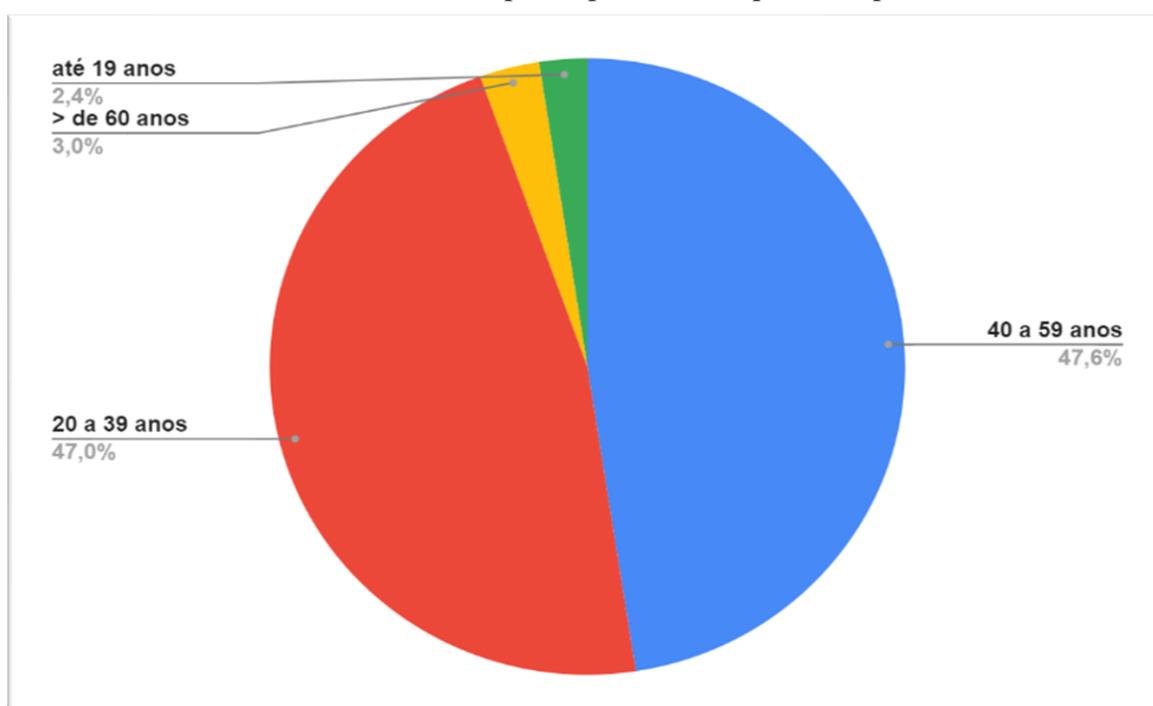
Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

É possível observar a participação de pessoas de 53 bairros da cidade, agregando desde bairros ou loteamentos de alto padrão (Granja Marileusa, Gávea, Morada do Sol etc.) até bairros populares e de baixa renda (Morumbi, Monte Hebron etc.). Os dois setores com o maior número de participantes são, respectivamente, os Setores Leste (60 respostas) e Sul (51 respostas), no primeiro destaca-se a participação dos moradores do bairro Santa Mônica, que conta com a maior quantidade de respondentes da enquete na cidade. No referido bairro encontra-se localizado o maior campus da Universidade Federal de Uberlândia, conseqüentemente, agrega grande contingente de universitários que residem no entorno da universidade e que responderam ao questionário.

A seguir apresenta-se, um perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa. A maioria se auto declarou como sendo do gênero feminino, com 107 respostas, representando 66,4%. Os participantes do gênero masculino representaram 58 respostas (35,4%). Com relação ao estado civil, 46,3% declararam ser casados; 8,5% informaram viver em união estável; 40,9% de pessoas solteiras; e, uma minoria de divorciados e/ou separados (3%).

Com relação às faixas etárias, foram 78 questionários respondidos por pessoas entre 40 e 59 anos (47,6%), e 77 respostas de pessoas entre 20 e 39 anos (47%). Cabe salientar que esses últimos representam, basicamente, os universitários que participaram ativamente da pesquisa. (ver Gráfico 7).

Gráfico 7 – Faixa etária dos participantes da enquete de opinião - 2021

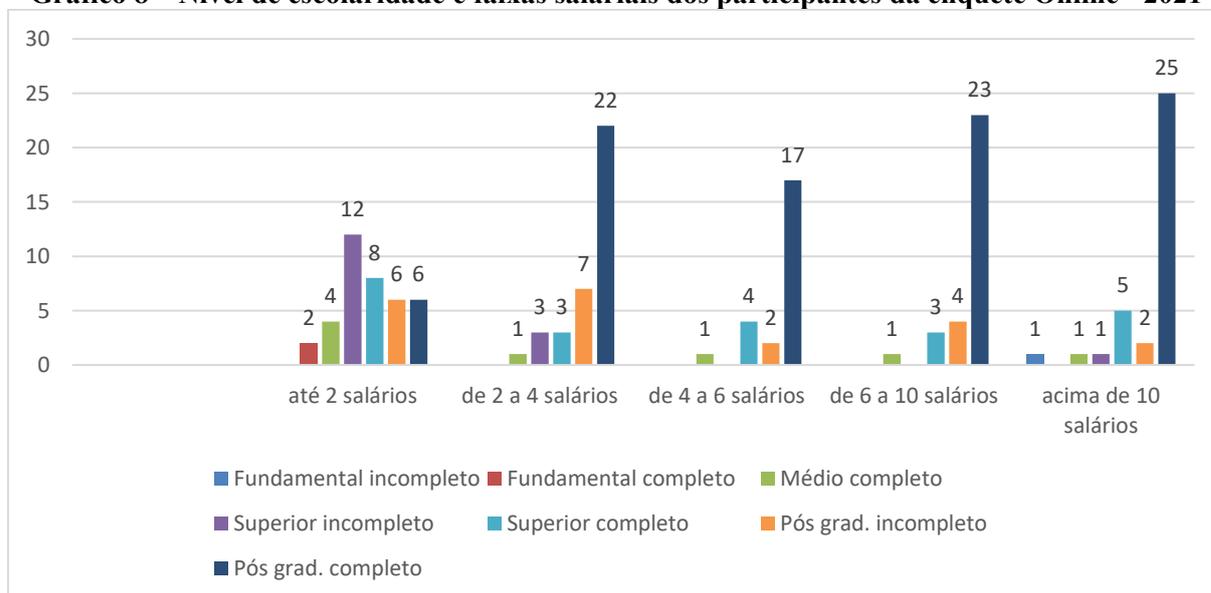


Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

No gráfico a seguir, apresenta-se o nível de escolaridade e a renda mensal dos participantes da enquete de opinião. Observa-se a presença de respondentes de variadas faixas de renda, o que revela variação no perfil socioeconômico. Conforme fora mencionado, a grande maioria possui curso de Pós-Graduação completo, compreendendo 93 participantes da pesquisa (56,7%), em todas as faixas de renda elencadas, com destaque para os que declararam destacando-se possuir renda mensal acima de 2 salários mínimos (93,5%), sobretudo nos extratos de 6 a 10 (24,7%) e acima de 10 salários mínimos (26,9%).

Na sequência, aparecem de forma equilibrada, os participantes que possuem nível superior completo e Pós-Graduação incompleta, com 23 e 21 respostas, respectivamente³⁵. Os participantes com curso superior, encontram-se em todas as faixas salariais, com pequena superioridade no grupo de até 2 salários mínimos (8 respostas, 34,8%); aqueles que possuem pós-graduação incompleta, também estão nas diferentes faixas, com destaque para os grupos de até 2 salários e de 2 a 4 salários mínimos (6 e 7 participações em cada um, 28,6% e 33,3%). Outro destaque, corresponde àqueles com curso superior incompleto, ou seja, predominantemente os universitários que cursam a graduação, com 12 participações (75%) na faixa de renda de até 2 salários mínimos. (Ver Gráfico 8).

Gráfico 8 – Nível de escolaridade e faixas salariais dos participantes da enquete Online - 2021

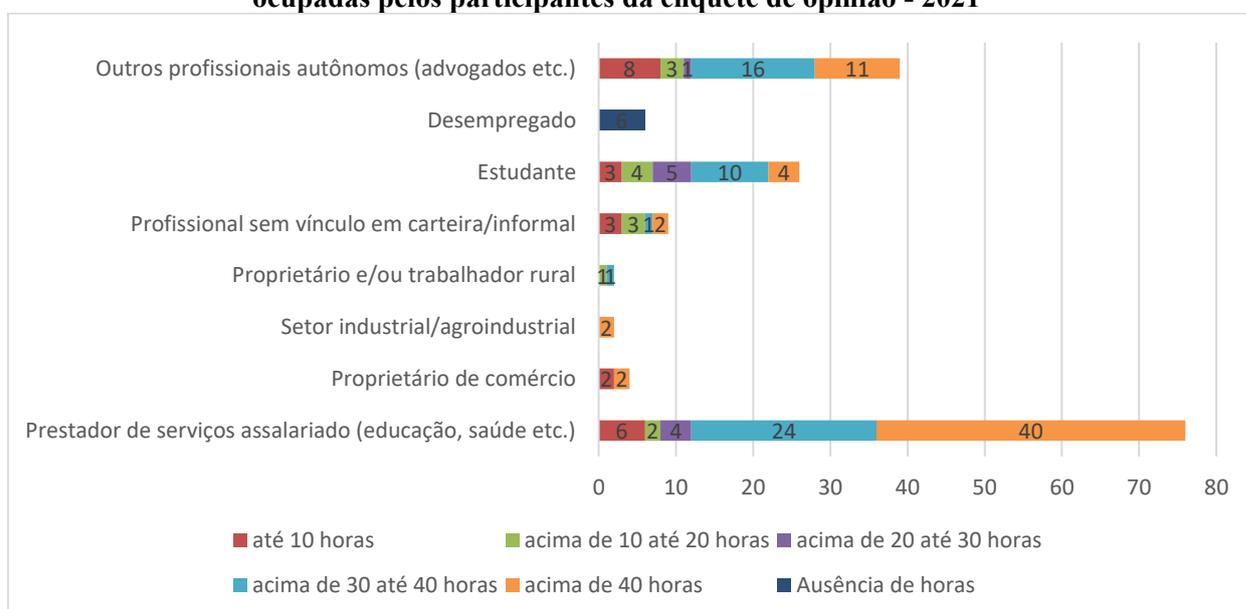


Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

³⁵ Neste caso específico, na medida em que o questionário vai sendo direcionado e compartilhado pelos participantes, atinge, sobretudo segmentos de alta escolaridade, deixando de fora outros grupos de menor escolaridade, o que comprova a participação maciça de respondentes vinculados ao meio universitário.

Na sequência da análise, são introduzidas as atividades profissionais desenvolvidas pelos respondentes da enquete e o respectivo número de horas semanais dedicadas. Elencou-se sete categorias de profissionais, entre estas, o destaque de acordo com o Gráfico 9, fica por conta dos profissionais assalariados prestadores de serviços com 76 respostas (46,3%), seguido de outros profissionais autônomos com 39 respostas (23,8%) e os estudantes com 26 respostas (15,9%). Em relação ao número médio de horas semanais, destaca-se que a maioria dos respondentes exercem acima de 30 horas, com maior ênfase àqueles que utilizam acima das 40 horas de seu tempo, representados por 61 respostas no total (37,2%), 40 delas entre os assalariados prestadores de serviços.

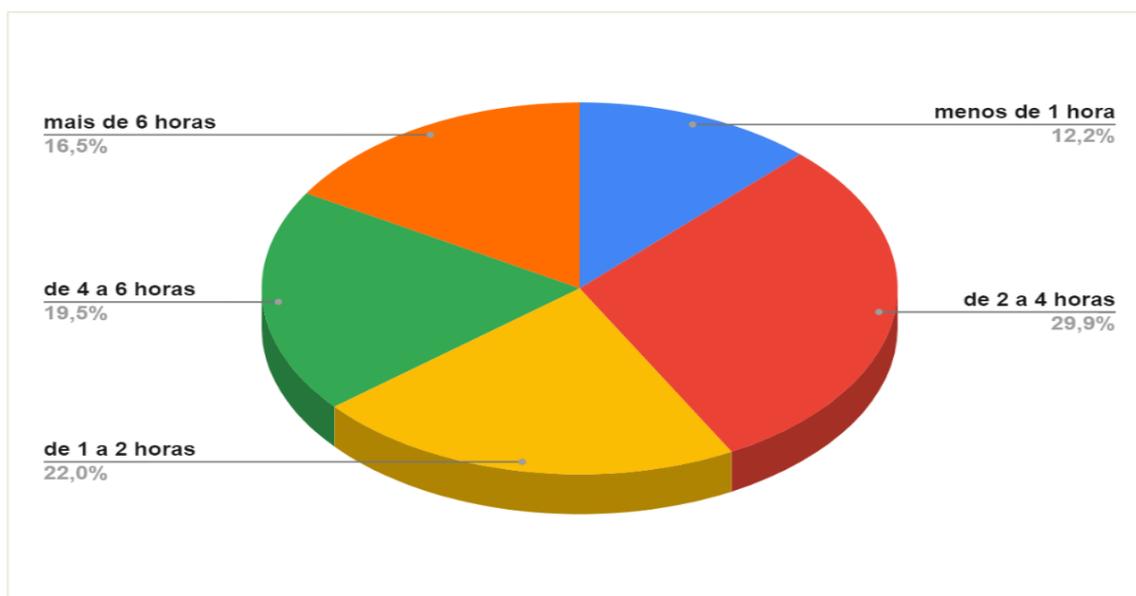
Gráfico 9 – Atividade empregatícia/profissional e o respectivo número de horas semanais ocupadas pelos participantes da enquete de opinião - 2021



Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Concomitantemente, ao enfatizar o número de horas disponíveis passíveis de serem utilizadas com atividades de lazer, a maioria (49 respondentes que correspondem a 30%) afirmaram utilizar entre duas e quatro horas de sua semana com esta finalidade. Em seguida, aparecem os que dedicam entre uma e duas horas e aqueles que utilizam entre quatro e seis horas semanais para atividades livres de lazer, respectivamente, com 22% e 19,5%, conforme o Gráfico 10.

Gráfico 10 – Quantidade de horas disponíveis às atividades de lazer/recreação pelos participantes da enquete de opinião - 2021



Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Assim, embora predomine uma extensa jornada de atividades obrigatórias, especificamente relacionadas ao vínculo profissional, ao mesmo tempo há procura por atividades recreativas e de lazer, as quais podem se diluir ao longo dos dias da semana ou se concentrar nos finais de semana.

Ao buscar a compreensão da utilização do tempo disponível³⁶ das pessoas, fazendo menção ao termo apresentado por Marcellino (1995) ao conceituar a atividade do lazer, é introduzido o contexto da utilização deste tempo disponível no espaço da residência (íntimo) e no espaço externo a esta. Ou seja, nas demais espacialidades que se desenvolvem no espaço urbano, em outros espaços privados, coletivos e/ou públicos.

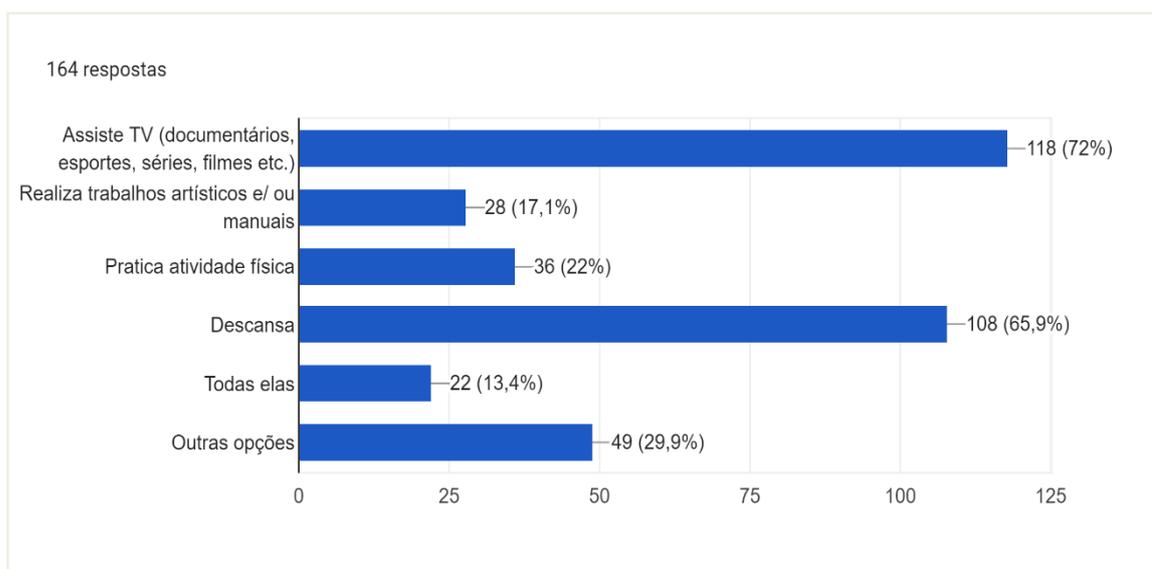
De acordo com a pesquisa, os respondentes da enquete realizam tais atividades nos dias e períodos de folga do trabalho, considerando um âmbito desvinculado da presença da atual pandemia, a maioria, o que representa 98 respostas (59,8%) ressalta que fica em casa, enquanto outras 66 respostas (40,2%) afirmam sair de casa em tal situação de disponibilidade de tempo. Isso remete a um contexto abordado por autores como Camargo (2003, p.37), o qual considera que uma parcela expressiva do tempo de lazer das pessoas, inclusive de jovens e adolescentes,

³⁶ Ao referirmo-nos ao termo tempo disponível, compartilhamos das considerações elencadas por Marcellino (1995) que em meio ao debate sobre a possível conceituação do lazer já apresentado na Seção 2 desta tese, faz referência a este tempo como um período desvinculado parcialmente de outros diversos tipos de obrigações sociais, o que possibilita vivenciar a cultura praticada ou fruída nesse tempo.

ocorre na própria casa, e considera que esse espaço representa “(...) o principal equipamento de lazer das pessoas”.

Ao ficar em casa, a maior parte assiste TV em busca de filmes, séries, documentários, esportes etc., bem como descansa nos períodos em questão. Para visualizar melhor esses dados, entre as opções elencadas no questionário, destacam-se: 118 pessoas indicaram a opção de assistir TV (72%), e outros 108 consideraram o item descanso (aproximadamente 66%). Encontram-se ainda, entre as demais alternativas, a realização de atividades manuais (17,1%), a prática de exercícios físicos (22%), ou outros tipos de atividades, não identificadas (29,9%), conforme a observação do gráfico a seguir.

Gráfico 11 – Atividades desenvolvidas pelos participantes da enquete de opinião no espaço residencial - 2021



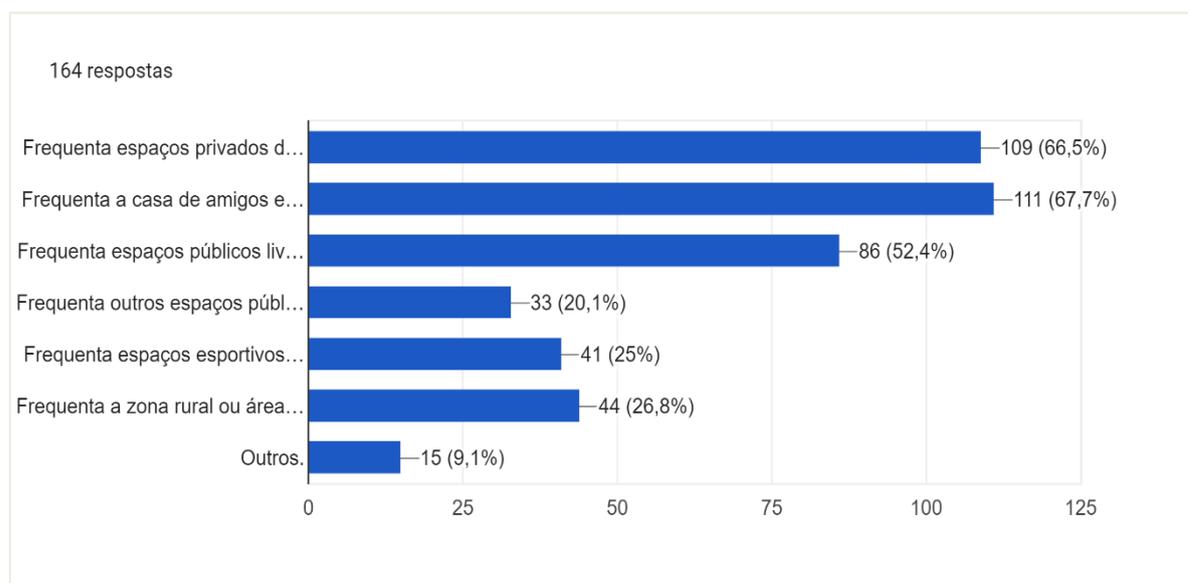
Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Com relação às atividades desenvolvidas no tempo disponível dos participantes da enquete fora do espaço da própria residência, com possibilidade de marcar mais de uma alternativa, os itens mais elencados foram: a frequência a casa de amigos e parentes, com 111 respostas (67,7%); seguido pela frequência a espaços privados de uso coletivo, sejam eles específicos como os restaurantes, bares e cafés, por exemplo, bem como outros espaços multifuncionais, como os shopping centers, com 109 respostas (66,5%). Ainda se destaca, a frequência aos espaços livres públicos, com 86 respostas (52,4%).

Em menor número, foram assinalados os itens: frequência a outros tipos de espaços públicos que possuem algum controle no acesso (20,1%); a presença em espaços esportivos

privados e coletivos também com acesso limitado (25%); a presença na zona rural ou em espaços naturais abertos disponíveis para o lazer (26,8%); e, por fim, outras possíveis opções voltadas para o lazer (9,1%), conforme apresentado no gráfico seguinte.

Gráfico 12 – Atividades desenvolvidas pelos participantes da enquete de opinião fora do espaço residencial - 2021



Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Ao comparar as faixas salariais e as opções de lazer vivenciadas fora do espaço residencial pelos participantes da enquete, no intuito de visualizar as alternativas que predominam em cada uma das faixas salariais elencadas, foi elaborada a tabela 6, apresentada a seguir.

Tabela 6 – Relação entre as faixas salariais dos respondentes e suas respectivas atividades de lazer desenvolvidas na cidade de Uberlândia - 2021

Faixa salarial	Até 2 salários mínimos	%	De 2 a 4 salários mínimos	%	De 4 a 6 salários mínimos	%	De 6 a 10 salários mínimos	%	Acima de 10 salários mínimos	%	Total
	38 respostas	23,2	36 respostas	22,0	23 respostas	14,0	32 respostas	19,5	35 respostas	21,3	164
Opções de lazer na cidade											
1 - Espaços privados de uso coletivo	20	18,5	23	21,3	17	15,7	22	20,4	26	24,1	108
2 - Espaços privados - casa de amigos e familiares	29	26,1	26	23,5	16	14,4	19	17,1	21	18,9	111
3 - Espaços livres públicos	21	24,4	24	27,9	12	14,0	13	15,1	16	18,6	86
4 - Zona rural e/ou áreas naturais	09	20,9	12	27,9	06	14,0	05	11,6	11	25,6	43
5- Espaços esportivos privados	11	26,8	06	14,6	04	9,8	05	12,2	15	36,6	41
6 - Espaços públicos fechados com restrições no uso	05	15,2	08	24,2	06	18,2	06	18,2	08	24,2	33
7 - Outros tipos	03	20	05	33,3	02	13,3	04	26,7	01	6,7	15

Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

*O questionário eletrônico permitia mais de uma resposta para as diferentes opções de lazer.

A partir desta tabela é possível inferir algumas constatações. Uma primeira, refere-se à expressiva quantidade de apontamentos considerando a frequência a espaços privados de uso coletivo (bares, restaurantes, cafés, shopping center etc.) e a outros espaços privados

residenciais (casas de amigos ou familiares) por pessoas de todas as faixas salariais mencionadas. Todavia, ao considerar as atividades de lazer predominantes nas duas primeiras faixas salariais (até 2 salários e de 2 a 4 salários mínimos), observa-se, também, a expressiva referência à utilização dos espaços livres públicos por parte dos respondentes dessas duas faixas de renda, com 21 (24,4%) e 24 (27,9%) apontamentos, respectivamente.

Ao analisar os segmentos com renda mais elevada, sobretudo de 6 a 10 salários mínimos e acima de 10 salários mínimos, que contam com um número de respondentes mais próximo dos dois segmentos supracitados, são predominantes as duas primeiras opções de lazer elencadas: frequência a espaços privados coletivos e à casa de amigos e parentes. Observa-se ainda, nestas faixas salariais, a utilização dos espaços livres públicos bem inferior.

Na faixa de renda mais alta, é representativa a diferença entre o número de pessoas que frequentam os espaços privados de uso coletivo em relação àqueles que utilizam os espaços livres públicos, são 26 respostas (24,1%) para o primeiro item (espaços privados de uso coletivo) e 16 (18,6%) para o segundo (espaços livres públicos).

Em relação às demais opções de lazer, percebe-se significativo equilíbrio entre os usuários de outros espaços públicos que apresentam algum tipo de restrição ao uso, como teatros e museus, por exemplo, em todas as faixas salariais.

A frequência a espaços privados esportivos, como as quadras, academias e/ou centros de ginástica é mais expressiva entre os respondentes dos dois grupos que se encontram nas faixas salariais mais opostas (acima de 10 salários mínimos e até 2 salários mínimos). É bastante expressiva na primeira faixa salarial mencionada, com 15 indicações (36,6%). A frequência à zona rural ou demais locais de contato direto com o ambiente natural foram indicadas em todas as faixas salariais de forma equilibrada, com números não muito representativos (máximo 12 apontamentos, 27,9%, na faixa de 2 a 4 salários mínimos), sendo pouco lembrada nas faixas de 4 a 6 salários mínimos e de 6 a 10 salários mínimos, com 6 e 5 indicações (14,0% e 11,6%), respectivamente.

Ao considerar as praças públicas como espaços livres relevantes no espaço intraurbano, fez-se necessário investigar se os participantes da pesquisa vão às praças, com qual(is) finalidade(s) e com que frequência. Nesse âmbito, 88 respondentes do questionário afirmaram não frequentar praças urbanas (54%), 69 vão frequentemente a esses espaços (42%), e sete responderam que vão às praças de forma esporádica (4%).

Na sequência, apresenta-se uma tabela que traz à tona a utilização das praças públicas e a relação com as diferentes faixas salariais dos respondentes da enquête. No que concerne a esse contexto, não foi possível enfatizar uma distinção muito representativa entre os

usuários e os não usuários de praças no interior de cada faixa salarial. Contudo, é visível uma quantidade ligeiramente superior das pessoas que não utilizam praças, praticamente em todas as faixas salariais levantadas, com exceção do grupo que ganha até 2 salários mínimos, onde é possível perceber um exato equilíbrio.

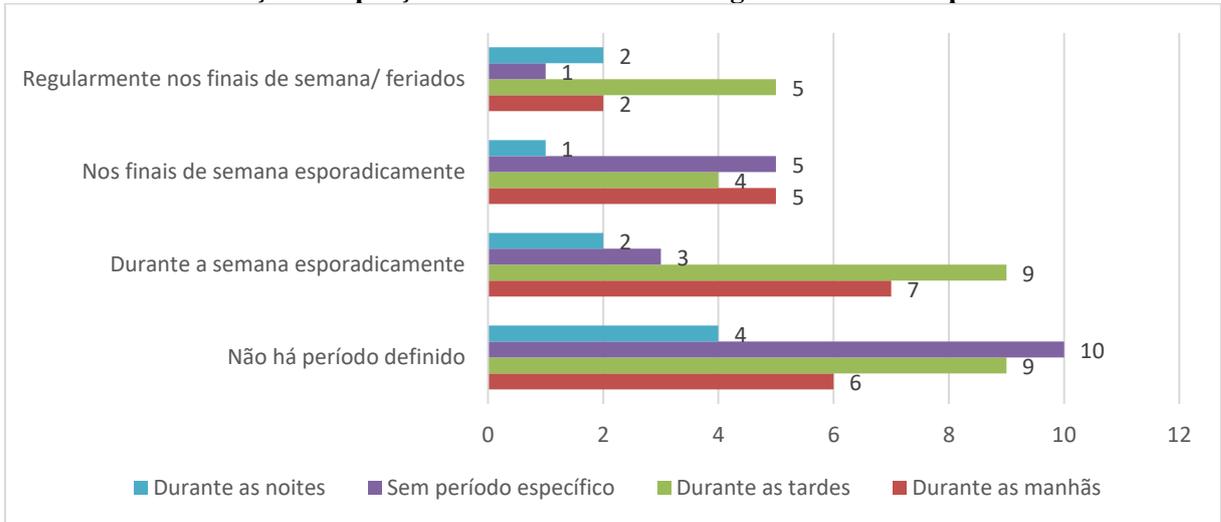
Tabela 7 – Relação entre as faixas salariais dos respondentes e a utilização de praças públicas na cidade de Uberlândia- 2021

	Até 2 salários mínimos	%	De 2 a 4 salários mínimos	%	De 4 a 6 salários mínimos	%	De 6 a 10 salários mínimos	%	Mais de 10 salários mínimos	%	Total
	38 respostas	23,2	36 respostas	22,0	23 respostas	14,0	32 respostas	19,5	35 respostas	21,3	164
Utiliza praças públicas	19	50	15	41,6	11	47,8	15	46,9	16	45,7	76
Não utiliza praças públicas	19	50	21	58,3	12	52,2	17	53,1	19	54,3	88

Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Em relação à frequência semanal nas praças, 75 pessoas destacaram utilizá-las. Verifica-se que 29 usuários (38,7%), consideraram não ter um período específico, seguido de pessoas que frequentam durante a semana esporadicamente com 21 respostas (28%), em seguida aqueles que vão em alguns finais de semana, 15 respostas (20%), e, por último, apareceram os respondentes que as utilizam regularmente nos finais de semana e feriados com 10 respostas (13,3%).

No que se refere ao período do dia de utilização das praças, 27 respostas (36%), indicam maior frequência no período da tarde e, de forma equilibrada, na sequência aparecem aqueles que utilizam no período da manhã e os que não possuem período específico, com 20 e 19 respostas (26,7% e 25,3%) respectivamente, de acordo com o gráfico a seguir.

Gráfico 13 – Utilização das praças semanalmente e ao longo dos diferentes períodos do dia- 2021

Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Dentre as pessoas que afirmaram serem usuários frequentes ou temporários de praças, alguns destacaram os nomes ou os bairros nos quais buscam por tais espaços públicos. Ao todo, 46 pessoas apresentaram os nomes das praças públicas utilizadas na cidade. Outras informaram que utilizam mais de uma praça, bem como houve àqueles que indicaram apenas o bairro onde se localizam os equipamentos públicos de lazer que frequentam. (Ver o Quadro 13, a seguir).

Quadro 13 - Praças lembradas pelos respondentes da enquete de opinião em Uberlândia - 2021

Praças	Bairro/Setor	Nº de respostas
1 – Sérgio Pacheco	Centro – S. Central	7
2 – Tubal Vilela	Centro – S. Central	7
3 – Clarinda de Freitas (Paris)	Roosevelt – S. Norte	6
4 – Said Chacur	Sta. Mônica – S. Leste	6
5 – Clarimundo Carneiro	Fundinho – S. Central	5
6 – * Praça do bairro planejado Granja Marileusa	Granja Marileusa – S. Leste	4
7 – Américo F. de Abreu	Sta. Mônica – S. Leste	3
8 – Alcides B. Oliveira	Sta. Mônica – S. Leste	2
9 – Sebastião J. Naves	Patrimônio – S. Sul	2
10 – N. Sra. Aparecida	N. Sra. Aparecida – S. Central	2
11 – Espir Adib Attuch	Sta. Mônica – S. Leste	1
12 – Geraldo T. Machado	Sta. Mônica – S. Leste	1
13 – Aparecido Alvares	Sta. Mônica – S. Leste	1
14 – Luiz Finotti	Sta. Mônica – S. Leste	1
15 - Meninos	Sta. Mônica – S. Leste	1
16 – Fausto Savastano	Segismundo Pereira – S. Leste	1
17 – Hélvio Cardoso	Segismundo Pereira – S. Leste	1
18 – Adolfo Fonseca	Fundinho – S. Central	1
19 – Ana Diniz	Brasil – S. Central	1
20 – Rubens P. Rezende	Saraiva – S. Sul	1
21 – Ney Hugo de Alencar	Saraiva – S. Sul	1
22 – Leopoldo de Melo	Jd. Karaíba – S. Sul	1
23 – Sebastião de Brito	Alto Umuarama – S. Leste	1
24 – Antônio Martins	Tocantins – S. Oeste	1
25 – Chico Mendes	Pacaembu – S. Norte	1
26 - *Bairro Altamira	Morada da Colina – S. Sul	2
27 - *Bairro Alto Umuarama	Alto Umuarama – S. Leste	2
28 - *Bairro N. Sra. Das Graças	N. Sra. Graças – S. Norte	1
29 - *Bairro Morumbi	Morumbi – S. Leste	1
30 - *Bairro Campo Alegre	São Jorge – S. Sul	1
31 - *Bairro Copacabana	Patrimônio – S. Sul	1
32 - *Bairro Morada da Colina	Morada da Colina – S. Sul	1
33 - *Bairro Segismundo Pereira	Segismundo Pereira – S. Leste	1
34 - *Bairro Brasil	Brasil – S. Central	1

*Incluem praças que não foram identificadas pelos nomes, mas apenas os bairros onde encontram-se localizadas.

Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Tendo como base essa listagem, observa-se o destaque para o uso de algumas das praças elencadas para a análise empírica realizada na Seção 5 ao longo da cidade. Entre as cinco mais lembradas, destacam-se as praças Sérgio Pacheco e Tubal Vilela, no centro da cidade com sete respostas; seguidas das praças Clarinda de Freitas no bairro Roosevelt e Said Chacur no bairro Santa Mônica, ambas com seis respostas; na sequência aparece a Praça Clarimundo Carneiro no bairro Fundinho, lembrada por cinco pessoas. Destas cinco listadas, as três

localizadas nos bairros Centro e Fundinho (Setor Central) e a do Roosevelt (Setor Norte) são alvo da observação empreendida nesta tese.

Outras também são destacadas como, por exemplo, as localizadas no bairro Santa Mônica no Setor Leste da cidade, entre essas a Praça Américo Ferreira de Abreu. Há que se reforçar que este é o local de moradia da maioria dos participantes do questionário. Destaca-se ainda, a “Praça do bairro Granja Marileusa”, localizada em um bairro planejado de alto padrão que não se configura como praça pública na listagem fornecida pela Prefeitura de Uberlândia, através da SEPLAN.

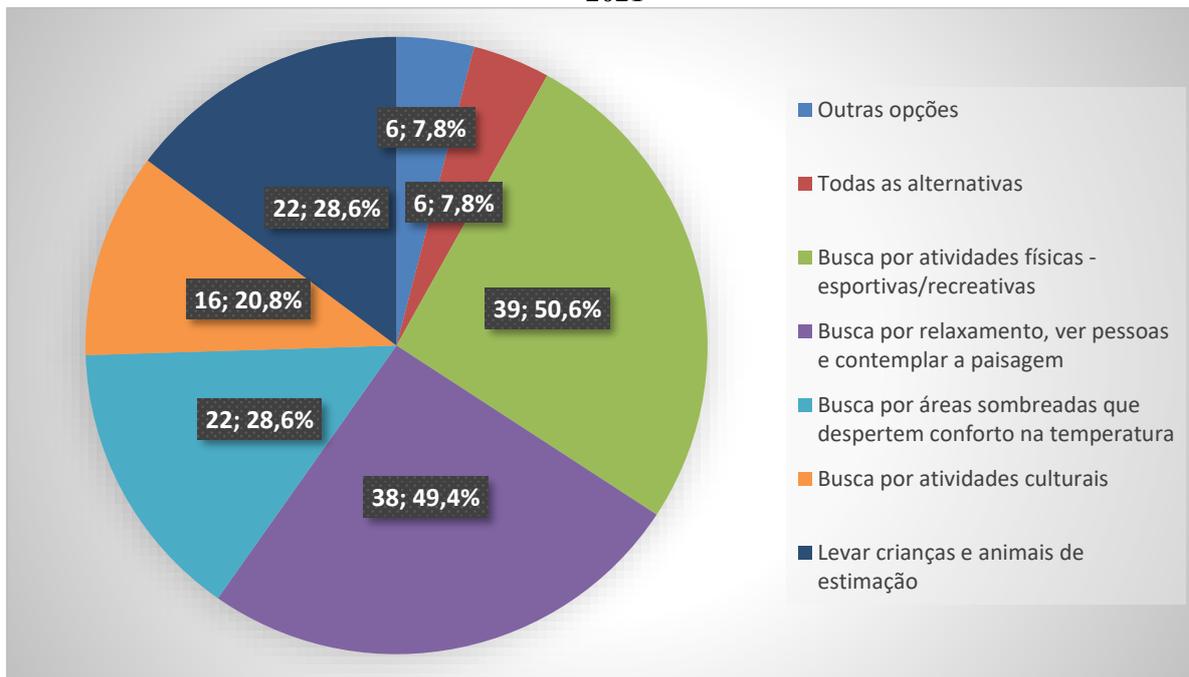
Chama-nos atenção, a ausência de frequentadores de praças que as utilizam no Setor Oeste da cidade. Apesar de 25 moradores do setor responderem ao questionário, apenas uma resposta mencionou a praça Antônio Martins, no bairro Tocantins. A praça é uma das poucas com infraestrutura implantada que conta com equipamento de lazer em uma região tão desprovida desses espaços públicos.

Ao levantar o número médio de horas que cada pessoa utiliza na visita às praças, obteve-se 74 respostas, sendo que a ampla maioria, o que corresponde a 69 respostas (93,2%) frequentam até duas horas no máximo. Observa-se que 45 respondentes (60,8%), destacaram até uma hora como tempo médio de permanência, seguido por 24 apontamentos (32,4%) que ficam entre uma e duas horas.

No intuito de verificar a motivação que leva as pessoas a utilizarem as praças da cidade, diferentes perspectivas são possíveis de elencar, entre estas destacam-se a busca por atividades físicas recreativas e esportivas; relaxamento e contemplação da paisagem; áreas sombreadas que apresentem temperaturas mais agradáveis; pelo interesse em atividades culturais e de interação entre as pessoas; levar crianças para brincar e/ou animais de estimação; entre outras opções.

Dentre os participantes que afirmaram utilizar as praças, obteve-se a participação de 77 respondentes que opinaram com mais de uma resposta. O destaque, de acordo com o Gráfico 15, fica por conta do interesse em atividades físicas, com 39 respostas (50,6%); seguido pela busca por relaxamento e contemplação da paisagem com 38 respostas (quase 50%); na sequência encontra-se de forma equilibrada a busca por áreas sombreadas e o interesse em levar crianças e animais de estimação (ambos com 28,6%).

Gráfico 14 – Motivações de uso das praças públicas pelos participantes da enquete de opinião - 2021

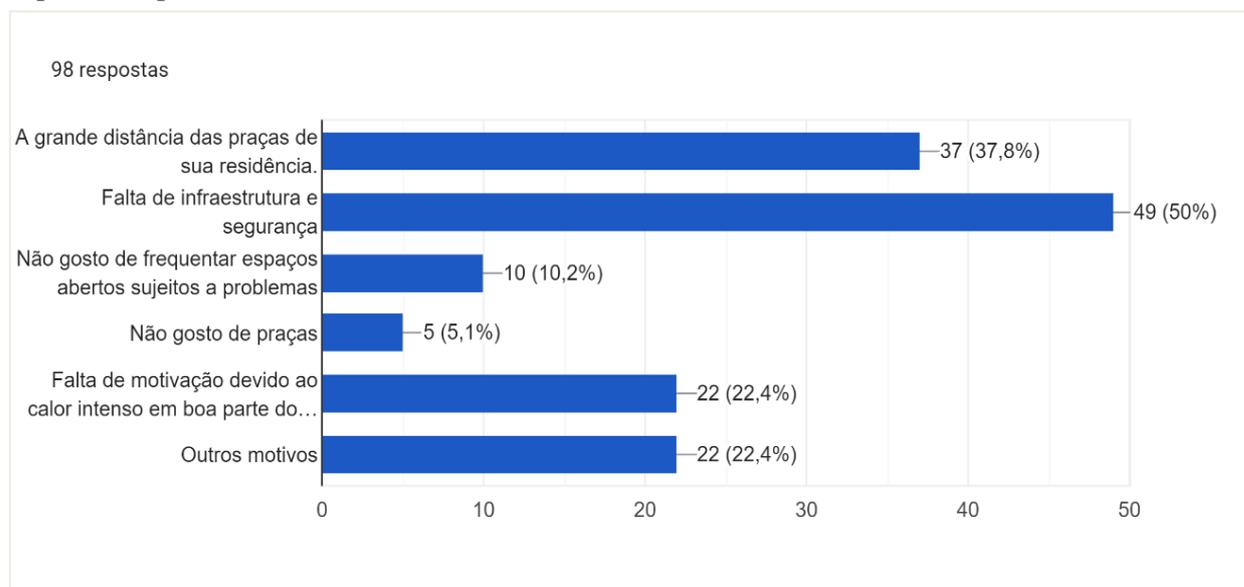


Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Diante dos dados apresentados, é pertinente ressaltar que as atividades desenvolvidas pelos diversos usuários das praças públicas correspondem exclusivamente a atividades livres, sejam elas esportivas, recreativas ou contemplativas, por exemplo. A utilização desses espaços públicos nesse viés, aproximam-se do contexto de revalorizar o uso do espaço no âmbito lefebvriano, como o lócus da reprodução das relações sociais, que embora marcado por relações de poder, grosso modo, pode ser mais voltado para o uso do que a troca.

Entre os participantes da enquete que não utilizam as praças públicas, 98 respostas apresentaram algumas prerrogativas que os impedem de utilizar esses espaços, com a possibilidade de considerar mais de uma alternativa. A falta de infraestrutura e de segurança e a grande distância em relação às residências dos respondentes, são apresentadas pela grande maioria, com 49 e 37 respostas (50% e 37,8%), respectivamente. Algumas opções também aparecem de forma menos expressivas, como a falta de motivação devido às altas temperaturas comuns ao longo do ano com 22 respostas (22,4%), o fato de não desejar frequentar espaços abertos sujeitos a problemas com 10 respostas (10,2%), ou simplesmente não gostar de praças, destacado por 5 respondentes (5,1%), sendo ainda verificados outros motivos diversos, 22 respostas (22,4%).

Gráfico 15 – Motivações para a não utilização das praças públicas por parte dos participantes da enquête de opinião - 2021

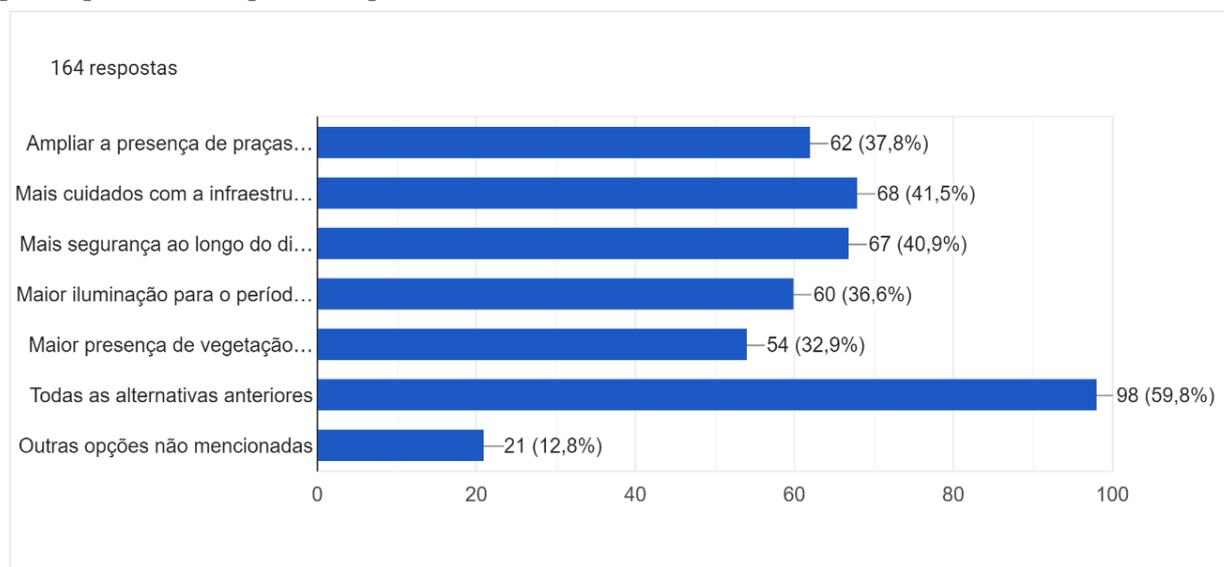


Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Ao retomar todos os participantes da enquête, tanto os que utilizam quanto aqueles que não fazem o uso das praças, destacam-se as principais formas de estimular e/ou aumentar a utilização desses espaços livres na cidade de Uberlândia. Nesse âmbito, é considerada a necessidade de ampliar a presença de praças com infraestrutura implantada nos diversos bairros; mais cuidados com a infraestrutura e limpeza; maior segurança para os usuários com patrulhamentos ou postos móveis da polícia militar; maior iluminação no período noturno; ampliação de áreas com vegetação dotadas de espécies de grande porte capazes de gerar sombreamento, bem como outras opções possíveis.

De uma forma geral, todas as alternativas mencionadas contam com grande adesão, acima de 54 respostas (33%), sendo relevante enfatizar que todas essas alternativas juntas compõem 98 respostas, representando aproximadamente 60% das opiniões, conforme verificasse a seguir.

Gráfico 16 – Aspectos que favorecem a melhor utilização das praças públicas segundo os participantes da enquete de opinião - 2021



Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Ao levar em conta os principais apontamentos apresentados nos dois últimos gráficos, evidencia-se a preocupação com a qualidade da infraestrutura e da segurança desses espaços públicos como fatores preponderantes para (re)aproximar mais pessoas, sobretudo, porque a maioria dos não usuários de praças identificam estes problemas de acordo com o Gráfico 15, lembrados por 49 pessoas. Ao mesmo tempo, um número expressivo e similar, acima de 60 respostas de acordo com o Gráfico 16, reforçam ser necessário ocorrer maior investimento em infraestrutura, segurança e iluminação para propiciar a maior utilização destas.

Na perspectiva de levantar a opinião dos respondentes da enquete acerca da importância e existência das praças, foi elencado um quadro que contempla as principais considerações apontadas, enfatizando as opiniões tanto dos que afirmaram ser usuários de praças, quanto daqueles que não usufruem desses espaços públicos.

Quadro 14 - Importância da existência das praças segundo os respondentes da enquete - 2021

Motivações apresentadas	Número de apontamentos
1 – Contato com a natureza no meio urbano; espaços verdes e redução de impactos ambientais; melhoria na temperatura e ventilação; respirar melhor em ambiente natural e qualidade de vida.	42
2 – Interações sociais; encontros e ver pessoas; convívio; socialização; encontros entre crianças e adultos; manifestações artísticas, políticas etc.	41
3 – Lazer ao ar livre no espaço público; espaço democrático de lazer; apropriação do espaço público democrático e gratuito; espaço de liberdade; lazer, atividades físicas e de recreação; caminhadas com pessoas e animais de estimação; piquenique; leituras; descansar a cabeça (relaxamento).	69
4 – Urbanizar os espaços e a cidade; embelezar o espaço urbano; quebrar a monotonia das construções.	07
5 – Comércio e realização de eventos	02

Fonte: Formulário *Google Forms*, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Distingue-se a priori, cinco agrupamentos de motivações, ambas a nosso ver se complementam e compõem um leque de opções possíveis que valorizam e resgatam a identidade dos espaços livres públicos das praças.

O primeiro item considera o contato com elementos naturais presentes no ambiente urbano, focando na ideia de ambiente natural que remeta à qualidade de vida, favoreça o conforto térmico e a redução de impactos ambientais. No tocante a este item, é perceptível a associação ao sombreamento presente nas praças, algo elementar por se tratar de uma cidade localizada em uma região que predominantemente apresenta altas temperaturas ao longo do ano e intensa escassez pluvial durante alguns meses do ano (final do outono, inverno e início da primavera). Nesse âmbito, a presença da vegetação é de suma importância para possibilitar a permanência de pessoas nas praças públicas.

O segundo item faz referência à possibilidade do contato entre pessoas, das interações sociais e demais formas de sociabilidade que se estabelecem nas praças públicas, considerando o contato corriqueiro do dia a dia, de crianças e pais em torno de equipamentos infantis, de manifestações culturais, artísticas etc. Nesse contexto, encontram-se presentes características que remetem à essência dos espaços públicos desde os períodos mais remotos, algo que com o passar do tempo foi se perdendo, como decorrência, por exemplo, do confinamento dos terrenos de sociabilidade conforme Gomes (2002) apresenta, onde os segmentos da sociedade tendem a ficar cada vez mais confinados em determinados grupos por afinidade e frequentar espaços de convívio específicos, comumente privados.

O terceiro item, que agrega o maior conjunto de menções por parte dos respondentes, compreende a utilização das praças com as diversas opções vinculadas ao lazer, passando pela prática de atividades físicas e de recreação, até as atividades contemplativas, como descanso, leituras, piquenique etc. O destaque em relação ao lazer corresponde à ideia de um espaço democrático, no qual seja possível exercer a liberdade, que seja acessível e gratuito. Nesse sentido, a praça se consolida como um espaço por excelência voltado para o lazer dos cidadãos, onde as atividades desenvolvidas encontram-se menos vinculadas à ideia do consumo do espaço enquanto mercadoria. Isso se aproxima da possibilidade de vivenciar práticas sociais que consideram o lazer como uma cultura no seu sentido amplo, praticada ou fruída no tempo disponível dos indivíduos conforme já fora ressaltado por Marcellino (1995).

Os demais itens aparecem de forma menos expressiva, sendo possível mencionar a ideia de conceber a praça como um espaço que embeleza a cidade ao quebrar a monotonia das áreas edificadas, e ainda de utilizá-las para o comércio e eventos abertos.

As características elencadas, deixam em evidência considerações que valorizam a existência das praças públicas e suas diversas formas de apropriação no espaço urbano de Uberlândia. Isso contempla inclusive, a opinião de respondentes da enquete que não são usuários de praças.

No intuito de complementar o entendimento do papel das praças como expoentes do lazer e da qualidade de vida no espaço urbano, destacam-se as praças escolhidas para a análise empírica *in loco* (realizada na próxima Seção), que tem como objetivo observar as características geográficas locais, a estrutura física, ambiental e as formas de apropriação e consumo das mesmas. Para isso, foram estudadas onze praças distribuídas nos diferentes setores territoriais da malha urbana.

A ideia inicial foi manter um padrão de duas em cada um dos Setores da cidade (Norte, Sul, Leste e Oeste), com exceção do Setor Central que, devido à sua importância na dinâmica urbana ao longo do tempo, especificamente ao considerar os bairros Centro e Fundinho, optou-se por analisar três praças, com base na significância das mesmas no cotidiano e na história urbana de Uberlândia.

A escolha das praças apresenta, basicamente, como critério a presença de equipamentos de recreação, de lazer e de cultura. Além das três praças do Setor Central que recebem grande fluxo de transeuntes de várias partes da cidade, as demais espalhadas pelos outros quatro setores incluem características diversificadas, tanto nas formas, na estrutura (qualidade e quantidade de mobiliário e equipamentos de lazer), na disposição da vegetação, quanto na localização, ora em bairros mais nobres, ora em bairros periféricos ou populares etc.

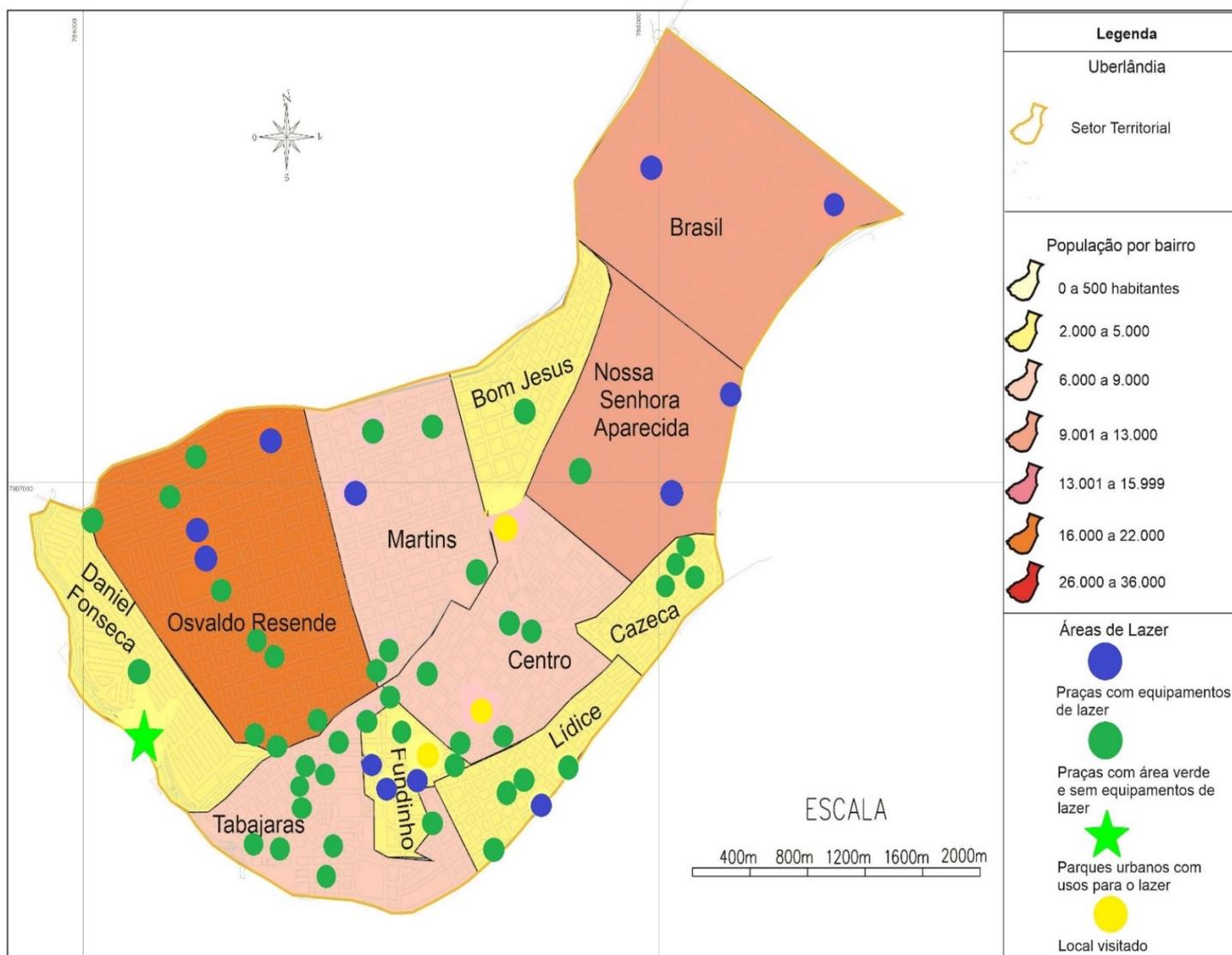
Nesse sentido, são apresentadas as praças Sérgio Pacheco e Tubal Vilela (Centro) e Clarimundo Carneiro (Fundinho), ambas no Setor Central; no Setor Norte as praças Chico Mendes no Pacaembu, e Clarinda de Freitas, no Roosevelt; no Setor Sul as praças José Motta, no Morada da Colina, e Maria Preta, no São Jorge; no Setor Leste as praças Américo Ferreira Abreu, no Santa Mônica, e a Jacaré no Novo Mundo; no Setor Oeste as praças Dr. Walter Luiz Manhães, no Luizote de Freitas, e Leopoldo Ferreira Goulart, no Canaã.

A seguir, encontram-se cinco mapas que correspondem à área urbana de cada um dos cinco setores territoriais que compõem a cidade de Uberlândia. Em cada setor localiza-se a totalidade das praças, as detentoras de equipamentos de lazer e entre estas últimas, aquelas escolhidas para a análise empírica. Estão presentes ainda, os parques urbanos disponíveis para o lazer, e o número de pessoas residentes em cada um dos bairros que compõem os respectivos setores, considerando as informações fornecidas pelo último recenseamento oficial realizado pelo IBGE em 2010 organizadas pela SEPLAN.

No Setor Central (Mapa 4), destaca-se a presença das 59 praças já mencionadas, distinguindo as quatorze que contam com equipamentos de lazer, sendo que três dessas praças são visitadas, duas no Centro e uma no bairro histórico Fundinho. É importante frisar que as praças em destaque são as mais centralizadas, amplas e recebem o maior fluxo de transeuntes na cidade. O parque urbano em destaque no mapa compreende o parque linear do Rio Uberabinha, que oficialmente faz parte de um bairro do Setor Oeste, limítrofe a essa área.

Apesar do setor ser plenamente dotado de infraestrutura, não há a presença de muitos bairros populosos, sendo destaque o Oswaldo Rezende com uma população um pouco superior aos 18.000 habitantes no último recenseamento oficial de 2010, justamente onde se encontra uma maior concentração de praças, onze ao todo. Outros dois bairros (Brasil e N. Sra. Aparecida) apresentavam população superior aos 13.000 habitantes, juntos possuem cinco praças. O Centro que possui duas das praças mais importantes da cidade, em 2010 contava com aproximadamente 7.200 habitantes.

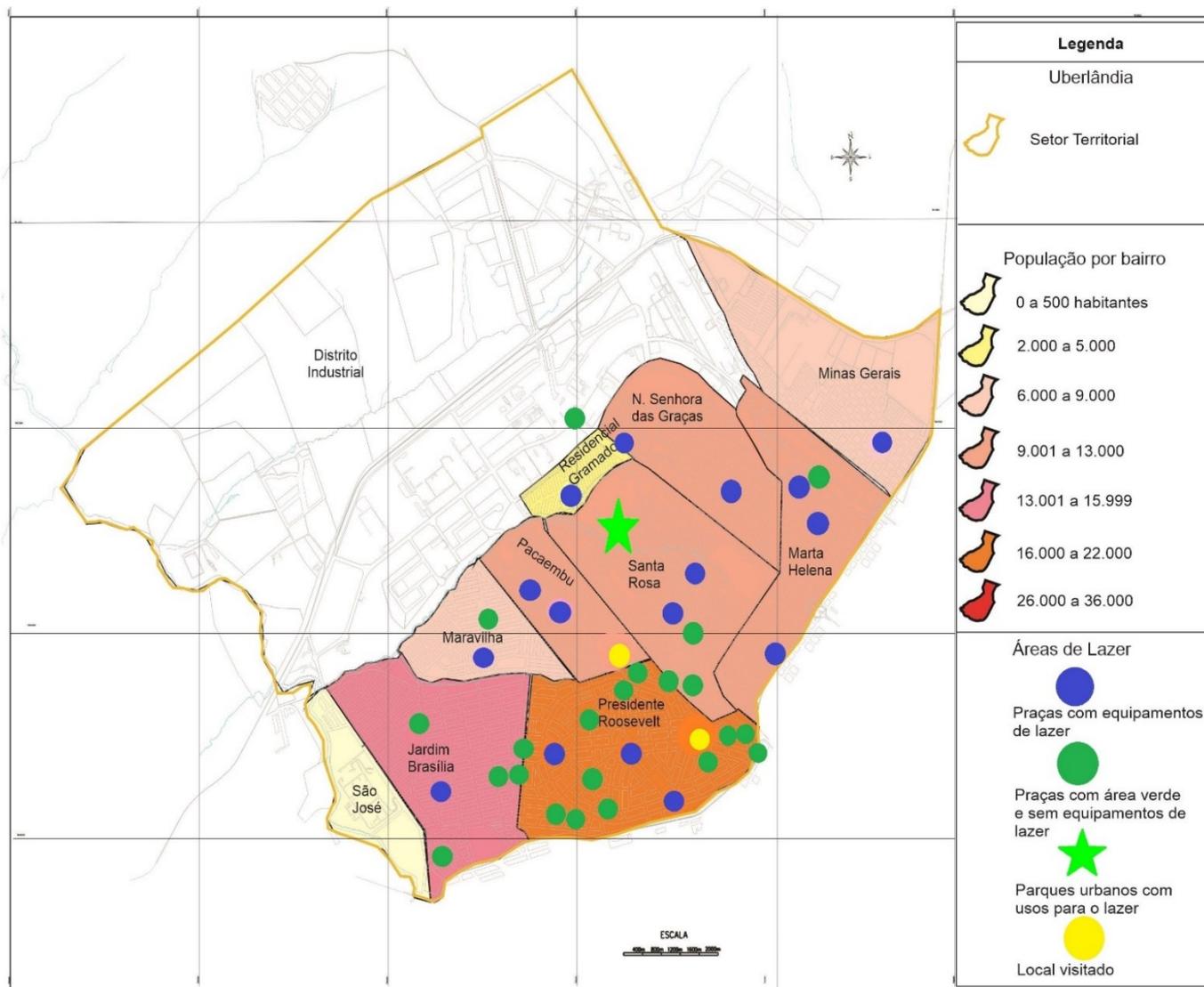
MAPA 4 – UBERLÂNDIA: ESPACIALIZAÇÃO DAS PRAÇAS DO SETOR CENTRAL E POPULAÇÃO DOS BAIRROS COM BASE NO CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia – SEPLAN. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O Setor Norte (Mapa 5), apresenta 40 praças oficialmente, sendo que dezoito contemplam equipamentos de lazer. As praças analisadas, em destaque no mapa na cor amarela, estão localizadas nos bairros Roosevelt e Pacaembu. O primeiro, contemplava o maior número de habitantes do setor em 2010, um pouco acima dos 21.200 habitantes, com a presença mais expressiva de praças. O segundo, o Pacaembu, concentrava uma população entre 13.000 e 16.000 habitantes de acordo com o último recenseamento oficial citado.

MAPA 5 – UBERLÂNDIA: ESPACIALIZAÇÃO DAS PRAÇAS DO SETOR NORTE E POPULAÇÃO DOS BAIRROS COM BASE NO CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010



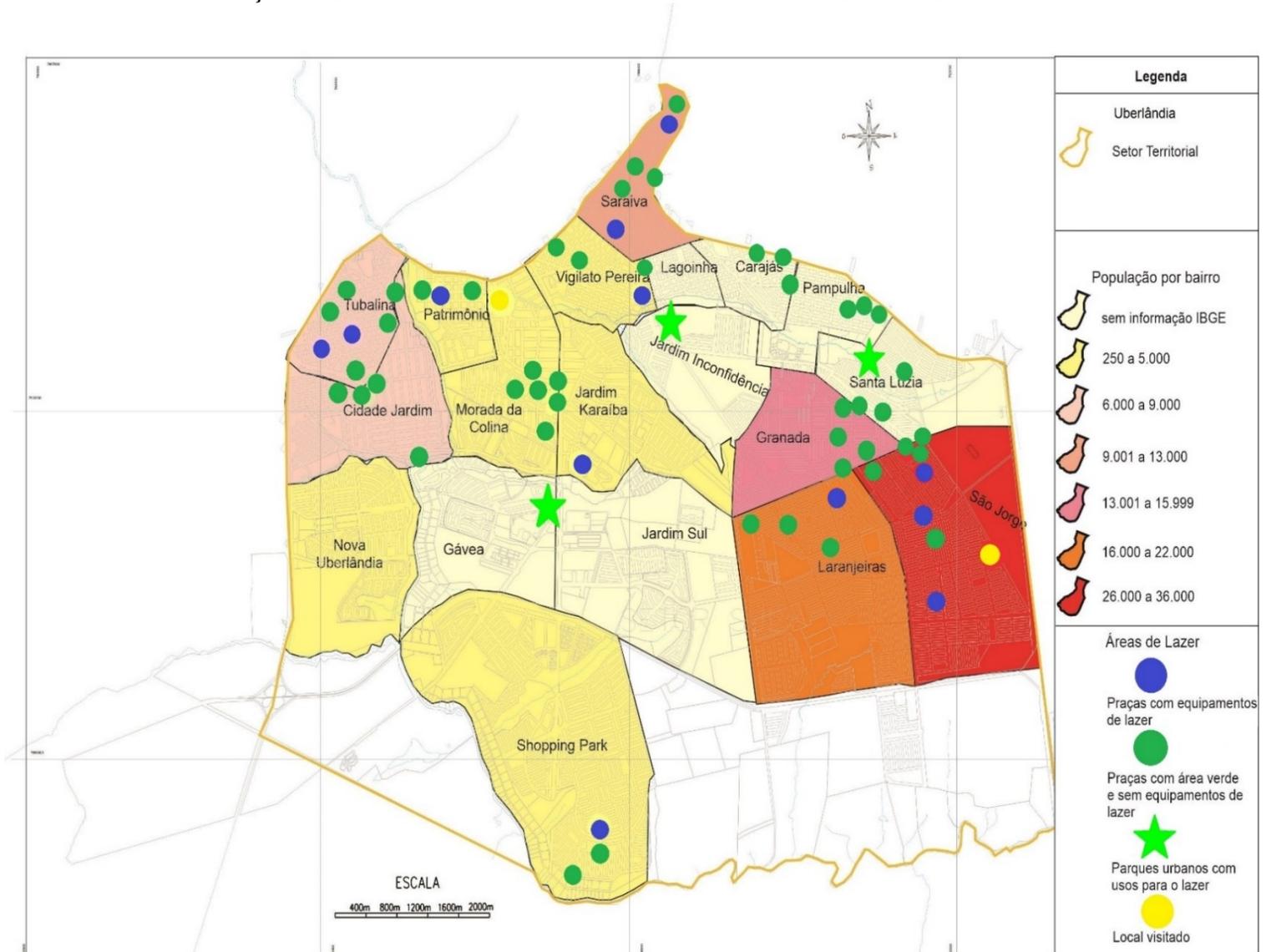
Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia – SEPLAN. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O Setor Sul (Mapa 6) totaliza 61 praças, com quatorze delas detentoras de equipamentos de lazer, as duas que serão abordadas encontram-se, respectivamente, uma no bairro Morada da Colina e a outra no São Jorge. Este último, totalizava a maior população do setor, com pouco mais de 26.500 habitantes de acordo com o recenseamento de 2010. É importante destacar que em anos mais recentes inúmeros loteamentos e áreas de ocupação se expandem na borda desse bairro, o que possibilita inferir que exista uma população consideravelmente superior em quantidade de habitantes atualmente.

Existem bairros presentes no setor que não contemplam informações específicas acerca de sua distribuição populacional, alguns por divergência entre as informações levantadas

pelo IBGE e pela distribuição dos bairros integrados realizada pela SEPLAN (como os bairros Lagoinha e Pampulha, por exemplo), bem como pela presença de loteamentos e condomínios implantados mais recentemente.

MAPA 6 – UBERLÂNDIA: ESPACIALIZAÇÃO DAS PRAÇAS DO SETOR SUL E POPULAÇÃO DOS BAIRROS COM BASE NO CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010

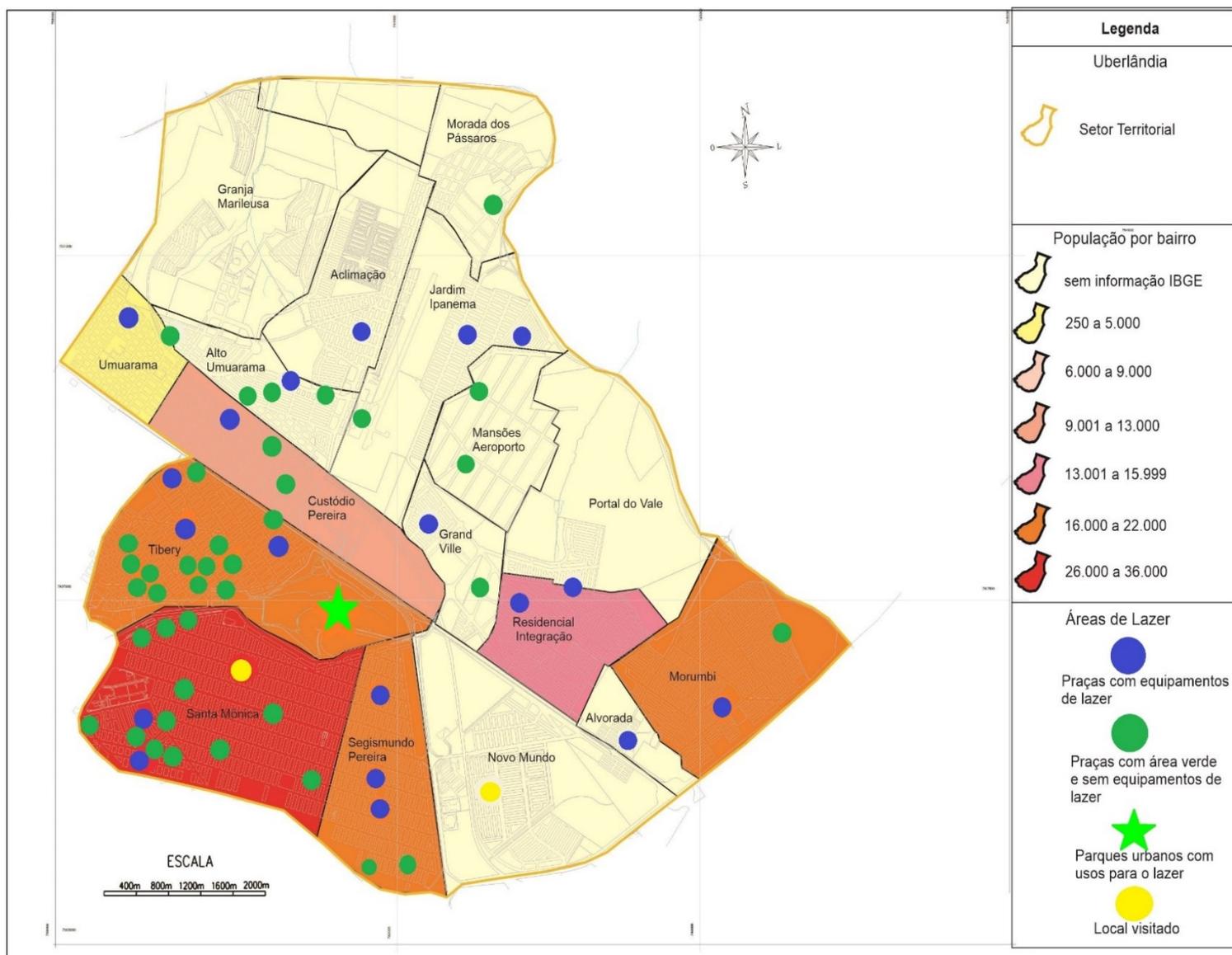


Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia – SEPLAN. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O Setor Leste (Mapa 7) possui 60 praças, em 21 delas existe algum tipo de equipamento de lazer. As duas praças abordadas (Américo F. de Abreu e Jacaré) estão nos bairros Santa Mônica e Novo Mundo. No que se refere à distribuição da população, grande parte dos bairros não contemplam informações sobre o número de habitantes presentes. O destaque corresponde ao Santa Mônica, o mais populoso da cidade com aproximadamente

36.000 habitantes, seguido dos bairros Tibery (18.631 hab.), Segismundo Pereira (18.537) e Morumbi (18.004) segundo o recenseamento de 2010. O último citado (Morumbi), possui oficialmente apenas duas praças em sua extensão.

MAPA 7 – UBERLÂNDIA: ESPACIALIZAÇÃO DAS PRAÇAS DO SETOR LESTE E POPULAÇÃO DOS BAIRROS COM BASE NO CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010

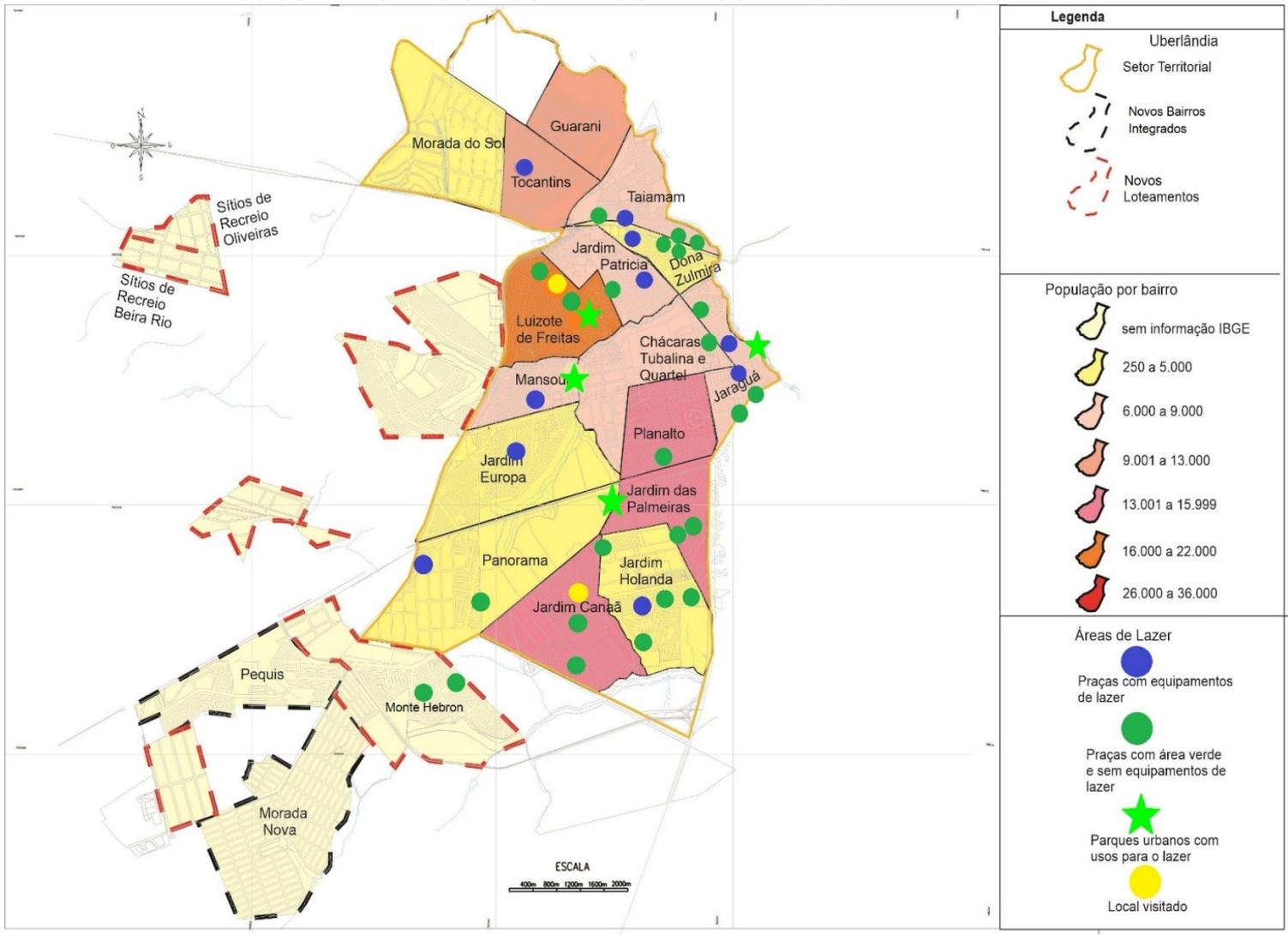


Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia – SEPLAN. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O Setor Oeste (Mapa 8) conta com 36 praças oficialmente mencionadas, sendo que doze delas possuem equipamentos de lazer. As duas analisadas (Dr. Walter L. Manhães e Leopoldo F. Goulart) encontram-se em destaque nos bairros Luizote de Freitas e Canaã. Em

relação à distribuição populacional, o primeiro dos bairros elencados concentrava o maior quantitativo, com pouco mais de 19.000 habitantes em 2010. Outros três bairros, Planalto, Canaã e Jardim das Palmeiras, apresentaram um contingente populacional expressivo, variando entre 13.000 e 16.000 habitantes. Nesse âmbito, os bairros do setor em destaque representaram em sua totalidade a maior concentração populacional da malha urbana da cidade, sendo pertinente apontar a presença de novos loteamentos populares nas suas extremidades que não foram considerados no último recenseamento de 2010. Ao mesmo tempo, em uma das extremidades na periferia do setor localiza-se o bairro Morada do Sol, que constitui um loteamento fechado de alto padrão com uma população de apenas 486 habitantes em 2010.

MAPA 8 – ESPACIALIZAÇÃO DAS PRAÇAS DO SETOR OESTE E POPULAÇÃO DOS BAIROS COM BASE NO CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010



Fonte: Prefeitura Municipal de Uberlândia – SEPLAN. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Ao observar a distribuição das praças no Setor Central, é possível destacar a presença dessas em todos os bairros integrados que compõem o setor, com destaque em número de praças para os bairros Tabajaras e Oswaldo Rezende. No entanto, verifica-se a distribuição de inúmeras pequenas praças, sendo que muitas nesses dois bairros, sobretudo, correspondem a pequenas rotatórias gramadas e arborizadas. As praças com equipamentos de lazer e cultura encontram-se mais distribuídas, com destaque para os bairros Centro, Fundinho, Brasil e Oswaldo Resende. As praças Clarimundo Carneiro, Tubal Vilela e Sérgio Pacheco constituem-se em referência na paisagem urbana da área central e da cidade como um todo e, especificamente, a última delas contempla amplo espaço físico dotado de equipamentos voltados para o lazer.

O Setor Norte não apresenta grande fragmentação em sua malha urbana, sobretudo, porque o Distrito Industrial está localizado na franja periférica do setor, ocupando toda porção norte nas proximidades do anel viário (Norte) e da ligação com importantes rodovias (BR 365 e 050). As praças aparecem distribuídas nos diferentes bairros, com a presença de várias delas com equipamentos de lazer, sendo o maior destaque para o bairro Roosevelt, conforme destacado, com quinze praças. Entre estas, uma das elencadas para a análise empírica, a praça Clarinda de Freitas que possui uma variedade de equipamentos de lazer.

O Setor Sul, apresenta maior concentração de praças em bairros mais próximos da área central, destaque para o bairro Morada da Colina, por exemplo. O setor conta com vários condomínios fechados e grandes vazios urbanos com lotes disponíveis em seu interior, além de bairros periféricos habitados por população de baixa renda em suas extremidades, corroborando no que já fora mencionado, onde é possível denotar a ausência de praças em muitos desses bairros.

O Setor Leste concentra a maioria das praças entre os bairros Santa Mônica e Tibery. As praças que especificamente contemplam algum tipo de equipamento de lazer estão presentes ao longo do setor. Uma vasta área corresponde ao Parque do Sabiá, localizado entre os dois bairros citados acima. Destaca-se, também a localização do Aeroporto de Uberlândia – Terminal Cel. Aviador César Bombonato que, em suas proximidades encontram-se alguns bairros planejados e loteamentos voltados para um segmento mais elitizado (Granja Marileusa etc.). Também são presentes, inúmeros bairros populares e áreas de ocupações/assentamentos urbanos na franja periférica.

O Setor Oeste apresenta a distribuição das praças relativamente equilibrada entre alguns bairros mais próximos de outros do Setor Central, como no bairro Jaraguá, por exemplo. Por outro lado, existem muitos loteamentos novos e periféricos, com grande número de praças que correspondem a terrenos abertos sem infraestrutura plenamente implantada, como no bairro Jardim Holanda, onde existem cinco praças nessa situação. Outros inúmeros novos loteamentos periféricos não possuem nenhuma praça oficialmente, a exemplo dos bairros Pequis e Morada Nova, ambos localizados em áreas de recente expansão do perímetro urbano. Embora seja um setor da cidade com baixa quantidade de praças, contempla os parques urbanos da Juventude, Luizote de Freitas, Linear do Rio Uberabinha e Linear do Córrego do Óleo, disponíveis para o lazer e próximos ao leito de rios, córregos e nascentes.

Na próxima Seção será abordada a observação e a análise a partir da pesquisa de campo nas praças públicas mencionadas, no intuito de verificar a estrutura presente e as suas formas de uso e apropriação dos espaços.



Praça Américo Ferreira de Abreu (Setor Leste), Uberlândia (MG), 2021.

**ESPAÇOS LIVRES: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DAS PRAÇAS
PÚBLICAS EM UBERLÂNDIA**

5 – ESPAÇOS LIVRES: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DAS PRAÇAS PÚBLICAS EM UBERLÂNDIA

Neste momento inicia-se a observação das praças escolhidas para a análise empírica na cidade de Uberlândia, no intuito de destacar a estrutura física e suas condições de uso (mobiliário e equipamentos), o conforto ambiental, a presença de pessoas e as possíveis formas de utilização desses espaços livres de lazer.

5.1 – As Praças do Setor Central

Parte-se de algumas hipóteses em relação ao contexto das praças públicas encontradas na cidade. Cabe destacar que dentre as praças elencadas, estão presentes as praças centrais que certamente apresentam características muito específicas em relação às demais, isso inclui o período histórico e o propósito político de suas instalações, as modificações sofridas em seu paisagismo e em sua estrutura ao longo do tempo, as diferentes formas de consumo etc.

De antemão, cabe ressaltar que tais praças representam espaços de passagem e parada esporádica de pessoas que habitam diferentes bairros da cidade, já que se localizam na área de maior centralidade do tecido urbano e atraem pessoas com diferentes motivações. Durante o dia, o grande fluxo de pessoas está atrelado, também, pelo sombreamento proporcionado pela arborização presente, o que atrai moradores das imediações à área central e de outros bairros (exemplo das três praças escolhidas no Setor Central: Sérgio Pacheco, Tubal Vilela e Clarimundo Carneiro).

Um segundo agrupamento de praças, inclui a proximidade de bairros de classe média, ou seja, são áreas que não apresentam grande distância do Setor Central, geralmente providas de equipamentos e serviços públicos e privados (incluindo variadas opções de lazer). São praças possuidoras de equipamentos e áreas com vegetação, que atraem usuários mais próximos do entorno destas, em busca de esportes ao ar livre e de playground para as crianças (exemplo da praça José Motta, no bairro Morada da Colina – Setor Sul).

O outro agrupamento compreende as praças localizadas na periferia urbana, em bairros distantes em relação ao centro principal e suas imediações. Os bairros ou loteamentos socialmente periféricos, que são áreas ocupadas por população de baixa renda e habitações populares, apresentam carência de outros serviços e equipamentos especializados, com traços de exclusão social e segregação espacial. Muitos habitantes do entorno dessas praças utilizam-nas como únicas opções de lazer presentes, sobretudo para as crianças (exemplo da praça Maria Preta no bairro São Jorge - Setor Sul).

Por outro lado, existem as praças localizadas em bairros distantes da área central que não são socialmente periféricos. Nesse caso, elenca-se uma praça planejada, concebida e implantada por loteadores responsáveis pela instalação de bairros que atendem a um segmento social mais elitizado, que busca esses novos espaços exclusivos. Tal modelo de praça pode ser utilizado pelos moradores e famílias que residem no entorno desses empreendimentos, mesmo quando tais moradores apresentam condições plenas de buscar espaços e opções de lazer em outras partes da cidade (exemplo da Praça do Jacaré, no bairro Novo Mundo – Setor Leste).

Foram escolhidas para a análise, inicialmente, as três praças do Setor Central, o que corresponde a 5% do total de praças das 59 praças existentes no referido setor. As praças escolhidas são referência na paisagem, na história e na composição das formas urbanas, são muito conhecidas pelas pessoas residentes na cidade. Embora esse setor possua um número de praças similar a outros também abordados, a escolha delas deve-se ao fato de que elas são referenciais urbanos na área central, não sendo possível negligenciar nenhuma delas quando se pensa em investigar os espaços livres das praças públicas de Uberlândia. Para efeito dessa análise foram escolhidas as praças Sérgio Pacheco, Tubal Vilela e Clarimundo Carneiro, já mencionadas anteriormente.

A Praça Sérgio Pacheco é a mais nova das três. Inaugurada na década de 1970, constitui um espaço amplamente propício à recreação e ao lazer, com área com vegetação, equipamentos esportivos e programação cultural que eventualmente a integra. Sua implantação³⁷ esteve associada a inúmeras disputas políticas, em âmbito municipal, que

³⁷ Já existia nesse período uma primeira proposta de implantação da praça, conhecida como “Anti-projeto” ou Plano de Urbanização, a partir de estudo de autoria do arquiteto João Jorge Cury, um dos precursores da arquitetura moderna no Triângulo Mineiro em parceria com outros profissionais da arquitetura e engenharia, o que fora pensado em meio ao debate de transferência da estação ferroviária. A segunda proposta corresponde a um projeto instituído na gestão do então prefeito Virgílio Galassi, no início da década de 1970, com o trabalho conhecido como “Planejamento da Praça Sérgio Pacheco e Localização da Nova Estação Rodoviária de Uberlândia”, elaborada por uma equipe de profissionais arquitetos, entre eles Arlen José Simão, Elifas Lopes Martins e Paulo de Freitas, além de engenheiros locais, indicados pela sociedade da classe e contratados pela Prefeitura Municipal. As obras tiveram início entre 1971 e 1972 e foram interrompidas em 1973, quando a gestão municipal passa para o comando de Renato de Freitas, que não mantém o projeto original. Nesse sentido, o então prefeito encaminha projeto à câmara municipal que é aprovado e encomenda um novo estudo para reelaborar o projeto anterior, visando deslocar a localização da rodoviária e remodelar a estrutura da praça. Para isso, encaminha-se os serviços do arquiteto Ary Garcia Roza e do famoso paisagista Roberto Burle Marx, com forte influência do debate empreendido pelo Congresso Internacional de Arquitetura Moderna de 1951. (PAIVA e CAPPELLO, 2011). A Praça Cívica proposta por Garcia Roza e Burle Marx, como nos outros projetos anteriores, previa o deslocamento do centro político administrativo (executivo, legislativo e judiciário) para a área em questão aliado a uma grande área de recreação que garantiria uma nova estrutura urbana e englobaria, além do lazer contemplativo, o lazer ativo de seus usuários (FONSECA, 2007 e PAIVA e CAPPELLO, 2011).

incluíam projetos que contaram com a contratação de arquitetos e paisagistas variados e renomados. Há que se referenciar que a praça é composta por partes dos projetos elaborados, com alternância na escolha, devido a divergências entre a sucessão dos gestores municipais, fato este que merece uma melhor contextualização.

A área onde a praça está localizada, foi pátio ferroviário da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro. Em meados da década de 1960, ocorreu a desapropriação do referido pátio e os terrenos foram cedidos ao poder público, na condição de que o lugar fosse utilizado com a finalidade de servir para fins cívicos ou sociais, prevendo a instalação de futura praça que concentrasse a sede dos poderes municipais (FONSECA, 2007).

A praça foi inaugurada em 1976, no final da gestão de Renato de Freitas, com apenas a área recreativa instalada, sem os demais equipamentos planejados, como restaurante e o aquário previstos e projetados por Garcia Rosa e Burle Marx. No ano seguinte, em 1977, retorna à prefeitura o ex-prefeito Virgílio Galassi, que não mantém a continuidade do projeto da praça recém-inaugurada. Assim, institui,

(...) o denominado “aperfeiçoamento reformulador” da praça (que) desfigura por completo o projeto de Garcia Roza e Burle Marx. Os canteiros de proteção elevados foram rebaixados, o espelho d’água aterrado, as espécies ornamentais substituídas, a estufa de plantas foi abaixo e os viadutos do projeto da equipe local construídos retalhando toda a praça através da conexão das avenidas. O teatro de arena se desconectou do restante da praça tornando-se uma ilha cercada por avenidas de tráfego intenso. Na década de 1990, contrariando todo o discurso empreendido por Garcia Roza e Burle Marx, o Terminal Central de ônibus, destinado à integração do sistema coletivo de transporte urbano, foi construído ao lado do edifício do fórum. (PAIVA e CAPPELLO, 2011, p.31).

Em meio a esse histórico, que marcou os diferentes projetos de implantação da praça Sérgio Pacheco, é possível destacar que não houve a concentração dos poderes executivo e legislativo em seu entorno e que hoje a praça é dividida em três partes: uma área maior com ampla área com vegetação e equipamentos de lazer; uma segunda parte isolada entre avenidas movimentadas, com a presença do teatro de arena; e uma terceira parte defronte o Terminal Central de Ônibus intraurbano, que serve de estacionamento para os ônibus, além de área de embarque para alguns municípios vizinhos.

Apresenta-se a seguir, um mosaico de imagens (Figura 8) coletadas na pesquisa de campo na primeira das três praças citadas, a “Sérgio Pacheco”, que permite visualizar sua estrutura, mobiliário, equipamentos de lazer, paisagismo e arborização.

Figura 8 - Mosaico de imagens da Praça Sérgio Pacheco - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

As imagens selecionadas apresentam importantes características da estrutura da Praça Sérgio Pacheco, ao considerar o desenho dos caminhos internos, o material utilizado e o seu estado de conservação, a presença da vegetação com ampla área gramada e arborizada, incluindo árvores de grande porte, o mobiliário presente (bancos, lixeiras e iluminação, por exemplo), uma casa de madeira, o teatro de arena e demais equipamentos de esporte e lazer

(com destaque para quadras de cimento e playground). A praça contempla alguns itens em melhor estado de conservação e outros que necessitam de grandes reparos.

A seguir apresenta-se um quadro que enfatiza a descrição da estrutura do mobiliário e sua quantidade, os espaços internos, os equipamentos de lazer e as áreas com vegetação existentes. Esta análise foi adaptada da proposta apresentada por De Angelis et al. (2005), e será aplicada às demais praças investigadas. A avaliação desses componentes existentes nas praças é representada por 23 itens: bancos, iluminação, lixeiras, sanitários, bebedouros, telefones públicos, caminhos internos, presença de palco, monumentos, espelhos d'água, estacionamentos, pontos de ônibus, de taxi, quadras, equipamentos para exercícios físicos, equipamentos para idosos (3ª idade), parque infantil, bancas de revista, quiosques de alimentação, edificação institucional, templo religioso, área com vegetação e outros.

Quadro 15 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça Sérgio Pacheco, bairro Centro -Setor Central, 2021

Forma da Praça:	Forma geométrica não definida: dividida em três partes irregulares			
Equipamentos e Mobiliário:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - Quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		22	Concreto
2 - Iluminação: (x)- alta / (x) - baixa:	x		133	Pontos de iluminação
3 - Lixeiras:	x		32	
4 - Sanitários:	x		2	1 (M); 1 (F)
5 - Telefone Público:		x		
6 - Bebedouros:	x		3	Torneiras
7 - Caminhos internos:	x			concreto, pedra macaquinho e asfalto
8 - Palco/Coreto:	x		1	teatro de arena
9 - (x)Monumento/() Estátua ou () Busto	x		1	Escultura
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz		x		
11 – Estacionamento	x		4	2 de carros, 1 de ônibus e 1 do clube dos motociclistas
12 - Ponto de Ônibus	x		3	2 intramunicipal; 1 intermunicipal
13 - Ponto de Taxi		x		
14 - Quadra esportiva	x		2	Poliesportiva
15 - Espaço para a prática de exercícios físicos	x		2	equipamentos de musculação em concreto e ferro e academia ao ar livre
16 - Espaço para a 3ª idade	x		2	1 conjunto com cinco mesas de jogos e academia ao ar livre
17 - Parque infantil - equipamentos:	x		1	Playground completo (escorregador, balanços, trepa-trepa, ponte e gira a gira)
18 - Banca de revista:	x		1	
19 - Quiosque de alimentação:	x		5	Venda de lanches e sorvetes
20 - Edificação institucional:	x		1	Junta Militar
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramado e pequeno porte; (x)arbustiva; (x) grande porte.	x			Área gramada com floreiras, coqueiros, alguns arbustos e árvores de grande porte.
23 - Outros:	x		2	Casa de Madeira ("Casa do Papai Noel") cedida ao clube de Xadrez e pista de patinação.

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.
Adaptação de De Angelis et al. (2005).

A partir das informações presentes no Quadro 15, contempla-se 23 itens, conforme salientado. Observa-se que a Praça Sérgio Pacheco possui a maioria deles, com exceção de pontos de táxi, chafariz, espelhos d'água e telefones públicos, estes últimos praticamente obsoletos atualmente ao longo das cidades. Existe uma ampla presença de alguns itens básicos do mobiliário, como bancos de concreto (em diferentes tamanhos e estado de conservação), lixeiras e pontos de luz, tanto em postes altos quanto em postes baixos ou mesmo nas árvores, sendo importante destacar a necessidade de uma iluminação consistente devido à sua extensão e sua arborização.

Observou-se a presença de um sanitário masculino e outro feminino com conservação e limpeza parcial. Do lado deles existem algumas torneiras utilizadas como bebedouro, sendo que uma delas está desativada. Os caminhos internos calçados, que incluem a pista de caminhada e os espaços centrais nos trechos separados por avenidas, apresentam-se em estado regular, com a presença de concreto, pedra portuguesa/ “macaquinho” e asfalto. Em algumas partes específicas, a superfície está deteriorada, o que prejudica a locomoção dos transeuntes pelo local. Isso inclui ainda as rampas de acesso para cadeirantes, que não estão em bom estado de conservação e falta de sinalização.

Figura 9 – Vista parcial das torneiras (bebedouros) e dos caminhos internos da Praça Sérgio Pacheco - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

A referência dessa praça corresponde aos espaços e equipamentos de lazer, esporte e cultura mencionados, com destaque para as duas quadras poliesportivas que carecem de reforma. A praça contém ainda área de musculação e de ginástica ao ar livre, uma casa na qual funciona o “Clube de Xadrez” da cidade, o parque infantil amplo de madeira e metal, além do

teatro de arena que compreende uma construção isolada em um trecho mais curto da praça. Esta parte da praça fica entre as avenidas João Pessoa e Cipriano Del Fávoro, carecendo, também de reforma e cuidados com a limpeza do local.

Ainda é possível mencionar a presença de alguns quiosques de lanches, revistaria, pontos de ônibus no entorno da praça e um prédio institucional no qual funciona uma junta do exército brasileiro para atender ao alistamento do serviço militar. Neste último prédio, funcionava, anteriormente, uma central da polícia militar que foi desativada, o patrulhamento atual da praça conta com uma unidade móvel que fica em suas dependências no período da tarde e início da noite.

Figura 10 – Vista parcial da Quadra Poliesportiva e do palco do Teatro de Arena da Praça Sérgio Pacheco - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

A presença de vegetação também merece destaque, principalmente na parte mais ampla da praça que é densamente arborizada, onde encontra-se a pista de caminhada e demais equipamentos esportivos. É destaque um conjunto de árvores de grande porte que proporcionam intenso sombreamento, como algumas grandes figueiras. A sensação térmica durante os períodos mais quentes do dia é agradável, sendo amena e se diferenciando em relação ao entorno, que conta com intenso fluxo de veículos nos dias de semana.

Figura 11 – Vista parcial da arborização da Praça Sérgio Pacheco - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Na sequência, destaca-se um quadro que contempla a síntese das considerações realizadas a partir da observação de campo junto à praça supracitada, em três momentos diferentes. São consideradas as impressões obtidas pelo pesquisador a partir do contato com a praça, com o intuito de observar a movimentação das pessoas e suas variadas formas de interação e apropriação do espaço, ressalta-se que o mesmo procedimento será adotado na observação das demais praças elencadas para a análise.

No quadro-síntese, leva-se em conta a quantidade aproximada de pessoas presentes, as principais atividades desenvolvidas, os equipamentos e mobiliários mais utilizados, as áreas com vegetação e sua relação com os usos por parte das pessoas, a existência ou não de vendedores e ambulantes, a segurança, a limpeza e a possível realização de algum tipo de atividade ou evento cultural. (ver modelo de roteiro no Apêndice G).

Quadro 16 - Síntese da observação da Praça Sérgio Pacheco – Setor Central, 2021**1º dia - Data: 20/01/2021 - (quarta-feira) Horário: 14:30 às 16:30**

Praça dividida em três partes:

(Parte 1) entre as avenidas Américo S. Tangari, Fernando Vilela e Brasil

- Frequência de aproximadamente 16 pessoas entre adultos e idosos, a maioria sentados nos bancos em áreas sombreadas. Dois adolescentes e uma criança em uma das quadras, e outras nove crianças no parque infantil. Maior parte das pessoas utilizando bancos e até o próprio gramado em áreas sombreadas.
- Área com aparente segurança, com a presença da base móvel da polícia militar e também limpa e organizada, com funcionários da limpeza urbana.
- Espaços e equipamentos mais utilizados: parque infantil em área ensolarada com vegetação parcial; bancos espalhados em áreas sombreadas e quadra esportiva.
- É considerável a associação entre a presença de pessoas nos locais sombreados, sobretudo, nas proximidades da vegetação composta por árvores de grande porte que proporcionam maior conforto térmico.
- Não há a presença de vendedores ambulantes fixos no local, sendo observado alguns vendedores de picolé e quitandas apenas de passagem. Posto móvel da polícia militar no local.

(Parte 2) entre as avenidas João Pessoa e Cipriano Del Fávero

- Área com poucas árvores que proporcionam sombreamento, presença de alguns adultos, aproximadamente quatro conversando sentados na grama.
- Presença de resíduos sólidos espalhados (restos de marmitex etc).

(Parte 3) entre as avenidas Cipriano Del Fávero, João Pessoa e João Pinheiro

- Área ocupada predominantemente por um estacionamento de ônibus do transporte intraurbano e com alguns pontos e venda de passagens do transporte interurbano das linhas que fazem ligação entre Uberlândia e Araguari.
- Grande circulação de pessoas nos pontos de ônibus (área de passagem), com a presença de alguns quiosques com venda de alimentos e ambulantes que se deslocam também vendendo alimentos.

2º dia - Data: 23/01/2021 - (sábado) Horário: 10:30 às 12:00**(Parte 1)** entre as avenidas Américo S. Tangari, Fernando Vilela e Brasil

- Aproximadamente 25 pessoas presentes na praça, cinco idosos e dois jovens utilizando o circuito de caminhada, enquanto os demais, em sua maioria adultos estavam espalhados pelos bancos em áreas sombreadas. Casa de madeira aberta com o funcionamento do “Clube de Xadrez” com a presença de um adulto e um adolescente.

- Espaços e equipamentos mais utilizados: circuito de caminhada que circunda a extensão da praça e bancos. Forte associação à utilização das áreas sombreadas, principalmente devido às altas temperaturas no horário analisado.

- Presença de funcionários da limpeza urbana e de outros que faziam o cadastro de alguns migrantes recém chegados na cidade em busca de emprego, cerca de quatro pessoas.

(Parte 2) entre as avenidas João Pessoa e Cipriano Del Fávoro

- Não foi detectado a presença de pessoas no local, devido ao baixo sombreamento oferecido no horário.

(Parte 3) entre as avenidas Cipriano Del Fávoro, João Pessoa e João Pinheiro

- Presença de pessoas nos pontos de ônibus intermunicipal e fluxo de transeuntes em direção ao Terminal Central intraurbano.

3º dia - Data: 29/04/2021 - (quinta-feira) Horário: 19:00 às 21:00

(Parte 1) entre as avenidas Américo S. Tangari, Fernando Vilela e Brasil

- Aproximadamente 35 pessoas presentes na praça, predominantemente jovens e adultos, praticando atividades físicas.

- Espaços e equipamentos mais utilizados: circuito de caminhada que circunda a extensão da praça, quadras esportivas e equipamentos de ginástica e musculação. Destaque para a iluminação (branca e amarela) da praça, que mesmo nos locais mais arborizados permite a circulação de pessoas. - Presença do posto móvel da Polícia Militar que fazia a ronda no local.

(Parte 2) entre as avenidas João Pessoa e Cipriano Del Fávoro

- Presença de cerca de 15 praticantes de Capoeira e alguns moradores de rua pelo local sentados.

(Parte 3) entre as avenidas Cipriano Del Fávoro, João Pessoa e João Pinheiro

- Espaço praticamente vazio, com algumas pessoas de passagem no sentido do Terminal Central de Ônibus.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Outro componente que reforça o aporte metodológico utilizado na observação das praças, refere-se aos depoimentos fornecidos por frequentadores presentes durante a pesquisa de campo. É importante salientar que, devido ao contexto de pandemia, estabeleceu-se contato com poucas pessoas nas praças abordadas, ainda assim, foi possível considerar alguns apontamentos relevantes intrínsecos nessa relação do usuário com as praças.

Na Praça Sérgio Pacheco verificou-se, em diferentes períodos do dia, a movimentação de pessoas e suas respectivas formas de utilização da praça. Em anos mais recentes, a realização de eventos culturais responsáveis por aglomerações foi proibida, como o “Feira da Gente”, que reunia muitas pessoas com exposições e shows musicais nos finais de semana. Por outro lado, a utilização de espaços abertos tem sido uma das perspectivas na busca por exercícios físicos, principalmente no momento pandêmico, na busca por atividades físicas e equilíbrio mental, o que se observou, também, em outras praças estudadas que possuem amplo espaço como esta.

É muito difícil ter um parâmetro para considerar a presença de pessoas antes e durante a pandemia nas praças em dias comuns. Todavia, cabe salientar que, mesmo na atualidade, ela continua recebendo um grande fluxo de pessoas, principalmente para realizar atividades físicas, conforme já afirmado, sobretudo crianças no período da tarde usufruindo do playground e muitas pessoas de passagem (trabalhadores que param no local para descansar, casais de namorados, algumas famílias etc.) sentadas nos bancos em áreas sombreadas.

Tendo como referência o relato de uma frequentadora da praça, a Sra. D.M.S., 52 anos, (informação verbal)³⁸, afirmou que,

A praça Sérgio Pacheco é onde mora pessoas de situação de rua e tem lá a polícia militar, porque pode ter criminosos (...) a praça Sérgio Pacheco eu gosto por causa da feira artesanal, da música, do samba e fiz dança circular lá na festa junina (...) na praça Sérgio Pacheco é as árvores que me encantam. (informação verbal).

A entrevistada, a Sra. D.M.S, professora da rede municipal, formada em Artes Cênicas, contadora de histórias e residente em um bairro do Setor Norte da cidade, considera-se uma pessoa que se identifica com as praças e é assídua frequentadora da área central da cidade, sendo possível atribuir à sua fala, a relevância desta praça, com destaque para a propagação da cultura popular.

³⁸ Entrevista concedida pela Sra. D.M.S. Entrevista I. [jan. 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. 1 arquivo de áudio do *Whatsapp* (1:20 min.).

No caso específico da utilização da praça à noite, visualiza-se que há uma boa iluminação no período, sendo visível a presença de lâmpadas brancas e amarelas nos pontos de luz, e mesmo com ampla concentração de cobertura vegetal de grande porte, a praça encontra-se razoavelmente iluminada, apesar de nem todos os postes de luz funcionarem. Na observação realizada neste período, fica evidente que no início da noite o espaço é utilizado para a prática esportiva, com grande presença de pessoas nas quadras, nas barras de musculação, na academia ao ar livre e na pista de caminhada.

Figura 12 – Vista parcial da Praça Sérgio Pacheco no período noturno - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

A segunda praça escolhida no Setor Central, corresponde à Praça Tubal Vilela, a qual reconhecidamente constitui um ponto integrador na área central, de intenso fluxo de pessoas, já mencionado por Coccozza e Oliveira (2013) como a principal centralidade da cidade.

A praça em questão (Tubal Vilela³⁹), corresponde a um importante palco de manifestações políticas e encontros no âmbito da cidade e da própria região, convivendo com variadas funcionalidades atualmente. Nela observa-se, múltiplas territorialidades que contemplam o grande fluxo de pessoas em busca de transporte coletivo; espaços ocupados por inúmeros vendedores ambulantes, pelos grupos de conversas entre idosos, jovens e outros moradores das imediações; e de descanso para demais transeuntes etc.

Com formato retangular, apresenta em sua estrutura um conjunto de caminhos calçados em pedra portuguesa, integrando suas extremidades com ampla área calçada no centro. Inclui nos seus arredores, jardins arborizados, com árvores de grande porte responsáveis por intenso sombreamento. Articula em seu interior três espelhos d'água, com chafariz em um deles.

³⁹ A implantação da praça conforme já fora mencionada, corresponde a uma série de projetos urbanísticos elaborados a partir do final do Séc. XIX, no intuito de modernizar a cidade. Instalada inicialmente como um jardim aberto em um canteiro central em meio ao conjunto de avenidas e ruas amplas traçadas na época, ficou conhecida como Praça da República, devido ao contexto político do período. O local era utilizado a partir de diversas festas religiosas, como encontros de congado e também como campo de futebol. Na primeira década do Séc. XX são plantadas mudas de bambus que após crescerem proporcionaram grande sombreamento, e mesmo oficialmente mantendo o nome de Praça da República, passou a ser conhecida popularmente como praça dos “bambus”. Em 1938, o interventor local Vasco Giffoni encomendou a execução de uma planta de projeto de um jardim, com novo paisagismo, canteiros e bancos que se tornaram um importante ponto de referência para a elite local (espaço do *footing*), sendo renomeada para “Benedito Valadares” na época, ao homenagear o interventor na era Getulina. Após 1945 a praça volta a ser chamada de Praça da República, e em 1958 recebeu o nome que carrega até os dias atuais de Tubal Vilela. No ano seguinte, a administração local encomendou uma proposta de remodelação urbana ao arquiteto João Jorge Cury, o projeto é finalizado em 1962 com a proposta que a concebe como um espaço de manifestação pública, com linhas que indicam caminhos abertos ao centro da praça, que também é representado por grande área aberta. Os bancos deixaram de ser individualizados e se tornaram extensos e contínuos, permitindo o compartilhamento por diferentes pessoas, o que não agradou a segmentos da elite uberlandense que frequentava a praça. (UBERLÂNDIA, 2020, s/p.; MUSEU VIRTUAL DE UBERLANDIA, 2020). Levantou-se anteriormente nesta tese, a discussão que está em torno da mudança de nome da praça para Ismene Mendes, uma reivindicação de movimentos feministas que visa homenagear uma advogada local brutalmente torturada na década de 1980 e, ao mesmo tempo, retirar o nome do antigo prefeito responsável pela morte de sua esposa e não condenado à época. No entanto, segundo informações contempladas no portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia, a praça oficialmente ainda mantém o nome de Tubal Vilela.

Figura 13 – Mosaico de imagens da Praça Tubal Vilela - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

As imagens elencadas representam características básicas da estrutura e do movimento diário que ocorre nessa praça. Com relação ao mobiliário e a área com vegetação, na sequência, apresenta-se de forma específica a descrição da estrutura presente na Praça Tubal Vilela.

Quadro 17 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça Tubal Vilela, bairro Centro - Setor Central, 2021

Forma da praça:	Forma geométrica retangular			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		25	Concreto
2 - Iluminação: (x)- alta / () - baixa:	x		58	
3 - Lixeiras:	x		72	
4 - Sanitários:	x		2	1 (M) e 1 (F)
5 - Telefone Público:	x		8	
6 - Bebedouros:		x		
7 - Caminhos internos:	x			pedra macaquinho e portuguesa
8 - Palco/Coreto:		x		
9 - () Monumento/ () Estátua ou (x) Busto	x		3	
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz	x		3	3 lagos e 1 fonte
11 - Estacionamento	x		1	para carros
12 - Ponto de Ônibus	x		15	
13 - Ponto de Taxi	x		2	
14 - Quadra esportiva		x		
15 - Espaço para a prática de exercícios físicos		x		
16 - Espaço para a 3ª idade		x		
17 - Parque infantil - equipamentos:		x		
18 - Banca de revista:	x		4	
19 - Quiosque de alimentação:		x		
20 - Edificação institucional:	x		1	antiga base da polícia militar e três prédios institucionais defronte
21 - Templo religioso:	x		1*	igreja católica defronte à praça
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; () arbustiva; (x) grande porte.	x			Gramada, com plantas de pequeno porte e árvores e coqueiros de grande porte
23 - Outros:	x		49*	ambulantes com frutas, roupas e equipamentos eletrônicos

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021. Adaptação de De Angelis et al. (2005).

De acordo com as informações contidas no Quadro 17, observa-se que na referida praça há quantidade satisfatória de mobiliário básico, como bancos, pontos de luz e lixeiras, sendo estas últimas encontradas em grande número na praça (72 no total), sendo perceptível a limpeza presente. Os bancos, como já mencionados, são extensos, sobretudo nas áreas sombreadas, o que proporciona a presença de muitos usuários. Existe um sanitário masculino e outro feminino, ambos parcialmente conservados. Há ainda bancas de revista, pontos de ônibus,

pontos de táxi e um pequeno estacionamento para carros. Chamou-nos a atenção a existência de vários telefones públicos (“orelhões”), alguns deles sem funcionamento.

A grande referência dessa praça corresponde ao amplo espaço interno que permite a realização de manifestações políticas, culturais, gastronômicas etc., a arborização intensa em todas as suas laterais, a presença dos espelhos d’água, já mencionados e a grande concentração de trabalhadores informais.

Figura 14 – Vista do espelho d’água com chafariz e da área arborizada na Pça. Tubal Vilela - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Com relação a equipamentos esportivos verifica-se que eles não existem na praça. Também existe um prédio institucional fechado que era usado anteriormente como base operacional da Polícia Militar. Observa-se que a característica principal desta praça está relacionada ao contexto de grande espaço de encontro e atividades contemplativas e de interação cultural, sendo comum a utilização do espaço interno como ponto de encontro, descanso, passagem, manifestações artísticas, comércio popular etc.

É possível destacar inúmeros prédios comerciais no quarteirão e nas suas proximidades, além da Catedral “Santa Teresinha do Menino Jesus”, que corresponde a uma igreja católica referência na área mais central da cidade, localizada defronte a praça, além de uma escola estadual. Tais equipamentos e instituições agregam intensa movimentação de pessoas no local.

Quadro 18 – Síntese da observação da Praça Tubal Vilela – Setor Central, 2021

1º dia – Data: 21/01/2021 – (quinta-feira) Horário: 08:00 às 10:00
<p>Localizada entre as avenidas Afonso Pena e Floriano Peixoto e as ruas Duque de Caxias e Olegário Maciel - Frequência de aproximadamente 70 pessoas entre crianças, adultos e idosos, a maioria sentados nos bancos em áreas sombreadas ou nos pontos de ônibus. Muitas pessoas de passagem pelo local. Presença considerável de vendedores ambulantes em um lado da praça que concentra a maior parte dos pontos de ônibus, com tendas abertas vendendo frutas, condimentos, equipamentos eletrônicos, peças de vestuário etc.</p> <p>- Área limpa com funcionários da limpeza urbana e grande quantidade de lixeiras, aparente segurança durante o dia, sendo visível a ausência da antiga base operacional da Polícia Militar. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos contínuos espalhados em áreas sombreadas nas laterais da praça.</p> <p>- É considerável a associação entre a presença de pessoas nos locais sombreados, sobretudo, nas proximidades da vegetação composta por árvores de grande porte que proporcionam maior conforto térmico. - Considerável número de idosos sentados nos bancos conversando e praticando jogos de tabuleiro. Presença de famílias tirando fotos pelo local, algumas em visita pela cidade. Ausência de qualquer tipo de evento no local.</p>
2º dia - Data: 22/01/2021 - (sexta-feira) Horário: 14:30 às 16:30
<p>- Frequência de 70 a 80 pessoas, entre crianças, adultos e idosos. A maioria sentados aguardando nos pontos de ônibus, e os demais sentados nos bancos em áreas sombreadas. É recorrente a presença de transeuntes se deslocando, atravessando a praça para acessar as ruas da área central. - Grande quantidade de vendedores ambulantes fixos em um lado da praça que concentra a maior parte dos pontos de ônibus, no sentido do Terminal Central na av. Floriano Peixoto, com tendas vendendo frutas, condimentos, equipamentos eletrônicos, peças de vestuário etc.</p> <p>- É absolutamente vinculada a associação entre a presença de pessoas e as áreas sombreadas, cobertas por árvores de grande porte, principalmente por causa das altas temperaturas nesse período do dia. É comum visualizar pessoas sozinhas, ou até em família sentadas nos bancos consumindo produtos gelados para se refrescarem do calor, como picolés e sorvetes.</p> <p>- Mobiliários e equipamentos mais utilizados: bancos nas áreas sombreadas. A praça encontra-se limpa no horário em questão e com aparente segurança, embora não esteja presente nenhum policiamento. - Ausência de eventos no período analisado.</p>
3º dia - Data: 02/05/2021 - (Domingo) Horário: 19:00 às 21:00
<p>- Presença de aproximadamente 20 pessoas no horário, outros deslocavam-se apenas de passagem, a maioria adultos e adolescentes, sendo que alguns saíam ou aguardavam a próxima missa na Igreja Católica defronte a praça. Pequeno grupo de adolescentes reunidos com instrumentos musicais e três moradores de rua deitados próximos de um dos lagos.</p> <p>- Mobiliários utilizados: bancos e caminhos internos. Aparente limpeza no local, com a aparição em dois momentos de um carro da Polícia Militar pelo quarteirão. - Ausência de eventos e dos vendedores e/ou ambulantes que são comuns em outros horários.</p>
Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Diante dessas observações, é possível considerar que a praça analisada é recorrentemente ocupada por pessoas com interesses distintos, que expõem o principal sentido de ponto de encontro, mesmo que seja residual na espera pelo transporte público, no descanso dos intervalos do trabalho, na prosa entre idosos que moram nas imediações, ou nas inúmeras pessoas que passam pelo centro da cidade em busca por serviços diversos que param para relaxar temporariamente.

A Sra. D.M.S. relatou que considera essa praça muito bonita, segunda ela (informação verbal)⁴⁰, “A praça Tubal Vilela é por causa do ônibus e por causa da fonte luminosa, (...)”, sendo esses os fatores que a atraíram inicialmente. Nessa fala, percebe-se, a importância de dois tipos de equipamentos fundamentais presentes na praça, os pontos de ônibus que agregam inúmeras pessoas ao longo do dia e a fonte luminosa, já identificada através da Figura 14, responsável por gerar embelezamento na paisagem, comum em algumas praças centrais instaladas durante o Séc. XX em diversas cidades brasileiras.

Essa praça, assim como as estudadas nesta tese, é marcada por distintas territorialidades. Localizada na área central, durante o dia observa-se, usos diversos, como já mencionado anteriormente. No período noturno, a movimentação de pessoas diminui consideravelmente, permanecendo um menor número nos pontos de ônibus que se reduz pouco a pouco. A presença de vendedores ambulantes torna-se inexistente, e o número de pessoas sentadas nos bancos ou circulando pela praça é ínfimo. O antigo *footing* deixou, há algum tempo de fazer parte da vida noturna do local, ao mesmo tempo, transparecem outros usos, entre estes, pequenos grupos de adolescentes que representam determinadas “tribos urbanas” e demais transeuntes, em grupos ou sozinhos, que consomem bebidas alcoólicas e/ou substâncias ilícitas, por exemplo.

Tal fato pode ser observado com o que foi informado pelo jovem M., de 19 anos, (informação oral)⁴¹. Segundo ele, “(...) aqui é ponto de encontro, a gente faz um som no violão, conversa e curte (...)”.

⁴⁰ Entrevista concedida pela Sra. D.M.S. Entrevista II. [jan. 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. 1 arquivo de áudio do *Whatsapp* (0:49 min.).

⁴¹ Informação fornecida pelo jovem M. e anotada pelo pesquisador. Entrevista III. [mai. 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021.

Cabe ressaltar que, as territorialidades definidas nesse contexto, supõem um sistema de relações com o que é externo, com a alteridade, ou seja, esse processo pressupõe a presença de laços de identidade, que tentam dotar os territórios (nesse caso, as praças) de uma área ou superfície minimamente igualizante. (HAESBAERT, 1997).

Nesse sentido, a Praça Tubal Vilela representa exemplarmente essa síntese de múltiplas territorialidades, onde em determinados períodos do dia, variadas formas de consumo podem se sobrepor às demais, seja com atividades de lazer, com as de cunho contemplativo ou passivo, para o descanso e espaço de socialização, na busca por sombreamento e temperaturas agradáveis durante o dia; seja à noite na procura por um espaço para se expressar, consumir produtos ilícitos, ouvir música, enfim, outros tipos diferenciados de sociabilidade.

A terceira praça destacada no Setor Central é a Praça Clarimundo Carneiro, a qual encontra-se no bairro Fundinho. Essa praça também já fora mencionada como um importante espaço livre público que denota uma paisagem histórica em uma das áreas mais antigas da cidade, com o imponente prédio da antiga prefeitura (Paço Municipal), onde atualmente funciona o Museu Municipal, e um coreto, ambos tombados como patrimônio histórico municipal.

A Praça Clarimundo Carneiro foi instalada no início do Séc. XX, em uma área onde se localizou o segundo cemitério da cidade no final do Séc. XIX. Passou por constantes modificações em seu nome⁴², decorrentes do contexto de mudanças políticas vivenciadas. Essa praça inclui os equipamentos culturais mencionados, possui bancos de madeira e área

⁴² A praça em questão, tombada como patrimônio da cidade em meados da década de 1980, inicialmente recebeu o nome de Praça da Liberdade. Tal denominação pode ter relação com o momento histórico vivenciado no país no período, com os primeiros anos da Proclamação da República. Em seguida, o local é denominado de Praça Antônio Carlos em 1929 e, sobretudo devido à influência da “Era Vargas”, pois este era o nome do Interventor do Estado daquele período. Em 1961 passou a se chamar “Praça Clarimundo Carneiro”, em homenagem a um renomado empresário local do início do Séc. XX. A praça foi projetada pelo construtor Cipriano Del Fávero, com a finalidade de oferecer ornamentação paisagística ao edifício do Paço Municipal. Além do prédio, que foi o primeiro de dois pavimentos da cidade e se constituiu em uma marca da modernidade na cidade no início da república, estava previsto a instalação de dois coretos, sendo que efetivamente apenas um deles foi instalado entre os anos de 1925 e 1927. A praça ao longo do tempo passa por modificações devido à intensificação do tráfego de pessoas e de veículos em seu entorno, com isso seu contorno e paisagismo sofre alterações, com destaque para a substituição feita em seus jardins, retirando espécies de médio porte e introduzindo plantas de pequeno porte, com a alegação de dar maior visibilidade e segurança ao local. (UBERLÂNDIA, 2020, s./p.; DIÁRIO DE UBERLANDIA, 2019).

sombreada, configura-se atualmente como um espaço de referência histórica e de lazer, com a presença de festivais musicais, gastronômicos etc., muito comuns em período anterior à propagação da pandemia do COVID 19 (SARS-CoV-2), no ano de 2020.

A referida praça é apresentada a partir de um conjunto de imagens (Figuras 15 e 16) que retratam sua composição em termos de mobiliário, equipamentos e vegetação presente. O prédio localizado em seu interior, o qual corresponde atualmente ao Museu Municipal de Uberlândia, possui visitação gratuita e acervo que ressalta importantes momentos da história da cidade, fechado mais recentemente para reforma. Também pode-se observar um coreto que conserva suas características originais. A porção central da praça onde estão esses prédios, o piso é pavimentado, encontrando-se muitos bancos e boa iluminação.

Figura 15 – Praça Clarimundo Carneiro com destaque para o Museu Municipal e o coreto - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Nos arredores da praça, existem jardins que mesclam vegetação de pequeno porte com área gramada e floreiras, algumas palmeiras, coqueiros e árvores de grande porte responsáveis pelo sombreamento. Destaca-se nessa parte inúmeros bancos de madeira e ferro que ainda mantêm seu estilo original e se adequam com as construções supracitadas.

Figura 16 – Arborização e sombreamento da Praça Clarimundo Carneiro - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Apresenta-se a seguir a descrição dos mobiliários, dos equipamentos e das áreas com vegetação presentes na praça em questão.

Quadro 19 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça Clarimundo Carneiro, bairro Fundinho - Setor Central, 2021

Forma da Praça	Forma geométrica não definida: quatro lados irregulares			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - Quantidade	Material e estruturas
1 - Bancos:	x		12	concreto, madeira e ferro
2 – Iluminação: (x)- alta / () - baixa:	x		37	
3 - Lixeiras:	x		19	
4 - Sanitários:	x		2	1 (M) e 1(F)
5 - Telefone Público:		x		
6 - Bebedouros:		x		
7 - Caminhos internos:	x			asfalto e pedra portuguesa
8 - Palco/Coreto:	x		1	Coreto
9 - (x) Monumento/ () Estátua ou () Busto	x		1	Escultura
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz		x		
11 - Estacionamento	x		1	para carros
12 - Ponto de Ônibus	x		6	
13 - Ponto de Taxi	x		1	
14 - Quadra esportiva		x		
15 - Espaço para a prática de exercícios físicos		x		
16 - Espaço para a 3ª idade		x		
17 - Parque infantil - equipamentos:		x		
18 - Banca de revista:	x		1	
19 - Quiosque de alimentação:		x		
20 - Edificação institucional:	x		1	Museu Municipal
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramados e pequeno porte; () arbustiva; (x) grande porte.	X			Gramada, com plantas de pequeno porte, floreiras, árvores e coqueiros de grande porte
23 - Outros:		x		

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021. Adaptação de De Angelis et al. (2005).

A Praça Clarimundo Carneiro é desprovida de equipamentos esportivos, de espelhos d'água, de bebedouros e telefones públicos. Apresenta vegetação ao longo de suas laterais o que proporciona intenso sombreamento. É bem dotada de mobiliário básico (bancos, lixeiras e iluminação), estando alguns bancos em estado regular, com a necessidade de maior manutenção na madeira utilizada. Possui sanitário (masculino e feminino) nas instalações do

coreto, que corresponde à grande atração arquitetônica ao lado do prédio do Museu Municipal. Os caminhos internos são amplos e se conectam à parte central da praça, favorecendo a reunião de pessoas em eventos que ocorriam ocasionalmente em período anterior à pandemia. Observou-se a presença de algumas irregularidades no piso de material asfáltico, o que prejudica o acesso por parte de cadeirantes ou pessoas com dificuldades de locomoção. Existe estacionamento para carros, ponto de táxi, banca de revista e vários pontos de ônibus defronte a praça.

Outros equipamentos públicos estão instalados nas imediações da praça. Destaca-se a Oficina cultural, que está sediada em um prédio histórico, com galerias de arte e salas voltadas para exposições. É possível destacar também o prédio do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), o qual gera a movimentação de usuários do serviço e de seus acompanhantes no local durante a espera dos atendimentos. Na sequência é contemplado o quadro que sintetiza as impressões levantadas durante as observações da praça.

Quadro 20 - Síntese da observação da Praça Clarimundo Carneiro - Setor Central, 2021

<p>1º dia - Data: 21/01/2021 - (quinta-feira) Horário: 10:10 às 12:20</p>
<p>Localizada entre as avenidas Afonso Pena, João Pinheiro e rua Bernardo Guimarães</p> <ul style="list-style-type: none"> - Frequência de aproximadamente 20 pessoas, predominantemente adultos e idosos, a maioria sentados nos bancos em áreas sombreadas. Muitas pessoas de passagem pelo local. - Área limpa com funcionários da limpeza urbana nas proximidades dos banheiros e grande quantidade de lixeiras e bancos, com aparente segurança durante o dia. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos de madeira em áreas sombreadas nas laterais da praça. É considerável a associação entre a presença de pessoas nos locais sombreados, sobretudo, nas proximidades da vegetação composta por árvores de grande porte que proporcionam maior conforto térmico. - Local limpo, com a presença de alguns funcionários da limpeza, considerável número de idosos sentados nos bancos, alguns reunidos conversando. Destaque para a reforma do Museu Municipal. - Não há a presença de vendedores ambulantes ou camelôs no local.
<p>2º dia - Data: 23/01/2021 - (sábado) Horário: 14:00 às 16:00</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Frequência de aproximadamente 30 pessoas entre adultos, idosos e algumas crianças. Todas as pessoas concentradas nas áreas sombreadas, sendo perceptível a presença de algumas famílias caminhando com as crianças, enquanto os demais encontram-se sentados nos bancos da praça. - O local encontra-se limpo, com aparente segurança e os mobiliários mais utilizados são os bancos localizados nas laterais onde está presente intensa cobertura vegetal, bem como alguns caminhos que interligam as laterais ao centro da praça. - Novamente não há vendedores, nem qualquer evento no local. Também não se verifica a presença de veículos individuais no entorno da praça, especificamente em seu estacionamento. - Presença dos espaços sombreados como referências para o descanso e/ou relaxamento diante do intenso calor no período do dia.
<p>3º dia - Data: 28/04/2021 - (quarta-feira) Horário: 19:30 às 21:30</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Local com a presença de poucas pessoas, entre 3 a 4 pessoas sentadas nos bancos e alguns apenas de passagem pelo local. - Boa iluminação, ausência de policiamento nas imediações e de comércio popular e/ou vendedores ambulantes. Sanitários fechados no período. - Equipamentos/mobiliários utilizados: bancos.
<p>Fonte: Pesquisa de Campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>

A praça analisada constitui um espaço de grande beleza cênica na paisagem urbana de Uberlândia, sobretudo, devido ao conjunto de construções históricas presentes, tanto na própria praça (Museu Municipal e Coreto), quanto nos arredores com o prédio da Oficina Cultural, por exemplo. É fato que o fechamento do Museu para reforma, e principalmente o período de pandemia, impede a presença de inúmeras pessoas no local, inclusive pelo cancelamento de atividades e eventos que a integravam esporadicamente, como os festivais musicais, blocos de carnaval, entre outras manifestações que atraíam muitas pessoas.

Para a Sra. D.M.S. que forneceu informações sobre as praças anteriores, as atividades culturais presentes nessa praça são agradáveis, sobretudo os shows, sempre existentes no local. Na sua opinião (informação verbal)⁴³, “a praça do coreto, Clarimundo Carneiro, sempre foi muito frequentada (...) os shows fui em vários (...) já dancei muito, igual na praça Sérgio Pacheco (...)”.

É perceptível a atratividade que a praça exerce sobre as pessoas como um local voltado para as práticas culturais e para o descanso. Nos dias de semana torna-se um ponto de referência para moradores de diferentes bairros da cidade e da própria região que buscam por diversos serviços especializados no seu entorno. Em dias comuns, no período noturno, a praça fica bem vazia e, embora com boa iluminação e visibilidade, aparentemente não é tão atrativa para sua utilização, conforme pode-se verificar nas visitas noturnas realizadas para esta pesquisa.

Ao comparar brevemente as três praças elencadas no Setor Central de Uberlândia, é possível considerar a Tubal Vilela e a Clarimundo Carneiro como espaços destinados, sobretudo, ao descanso e à contemplação da paisagem. A primeira (Tubal Vilela) é muito mais movimentada durante o dia, reflexo da concentração de paradas de ônibus e de sua maior centralidade. A segunda (Clarimundo Carneiro), também recebe pessoas de passagem, em menor número, que buscam outras atividades no entorno. Porém, agrega construções históricas que por si só são grandes atrativos, recebendo ainda shows e apresentações diversas (gastronômicas, por exemplo). A Sérgio Pacheco, por sua vez, é importante para o relaxamento em suas áreas sombreadas e apresentações culturais, mas é na possibilidade de

⁴³ Entrevista concedida pela Sra. D.M.S. Entrevista IV. [jan. 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. 1 arquivo de áudio do *Whatsapp* (0:40 min.).

praticar atividades físicas o seu grande diferencial, com um amplo espaço de lazer que se assemelha a um parque urbano no centro da cidade.

5.2 – As praças dos setores urbanos: Norte, Sul, Leste e Oeste

Aborda-se, a seguir, as praças presentes nos demais setores territoriais urbanos de Uberlândia. A observação contempla, inicialmente, duas praças do Setor Norte da cidade, que se encontram nos bairros Roosevelt e Pacaembu, ambos territorialmente próximos um do outro.

Os bairros destacados, foram criados na década de 1960, sendo o mais antigo o Pacaembu, em 1966, originalmente conhecido como Vila Maria. Em 1969 foi implantado um conjunto de loteamentos que deu origem ao Roosevelt. Moura e Soares (2009), ao analisarem a expansão periférica da malha urbana de Uberlândia, ressaltam que além do próprio Estado, as empresas imobiliárias tiveram papel significativo na construção do espaço urbano. Nesse caso, o bairro Pacaembu, assim como outros vizinhos, correspondia a terras que foram adquiridas e loteadas pela empresa imobiliária Novo Horizonte. O bairro Roosevelt, por sua vez, originou-se em terras que pertenciam a Elpídio Aristides de Freitas que cedeu parte de sua fazenda para serem loteadas e vendidas pela primeira imobiliária que surgiu na cidade, a imobiliária Tubal Vilela.

Cocozza e Oliveira (2013) sinalizam para a existência de um conjunto de experimentações no traçado urbano de Uberlândia entre as décadas de 1950 e 1970, continuando um processo que já ocorrera em período anterior em bairros mais próximos ao Centro da cidade. Tais experimentações foram fortemente enfatizadas no bairro Roosevelt, ao gerar um traçado irregular e o sistema viário circular, com vias radiais conectadas por praças. “O modelo é marcante no tecido urbano de Uberlândia, e outros parcelamentos são estruturados com este modelo, onde o sistema viário adquire uma importância maior na organização dos espaços livres”. Atualmente, muitos desses espaços localizados em áreas periféricas são marcados pela falta de manutenção e de cuidados. (COCOZZA e OLIVEIRA, 2013, p.19).

Uma das praças escolhidas para este estudo compreende à praça Clarinda de Freitas, localizada no bairro Roosevelt, conhecida na região como Praça “Paris” por ser inspirada nos modelos circulares da capital francesa que eram conectados por *boulevards*. Essa praça apresenta amplo espaço interno e formato circular. É articulada por caminhos calçados com piso asfáltico e concreto (liso e blocos) que resultam em uma área aberta ao centro, propícia para atividades ao ar livre, onde encontram-se algumas barras de exercícios de musculação. Nos arredores estão disponíveis as instalações de importantes equipamentos, como uma pista

de skate, uma quadra poliesportiva, um parque infantil e uma academia ao ar livre. Esses equipamentos são entremeados por áreas gramadas com vegetação arbustiva, algumas palmeiras, coqueiros e, nas suas extremidades, ao circular o formato da praça que coincide com um circuito de caminhada, algumas árvores de grande porte geram maior sombreamento, entre essas uma mangueira.

Figura 17 – Vista parcial da Praça Clarinda de Freitas e seus equipamentos de lazer - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Nas imagens é perceptível a utilização da praça e de seus equipamentos de lazer, com destaque para o fluxo de crianças e de adolescentes na pista de skate e no parque infantil. A área central da praça em destaque, apresenta amplo espaço onde ocorriam aulas de zumba e outras danças que reuniam a comunidade, podendo-se ressaltar uma câmera instalada ao lado de um poste de luz, na tentativa de controlar os usos indesejáveis, capazes de proporcionar insegurança aos usuários, depredação ao mobiliário etc.

Esse último aspecto, comum aos espaços públicos das praças analisadas, configura-se no que Serpa (2007, p.77) colocara, ao analisar os parques públicos, como a tendência de uma “concorrência entre os usos ditos conformes com as regras e normas e os usos imprevisíveis ou proibidos”. No caso da praça Clarinda de Freitas, é recorrente a ideia de espaço agradável, seguro e com usos conforme as regras de convivência ao longo do dia e até em certo período da noite, perceptível na fala de um jovem usuário dos equipamentos das barras de musculação.

Segundo o jovem universitário J.V., 21 anos, “a praça é muito boa, tem muitas formas de praticar atividade física e relaxar, sempre tem gente, é segura, a noite também parece ser muito segura, gosto muito, a partir das seis fica cheia de pessoas caminhando” (informação oral⁴⁴). O jovem em questão relatou que não habita nas proximidades da praça no bairro Roosevelt, vive em outro bairro do Setor Norte (Santa Rosa). O jovem relata que, nas proximidades de seu bairro, as praças são utilizadas durante o dia pelas crianças, pois a noite não parecem muito seguras. Apresenta-se a seguir, o detalhamento dos mobiliários, dos equipamentos e áreas com vegetação presentes na praça.

⁴⁴ Entrevista concedida por J.V. Entrevista V. [abril 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

Quadro 21 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e áreas com vegetação na Praça Clarinda de Freitas, bairro Roosevelt - Setor Norte, 2021

Forma da praça:	Forma geométrica circular			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		24	Concreto
2 - Iluminação: (x)- alta / () - baixa:	x		7	Pontos de luz
3 - Lixeiras:	x		9	
4 - Sanitários:		x		
5 - Telefone Público:		X		
6 - Bebedouros:		X		
7 - Caminhos internos:	x			Concreto e asfáltico
8 - Palco/Coreto:		X		
9 - () Monumento/ () Estátua, Busto		X		
10 - Espelho d'água/ fonte ou chafariz		X		
11 – Estacionamento		X		
12 - Ponto de Ônibus		X		
13 - Ponto de Taxi		X		
14 - Quadra esportiva	x		1	Poliesportiva
15 – Espaço/ equipamentos para a prática de exercícios físicos	x		4	Academia, barras de ginástica, pista de skate, pista de caminhada
16 - Espaço para a 3ª idade	x		1	Academia ao ar livre
17 - Parque infantil - equipamentos:	x		1	Escorregador, balanço, barras e escalada
18 - Banca de revista:				
19 - Quiosque de alimentação:		X		
20 - Edificação institucional:		x		
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; (x) arbustos; (x) grande porte.	x			Gramada, com arbustos, coqueiros e algumas árvores de grande porte
23 - Outros:		x		

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.
Adaptação de De Angelis et al. (2005).

Em relação à disposição do mobiliário, observa-se uma razoável quantidade de bancos, sendo ainda visível que muitos, como na maioria das praças, passaram por depredação e não foram consertados ou reconstruídos. O número de lixeiras não é tão grande se comparado com as praças do Setor Central, o que não compromete a aparente limpeza. A iluminação em termos de número de pontos de luz é baixa, porém, são sete postes altos que proporcionam boa presença de luz no período noturno, também deve-se considerar a intensa iluminação externa na avenida que circula a praça, a qual apresenta grande tráfego de veículos e atividades comerciais.

Figura 18 – Vista parcial da Praça Clarinda de Freitas com destaque para a arborização e os mobiliários e equipamentos danificados - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Não há a presença de sanitários, bebedouros, telefones públicos, estacionamento, pontos de ônibus, táxi, lago artificial, monumentos e edificação que seja utilizada e/ou ofertada para a população no local. Um caso que também chama a atenção é a presença de encanamentos desativados que deveriam atender a antigos bebedouros de água, conforme se apresenta na figura anterior. A seguir encontra-se o Quadro 22 que sintetiza as principais impressões observadas durante as visitas de campo nesta praça.

Quadro 22 - Síntese da observação do uso da Praça Clarinda de Freitas - Setor Norte, 2021

1º dia - Data: 30/04/2021 - (sexta-feira)	Horário: 17:00 às 19:00
<p>Localizada entre as avenidas Adriano Bailoni, Morum Bernardino, Moacir L. de Carvalho e Cleanto V. Gonçalves</p> <ul style="list-style-type: none"> - Frequência de aproximadamente 15 pessoas, predominantemente jovens e adultos, caminhando no circuito de caminhada que circula as laterais da praça. Algumas pessoas (7 aproximadamente) sentadas nos bancos, trabalhadores do comércio local (padarias etc.), um casal e demais transeuntes descansando. Próximo de 5 crianças brincando no parque infantil e duas mães ao lado, 4 crianças utilizando a pista de skate, um jovem utilizando as barras de musculação e uma mulher caminhando com seu cachorro. É comum constatar a reunião de pessoas, principalmente de crianças no parque infantil e na pista de skate. - Área aparentemente limpa, porém não foi verificada a presença de funcionários da limpeza urbana nas proximidades. Ausência de torneiras no bebedouro e de banheiro no local. - Alguns equipamentos e mobiliários danificados, de estado regular para ruim, como na quadra poliesportiva (alambrado e parte do piso), alguns brinquedos do parque infantil, além de bancos danificados. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos de concreto em áreas sombreadas nas laterais da praça, parque infantil, pista de caminhada, barras de ginástica e pista de skate. - A Praça não apresenta grande densidade de vegetação de grande porte, apenas algumas árvores com maior sombreamento nas laterais, o que coincide com a presença de pessoas nos bancos. É composta em sua maioria por área gramada, arbustos e palmeiras. Não há vendedores ou ambulantes no local, assim como não se verifica a realização de eventos ou feiras no dia e período analisado. 	
2º dia - Data: 01/05/2021 - (sábado)	Horário: 13:30 às 15:30
<ul style="list-style-type: none"> - Pequena presença de adultos no local neste horário, cerca de 6 crianças no parque infantil e outros dois adolescentes na pista de skate. Duas mulheres na academia ao ar livre e outros três homens sozinhos sentados nos bancos em áreas sombreadas. Período do dia com temperaturas um pouco mais elevadas, ausência de transeuntes circulando pela praça. - Horário de menor movimentação no entorno da praça, por ser final de semana, é perceptível o maior conforto sonoro devido à menor movimentação de veículos. Local aparentemente limpo, como na primeira observação. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos em áreas sombreadas, parque infantil, academia de ginástica ao ar livre e pista de skate. - Não se detecta a realização de evento ou feira e nem a presença de vendedores/ambulantes. 	
3º dia - Data: 30/07/2021 - (sexta-feira)	Horário: 09:00 às 11:00
<ul style="list-style-type: none"> - Presença de aproximadamente 15 pessoas, a maioria adultos realizando caminhadas, apenas um casal com os filhos no parque infantil. - Local parcialmente limpo, com folhagens pela grama. Mobiliários e equipamentos utilizados: caminho circular que circunda a praça, banco e parque infantil. - Ausência de pessoas em áreas sombreadas devido às baixas temperaturas nesta manhã na cidade. - Ausência de vendedores ou ambulantes e também de qualquer tipo de evento. Local aparentemente tranquilo, sem a presença de patrulhamentos no período, assim como nos outros dias analisados. 	
<p>Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>	

A praça analisada encontra-se em uma área movimentada, com intenso e variado comércio (padarias, lanchonetes, postos de combustíveis etc.), boa infraestrutura urbana no que se refere à pavimentação e às residências do seu entorno, pois a praça encontra-se localizada num importante subcentro nas imediações do Setor Norte da cidade, no bairro Roosevelt.

O fluxo de veículos, particulares e coletivos, é intenso ao longo do dia, embora não existam paradas de ônibus especificamente na praça. Há boa acessibilidade tanto para quem chega de transporte individual oriundo do Setor Central, partindo das proximidades da rodoviária no bairro Martins para o bairro Roosevelt, quanto para aqueles que adentram ao local por meio de outros bairros do próprio setor. Três linhas de ônibus contemplam as imediações da praça, são elas: a A106 (Roosevelt – Terminal Central); a A146 (Liberdade-Terminal Central); e a T151 (Terminal Industrial- Terminal Central), todas com menos de cinco minutos até o local.

O destaque principal da respectiva praça são os espaços e equipamentos esportivos, onde verifica-se a constante presença de pessoas utilizando-a em diferentes horários. Cabe salientar a necessidade de manutenção de alguns mobiliários e equipamentos, como a quadra poliesportiva, com problemas no alambrado e no piso; o parque infantil, com brinquedos quebrados, por exemplo. Outro fator relevante a ser mencionado, diz respeito à baixa concentração de árvores de grande porte, capazes de ampliar o sombreamento e proporcionar uma sensação térmica mais agradável nos dias mais quentes.

A outra praça analisada foi a Chico Mendes no bairro Pacaembu, Setor Norte de Uberlândia. O bairro, conforme já destacado, foi implantado na década de 1960. Limítrofe com o bairro Roosevelt, possui três praças, todas com algum tipo de equipamento de lazer, sendo a praça em questão, localizada na região mais densamente urbanizada do bairro.

Em relação à distribuição dos mobiliários presentes, é perceptível a grande quantidade de bancos em concreto, além de boa iluminação e algumas lixeiras. Os caminhos internos são de tijolos de concreto entremeados por canteiros gramados, árvores e alguns equipamentos de lazer, como uma quadra de cimento, uma academia ao ar livre e as barras de musculação, conforme verifica-se no Quadro 23, a seguir.

Quadro 23 – Descrição do mobiliário, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça Chico Mendes, bairro Pacaembu - Setor Norte – 2021

Forma da praça:	Forma irregular			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		54	Concreto
2 - Iluminação: (x)- alta / () - baixa:	x		6	Pontos de luz
3 - Lixeiras:	x		7	Fixas
4 - Sanitários:		x		
5 - Telefone Público:		X		
6 - Bebedouros:		X		
7 - Caminhos internos:	x			Blocos de concreto
8 - Palco/Coreto:		X		
9 - ()Monumento/ () Estátua, Busto		X		
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz		X		
11 – Estacionamento	x		1	
12 - Ponto de Ônibus		X		
13 - Ponto de Taxi		X		
14 - Quadra esportiva	x		1	
15 – Espaço/ equipamentos para a prática de exercícios físicos	x		3	Academia; barras de ginástica e quadra de cimento
16 - Espaço para a 3ª idade	x		1	Academia ao ar livre
17 - Parque infantil - equipamentos:		X		
18 - Banca de revista:		x		
19 - Quiosque de alimentação:		X		
20 - Edificação institucional:		x		
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; (x)arbustos; (x) grande porte.	x			Gramada, com alguns arbustos, coqueiros e árvores de grande porte
23 - Outros:		x		

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021. Adaptação de De Angelis et al. (2005).

As imagens seguintes demonstram algumas características visuais da praça Chico Mendes. Destacam-se os mobiliários e equipamentos de lazer mencionados, bem como parte da vegetação presente, como as árvores de maior porte encontradas nas extremidades da praça, entre estas, ipês que proporcionam beleza à paisagem e contrastam com o gramado seco decorrente da escassez hídrica do inverno na região. A limpeza é parcial, sendo comum os restos de folhagens e flores que caem das árvores.

Figura 19 – Praça Chico Mendes com destaque para mobiliários, equipamentos de lazer e arborização - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O local agrega equipamentos de esporte, lazer e recreação para a comunidade, mesmo com a necessidade de manutenção em algumas estruturas físicas, como no calçamento da quadra de esportes que se encontra visivelmente deteriorado. A seguir encontra-se um quadro síntese que contém apontamentos com base nas observações de campo.

Quadro 24 - Síntese sobre a observação do uso da Praça Chico Mendes – Setor Norte, 2021

<p>1º dia - Data: 27/07/2021 - (terça-feira) Horário: 11:30 às 13:30</p> <p>Localizada entre as ruas Rubens Cazabona e Treze de Maio - Baixa frequência de pessoas no horário analisado, apenas cerca de quatro idosos sentados nos bancos e algumas pessoas de passagem pelo local, alguns param para conversar e até se alimentar sentados nos bancos em áreas sombreadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Área não muito limpa, sem a presença de funcionários da limpeza, no entanto, predominam folhas de árvores que caem com frequência no período. Alguns equipamentos e mobiliários danificados, como alguns dos bancos e a quadra esportiva, com piso e alambrado danificados. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos em áreas sombreadas. - A Praça não apresenta alta densidade de vegetação de grande porte em seu espaço interno, o que não gera grande sombreamento nos períodos de maior temperatura. - Não há vendedores ou ambulantes na praça, também não se verifica a realização de qualquer tipo de evento no dia e período analisado.
<p>2º dia - Data: 29/07/2021 - (quinta-feira) Horário: 16:00 às 18:00</p> <ul style="list-style-type: none"> - Presença de um grupo de aproximadamente oito adolescentes na quadra de esportes, dois idosos fazendo uso da academia ao ar livre e duas mulheres caminhando pelo local. - Limpeza parcial do local, como na primeira observação. Equipamentos e mobiliários mais utilizados: quadra esportiva, academia ao ar livre e caminhos internos. - No horário analisado não houve vinculação entre o uso da praça com a presença de sua arborização e sombreamento, pois a temperatura estava baixa. - Não foi detectada a realização de evento e nem a presença de vendedores/ambulantes na praça.
<p>3º dia - Data: 31/07/2021 - (sábado) Horário: 08:30 às 10:30</p> <ul style="list-style-type: none"> - Presença de algumas pessoas de passagem pelo local, famílias caminhando e algumas crianças brincando na quadra e correndo pela praça, totalizando aproximadamente 10 pessoas, com algumas delas reunidas. - Como nos outros dias, existe uma grande quantidade de folhagens e flores no chão da praça, não sendo verificado a presença de funcionários da limpeza urbana. Equipamentos mais utilizados: quadra, bancos e caminhos internos. - Não houve a vinculação do sombreamento gerado pela arborização com a utilização das pessoas, pois as temperaturas encontram-se baixas na cidade no período analisado. No entanto, em dias mais quentes fica evidente que a arborização do local não conta com muitas árvores responsáveis por gerar grande conforto térmico. Não há vendedores e nem qualquer tipo de evento no local.
<p>Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>

Diante das informações levantadas, observa-se que a praça analisada agrega um razoável fluxo de pessoas residentes em suas imediações, com a presença de idosos que, esporadicamente, sentam-se nos bancos, exercitam-se na academia ao ar livre ou caminham pelo local. É comum também o fluxo de adolescentes e crianças que utilizam predominantemente a quadra de esportes, sendo que esta necessita de reparos.

Além de constituir em um espaço específico de lazer e entretenimento, é possível denotá-lo com a perspectiva de acolher inúmeras pessoas que procuram atendimento médico na Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro Roosevelt, a poucos quarteirões de distância. Foi possível visualizar pessoas que almoçavam ou lanchavam pela praça, algumas sozinhas e/ou em pequenos grupos. Ao entrar em contato com um casal que lanchava e, em seguida, com um jovem que caminhava pelo local, constata-se que ambos não conheciam muito bem as imediações e, por acaso, encontraram a praça e compartilharam do seu espaço.

O casal (Sr. A. e Sra. B.), de 52 e 50 anos, respectivamente, relataram que tinham uma consulta marcada na UBS e que sabiam da existência de uma praça (informação oral)⁴⁵ “agradável e bonita, boa para descansar (...) bom lugar para esperar”. O jovem R., de 28 anos, (informação oral)⁴⁶, que caminhava nos arredores, relatou que não mora em Uberlândia, estava de passagem pela cidade visitando a família e precisou de uma consulta de urgência na UBS e, por acaso, descobriu a praça e a considerou como “(...) um local tranquilo, bonito e interessante para caminhar”.

Nesse sentido, observa-se que, embora seja uma praça pequena e instalada em um bairro um pouco distante da área central, é comum a presença de pessoas que se deslocam de outros locais em busca de serviços especializados, como no caso da Unidade Básica de Saúde, e que, por acaso ou através de algum contato, descobrem-na e fazem uso de suas instalações. A praça encontra-se em uma área de grande acessibilidade urbana, com linhas de ônibus regulares que percorrem suas proximidades, como a A107 que faz ligação com o Terminal Central, a A123 que vai até a Unidade de Saúde do Jardim Brasília e a T151 que faz ligação do Terminal Industrial ao Central.

⁴⁵ Entrevista concedida pelos Srs. A. e B. Entrevista VI. [julho 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

⁴⁶ Entrevista concedida por R. Entrevista VII. [julho 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

Em relação à segurança do local, verificou-se aparente tranquilidade ao longo dos períodos observados, sendo perceptível a presença de câmeras de segurança em um ponto específico, o que reforça as contradições que permeiam a utilização destes espaços livres urbanos. De qualquer forma, alguns idosos que faziam uso da academia ao ar livre reforçaram que a praça é tranquila, sendo vista como uma alternativa para aqueles que desejam se exercitar e que possuem menor condição financeira para buscar outros espaços coletivos privados. O sombreamento gerado não é tão consistente para os períodos de temperaturas mais elevadas, no entanto, existe uma grande quantidade de árvores que agregam beleza à sua estética.

Nesse momento, o foco de análise se estabelece em torno das praças presentes no Setor Sul da cidade, com a observação de duas praças localizadas em áreas muito distintas do ponto de vista de sua estrutura e dinâmica. A primeira encontra-se em um bairro mais elitizado, está às margens da avenida Rondon Pacheco, uma das mais importantes vias de fluxo rápido da cidade, trata-se da Praça José Motta no bairro Morada da Colina.

O bairro no qual se localiza a referida praça, teve sua aprovação na década de 1970⁴⁷. Encontra-se no centro do setor, configurando-se a partir de então, em um dos novos locais destinados para a elite local, conforme destacam Moura e Soares (2009) e Silva, K. (2012). Em seu interior há inúmeros vazios urbanos, podendo-se ressaltar no local a implantação na década de 1990 do primeiro loteamento fechado do Setor Sul, denominado de Villagio da Colina.

A Praça José Motta está localizada em uma área bastante centralizada, fazendo divisa com o bairro Tabajaras que integra o Setor Central de Uberlândia. O entorno dessa praça conta com um misto entre áreas residenciais, tanto no próprio Morada da Colina, quanto nos bairros que integram o Setor Central, do lado oposto da avenida Rondon Pacheco, e um conjunto de empreendimentos financeiros, comerciais e de serviços, como restaurantes especializados, lojas de decoração, bancos etc.

A praça possui formato quadrangular e além de seu mobiliário, vegetação e equipamentos de lazer, conta com um prédio onde funciona o centro de tecelagem “Fios do Cerrado”. Em relação à disposição da estrutura do mobiliário, dos equipamentos e áreas com vegetação, são discriminados a seguir os elementos que compõem a praça.

⁴⁷ Ver o artigo de Moura e Soares (2009) que aborda a expansão da periferia urbana de Uberlândia, de sua origem até a década de 1990 e a Dissertação de Mestrado de Silva, K. (2012), a qual aborda o processo de expansão urbana acompanhado da exclusão e segregação socioespacial do Setor Sul da cidade.

Quadro 25 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça José Motta, bairro Morada da Colina - Setor Sul, 2021

Forma da praça:	Forma geométrica quadrangular			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		33	Concreto
3 - Iluminação: (x)- alta / (x) –				Pontos de luz (18 de iluminação baixa, 10 de iluminação alta)
4				
5 baixa:	x		28	
3 - Lixeiras:	x		16	
4 - Sanitários:		x		
5 - Telefone Público:		x		
6 - Bebedouros:		x		
7 - Caminhos internos:	x			Concreto e tijolos de concreto
8 - Palco/Coreto:	x			Pequeno palco com arquibancada
9 - () Monumento/ () Estátua, Busto		x		
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz		x		
11 - Estacionamento	x		2	Para carros e motos
12 - Ponto de Ônibus	x		1	
13 - Ponto de Taxi		x		
14 - Quadra esportiva		x		
15 – Espaço/ equipamentos para a prática de exercícios físicos	x		1	Academia ao ar livre
16 - Espaço para a 3ª idade	x		2	Academia ao ar livre, mesas de jogos
17 - Parque infantil - equipamentos:	x		1	Escorregador, balanço, gangorra e escalada
18 - Banca de revista:		x		
19 - Quiosque de alimentação:		x		
20 - Edificação institucional:		x		
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; (x) arbustos; (x) grande porte.	x			Gramada, com coqueiros, alguns arbustos e árvores de grande porte
23 - Outros:	x		7	Mesas de jogos

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Adaptação de De Angelis et al. (2005).

Apesar do prédio mencionado (centro de tecelagem) ocupar praticamente a metade da praça, a outra parte constitui um espaço arborizado com a disposição de equipamentos e mobiliários que favorecem sua utilização para o lazer. Há uma expressiva quantidade de bancos

em concreto (33 no total), de pontos de iluminação tanto em postes altos quanto em postes baixos (28 no total) e de lixeiras (16 no total), sendo a maioria delas em metal. Os caminhos internos são compostos por piso de concreto, integrando-se com áreas gramadas, em sua maioria arborizadas. Entre os equipamentos de lazer destaca-se, um parque infantil pequeno (com escorregador, balanço, gangorra e equipamento de escalada), uma academia de ginástica completa e ao ar livre, um pequeno palco com arquibancada e mesas de jogos distribuídas, sobretudo, em alguns pontos de maior sombreamento.

Figura 20 – Praça José Motta com destaque para o mobiliário e alguns equipamentos de lazer - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Nas suas laterais existem dois estacionamentos para carros e motos e um ponto de ônibus, que conta com várias linhas que saem do Terminal Central em direção a bairros mais periféricos do Setor Sul, entre eles, o Shopping Park e o Santa Luzia, por exemplo.

Não foi verificada a existência de sanitários, telefones públicos, bebedouros, espelhos d'água, bancas de revista, quiosques e demais mobiliários. Nas imagens da Figura 21, ressaltam-se os mobiliários e os equipamentos que necessitam de reparos, como bancos quebrados, postes de iluminação que tiveram as lâmpadas retiradas e o parque infantil com um dos balanços danificados, por exemplo.

Figura 21 – Mobiliários e equipamentos danificados na Praça José Motta - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

O quadro a seguir apresenta a síntese das principais considerações levantadas durante a observação de campo na praça.

Quadro 26 - Síntese da observação do uso da Praça José Motta – Setor Sul, 2021

1º dia - Data: 30/04/2021 - (sexta-feira) Horário: 11:30 às 13:30
<p>Localizada entre as avenidas Rondon Pacheco, Liberdade e Francisco Galassi</p> <ul style="list-style-type: none"> - Frequência de aproximadamente 13 pessoas, quase todos adultos, com exceção de duas crianças que brincavam no parque infantil acompanhadas de duas mulheres. Os demais adultos encontravam-se sentados nos bancos em uma área sombreada. Foi evidenciada a presença de alguns moradores de rua consumindo bebidas alcoólicas no local. - Área aparentemente limpa, porém havia a presença de funcionários da limpeza urbana nas proximidades. Alguns equipamentos e mobiliários danificados, como um dos bancos, um poste que a iluminação foi retirada e alguns brinquedos do parque infantil, especialmente um dos balanços danificados. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos e mesas de concreto em áreas sombreadas e parque infantil. - A Praça, embora possua espaço de lazer reduzido, apresenta grande densidade de vegetação de grande porte, o que proporciona grande sombreamento nos períodos de maior temperatura. - Não há vendedores ou ambulantes na praça, apenas na frente desta, no cruzamento da av. Rondon Pacheco, também não se verifica a realização de qualquer tipo de evento no dia e período analisado. O prédio no qual funciona o centro de tecelagem encontra-se fechado.
2º dia - Data: 01/05/2021 - (sábado) Horário: 17:00 às 19:30
<ul style="list-style-type: none"> - Muitos frequentadores presentes neste dia e horário, cerca de 17 adultos, incluindo um casal de idosos, seis crianças e dois adolescentes. Alguns adultos acompanhando as crianças no parque infantil, e os demais sentados em diferentes partes da praça, tanto em bancos, quanto na pequena arquibancada presente. - Local aparentemente limpo, como na primeira observação. Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos, parque infantil e pequena arquibancada de concreto. - No horário analisado não houve vinculação entre o uso da praça com a presença de sua arborização e sombreamento, pois a temperatura estava um pouco mais amena. - Não foi detectada a realização de evento e nem a presença de vendedores/ambulantes na praça, porém, defronte a praça, na av. Rondon Pacheco concentra-se muitos vendedores que oferecem produtos diversos aos motoristas que param no cruzamento. O centro de tecelagem permanece fechado.
3º dia - Data: 04/05/2021 - (terça- feira) Horário: 08:00 às 10:30
<p>Aproximadamente 10 pessoas no local, todos adultos, alguns sentados nos bancos conversando, outros se preparando para realizar caminhadas nas imediações da praça e da avenida Rondon Pacheco, e ainda alguns vendedores ambulantes preparando seus produtos para serem levados ao semáforo da avenida destacada.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O local encontra-se limpo, com a presença de um funcionário realizando a varrição. Não se encontra nenhum tipo de policiamento e ainda não é possível relacionar a presença de pessoas especificamente nas áreas sombreadas no período. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos e mesas.
<p>Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>

Observa-se que a praça possui grande movimentação de pessoas em determinados dias e horários, especificamente no final da tarde, pois além da utilização da própria praça em si, inúmeras pessoas estacionam veículos próximos a esta e percorrem um longo trecho de caminhadas, corridas e pedaladas que margeia a av. Rondon Pacheco. É importante salientar, que algumas pessoas estacionam próximas da praça para utilizarem os estabelecimentos comerciais existentes no seu entorno, também realizando pequenas paradas no local, principalmente com a presença de crianças.

As áreas sombreadas são fundamentais para a utilização desta praça ao longo do dia, sendo comum a utilização dos bancos e das mesas de jogos, inclusive com a presença dos vendedores ambulantes que comercializam seus produtos na avenida defronte e que a utilizam para descansar e se alimentar ao longo dia. É possível mencionar ainda que a praça representa um ponto de parada para alguns moradores de rua que também fazem uso do local em certos momentos.

Segundo o Sr. A.S., de 37 anos, (informação oral)⁴⁸, a praça é um local importante para o descanso em determinados horários do dia, no intervalo de almoço, por exemplo, “(...) é bom dar uma parada aqui, tem árvores e refresca um pouco do calor, dá pra descansar e depois voltar [pro] trabalho”. Assim, observa-se o mesmo contexto presente nas praças do Setor Central, na medida que no entorno desta se concentram bancos, restaurantes, lojas e estabelecimentos educacionais, resultando em um ponto de parada para muitos funcionários que trabalham nas imediações, não necessariamente em um espaço específico que as pessoas buscam para seu lazer.

No período noturno, a praça conta com iluminação razoável, apesar da ausência de lâmpadas em alguns postes, o que resulta, juntamente com a movimentação de transeuntes, sobretudo em busca de atividades físicas no entorno, em um espaço seguro até determinados horários. Com relação aos equipamentos de lazer, é possível salientar a necessidade de manutenção e de possível ampliação do parque infantil, tendo em vista a quantidade de crianças que utilizam os equipamentos.

⁴⁸ Entrevista concedida pela Sr. A. S. Entrevista VIII. [abril 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

A próxima praça analisada, ainda no Setor Sul, corresponde à Praça Maria Preta, inaugurada no ano de 2019 no bairro integrado São Jorge. Localizada em uma região periférica, nas extremidades do Setor Sul, na divisa com o “Assentamento Glória”⁴⁹.

Figura 22 – Vista parcial das imediações do “Assentamento Glória” e da Praça Maria Preta (bairro São Jorge) - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Essas imediações correspondem a uma área da cidade marcada pela segregação espacial, o que resulta em intensos processos de exclusão social. A praça, representa um dos únicos espaços livres que atende ao lazer da população em uma vasta área e, apesar de ter sido inaugurada recentemente, necessita de melhorias já que o fluxo de pessoas no local é elevado.

Segundo Moura e Soares (2009), os loteamentos que deram origem aos bairros mais consolidados nesta região são oriundos de uma política governamental instituída na década de 1990, no governo Collor, denominada de Plano de Ação Imediata para a Habitação (PAIH), no qual os recursos provenientes do FGTS seriam utilizados para financiar um pouco mais de 240.000 habitações para famílias com até cinco salários mínimos. Assim, surgiram bairros como o Parque Granada e o São Jorge, por exemplo, ambos nesta borda periférica do Setor Sul de Uberlândia. Tais loteamentos foram implantados fora do perímetro urbano, o que favoreceu à intensa especulação imobiliária nas áreas vazias que restaram entre estes.

Silva, K. (2012), destaca com base no Histórico do Bairro da Prefeitura Municipal (s./d.) que uma série de bairros como estes, implantados a partir de programas de governo, foram construídos e se mantiveram ausentes de algumas infraestruturas locais, como a falta de

⁴⁹ Esse assentamento é resultante de uma ocupação de “sem tetos”. O local é desprovido de infraestrutura urbana de qualidade, como o sistema de coleta de esgoto depositado em fossas ou descartado nas ruas que não contam com pavimentação, por exemplo.

pavimentação, coleta de esgoto e lixo etc. Com o passar do tempo, as inúmeras reivindicações pressionam o poder público para efetuar tais infraestruturas, muito embora, ainda seja uma lacuna que obriga os moradores a reivindicarem mais segurança e espaços de lazer, como praças públicas bem iluminadas, por exemplo. A Praça Maria Preta conta com mobiliários e equipamentos de lazer, conforme verifica-se através das imagens a seguir apresentadas.

Figura 23 - Praça Maria Preta com destaque para a utilização do seu espaço e dos equipamentos de lazer - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

A praça possui formato retangular, é composta por caminhos internos em concreto liso entremeados por vegetação, apresenta mobiliário básico distribuído ao longo de sua extensão, como bancos, lixeiras e postes de iluminação, não verificando-se nenhum desses itens em quantidade muito expressiva. Entre os equipamentos de lazer, visualiza-se a presença de uma academia ao ar livre, alguns itens de um parque infantil (dois balanços e alguns pneus) e um campinho gramado sem traves. A acessibilidade ao local por meio do transporte público, ocorre a partir da linha E131 nas imediações da av. Serra da Canastra (Seringueiras/ Glória) em direção ao Terminal Santa Luzia, que faz ligação com outras partes da cidade.

Quadro 27 – Descrição do mobiliário, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça Maria Preta, bairro São Jorge - Setor Sul, 2021

Forma da praça:	Forma geométrica retangular			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		9	Concreto
2 - Iluminação: (x)- alta / (x) - baixa:	x		9	Pontos de luz
3 - Lixeiras:	x		9	Fixas
4 - Sanitários:		x		
5 - Telefone Público:		x		
6 - Bebedouros:		x		
7 - Caminhos internos:	x			Concreto liso
8 - Palco/Coreto:		x		
9 - (x)Monumento/ () Estátua, Busto	x		1	Placa
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz		x		
11 – Estacionamento		x		
12 - Ponto de Ônibus		x		
13 - Ponto de Taxi		x		
14 - Quadra esportiva		x		
15 – Espaço/ equipamentos para a prática de exercícios físicos	x		2	Academia ao ar livre e campinho de grama
16 - Espaço para a 3ª idade	x		1	Academia ao ar livre
17 - Parque infantil - equipamentos:	x		1	Incompleto (2 balanços e pneus)
18 - Banca de revista:		x		
19 - Quiosque de alimentação:		x		
20 - Edificação institucional:		x		
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; (x)arbustos; (x) grande porte.	x			Gramada, com arbustos, coqueiros e árvores de médio e grande porte
23 - Outros:	x		1	UBS Glória defronte a praça

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.
Adaptação de De Angelis et al. (2005)

Na sequência, destacam-se os principais apontamentos levantados nas observações de campo realizadas.

Quadro 28 - Síntese sobre a observação do uso da Praça Maria Preta – Setor Sul, 2021

<p>1º dia - Data: 26/07/2021 - (segunda-feira) Horário: 14:00 às 16:30</p>
<p>Localizada na rua Geralda Francisca Borges</p> <ul style="list-style-type: none"> - Frequência de aproximadamente 25 pessoas, entre adultos, adolescentes e crianças. A maioria dos adultos são mulheres que acompanhavam as crianças e conversavam sentadas nos bancos e no próprio gramado em áreas sombreadas. - Área parcialmente limpa, não verificando-se a presença de funcionários da limpeza urbana, com predomínio de folhagens espalhadas. Parque infantil com brinquedo quebrado. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos de concreto em áreas sombreadas e os poucos equipamentos do parque infantil. - A Praça não apresenta grande densidade de vegetação de grande porte, o que não gera grande sombreamento nos períodos de maior temperatura. - Não há vendedores ou ambulantes na praça e nem qualquer tipo de evento ou atividade que envolva a comunidade.
<p>2º dia - Data: 28/07/2021 - (quarta-feira) Horário: 09:30 às 11:30</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Aproximadamente 20 pessoas frequentado a praça, além de inúmeros transeuntes de passagem pelo local, incluindo adultos, alguns idosos caminhando e crianças brincando. A maioria dos adultos acompanhavam as crianças sentados nos bancos e outros pelo gramado. - Local parcialmente limpo, como na observação anterior com folhagens pelo gramado. Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos, parque infantil, academia ao ar livre e as laterais para as caminhadas. - No horário analisado não houve vinculação entre o uso da praça com a presença de sua arborização e sombreamento, pois a temperatura estava um pouco mais amena. - Não foi detectada a presença de vendedores/ambulantes na praça.
<p>3º dia - Data: 31/07/2021 - (sábado) Horário: 16:00 às 18:00</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Presença de aproximadamente 30 pessoas, predominando adolescentes que jogavam futebol no campinho gramado. Como nos outros dias, algumas famílias conversando em bancos ou na área gramada acompanhando as crianças, é possível destacar a maior presença de homens adultos se comparado às duas observações anteriores que contavam com mais mulheres. - Limpeza parcial como nos dias anteriores. Mobiliários e equipamentos utilizados: bancos, área gramada, campinho de grama, parque infantil e academia ao ar livre. - Muitas pessoas em áreas sombreadas, embora as temperaturas no período estivessem amenas. - Não foi detectada a presença de vendedores e qualquer tipo de evento no local, não sendo visível nenhum patrulhamento da Polícia Militar durante as observações.
<p>Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>

Diante do contexto levantado, é possível inferir que o espaço público em questão é muito utilizado para o lazer dos moradores do entorno em diferentes dias e horários, sendo visível a presença de pessoas de variadas faixas etárias, com o predomínio de mulheres adultas que acompanham as crianças. A praça compreende um dos poucos espaços públicos de lazer nessas imediações da cidade, o que comprova a necessidade de expandir tais espaços e garantir a infraestrutura necessária, tendo em vista o adensamento populacional que reside nessas imediações. O bairro São Jorge contava, de acordo com o último Censo de 2010, com uma população de pouco mais de 26.500 habitantes, salientando-se que o assentamento Glória, nas proximidades da praça, abriga pouco mais de 2.000 famílias, em torno de 15.000 pessoas, de acordo com os dados da Companhia de Habitação de Minas Gerais (COHAB Minas), responsável por assumir, recentemente, juntamente com a prefeitura o processo de regularização da área.

Apesar de ser uma praça instalada há pouco tempo, carece de melhorias, principalmente na manutenção e na ampliação do parque infantil, que conta basicamente com dois balanços, mesmo com inúmeras crianças que frequentam a praça ao longo dos dias. A presença de espécies arbóreas de grande porte capaz de proporcionar maior sombreamento é incipiente, com o predomínio de canteiros gramados e pequenos arbustos que, provavelmente, oferecerão maior sombreamento futuro.

Segundo alguns usuários da praça, o local é bastante agradável e corresponde à única opção de lazer mais próxima para levar as crianças. A jovem F. (informação oral)⁵⁰, moradora do assentamento Glória, 26 anos, que visita a praça com frequência com seus três filhos, relata que a região carece de uma série de serviços públicos básicos, especialmente no local onde mora. “Área de lazer não tem perto, (...) não tinha nem serviço de saúde a pouco tempo, tinha que ir só no posto do Pampulha, (...) agora que inaugurou a unidade de frente a praça”. Apesar das grandes limitações em termos de oferta de infraestrutura básica, a jovem F. destaca que não há insegurança nas imediações, “(...) ninguém rouba nada, a casa fica aberta quando saio perto”.

⁵⁰ Entrevista concedida pela jovem F. Entrevista IX. [julho 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

Outra moradora do bairro São Jorge, a jovem P. (informação oral)⁵¹, 23 anos, que estava sentada com seus dois filhos no gramado relata que o local é agradável e tranquilo, inclusive no período noturno, quando, segundo ela, encontram-se presentes mais casais de namorados. “Pra mim o que falta é mais sombra, no calor é ruim (...) só existe aqui e o Centro de Artes e Esportes Unificado (CEU) mais perto para descansar e levar as crianças”. É evidente que esta praça é vista como um daqueles lugares de referência para os moradores do entorno em seu tempo disponível, sendo predominante a presença de mulheres que durante a semana cuidam dos filhos em casa ou encontram-se desempregadas, conforme apontado por uma das usuárias da praça.

Nesse sentido, torna-se claro a consolidação de processos que corroboram na exclusão social, já que nessa região mesclam-se loteamentos populares que foram instalados de forma precária que vão se consolidando ao longo tempo, juntamente com novos assentamentos urbanos que se configuram em verdadeiros aglomerados de exclusão⁵² conforme destaca Haesbaert (1995).

As próximas praças analisadas localizam-se no Setor Leste de Uberlândia. A primeira delas encontra-se no bairro Santa Mônica, que exerce grande centralidade no espaço urbano, dotado de importantes equipamentos públicos, como o maior campus da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a sede da Prefeitura Municipal e o Complexo do Parque do Sabiá, por exemplo.

O bairro, segundo Moura e Soares (2009), foi implantado na década de 1960, mais precisamente em 1964, a partir do loteamento e da venda de terrenos pela imobiliária Segismundo Pereira. De acordo com o último Censo Oficial realizado pelo IBGE em 2010, o bairro apresenta uma população de quase 36 mil habitantes, o que o colocou na posição de o mais populoso de Uberlândia.

No âmbito das quinze praças existentes no bairro segundo a SEPLAN, identifica-se para esta análise a Praça Américo Ferreira de Abreu, uma das poucas que contemplam equipamentos de lazer. Essa praça apresenta formato quadrangular e amplo espaço

⁵¹ Entrevista concedida pela Sra. P. Entrevista X. [julho 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

⁵² Segundo Haesbaert (1995), temos a emergência de um “sistema” ou “sociedade mundo” decorrente da consolidação da dinâmica das redes e da globalização, mas ao mesmo tempo ampliam-se os processos de fragmentação, estes últimos resultam em produto ou reações a este processo homogeneizador, o que pode acarretar na exclusão extrema, atomizadora aos territórios mais segregadores. Nesse processo, surgem esses aglomerados que marcam historicamente os processos de (des)territorialização de determinados grupos sociais que lutam para se reconstituírem e se (re)territorializarem.

acompanhado de mobiliários, equipamentos de lazer e sombreamento proporcionado por sua arborização. Apresenta-se na sequência, o Quadro 29 que apresenta a descrição desses itens.

Quadro 29 – Descrição dos mobiliários, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça Américo Ferreira de Abreu, bairro Santa Mônica - Setor Leste, 2021

Forma da praça:	Forma geométrica quadrangular			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		56	Concreto-52 bancos retos e 4 circulares
2 - Iluminação: (x)- alta / () - baixa:	x		26	Pontos de luz
3 - Lixeiras:	x		23	
4 - Sanitários:	x		2	1 (M); 1(F) – fechados
5 - Telefone Público:		x		
6 - Bebedouros:		x		
7 - Caminhos internos:	x			Tijolos de Concreto
8 - Palco/Coreto:	x		1	Palco
9 - () Monumento/ () Estátua, Busto		x		
10 - Espelho d'água/ fonte ou chafariz		x		
11 - Estacionamento		x		
12 - Ponto de Ônibus	x		2	
13 - Ponto de Taxi	x		1	
14 - Quadra esportiva	x		1	Poliesportiva
15 – Espaço/ equipamentos para a prática de exercícios físicos	x		2	Academia ao ar livre e barras de ginástica
16 - Espaço para a 3ª idade	x		2	Academia ao ar livre e mesas de jogos
17 - Parque infantil - equipamentos:	x		1	Escorregador, balanço e escalada
18 - Banca de revista:		x		
19 - Quiosque de alimentação:		x		
20 - Edificação institucional:		x		
21 - Templo religioso:		x		(*defronte a praça)
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; (x) arbustos; (x) grande porte.	x			Gramada, com arbustos, floreiras, coqueiros e árvores de grande porte
23 - Outros:	x		9	Mesas de jogos

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021. Adaptação de De Angelis et al. (2005).

Ao analisar a presença de mobiliário básico, como bancos, pontos de iluminação e lixeiras, observa-se uma considerável quantidade desses itens, com destaque para os bancos em concreto, que além do número de bancos retos (52 no total), ainda existem outros quatro em formato circular ao redor de árvores, como no destaque da Figura 24. Os caminhos internos são compostos de tijolos de concreto que circundam todo o traçado da praça, entremeados pela vegetação.

Figura 24 – Parte central da Praça Américo Ferreira de Abreu - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

A praça conta com sanitários (masculino e feminino) que se encontram fechados e não disponíveis para o livre acesso, talvez pela falta de funcionários responsáveis pela limpeza e manutenção do local. Alguns mobiliários como, por exemplo, bebedouros, telefones públicos, monumentos e espelhos d'água não foram detectados. Não há estacionamentos próprios, quiosques para a venda de produtos, bancas de revista ou qualquer tipo de edificação em seu interior, apenas ponto de ônibus e de táxi. Nos arredores, além de residências, verificam-se alguns bares, lojas de roupas e uma Igreja Católica.

Verificou-se a existência de equipamentos de recreação e lazer, como uma quadra poliesportiva, uma academia de ginástica ao ar livre, um conjunto de barras de ginástica, um palco de apresentações, mesas de jogos com bancos e um parque infantil. É bastante recorrente como em outras praças, a existência de mobiliários e equipamentos danificados e sem manutenção, o que gera problemas na utilização por parte dos usuários do local.

Figura 25 – Arborização, mobiliários e equipamentos de lazer e recreação da Praça Américo F. de Abreu- 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Essa praça apresenta uma arborização que compõe bom sombreamento em sua extensão, inclui áreas gramadas, floreiras, arbustos, palmeiras e árvores de grande porte conforme nota-se na figura anterior. As árvores de grande porte, especificamente, proporcionam intenso sombreamento durante o dia, o que resulta em mais conforto térmico para o local.

Na sequência, destacam-se os principais apontamentos realizados durante as observações de campo na praça Américo Ferreira de Abreu.

Quadro 30 - Síntese da observação do uso da Praça Américo Ferreira de Abreu – Setor Leste, 2021

<p>1º dia - Data: 30/04/2021 - (sexta-feira) Horário: 08:30 às 10:40</p>
<p>Localizada entre a avenida Ortízio Borges e as ruas Jorge M. Pinto e Alberto A. Cabral</p> <ul style="list-style-type: none"> - Frequência de aproximadamente 30 pessoas na praça, entre adultos, crianças, adolescentes e idosos. Predominância dos adultos, sendo perceptível algumas duplas conversando sentadas nos bancos, outros acompanhando as crianças tanto no parque infantil, quanto na quadra de esportes e um número considerável reunidos em torno das mesas de jogos, portando malas e bebidas alcoólicas. - Área aparentemente limpa, com a presença de dois funcionários da limpeza urbana nas proximidades. Alguns equipamentos e mobiliários danificados, como bancos, o piso em determinados trechos e alguns brinquedos do parque infantil. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos e mesas de concreto em áreas sombreadas, parque infantil, quadra poliesportiva e academia de ginástica. - A Praça apresenta grande densidade de vegetação de grande porte e demais áreas com vegetação, o que proporciona grande sombreamento nos períodos de maior temperatura. - Não havia vendedores ou ambulantes na praça, também não ocorria a realização de qualquer tipo de evento no dia e período analisado. Também não houve patrulhamentos no local.
<p>2º dia - Data: 02/05/2021 - (domingo) Horário: 15:30 às 17:30</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Presença de aproximadamente 30 pessoas neste dia e horário, cerca de 17 adultos, alguns acompanhando crianças, outros dois casais sentados nos bancos em áreas sombreadas e os demais reunidos em número expressivo conversando, consumindo bebidas alcoólicas e outras substâncias entorpecentes. As crianças brincavam no parque infantil e um grupo de seis adolescentes jogavam futebol na quadra. - Local aparentemente limpo, como na observação anterior. Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos e mesas de concreto, parque infantil, quadra poliesportiva. - A maioria dos usuários da praça encontravam-se em áreas sombreadas, fora do contato direto com a luminosidade solar, sendo possível associar a utilização do local com sua arborização e sombreamento, fator fundamental em horários com temperaturas mais elevadas. - Mais uma vez não foi detectada a realização de evento e nem a presença de vendedores/ambulantes na praça, sendo detectada a grande quantidade de adultos em um dos estabelecimentos comerciais (bar) defronte a praça. Mais uma vez, não verificamos nenhum tipo de patrulhamento pelo local.
<p>3º dia - Data: 03/05/2021 - (segunda-feira) Horário: 18:30 às 20:30</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Frequência de aproximadamente 25 pessoas, predominando adultos e adolescentes em torno de bancos e mesas, na quadra e na academia ao ar livre. Poucas crianças no horário brincando no playground, cerca de três. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: quadra, academia ao ar livre, bancos e playground. Local limpo e sem presença da segurança pública. - Movimento nos estabelecimentos comerciais do entorno (bares), comum a presença de usuários de drogas e álcool reunidos em pequenos grupos pelo local.
<p>Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>

Ao partir dessas observações é possível evidenciar que a praça analisada corresponde a um espaço livre atrativo para a população do seu entorno, com amplo espaço físico, arborização e equipamentos de recreação e lazer que são utilizados ao longo dos dias da semana. É perceptível a veiculação dos usos da praça com sua arborização, pois a maior parte dos bancos em concreto e dos equipamentos mencionados, encontra-se em áreas sombreadas, o que favorece a utilização até nos horários de temperaturas mais elevadas.

Em relação à acessibilidade, a praça encontra-se em uma área bem centralizada do bairro Santa Mônica, sendo favorável o acesso por transporte individual através de importantes vias, e, também, é acessível com a presença de algumas linhas de ônibus, entre elas a A105 – Santa Mônica/ Terminal Central com parada na av. Ortízio Borges defronte o local, e de outras três linhas com paradas na av. Segismundo Pereira (9 minutos de distância).

Apesar da visível limpeza e dos serviços de poda dos gramados e das árvores ter sido realizado próximo do primeiro dia de observação, a manutenção e o acompanhamento das estruturas físicas do local são insuficientes conforme descrito, no caso dos bancos, dos brinquedos do parque infantil, dos sanitários fechados etc.

Tal fato foi inclusive mencionado, tanto por uma usuária que leva com frequência seus filhos no parque infantil, quanto por um dos dois funcionários da limpeza urbana presentes em uma das observações de campo. A primeira, destaca que às vezes são os próprios pais que realizam pequenos reparos nos brinquedos de madeira e ferro do parque infantil. O segundo, por sua vez, nos aborda para relatar que não ocorre nenhuma fiscalização por parte da prefeitura na praça. Nesse último caso, o Sr. D. S., 48 anos, funcionário da limpeza urbana e responsável pela varrição da praça (informação oral)⁵³, fez o seguinte comentário: “aqui eu tenho que trazer meu próprio rastelo, a vassoura, é só o carrinho que a prefeitura dá pra gente, a praça (tá) largada”.

A questão das formas de apropriação do espaço da praça também vem à tona, principalmente, com relação aos chamados usos imprevisíveis, que concorrem com os usos conforme às regras já destacados por Serpa (2007). Assim, são geradas novas territorialidades que podem entrar em conflito no processo de apropriação, uso e consumo do espaço público analisado.

⁵³ Entrevista concedida pela Sr. D. S. Entrevista XI. [abril 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

Nos variados momentos da observação, foi possível detectar alguns usuários de álcool e substâncias entorpecentes proibidas, seja em número reduzido de pessoas, seja reunindo aglomerações, predominantemente homens de variadas idades, inclusive idosos, sendo que alguns portavam bolsas de viagem, mesmo durante o dia.

A mesma moradora do entorno e usuária da praça, que destaca a falta de manutenção da estrutura física, aponta que muitos moradores de rua e usuários de álcool e drogas que viviam em outros locais, como no bairro Tibery, deslocaram-se para a praça depois que supostamente alguns sofreram agressões no outro local que estavam. Segundo a Sra. E. M., 44 anos (informação oral)⁵⁴, “a noite a quadra é dominada por usuários, crianças não utilizam, moradores de rua que vieram de praça do Tibery passaram a viver aqui”. Uma outra pessoa que estava com sua filha no local, o Sr. H. S., 42 anos (informação oral)⁵⁵, relatou que “falta manutenção, período noturno não favorece o uso, são usuários de drogas, moradores de rua, (...) mesmo assim é importante espaço para crianças”.

Dessa forma, é possível perceber um pouco da visão de alguns moradores do entorno que frequentemente levam seus filhos à praça, e o contexto conflituoso que faz parte do local, sobretudo no período noturno, contrapondo as formas de consumo e apropriação supracitadas.

Na sequência, faz-se referência às informações de outra praça localizada no Setor Leste da cidade, a Praça do Jacaré no bairro Novo Mundo. O bairro em questão encontra-se na periferia da malha urbana, em uma das extremidades desse setor e apresenta uma distância de aproximadamente 10 km da área central. A praça encontra-se no loteamento Vida Nova que compõe o bairro integrado Novo Mundo. Trata-se de um loteamento planejado, implantado pela empresa ITV Urbanismo no ano de 2014 e visa atender a um segmento social de médio padrão de consumo, com a presença exclusiva de casas e prédios de dois a três pavimentos.

Nesse caso específico, a periferia urbana em destaque é realçada pela implantação e organização de novas morfologias urbanas que fogem à regra das tradicionais áreas pobres, situadas em porções do território mais distantes de infraestrutura e equipamentos urbanos

⁵⁴ Entrevista concedida pela Sra. E. M. Entrevista XII. [abril 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

⁵⁵ Entrevista concedida pela Sr. H. S. Entrevista XIII. [abril 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

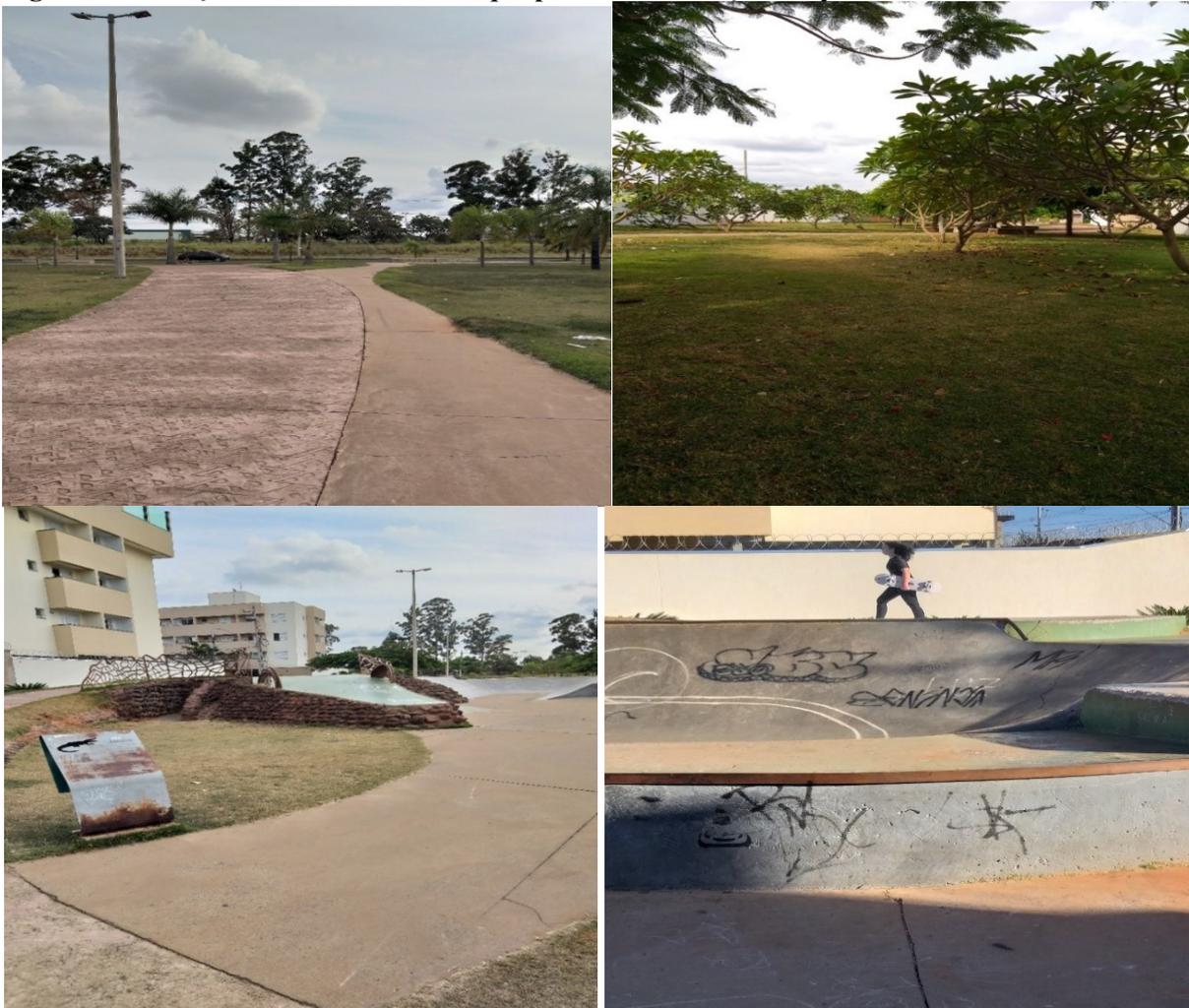
qualificados. Ao relembrar Spósito (2011)⁵⁶, torna-se possível enfatizar a existência de uma justaposição de novas áreas urbanas que são incorporadas, ora para atender segmentos sociais privilegiados economicamente, ora segmentos vulneráveis com baixo poder de consumo, comumente inseridos cada vez mais próximos uns dos outros.

A Praça do Jacaré foi implantada no ano de 2015, sua instalação, conforme já mencionada pela assessoria de comunicação da ITV Urbanismo na Seção 4, seguiu um projeto de paisagismo que conta com uma pista de skate temática no formato de um jacaré, desenhada por uma artista local com o intuito de ressaltar as espécies nativas brasileiras e do cerrado.

Essa praça, destaca-se na análise empírica, pelo fato de ser concebida e implantada por um agente urbano do setor imobiliário responsável pela implantação do loteamento. Inspirada em outros modelos de praças temáticas que vêm sendo instaladas na Europa, apresenta um formato retangular e conta ao longo de sua extensão com o calçamento em concreto liso entremeado por gramados, palmeiras e árvores de médio porte que geram grande sombreamento em algumas partes, possui em uma de suas extremidades algumas espécies de árvores frutíferas, como acerolas, por exemplo.

⁵⁶ Segundo Spósito (2011, p.141): Agora se justapõem, nas novas áreas urbanas que são incorporadas, de forma contínua ou descontínua ao espaço urbano, os ricos e os pobres, tornando a desigualdade combinada com essa relativa proximidade geográfica, um dos elementos essenciais da fragmentação socioespacial, quando se quer realçar sua dimensão espacial e não apenas compreendê-la como contraponto aos processos de globalização.

Figura 26 – Praça do Jacaré com destaque para a arborização e a pista de skate temática - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Apresenta-se a seguir, o quadro com a descrição dos mobiliários, equipamentos e áreas com vegetação presentes na praça.

Quadro 31 – Descrição do mobiliário, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça do Jacaré, bairro Novo Mundo - Setor Leste, 2021

Forma da praça:	Forma geométrica retangular			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	X		30	Concreto
2 - Iluminação: (x)- alta / () - baixa:	X		5	Pontos de luz
3 - Lixeiras:	X		1	Móvel
4 - Sanitários:		x		
5 - Telefone Público:		x		
6 - Bebedouros:		x		
7 - Caminhos internos:	X			Concreto liso e blocos de concreto
8 - Palco/Coreto:		x		
9 - () Monumento/ () Estátua, Busto		x		
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz		x		
11 – Estacionamento		x		
12 - Ponto de Ônibus	X		1	
13 - Ponto de Taxi		x		
14 - Quadra esportiva		x		
15 – Espaço/ equipamentos para a prática de exercícios físicos	X		2	Pista de skate e pista de caminhada
16 - Espaço para a 3ª idade	x		1	Pista de caminhada
17 - Parque infantil - equipamentos:		x		
18 - Banca de revista:		x		
19 - Quiosque de alimentação:	x		1	Quiosque de suco de laranja
20 - Edificação institucional:		x		
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; (x) arbustos; () grande porte.	X			Gramada, com arbustos, coqueiros e árvores de porte médio
23 - Outros:		x		

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.
Adaptação De Angelis et al. (2005).

A partir dos dados levantados com relação ao mobiliário básico, verifica-se uma quantidade expressiva de bancos em concreto, cinco postes que oferecem boa iluminação a toda sua extensão e apenas uma lixeira. Embora seja perceptível a aparente limpeza do local, é notável a ausência deste último item, constando apenas as lixeiras dos edifícios vizinhos à praça. Em relação aos demais mobiliários e equipamentos de lazer, destaca-se a pista de skate temática em concreto e metal, que representa a principal atração, além de um amplo circuito de caminhos

internos que favorecem as caminhadas por toda a praça. Não há a presença de outros equipamentos e mobiliários urbanos, sendo significativo mencionar que essa praça está bastante isolada, em meio a uma área eminentemente residencial, de baixo fluxo de transeuntes, com um ponto de ônibus em uma das avenidas que dá acesso a esta.

Em seguida, apresenta-se a síntese das principais observações realizadas durante a pesquisa de campo na praça.

Quadro 32 - Síntese sobre a observação do uso da Praça do Jacaré – Setor Leste, 2021

<p>1º dia - Data: 30/04/2021 - (sexta-feira) Horário: 14:30 às 16:20</p> <p>Localizada entre as avenidas Dário Fagundes da Costa e Ubirajara Zacharias</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nessa primeira observação não houve a constatação de nenhuma pessoa realizando o uso da praça, apenas dois adultos passaram com duas crianças e um cachorro pelo local. - Área aparentemente limpa, embora seja reduzida a presença de lixeiras e também não se constata nenhum funcionário da limpeza urbana. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: não houve utilização no período. - A Praça apresenta alguns pontos de grande densidade de vegetação de médio porte, com bom sombreamento nos períodos de maior temperatura, nas demais áreas encontram-se gramados com algumas palmeiras. - Não há vendedores ou ambulantes na praça e nem a realização de qualquer tipo de evento no dia e período analisado. Também não se verificam patrulhamentos e a presença de segurança pública, porém, existem câmeras de segurança instaladas em postes de iluminação nas ruas que se conectam à praça.
<p>2º dia - Data: 02/05/2021 - (domingo) Horário: 10:00 às 12:00</p> <ul style="list-style-type: none"> - Visualizamos a presença de aproximadamente 15 pessoas no local, entre adolescentes na pista de skate e pais e idosos caminhando ou sentados com crianças. - Área parcialmente limpa, com algumas folhagens no chão. Equipamentos e mobiliários mais usados: bancos, caminhos internos calçados e pista de skate. - A maioria das pessoas sentadas estavam em áreas sombreadas, embora as temperaturas estivessem amenas. - Não há vendedores ou ambulantes e nem qualquer tipo de evento no local.
<p>3º dia – Data: 30/07/2021 – (sexta-feira) Horário: 16:30 às 18:30</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nesta observação verificamos a presença de cerca de 10 pessoas, alguns idosos caminhando, um casal com crianças e adolescentes na pista de skate. - Área parcialmente limpa, com muita folhagem pelo piso e os gramados. Equipamentos e mobiliários mais usados: bancos, caminhos internos calçados e pista de skate. - As pessoas não se encontravam em áreas sombreadas, devido às baixas temperaturas no dia e horário analisado. - Não há a presença de vendedores, ambulantes ou qualquer outro tipo de evento e movimentação no período. <p>Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>

Diante do contexto analisado, observa-se que essa praça se diferencia muito em relação às demais levantadas na pesquisa de campo, a priori, pela própria lógica da produção do espaço, já que esta foi inteiramente concebida e implantada pelos agentes imobiliários responsáveis pelo loteamento Vida Nova, ficando sob a manutenção dos loteadores até o ano de 2018, quando efetivamente foi entregue à responsabilidade do poder público municipal.

Na medida em que foi implantada em um loteamento aberto, o qual visa atender a um segmento social mais elitizado de médio padrão de consumo, foi concebida de forma linear, isolando inúmeras ruas que compõem o seu entorno e que apresentam saída apenas em um único sentido. O acesso para quem desloca-se de fora do bairro ocorre exclusivamente por duas avenidas, com uma única linha de ônibus (I 360- sentido Terminal Novo Mundo), o que limita visualmente o acesso ao local por parte de pessoas de outros bairros e setores da cidade.

Estabeleceu-se contato com alguns usuários da praça. A Sra. T. (informação oral)⁵⁷, 60 anos, residente no bairro há pouco mais de seis meses, relata que gosta muito da praça e do bairro, “aqui gosto de fazer caminhadas, acho tranquilo e bem cuidado”. Um casal que estava com seu filho em um banco em nossa terceira observação, vive defronte a praça e destaca também que esta constitui um local agradável e seguro, sendo prazeroso viver no bairro apesar de ficar cheia de “pessoas de fora” nos finais de semana em torno da pista de skate. Porém, questionam o papel da prefeitura em relação à limpeza, segundo os jovens A. e B (informação oral)⁵⁸, ambos entre 25 e 30 anos, “a limpeza é organizada por um grupo de moradores (...) raramente vem alguém da prefeitura para fazer poda da grama e das árvores”.

Com isso, ressalta-se que a praça em destaque é bastante exclusiva no âmbito de seu uso aos moradores de suas proximidades, sendo visualizada como um espaço arborizado e favorável às atividades de lazer ao ar livre. As suas formas de apropriação a concebem como um espaço controlado para um único segmento social, o que é perceptível com a aparente segurança através das câmeras instaladas nas ruas que dão acesso a esta.

Enfatiza-se na sequência, as praças presentes no Setor Oeste de Uberlândia, lembrando que este setor apresenta o menor número de praças públicas e, ao mesmo tempo,

⁵⁷ Entrevista concedida pela Sra. T. Entrevista XIV. [julho 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

⁵⁸ Entrevista concedida pelo Sr. A. e Sra. B. Entrevista XV. [julho 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

a maior população urbana de acordo a distribuição populacional por bairros e setores levantada pela SEPLAN com base no Censo Demográfico de 2010, com pouco mais de 140.500 habitantes.

Essa área da cidade corresponde a porção do território urbano que apresenta a maior expansão do perímetro urbano, apesar de existir inúmeras áreas vazias e até o próprio Plano Diretor de 2006 recomendar a manutenção dos limites da área urbana. Silva, J. P. (2014) destaca que o menor valor venal dos imóveis nesse setor, favorece a implantação de novos empreendimentos habitacionais voltados à população de baixa renda.

As praças selecionadas localizam-se nos bairros Luizote de Freitas e Canaã, sendo que o primeiro dos bairros elencados, foi instalado na década de 1970. Segundo Moura e Soares (2009), esse foi o período que as periferias urbanas se expandiram na cidade conforme já mencionado, sendo este bairro, implantado pelo programa federal do Banco Nacional de Habitação provido pelo Sistema Financeiro de Habitação – (BNH/SFH), com a instalação de 4.032 casas populares.

Destaca-se que a única das três praças do bairro, em questão, que contempla equipamentos de lazer é a Dr. Walter Luís Manhães, presente na parte central do bairro que constitui um dos principais subcentros da cidade de Uberlândia, com ampla área composta por empreendimentos comerciais e de serviços.

É perceptível o amplo espaço físico dotado de mobiliário básico, como os bancos de concreto em grande quantidade (29 no total), as lixeiras, os pontos de iluminação alta, os caminhos internos em concreto liso cercados por vegetação (gramada e árvores de médio e grande porte). Há inúmeros equipamentos de lazer, como a academia ao ar livre, as barras de exercícios, a quadra de cimento, a pista de skate, a quadra de areia e o palco de apresentações. Os demais mobiliários como quiosques, bebedouros e sanitários, por exemplo, não existem nesta praça.

Quadro 33 – Descrição do mobiliário, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça Walter Luís Manhães, bairro Luizote de Freitas - Setor Oeste, 2021

Forma da praça:	Não há forma específica			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		29	Concreto
2 - Iluminação: (x)- alta / () - baixa:	x		10	Pontos de luz
3 - Lixeiras:	x		16	Fixas e uma móvel
4 - Sanitários:		x		
5 - Telefone Público:		x		
6 - Bebedouros:		x		
7 - Caminhos internos:	x			Concreto liso
8 - Palco/Coreto:	x		1	Palco
9 - () Monumento/ () Estátua, Busto		x		
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz		x		
11 – Estacionamento		x		
12 - Ponto de Ônibus	x		1	
13 - Ponto de Taxi		x		
14 - Quadra esportiva	x			1
15 – Espaço/ equipamentos para a prática de exercícios físicos	x		5	Pista de skate; academia; barras de ginástica; quadra de cimento e quadra de areia
16 - Espaço para a 3ª idade	x		1	Academia ao ar livre
17 - Parque infantil - equipamentos:	x		1	Balanço; escorregador e escalada
18 - Banca de revista:		x		
19 - Quiosque de alimentação:		x		
20 - Edificação institucional:	x			Escola ao fundo
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; (x) arbustos; (x) grande porte.	x			Gramada, com arbustos, coqueiros e algumas árvores de grande porte
23 - Outros:	x		8	6 Mesas de jogos e 2 pergolados

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021. Adaptação de De Angelis et al. (2005).

A praça está localizada em um grande quarteirão que possui uma escola municipal em uma de suas extremidades, conta com arborização ao longo de sua extensão, predominando áreas gramadas, arbustos, palmeiras, coqueiros e algumas árvores de grande porte (sete copas, ipês etc.), sendo visível a ausência de um sombreamento mais intenso que possibilite a sensação de atenuar a temperatura nos períodos mais quentes. Em relação à acessibilidade através do

transporte coletivo, existem algumas linhas que passam nas proximidades da praça, entre estas a mais frequente é a T.120 (Mansour/via Terminal Central), por exemplo. Em seguida destacam-se algumas imagens que ilustram os principais componentes da paisagem dessa praça.

Figura 27 – Praça Dr. Walter Luís Manhães com destaque para mobiliários e equipamentos de lazer - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Na sequência, aparece presente a síntese das principais considerações levantadas durante a observação de campo (Quadro 34).

Quadro 34 - Síntese sobre a observação do uso da Praça Dr. Walter Luís Manhães – Setor Oeste, 2021

<p>1º dia - Data: 27/07/2021 - (terça-feira) Horário: 08:30 às 10:30</p> <p>Localizada entre as ruas Genarino Cazabona e Antônio Rufino Borges</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nessa primeira observação presenciamos poucas pessoas no local, cerca de cinco idosos, duas mulheres com as crianças e dois homens adultos sentados em bancos. - Área aparentemente limpa, embora seja comum a grande quantidade de restos de folhagens que caem das árvores no inverno. Identificamos a presença de um funcionário da limpeza urbana que ficou durante todo o período no local. Alguns equipamentos necessitam de reparos, como os balanços do parque infantil, por exemplo. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: bancos e parque infantil. - A Praça apresenta alguns pontos de maior densidade de vegetação de grande porte, com sombreamento parcial nos períodos de maior temperatura, nas demais áreas encontram-se gramados com árvores de menor porte, palmeiras e coqueiros. - Não há vendedores ou ambulantes na praça e nem a realização de qualquer tipo de evento no dia e período analisado. Também não se verificam patrulhamentos por parte da Polícia Militar no período.
<p>2º dia - Data: 28/07/2021 - (quarta-feira) Horário: 17:00 às 19:00</p> <ul style="list-style-type: none"> - Visualizamos a presença de aproximadamente 20 pessoas no local, entre adolescentes na quadra e na pista de skate, pais com algumas crianças e idosos caminhando ou sentados conversando. - Área parcialmente limpa, com algumas folhagens no chão. Equipamentos e mobiliários mais usados: bancos, caminhos internos calçados, quadra de cimento, parque infantil e pista de skate. - Não houve relação entre a presença de pessoas nas áreas sombreadas no período analisado. - Não há vendedores ou ambulantes e nem qualquer tipo de evento no local.
<p>3º dia – Data: 01/08/2021 – (domingo) Horário: 14:30 às 16:30</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aproximadamente 25 pessoas no local, a maioria adolescentes na quadra de cimento, algumas famílias conversando sentadas acompanhando as crianças no parque infantil. - Área parcialmente limpa, com resíduos de folhagens conforme destacado anteriormente. Equipamentos e mobiliários mais usados: bancos, caminhos internos calçados, quadra de cimento e parque infantil. - Algumas pessoas se encontravam em áreas sombreadas, não sendo tão expressivo devido às baixas temperaturas no dia. - Não há a presença de vendedores, ambulantes ou qualquer outro tipo de evento e movimentação no período, também não havendo nenhum patrulhamento pela Polícia Militar. <p>Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>

Tendo como referência a observação empreendida, fica evidente que a praça abordada oferece variadas opções de equipamentos de lazer e de recreação, necessitando como já citado em outras de reparos na quadra de cimento e no parque infantil, principalmente. É visivelmente ocupada em diferentes períodos por pessoas de variadas faixas etárias, desde crianças no parque infantil, passando por adolescentes que transitam por diferentes partes, sobretudo na quadra de cimento, e ainda é comum a movimentação de idosos e adultos que residem no entorno reunidos em pequenos grupos, seja nos bancos e mesas de jogos, ou defronte aos estabelecimentos comerciais consumindo bebidas alcoólicas na própria praça.

De acordo com o Sr. J.J.S. (informação oral)⁵⁹, idoso, que reside nas imediações desde a origem do loteamento, “a praça é lugar tranquilo, fica mais cheio aos domingos, (...) a noite as vezes fica alguns meninos usando drogas, as vezes a polícia aparece e faz batida”. Outro morador do bairro, o Sr. D. O. (informação oral)⁶⁰, 49 anos, que se encontra desempregado, relatou que o local é bastante tranquilo, apesar da presença esporádica de usuários de drogas tanto durante o dia quanto a noite. Em sua opinião, “a praça é usada por muita gente, crianças, famílias, a gente que fica aqui em frente ao bar (...), é bem conservada pela prefeitura, o rapaz que limpa (ta) aí todo dia”.

É perceptível a visão positiva apresentada em relação à praça, como local tranquilo que reúne a presença de diversas pessoas, sendo sua limpeza e manutenção bem executada, diferente do que fora apresentado acerca de outras praças em bairros periféricos. Em relação aos jovens usuários de substâncias ilícitas, ambas as pessoas que concederam informações destacam que não há violência ou qualquer tipo de problema entre estes e os demais usuários do espaço de lazer em destaque.

É relevante ressaltar que até no final do ano de 2019, em período anterior à propagação da pandemia do COVID19, a praça recebia ocasionalmente eventos em seu palco de concreto, incluindo aulas de zumba, apresentações musicais etc., sobretudo, no período noturno, reforçando a ideia de que este espaço público agrega e exerce centralidade no lazer da população do seu entorno, através de atividades físicas e/ou culturais acessíveis e gratuitas.

⁵⁹ Entrevista concedida pelo Sr. J. J. S. Entrevista XVI. [agosto 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

⁶⁰ Entrevista concedida pelo Sr. D. O. Entrevista XVII. [agosto 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

A segunda praça mencionada no setor, encontra-se no bairro Canaã e corresponde à Praça Leopoldo Ferreira Goulart. O bairro em questão surgiu na década de 1990, e acompanha um processo de expansão do espaço urbano que se vigora com intensidade em Uberlândia nas décadas de 1980 e 1990, trata-se da autoconstrução, que se torna a maneira mais comum para os habitantes de baixa renda que não conseguem os requisitos necessários para participarem dos programas de financiamento urbano. Assim, as famílias adquirem terrenos e constroem suas próprias moradias de acordo com sua disponibilidade de recursos. (MOURA e SOARES, 2009).

A praça Leopoldo Ferreira Goulart, é uma das três no âmbito de uma grande área no setor, que inclui os bairros integrados do Jardim Canaã, Jardim das Palmeiras, Jardim Holanda, Monte Hebron, Chácaras Panorama e Pequis, que contempla algum tipo de equipamento de lazer e recreação. No entorno desses bairros, destacam-se duas praças no Jardim das Palmeiras, cinco no Jardim Holanda, duas no Monte Hebron, duas nas Chácaras Panorama e três no próprio Jardim Canaã, sendo que apenas uma além da supracitada é plenamente dotada de infraestrutura, enquanto nove destas são apenas terrenos abertos, algumas com infraestrutura parcial.

Isso corrobora com o que fora ressaltado por Coccozza e Oliveira (2013), ao mencionarem que nas últimas décadas do Séc. XX a cidade necessita da ampliação de novos bairros, surgindo loteamentos com baixa qualidade espacial e, conseqüentemente, os espaços livres das praças e parques aparecem nos projetos, mas na prática não se concluem, sendo apenas taxas no interior dos lotes.

É fácil perceber, portanto, que se trata de uma porção do espaço urbano destinada à população de baixa renda com evidentes traços de exclusão social, sendo visível nesse recorte, a precariedade no acesso a equipamentos públicos de lazer.

A praça em questão, é uma daquelas adotadas por uma organização da sociedade civil, no caso por uma ONG conforme abordou-se na Seção 4, ao identificar o programa municipal “Adote uma Praça ou um canteiro central”. Está inserida em um quarteirão retangular e ocupa a metade deste, na outra metade encontra-se uma escola municipal. Destaca-se a seguir, o quadro que contém a descrição dos mobiliários, equipamentos e áreas com vegetação presentes.

Quadro 35 – Descrição do mobiliário, equipamentos e áreas com vegetação existentes na Praça Leopoldo Ferreira Goulart, bairro Canaã - Setor Oeste, 2021

Forma da praça:	Forma geométrica retangular			
Equipamentos e espaços:	Existência dos itens	Ausência dos itens	Nº - quantidade	Estrutura e material
1 - Bancos:	x		11	Concreto
2 - Iluminação: (x)- alta / () - baixa:	x		6	Pontos de luz
3 - Lixeiras:	x		6	
4 - Sanitários:		x		
5 - Telefone Público:		x		
6 - Bebedouros:		x		
7 - Caminhos internos:	x			Pedra portuguesa
8 - Palco/Coreto:		x		
9 - () Monumento/ () Estátua, Busto		x		
10 - Espelho d água/ fonte ou chafariz		x		
11 - Estacionamento		x		
12 - Ponto de Ônibus		x		
13 - Ponto de Taxi		x		
14 - Quadra esportiva	x		1	Poliesportiva
15 – Espaço/ equipamentos para a prática de exercícios físicos	x		2	Academia ao ar livre e barras de ginástica
16 - Espaço para a 3ª idade	x		1	Academia ao ar livre
17 - Parque infantil - equipamentos:	x		1	Escorregador, balanço e escalada
18 - Banca de revista:		x		
19 - Quiosque de alimentação:		x		
20 - Edificação institucional:	x		1	Escola
21 - Templo religioso:		x		
22 – Vegetação: (x) gramados e de pequeno porte; (x) arbustos; (x) grande porte.	x			Gramada, com arbustos e algumas árvores de grande porte
23 - Outros:		x		

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Adaptação de De Angelis et al. (2005).

Em relação ao mobiliário da praça, destaca-se exclusivamente, a existência de bancos em concreto, muitos deles deteriorados, postes de iluminação alta e algumas lixeiras, com caminhos internos feitos em pedra portuguesa e concreto, cercados por gramados. Não são detectados outros tipos de mobiliários, chama-nos a atenção o encanamento tampado, no qual provavelmente havia um antigo bebedouro.

Dentre os equipamentos de lazer, verifica-se uma quadra poliesportiva em estado regular, uma academia ao ar livre, algumas barras de musculação e um parque infantil com

escorregador, balanço, equipamento de escalada e gangorra que necessita de reparos, já que alguns brinquedos estão quebrados. As áreas com vegetação presentes são compostas por gramados, espécies arbustivas e algumas árvores de grande porte, o que proporciona um sombreamento parcial em alguns trechos da praça.

Figura 28 – Praça Leopoldo F. Goulart com destaque para os equipamentos de lazer e os mobiliários danificados - 2021



Fonte: Pesquisa de campo, 2021. **Organizador:** Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Na sequência, apresenta-se as principais considerações que levam em conta as observações acerca da utilização dessa praça obtidas a partir da pesquisa de campo.

Quadro 36 - Síntese sobre a observação do uso da Praça Leopoldo Ferreira Goulart – Setor Oeste, 2021

<p>1º dia - Data: 01/05/2021 - (sábado) Horário: 09:00 às 11:00</p> <p>Localizada entre ruas Menfins, Esmirna e Moabe</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nessa primeira observação, verificou-se a presença de aproximadamente 10 adultos e outras 7 crianças fazendo uso da praça, a maioria dos adultos acompanhavam as crianças no parque infantil e na quadra, onde algumas dessas crianças andavam de bicicleta, patins e soltavam pipas. - A praça não se encontrava limpa, embora as lixeiras estivessem vazias, foi perceptível o acúmulo de resíduos espalhados, principalmente folhas de árvores. É visível a falta de manutenção, com mobiliários e equipamentos degradados e até coqueiros derrubados. - Equipamentos e mobiliários mais utilizados: quadra poliesportiva, parque infantil e academia ao ar livre. - A praça não apresenta pontos de maior densidade de vegetação de grande porte, sendo as partes mais sombreadas apenas residuais, o que provavelmente não oferta um expressivo conforto térmico nos dias e horários mais quentes. As pessoas estavam espalhadas, com alguns em locais sombreados, já que as temperaturas não eram elevadas no momento da observação. - Não haviam vendedores ou ambulantes na praça e nem a realização de qualquer tipo de evento no dia e período analisado. Também não foram verificados patrulhamentos e nem a presença de segurança pública no local.
<p>2º dia - Data: 02/05/2021 - (domingo) Horário: 13:00 às 15:00</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nessa observação, verificou-se a presença de aproximadamente 7 adultos e outras 10 crianças fazendo uso da praça, os adultos encontravam-se conversando sentados nos bancos em locais sombreados, enquanto as crianças brincavam no parque infantil e soltavam pipas na quadra e no gramado. - A praça não se encontrava limpa, como no dia anterior. Os equipamentos e mobiliários mais utilizados foram a quadra poliesportiva, o parque infantil e a própria área gramada. - Devido as temperaturas estarem um pouco mais elevadas no horário, os adultos se encontravam sentados abaixo das árvores com maior sombreamento, já as crianças um pouco mais espalhadas. - Não haviam vendedores ou ambulantes na praça e nem a realização de evento de qualquer natureza. Também não foram verificados patrulhamentos no local.
<p>3º dia - Data: 04/05/2021 - (terça-feira) Horário: 17:00 às 19:00</p> <ul style="list-style-type: none"> - Neste dia verificamos a presença de aproximadamente 20 pessoas, a maioria adolescentes utilizando a quadra de esportes e a academia, além de alguns casais com crianças no parque infantil. - A praça não se encontrava limpa, os equipamentos e mobiliários mais usados são os bancos, a quadra de esportes, a academia ao ar livre e o parque infantil. No horário analisado não houve nenhuma relação entre o uso da praça e o sombreamento gerado pela arborização. - Não verificamos a presença de eventos e nem de vendedores, também não ocorreu nenhum patrulhamento pela P.M., foi possível observar a presença de alguns usuários de substâncias ilícitas em pequeno grupo. <p>Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.</p>

Essas observações, revelam que a praça analisada representa um importante espaço público de lazer para a comunidade nessas imediações do Setor Oeste de Uberlândia, pois é possível verificar a presença de usuários nos diferentes dias e períodos analisados, com o predomínio das inúmeras crianças, muitas delas desacompanhadas de adultos, que transitam durante o dia pelo local para soltar pipa, correr, brincar no parque infantil e na quadra.

Apesar da relevância da praça na região, nota-se a existência de problemas que agravam sua utilização com maior qualidade e por um número talvez mais expressivo de pessoas. Os agravantes principais referem-se à falta de segurança no período noturno e à manutenção da infraestrutura do local, ambos identificados através de algumas falas. Uma das pessoas abordadas, que descansava no local, relata dificuldades na utilização da praça em determinados horários e a ausência do poder público, enfatizando ainda, que a própria ONG adotante da praça não possui uma participação efetiva. Segundo a Sra. T., 35 anos, (informação oral)⁶¹, “a prefeitura quase nunca aparece, a ONG também pouco faz, a noite os usuários de drogas tomam conta, ninguém consegue usar a academia depois das 6 ou 7 da noite”.

Outra mulher que passava com os filhos pelo local também relatou que a manutenção da praça deixa a desejar. No entendimento da Sra. V., 34 anos, (informação oral)⁶², “a ONG apenas desenvolve a zumba na quadra, não vejo a ONG fazendo outra coisa”. Em período anterior à pandemia, segundo a moradora, as aulas de zumba eram realizadas duas vezes por semana, a partir das 19:00 horas, e participavam pessoas de diferentes idades.

Diante dessas falas, percebe-se que as ações da ONG que mantém adotada a praça Leopoldo Ferreira Goulart não são tão visíveis à população, o que é bastante questionável se considerar o valor gasto na manutenção mensal da praça segundo as informações repassadas pela própria instituição, conforme fora apresentado anteriormente. É perceptível de fato, inúmeros problemas na manutenção do local, sendo aparente a inadequação do parque infantil, por exemplo, que apesar da constante utilização possui brinquedos quebrados. A limpeza e a varrição são realizadas pela prefeitura, que também parece não estar presente em outras ações.

⁶¹ Entrevista concedida pela Sra. T. Entrevista XVIII. [maio 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

⁶² Entrevista concedida pela Sra. V. Entrevista XIX. [maio 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

A questão da segurança, fundamentalmente no que se refere aos usos imprevisíveis ou proibidos, corresponde assim como em outras praças da cidade em um grande gargalo, marcando as distintas territorialidades que se apropriam do espaço.

É relevante contemplar a fala de outra usuária da praça, que ressalta a dificuldade em relação à oferta dos espaços públicos das praças no seu bairro, que se encontra na periferia pobre da cidade. A entrevistada é moradora do bairro Shopping Park (Setor Sul), visitava a praça juntamente com seu filho e um amigo morador do bairro Morada Nova (Setor Oeste), na visão desta, identificada como Sra. K., 35 anos, (informação oral)⁶³, “não existe praças em certos bairros da cidade, é bom visitar praças, no meu não tem nenhuma pra gente ir, é cerrado mesmo, nessa pandemia é mais difícil”.

Nesse contexto, é possível afirmar que os processos de exclusão social e segregação espacial fazem-se visíveis na distribuição da infraestrutura urbana na cidade, isso reforça a inexistência de espaços livres de qualidade na periferia urbana, além da falta de manutenção e cuidados com os espaços existentes.

É apresentada na sequência, a Tabela 8, que menciona a qualidade dos equipamentos, mobiliários e demais aspectos observados na utilização das onze praças analisadas. Essa qualidade é mensurada a partir das características da conservação das estruturas, do material utilizado, da quantidade e variação de determinados itens, bem como de aspectos que remetam à sensação de bem-estar nessas praças.

A tabela em questão, baseia-se e faz adaptações na metodologia apresentada por De Angelis et al. (2005), ao considerar uma pontuação para cada item analisado ao longo da atual Seção 5 nos Quadros (15, 17, 19, 21, 23, 25, 27, 29, 31, 33 e 35), que descrevem o que existe nessas praças. São 29 itens pontuados, considerando uma numeração que vai de 0 a 3, o número 0 representa a ausência do item elencado, o número 1 representa a qualidade ruim, o número 2 corresponde à situação regular e o número 3 à boa qualidade do item citado. São apresentadas as praças e suas respectivas localizações (bairro e Setor Territorial), incluindo o código do zoneamento urbano da área na qual cada praça se encontra. (Ver Tabela 8 a seguir).

⁶³ Entrevista concedida pela Sra. K. Entrevista XX. [maio 2021]. Entrevistador: Fabricio da Mata Lucas. Uberlândia, 2021. Informação anotada pelo entrevistador.

Tabela 8 - Levantamento qualitativo dos equipamentos e instalações das Praças analisadas - 2021

Itens avaliados nas Praças por Setor	Pontuação atribuída: (0) – Ausência de equipamentos e instalações; (1)- ruim; (2) - regular; (3) - bom.										
Setores e bairros	Central (Centro e Fundinho)			Norte (Roosevelt e Pacaembu)		Sul (M. da Colina e S. Jorge)		Leste (Sta. Mônica e Novo Mundo)		Oeste (Luizote de Freitas e Canaã)	
	Sérgio Pacheco	Tubal Vilela	Clarimundo Carneiro	Clarinda de Freitas	Chico Mendes	José Motta	Maria Preta	Américo F. Abreu	Jacaré	Dr. Walter L.Manhães	Leopoldo F.Goulart
Zoneamento:	ZC1 e ZC2	ZC1	ZCF	ZR2	ZR2	ZR1	ZR2 e ZEIS1	ZM	ZR2 e ZT	ZR2	ZR2
1 – Bancos	2	3	2	1	3	2	3	2	3	3	1
2 – Iluminação	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3
3 – Lixeiras	3	3	3	3	3	3	3	3	1	2	2
4 – Sanitários	2	2	3	0	0	0	0	1	0	0	0
5 – Telefone público	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6 – Bebedouros	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7 – Piso	2	3	2	3	2	3	3	2	3	2	2
8 – Traçado dos caminhos	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
9 – Acessibilidade para pessoas com dificuldade de locomoção	2	2	2	3	2	3	3	2	3	3	2
10 – Palco/ coreto	2	0	3	0	0	3	0	2	0	3	0
11 – Monumento, estátua ou Busto	3	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0
12 – Espelho d água/ fonte ou chafariz	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13 – Estacionamento	3	2	3	0	3	3	0	0	0	0	0
14 – Ponto de ônibus	2	3	3	0	0	3	0	3	0	0	0
15 – Ponto de táxi	0	3	3	0	0	0	0	3	0	0	0

16 – Quadra esportiva	2	0	0	2	1	0	0	2	0	2	2
17 – Espaço e equipamentos para prática de exercício físico	2	0	0	2	2	2	2	2	2	2	2
18 – Estrutura dos equipamentos para a 3ª idade	2	0	0	3	3	2	3	2	2	3	2
19 – Parque infantil	3	0	0	2	0	2	1	2	0	2	1
20 – Banca de revista	3	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0
21 – Quiosque para alimentação/ ou similar	3	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
22 – Vegetação e sombreamento	3	3	3	2	2	3	2	3	3	2	2
23 – Paisagismo	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
24 – Manutenção das estruturas físicas	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2	2
25 – Limpeza	2	3	3	3	2	3	2	3	2	3	2
26 – Segurança	3	3	3	3	3	3	2	2	3	2	2
27 – Conforto acústico	2	1	2	2	3	2	3	3	3	3	3
28 – Conforto térmico	3	3	3	2	2	3	2	3	3	2	2
29 - Conforto visual	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3

Fonte: Pesquisa de Campo, 2021.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

Adaptação de De Angelis et al. (2005).

* Siglas do Zoneamento urbano com base na atualização em 2014: ZC1 – Zona Central 1; ZC2 – Zona Central 2; ZCF – Zona Cultural do Fundinho; ZR1 – Zona Residencial 1; ZR2 – Zona Residencial 2; ZM – Zona Mista; ZT – Zona de Transição.

Na análise da qualidade dos mobiliários, equipamentos, elementos da vegetação, do paisagismo e demais componentes que favoreçam a utilização dos espaços livres presentes na tabela em destaque, considera-se o agrupamento de alguns itens conforme sua similaridade para estabelecer um parâmetro comparativo entre as praças analisadas.

Em um primeiro ponto destacam-se os mobiliários básicos comuns que foram encontrados em todas as praças, entre eles, os bancos, a iluminação (alta e/ou baixa), as lixeiras, a estrutura dos pisos e o traçado dos caminhos internos, ambos correspondem às estruturas físicas presentes. Em relação aos bancos, verifica-se que em quase todos os locais são feitos de concreto, exceção para a Praça Clarimundo Carneiro (Setor Central) que conta com bancos de madeira, alguns necessitando de reparos. Observa-se que este item é classificado entre regular e bom em relação à sua conservação na maioria das praças, nos locais em que a qualidade é considerada regular, é comum visualizar alguns deles quebrados ou completamente removidos em meio a outros em boa situação, exemplo comum em quatro praças. Em duas dessas especificamente, a qualidade é considerada ruim devido à grande quantidade removida, é o caso das praças Clarinda de Freitas, no bairro Roosevelt (Setor Norte) e a Leopoldo F. Goulart, no bairro Canaã (Setor Oeste).

A iluminação é destaque na maioria dos locais, embora em algumas praças faltem lâmpadas (Pça José Motta), ou algum ponto de luz mais antigo esteja desativado (Pça Sérgio Pacheco), os demais suprem e agregam razoável claridade no período noturno, principalmente com a introdução de lâmpadas brancas de led. A quantidade de lixeiras e o estado de conservação é bom em quase todas as praças, exceção das praças do Setor Oeste onde algumas delas estão parcialmente danificadas e da Praça do Jacaré no Setor Leste, que conta apenas com uma lixeira móvel.

O traçado dos caminhos no interior das praças é amplo e contempla adequadamente todas elas, no entanto, ao considerar o piso utilizado, o estado de conservação encontra-se entre regular e bom, sendo visualizada uma variação no material desse piso (concreto, bloco de concreto, asfalto e pedra portuguesa), e assim, em seis delas parte do calçamento está quebrado ou apresenta rachaduras em determinados trechos, o que gera dificuldades para a locomoção das pessoas, sobretudo, de idosos ou cadeirantes, por exemplo. Em virtude disso, a acessibilidade para as pessoas com essas dificuldades é regular, com poucas rampas e ocasionalmente há irregularidades na estrutura do piso, exemplo da praça Leopoldo F. Goulart (Setor Oeste) e de duas presentes no Setor Central (Sérgio Pacheco e Clarimundo Carneiro).

Em um segundo agrupamento de mobiliários, estão presentes os sanitários, bebedouros, espelhos d'água, monumentos, palcos/coreto e os telefones públicos, sendo estes

últimos praticamente obsoletos, existentes em estado regular aparentemente apenas em uma praça no centro da cidade. Os sanitários são encontrados nas praças do Setor Central, com o predomínio de conservação regular de suas estruturas, por outro lado, os sanitários existentes na praça do bairro Santa Mônica (Setor Leste), estão fechados e sem funcionamento. Os bebedouros estão presentes exclusivamente em uma praça do Setor Central e classificados com qualidade ruim, com a ausência de algumas torneiras (Pça. Sérgio Pacheco). Em algumas praças são visíveis estruturas criadas com esta finalidade totalmente deterioradas e removidas, como nas praças analisadas dos bairros Roosevelt (Setor Norte) e Canaã (Setor Oeste), por exemplo.

Os palcos/ teatros de arena e coretos estão presentes em cinco das onze praças analisadas, em duas delas classificados como regulares, necessitando de reparos, enquanto que nas outras apresentam boa conservação. É relevante frisar que há diferenças consideráveis nesses equipamentos elencados, já que o único coreto existente é tombado como Patrimônio do Município e encontra-se na Praça Clarimundo Carneiro no bairro Fundinho (Setor Central), nas demais praças estão presentes pequenos palcos em concreto. Na Praça Sérgio Pacheco (Centro), especificamente, existe um teatro de arena mais amplo em estado regular de conservação, com muitas pichações e inúmeros resíduos descartados acumulados.

Os monumentos/ estátuas, os lagos artificiais e/ou fontes concentram-se exclusivamente nas três praças do Setor Central, quase todos em bom estado de conservação, sendo este último item presente apenas na Praça Tubal Vilela, com a necessidade de reparos na pintura.

Um terceiro agrupamento de itens para a análise, refere-se aos equipamentos de lazer e recreação, entre estes aparecem as quadras esportivas, as academias e os equipamentos para a 3ª idade, os parques infantis (playground) e demais equipamentos utilizados para a prática de exercícios físicos (barras, pista de skate etc.).

Ao considerar estes espaços e equipamentos, observa-se sua ampla presença na maioria das praças, exceção das praças Tubal Vilela e Clarimundo Carneiro no Setor Central. Nas demais, existem equipamentos esportivos e de recreação caracterizados com qualidade regular de conservação, desde as academias ao ar livre até as quadras esportivas, com a presença de alguns equipamentos em bom estado, como a maioria das academias ao ar livre citadas que também são referência em termos de opção para a 3ª idade. Outros equipamentos instalados em períodos pretéritos normalmente encontram-se mais danificados, necessitando de reparos, como as mesas de jogos existentes em algumas praças e, principalmente, as quadras de cimento.

No caso específico das quadras, é possível mencionar sua presença em seis das praças analisadas, todas com a necessidade de reparos estruturais. Em cinco a conservação da

estrutura é regular, com danos em alambrados, traves, na pintura das linhas demarcatórias, na cesta de basquete ou no próprio piso. Em uma delas, localizada no bairro Pacaembu (Setor Norte), as condições são ruins com alguns buracos no piso, o que pode ocasionar em problemas sérios aos usuários.

Os parques infantis são presentes em sete dessas praças, nesse item foi considerado a diversidade de equipamentos existentes e sua qualidade de conservação. Um deles contempla um maior número de brinquedos e um bom estado de conservação, localizado na Praça Sérgio Pacheco (Setor Central). Outras quatro apresentam estado regular de conservação, com brinquedos quebrados em meio a outros em bom estado. Em duas praças, notadamente localizadas na periferia pobre da cidade, ambas nos bairros São Jorge e Canaã (Setores Sul e Oeste, respectivamente), há poucas opções de brinquedos infantis e ainda alguns deles estão danificados, justamente em locais com alto contingente populacional e intensamente utilizados por crianças.

Um outro ponto abordado refere-se à presença da vegetação e do paisagismo, responsáveis por gerar o embelezamento e, conseqüentemente, agregar outros elementos que interferem diretamente na busca por qualidade de vida em tais espaços livres, como o conforto térmico, o visual e o sonoro, por exemplo. Em relação ao paisagismo, de forma geral, observa-se que todas apresentam uma composição adequada que inclui espécies vegetais variadas e de diferentes portes, articulando-se bem com os contornos e os caminhos interiores de cada praça.

Ao considerar a vegetação presente, levando em conta os tipos responsáveis por gerar maior sombreamento e amenizar as altas temperaturas comuns ao longo do ano, destaca-se a reduzida concentração em cinco praças, sobretudo, nos Setores Norte e Oeste, pois embora exista variação de espécies vegetais, não há uma quantidade significativa daquelas que proporcionam mais sombra, portanto, com classificação regular. Nas demais, observa-se maior densidade de árvores de grande porte, como mangueiras, sete copas, figueiras ou gameleiras, por exemplo, muitas dessas últimas responsáveis por gerar grande sombreamento.

Concomitantemente, ao considerar o conforto térmico nos dias mais quentes, em seis dessas praças há uma boa sensação térmica, destaque para as três localizadas no Setor Central. Nas outras cinco praças, o conforto térmico é considerado regular, pois nos dias mais quentes a sensação é menos agradável, se comparada às outras mais densamente arborizadas, como na praça Leopoldo F. Goulart, no bairro Canaã (Setor Oeste), por exemplo.

Os confortos acústico e visual estão diretamente associados às áreas com vegetação que compõem o paisagismo das praças, o primeiro é mais comprometido naquelas localizadas em áreas mais densamente urbanizadas, como nas praças do Setor Central (Tubal Vilela, Sérgio

Pacheco e Clarimundo Carneiro) e em outras duas (Pça. José Motta – Setor Sul e Pça. Clarinda de Freitas – Setor Norte) que estão em áreas que recebem intenso fluxo de veículos em suas imediações. A maioria das citadas acima foram classificadas com conforto acústico regular, com exceção da Praça Tubal Vilela, que representa um local de intensa movimentação do transporte coletivo intraurbano e inúmeras paradas de ônibus na área mais central da cidade, com conforto acústico considerado ruim. Nas demais praças este item é classificado como bom, com menor presença de veículos automotores no entorno nos diferentes horários dos dias.

O conforto visual, é classificado como bom nas praças elencadas, pois é visível a harmonia entre as áreas construídas e os elementos vegetais, sendo consideravelmente atraentes em termos de aparência no entorno onde estão localizadas.

Ressalta-se, ainda, alguns equipamentos secundários anexados ao espaço das praças. Entre eles, os estacionamentos de veículos particulares, os pontos de ônibus, de táxi, as bancas de revistas e os quiosques de alimentação. Os estacionamentos estão presentes em cinco praças, em tamanho amplo e bom estado de conservação na maioria delas, destaque, por exemplo, para as praças Sérgio Pacheco e Clarimundo Carneiro no Setor Central. Os pontos de táxi e as bancas de revista encontram-se em três praças, em todas com boa conservação, sendo o último item exclusivo às praças do Setor Central. Os quiosques de alimentação estão localizados em apenas duas praças, contemplando uma variação maior de opções na Praça Sérgio Pacheco (Setor Central), e com apenas um pequeno quiosque de sucos na Praça do Jacaré (Setor Leste).

Os três últimos aspectos levantados, ponderam algumas considerações baseadas na observação de três momentos específicos em cada praça e nas outras passagens esporádicas realizadas. Assim, atribui-se um valor para a qualidade geral da manutenção da estrutura física, sendo os itens que compõem este quesito, já abordados individualmente, e, nesse prisma, classificados como regulares em quase todas as praças analisadas. Ao considerar o aspecto visual, verifica-se que a limpeza é tida como boa em seis das onze praças analisadas, destaque para duas presentes no Setor Central (Tubal Vilela e Clarimundo Carneiro), por exemplo, nas demais esse indicador é considerado regular.

A segurança, por sua vez, é outro relevante aspecto, sendo possível considerar os postos de policiamento móvel, as rondas da Polícia Militar, a presença de pessoas (usuários das praças) e ainda as inúmeras câmeras responsáveis por registrar e “controlar” os usos cotidianos.

Nesse caso específico, é muito difícil considerar se um local é ou não seguro tendo como base exclusivamente a presença de policiamento, porém, grosso modo, este é um critério que contribui para avaliar se existe segurança na rotina da utilização dessas praças nos dias e

horários observados, sendo possível apenas supor os acontecimentos ocorridos em outros períodos a partir dos relatos fornecidos por alguns usuários desses espaços. Assim, é perceptível que as condições de segurança nos locais em questão oscilem de bom a regular, com a concentração maior de usuários de substâncias ilícitas em determinadas praças, o que pode vir a ser um fator não atrativo para outros usuários, como o exemplo das praças Américo F. de Abreu, no bairro Santa Mônica (Setor Leste) e Leopoldo F. Goulart, no bairro Canaã (Setor Oeste).

É pertinente destacar que são recorrentes as situações que correspondem a uma coexistência de formas de apropriação conflituosas nesses espaços, e mesmo esse contexto ficando presente no plano simbólico, algumas pessoas são inibidas de utilizar tais espaços, o que reforça muitas vezes uma série de caminhos excludentes⁶⁴.

Ao contextualizar a observação das melhorias necessárias nas praças de Uberlândia, é possível estabelecer um paralelo com as considerações levantadas na enquete de opinião empreendida na Seção anterior. Nas praças em questão, muitas delas lembradas pelos usuários destes espaços públicos, fica absolutamente visível os problemas na manutenção básica das estruturas físicas, desde aquelas localizadas na região central, até aquelas presentes em bairros periféricos, sendo comum a depredação de bancos e alguns brinquedos dos parques infantis, o piso em estado irregular, a falta de pontos de água e ainda, situações de insegurança no período noturno em alguns locais.

É possível ressaltar que há grandes diferenças no interior do espaço urbano, que são identificadas a partir da disposição da infraestrutura presente no território. Os espaços livres das praças são atrelados neste conjunto, e estas são consideradas como mais um elemento agregador, capaz de possibilitar maior inclusão ou de acirrar ainda mais a exclusão social no interior das cidades.

Na visão de Queiroga (2012, p.95), as praças disputam com as ruas o posto de categoria mais importante de uso comum do povo, dessa forma, “(...) a praça revela a vida pública, ou a ausência dela, em relação à sua vizinhança. Não existe uma boa praça, enquanto forma-conteúdo, se o contexto urbano não lhe é favorável”.

⁶⁴ Ao pensar em tais soluções, ressalta-se as considerações de Frúgoli Jr. (1995, p.72), que ao mencionar a realidade dos espaços públicos de São Paulo, apresenta algumas formas para resolver os conflitos presentes no uso desses espaços, destacando que a maneira do poder público agir, visa, sobretudo, reforçar o policiamento e retirar as populações indesejáveis, reforçando “(...) uma atitude conservadora quanto aos rumos da cidade em sua dimensão pública, uma vez que, em vez de tentar criar novas formas de relação entre os grupos, caminharão no sentido de soluções excludentes que implicam um abandono do espaço público”.

Ao considerar a presença das praças na cidade de Uberlândia, reforça-se a necessidade de ampliá-las, sobretudo em bairros periféricos e sujeitos a processos excludentes, mas também é necessário manter a disposição de mobiliários, equipamentos de lazer e espaços arborizados de qualidade nas já existentes, para que sejam propiciadas maiores possibilidades de participação, interação e utilização desses espaços.

Reforça-se o que Serpa (2007) colocara ao destacar que os usuários raramente são vistos com interesse por parte dos agentes que viabilizam a implantação desses espaços públicos. Nas palavras de Santos (2014, p.159), “as pessoas a quem o planejamento se destina, essas raramente têm acesso aos documentos finais, e ainda muito menos aos documentos de base.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Chegou fim de semana todos querem diversão
Só alegria nós estamos no verão (...)*

*Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá*

*Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá (...)*

*Vamos passear no parque
Deixa o menino brincar
Fim de semana no parque
Vou rezar pra esse domingo não chover.
Mano Brown. Racionais MC's/ 1993.*

Ao refletir acerca das questões levantadas nesta tese, fica evidente a necessidade de considerar os espaços públicos e a possibilidade destes agregarem qualidade de vida aos moradores das cidades. Tais espaços contemplam atividades de lazer no tecido urbano, através de práticas e relações sociais e espaciais, seja por meio da infraestrutura ofertada pelo poder público, seja através das diferentes formas de apropriação e utilização desses pela sociedade. Neste âmbito, reafirma-se que o lazer e toda a dinâmica que envolve a utilização do seu tempo, constitui-se em importante elemento aglutinador do consumo do espaço intraurbano na contemporaneidade.

O espaço urbano, por sua vez, é oriundo do processo de (re)produção no âmbito do modo de produção capitalista. Sua estruturação resulta de dinâmicas que se estabelecem em diferentes escalas, com interações que se ampliam, com a formação de redes urbanas cada vez mais complexas. No espaço intraurbano, diferentes agentes (Estado, incorporadores imobiliários, industriais, ligados ao agronegócio, proprietários fundiários etc.) interagem e apresentam seus interesses, disputam o poder sobre o espaço e, geralmente, obtêm o apoio um do outro para viabilizar suas demandas. Isso geralmente não coaduna com as necessidades mais imediatas da imensa maioria da população composta pelos sujeitos sociais, grande parte deles são desprovidos de recursos, têm pouca representatividade como agentes de produção do espaço urbano.

Assim, existem espaços incluídos marcados por desigualdades e diferenças sociais, espaciais e econômicas. Coexistem neste sentido, partes importantes do espaço que viabilizam a reprodução do capital em âmbito local, regional, nacional e até global. Ao mesmo tempo, há inúmeros espaços à margem desse processo, desprovidos de recursos e serviços básicos, que

possam atender às camadas mais pobres da sociedade, distantes ou próximos espacialmente dos espaços mais incluídos, sujeitos à segregação espacial e à exclusão social. É comum o processo de expansão urbana ser marcado no interior das cidades pela descontinuidade do tecido urbano, com a presença de vazios que funcionam como reserva de valor, concomitante, com inúmeros loteamentos precários e até de alto padrão que se expandem em determinados eixos da periferia urbana.

Assim, as desigualdades e diferenças encontram-se bastante expressivas no interior do espaço urbano das cidades brasileiras, como é o caso de Uberlândia (MG). Refletem os diversos interesses locais que se articularam e continuam articulados a outras escalas para produzir uma cidade dinâmica no âmbito interurbano, referência entre os deslocamentos de mercadorias e informações de diferentes regiões brasileiras, capaz de atrair investimentos e apresentar aspecto de grande cidade, dotada de serviços especializados. Internamente, contempla áreas que oferecem ampla qualidade de vida aos segmentos mais abastados, entranhada com as mazelas decorrentes de processos excludentes, como as inúmeras ocupações irregulares comuns nas metrópoles brasileiras.

Em Uberlândia, observa-se claramente que a cidade expande vertiginosamente sua malha urbana em algumas direções, nos setores urbanos Leste e Oeste, por exemplo, sendo comum a presença de inúmeros loteamentos irregulares sem qualquer tipo de infraestrutura, principalmente no primeiro dos setores mencionados (Setor Leste). No segundo (Setor Oeste), são visíveis as modificações no perímetro urbano, com o surgimento de novos bairros populares, alguns financiados por programas habitacionais que, em sua maioria, contam com infraestrutura precária, especialmente no que concerne às praças públicas as quais constituem-se apenas por espaços abertos sem a presença de mobiliários, equipamentos de lazer e de paisagismo.

Cabe ressaltar que o consumo permeia as diversas relações que se estabelecem na sociedade capitalista, e, neste sentido, o espaço geográfico torna-se cada vez mais consumível, sujeito às determinações do capital que se impõem a partir de uma escala mundial, da conversão dos lugares a um processo de homogeneização de estilos de vida e de formas de coexistir no cotidiano das pessoas, camuflando, muitas vezes, os conflitos, emergindo a sensação de liberdade.

É fato, conforme afirma-se ao longo desta tese, que as atividades de lazer se encontram cada vez mais atreladas a essa lógica que mercantiliza o espaço e, fundamentalmente, os momentos lúdicos, de recreação e/ou de interação entre os indivíduos. Com isso, as formas de vivenciá-los são cada vez mais condicionadas a experiências

desenvolvidas em espaços privados coletivos, o que permite aferir que os modelos de apropriação e de segregação, comumente presentes nos espaços privados, transparecem nos espaços públicos.

Nos estudos sobre os espaços revitalizados presentes em inúmeras cidades, sejam calçadas, fachadas de prédios, parques urbanos ou praças, faz-se necessário considerar as diferentes formas de uso e de apropriação desses espaços públicos, principalmente a partir das relações cotidianas que se estabelecem nesses espaços. Em muitos casos, após passarem por intervenções urbanísticas com a participação do capital privado, a revitalização desses equipamentos atende a grupos específicos de pessoas, geralmente com maior capacidade de consumo material, o que elitiza e inibe a presença de outros segmentos sociais.

A análise sobre os espaços públicos, permite aferir que, ao longo do tempo, estes sofrem uma redução da cidadania, onde a atratividade despertada outrora torna-se mais incipiente para os segmentos sociais mais privilegiados e capazes de reivindicar sua cidadania, sendo comum a busca por lazer e entretenimento em espaços específicos, geralmente privados. De todo modo, ao observar os espaços livres públicos, é evidente que há diferenças significativas entre as praças e os parques urbanos em termos de visibilidade, de atratividade e de interesse por parte dos usuários, do poder público que os idealiza e, também, dos incorporadores privados que agregam valor a seus empreendimentos localizados no entorno dos espaços construídos para o lazer.

Em Uberlândia, o estudo sobre os espaços públicos de lazer, permitiu verificar a existência de vários e diferentes tipos de equipamentos públicos, tais como parques urbanos, complexos poliesportivos e praças (com ou sem equipamentos de lazer) presentes em vários setores que compõem a sua malha urbana. Essas instalações compõem, na visão do poder público local, um conjunto de políticas sociais setoriais que, juntamente com a programação ofertada, sobretudo, nos complexos poliesportivos, se constituem na principal política pública de lazer desenvolvida em espaços livres na cidade.

No âmbito desses espaços e equipamentos, é necessário salientar que as praças públicas são visivelmente mais presentes espacialmente, o que proporcionou investigar de forma mais aprofundada a realidade desses espaços livres urbanos. Apesar de estarem presentes em inúmeros bairros, com moradores de variado perfil socioeconômico, a oferta dessa infraestrutura destinada ao lazer ainda é incipiente em algumas áreas e mal distribuída no espaço urbano.

Nesse sentido, inúmeros bairros e loteamentos na franja periférica da cidade continuam deixados à margem, sem a presença desses espaços/equipamentos, sendo que alguns

são existentes apenas no plano (no papel) e não na realidade de fato, corroborando com o processo de produção de um espaço urbano excludente e segregado. Assim, ao focar na identificação do consumo dos espaços livres públicos de lazer na cidade, reforça-se o papel articulador que as praças têm na paisagem urbana, seja esteticamente, seja no conforto térmico, ou como propulsoras da livre utilização e interação entre as pessoas.

Ao se pensar nas praças, é pertinente destacar um outro cenário no qual as formas de consumo e de apropriação são menos dependentes da relação que se dá ao espaço como mercadoria. É possível fazer menção, através de aspectos que remetem à liberdade, mesmo que temporária, à sociabilidade, ao contato com elementos naturais por meio das áreas com vegetação, à prática esportiva e recreativa, entre outros, apontados por usuários e não usuários de praças estudadas nesta tese.

De todo modo, ao analisar a produção de tais espaços livres (desde a concepção até a manutenção), é relevante considerar a lógica do capital atrelada ao contexto de determinadas praças. Estas são estrategicamente pensadas por incorporadores privados que se espalham na cidade, algumas ainda não oficializadas pelo poder público, ou mesmo através das parcerias que concedem a segmentos privados a sua manutenção.

A partir das considerações apresentadas pelos moradores e por meio das observações realizadas nas praças da cidade, é possível considerar alguns apontamentos. Entre estes, a atratividade na utilização das praças públicas, sendo plausível considerar que, em grande escala, ainda se encontram relações de aproximação, de contato com o entorno imediato, de descanso, de espaço de brincadeiras para as crianças etc. As praças são comumente, consideradas como locais de circulação rápida, de frequência por tempo limitado, ou ainda vistas como “ponto de espera”, sendo que o perfil dos usuários desses locais altera-se ao longo do dia e em horários diferentes.

Em relação aos usuários desses espaços livres, não é possível afirmar que sejam exclusivamente moradores do seu entorno, pois, nas áreas centrais o movimento é mais disperso e inclui pessoas à procura de diferentes serviços nas imediações, a espera para o trabalho, a passeio e, em busca de lazer, de diversão e para “passar o tempo”, por exemplo. Predomina, no geral, pessoas pertencentes a segmentos mais populares, cabendo destacar que, mesmo aqueles que não se consideram usuários das praças, veem nelas, sua relevância como um espaço de lazer, de contato com a natureza na cidade, de sociabilidade e de encontro espontâneo entre as pessoas.

De forma geral, constatou-se a necessidade de melhorar a infraestrutura dos espaços públicos de lazer, objeto de estudo desta tese, seja na manutenção das estruturas existentes, seja

na oferta de novos mobiliários e equipamentos que permitam maior conforto o que, inclui a adequação nos pisos para o deslocamento das pessoas com maiores dificuldades, o tipo de iluminação que garanta mais visibilidade no período noturno, os bancos e o playground em boas condições, a adequação e a manutenção das espécies vegetais, sobretudo, para gerar maior sombreamento durante o dia. A segurança também é mencionada como uma preocupação premente, cabendo uma reflexão, pois, além da maior presença da segurança pública em si, é fundamental que a maior utilização por parte das pessoas consiga inibir a depredação e as outras formas de apropriação que despertam insegurança nos usuários.

Nesse sentido, para atrair as pessoas a frequentarem esses espaços, torna-se imprescindível que se criem políticas públicas voltadas à preservação, à manutenção, à segurança de tais espaços, o que inclui, também, os aspectos estruturais destacados, a oferta de programação específica (shows, eventos esportivos e culturais, por exemplo), até a real participação dos moradores do entorno e demais pessoas interessadas em dar vida a estes espaços livres. Assim, cabe ao poder público propiciar uma gestão participativa, com a consulta a grupos de moradores, entre eles: idosos, mães que levam os filhos para brincar, adolescentes, dentre outros, para vislumbrar melhores formas de aproveitamento das praças.

Faz-se necessário que as praças e seus equipamentos sejam também ocupados pela cultura popular, com a presença de grupos musicais, de teatro e demais apresentações que incluam pessoas das comunidades e associações de moradores, que atendam às diferentes faixas etárias, levando em conta também as inúmeras atividades esportivas/recreativas. É evidente que tais atividades encontravam-se presentes em algumas praças da cidade em período anterior à pandemia, seja pela iniciativa da prefeitura, ou através de parcerias com grupos de moradores. Há a necessidade de uma retomada gradual dessas atividades, bem como a expansão delas para outras praças e locais da cidade.

É fato que Uberlândia, com uma população em torno de 700 mil habitantes (de acordo com as estimativas do IBGE em 2021), carece de mais praças públicas na sua franja periférica em todos os setores urbanos, sobretudo, nos setores Leste, Oeste e Sul, por abarcarem extensas áreas compostas por bairros populares sem grandes opções de lazer e grande número de moradores.

Para exemplificar, no extremo leste da cidade existem apenas cinco praças, uma especificamente consiste num terreno aberto, em uma área onde se localizam os bairros integrados Alvorada, Residencial Integração e Morumbi, os dois últimos com alto adensamento populacional e, ainda, outras tantas áreas de ocupação irregular no entorno. No Setor Sul, em sua extremidade, destaca-se o bairro Shopping Park, com a presença de um grande conjunto

habitacional popular, que possui três praças sem infraestrutura e paisagismo, com uma academia ao ar livre instalada recentemente em uma delas; e outras áreas de ocupação urbana, que surgem nas proximidades do bairro São Jorge, sem a presença de infraestrutura básica.

No Setor Oeste, por exemplo, existem duas áreas em suas extremidades, uma no sentido noroeste que inclui os bairros Guarani e Tocantins, com uma única praça instalada. Na porção sudoeste, encontram-se os bairros Jardim Canaã, Monte Hebron, Chácaras Panorama, Jardim Holanda e outros mais recentes em áreas incorporadas ao perímetro urbano, como o Residencial Pequis e o Morada Nova, totalizando doze praças nessas imediações, sendo que nove delas são apenas terrenos abertos sem paisagismo e com pouca ou nenhuma infraestrutura.

Ao trazer à tona o contexto da disseminação desses espaços livres na cidade, fica evidente que, além da manutenção e da ampliação de equipamentos e mobiliários nas praças de bairros mais próximos à área central, é necessário implantar praças nas áreas mais vulneráveis, principalmente nas supracitadas.

Ao considerar a qualidade de vida do cidadão no espaço urbano e, as políticas públicas em âmbito geral, não se deve negligenciar a importância da inserção de ações do poder público que oportunizem a presença de tais espaços públicos. Portanto, ao refletir acerca desses, é relevante considerar as possibilidades de lazer mais espontâneas no espaço urbano, os quais devem se aproximar de forma mais descompromissada e lúdica do cotidiano dos cidadãos.

As praças ainda podem ser vistas como espaços públicos expoentes da esfera pública, embora menos apreciadas por determinados segmentos sociais e deixadas de lado nas prioridades das intervenções do poder público. Ainda assim, são constituídas a partir de uma teia de relações que podem ultrapassar o seu próprio espaço. Contudo, são evidentes os desafios colocados em termos de se estabelecer um padrão de qualidade de vida nas cidades que se inclua a importância do lazer e os espaços livres públicos, no sentido de propiciar formas de consumo gratuitas que possam atender e despertar o interesse de diferentes camadas sociais.

Ao apresentar a realidade urbana de Uberlândia, observam-se características que a aproximam da estrutura e dos problemas presentes nas metrópoles brasileiras, no que se refere, por exemplo, aos espaços públicos, existem aqueles com maior visibilidade e estrutura (caso dos parques urbanos), e outros com menor visibilidade e, ocasionalmente desprovidos de estrutura adequada (como no caso das praças públicas). Ao mesmo tempo, nos diversos bairros periféricos, são comuns situações cotidianas que revelam formas de lazer vivenciadas em espaços pouco providos de estrutura urbana, como em algumas praças precárias, ou mesmo em ruas ou em terrenos abertos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Henrique Vitorino S. **Urbanização contemporânea: uma contribuição para o estudo das cidades**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia – 219 f. Uberlândia – MG, 2013.
- ALVES, Lidiane A. e RIBEIRO FILHO, Vitor. A Requalificação das áreas centrais enquanto desafio do planejamento urbano contemporâneo: o contexto da cidade de Uberlândia – MG. **IV Colóquio Internacional sobre comércio e cidade: uma relação de origem**. Uberlândia, p.1-16, março 2013.
- ANDRADE, José Vicente. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ARRANJOS Populacionais e Concentrações Urbanas no Brasil** / IBGE, Coordenação de Geografia. - 2. ed. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. e-Book (PDF). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em 10/05/2019.
- ATTUX, Denise E. **Revitalização Urbana em Centros Históricos: estudo de caso do bairro Fundinho**. Dissertação de Mestrado/ PPGEO UFU. Uberlândia – MG, 2001.
- BACAL, Sarah. **Lazer e o Universo dos Possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.
- BARBOSA, Lívia. **Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BELLONI, Isaura; MAGALHÃES, Heitor; SOUSA, L. C. **Metodologia de Avaliação em Políticas Públicas: uma experiência em educação profissional**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BESSA, Kelly Cristine. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades Médias: o exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia** 24(16) 268 - 288, out/2005. Disponível em <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em 12/04/2019.
- BORTOLI, Fábio. **Espaços públicos de propriedade privada: o Shopping Center**. Tese de Doutorado - Programa de Pós Graduação em Arquitetura – UFRS. Porto Alegre, 2017.
- BRAMANTE, Antônio Carlos. Lazer: o público e o privado – superando as “grandes dicotomias”. **LICERE**. Belo Horizonte: Centro de Estudos de Lazer e Recreação – CELAR, V. 5, n. 1, 2002.
- CAMARGO, Luiz O.de Lima. Apropriação de Espaços Públicos para o Lazer. In TURINO, Célio (Org.). **Lazer nos Programas Sociais – Propostas de combate à violência e à exclusão**. São Paulo: Anita, 2003, p.35 – 44.
- CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001 a.
- _____. O Consumo do espaço. In CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **Novos Caminhos da Geografia**. 3ª ed., São Paulo: Contexto, 2001b.

_____. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: FFLCH, 2007(a), 123p.

_____. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007(b), 85p.

_____. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO Maria Encarnação B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2011.

CARRERAS, Carles. Os Novos Espaços de Consumo em Barcelona. **Finisterra**, 29 (57), pp. 103-117, 1994. <https://doi.org/10.18055/Finis1849>.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em redes – A era da informação: economia, sociedade e espaço e cultura;** v 1. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

_____. **A Questão Urbana.** São Paulo: Paz & Terra, 2000.

CAVALHEIRO, F. e NUCCI, J. C. Espaços livres e qualidade de vida urbana. **Paisagem Ambiente Ensaio.** São Paulo: n.º 11, p.277 – 288, dez.1998. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i11p277-288>.

CLEPS, Geisa Daise G. **Estratégias de reprodução do capital e as novas espacialidades urbanas: o comércio de auto-serviço em Uberlândia – MG.** Tese de Doutorado – Instituto de Geociências e Ciências Exatas – UNESP. Rio Claro, 2005.

COLESANTI, M. T. de M. **Por uma educação ambiental: o Parque do Sabiá, em Uberlândia, MG.** Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 1994.

CONHEÇA a história dos “rolezinhos” em São Paulo. **G1.globo.com**, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/conheca-historia-dos-rolezinhos-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 05/03/2020.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processos Espaciais e a Cidade. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, 41 (3): 100-110. 1979.

_____. **O Espaço Urbano.** São Paulo: Ática, 1999.

_____. Construindo o conceito de cidade média. In SPÓSITO, Maria E. B. (Org.). **Cidades Médias: espaço em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO Maria Encarnação B. (Organizadores). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2011.

CHAUÍ, Marilena. O Direito à Preguiça (Introdução – p.9 - 56). In LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça.** São Paulo: Hucitec e Unesp, 2000.

COCOZZA, G. de P. e OLIVEIRA, L. M. Forma urbana e espaços livres na cidade de Uberlândia (MG), Brasil. **Paisagem e ambiente: ensaios** - n. 32 - São Paulo: p. 9 – 32, 2013. <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/88070>. Acesso em 20/06/2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i32p9-32>.

COSTA, Nilson do Rosário. **Políticas Públicas, Justiça distributiva e inovação: saúde e saneamento na agenda social**. São Paulo: Hucitec, 1997.

DAMIANI, Amélia L. Turismo e lazer em espaços urbanos. In RODRIGUES, Adir B. (Org.) **Turismo – Modernidade – Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.

DE ANGELIS, Bruno L. D. et al. **Praças: história, usos e funções**. Maringá: EDUEM, 2005.

DEBATE: Shopping-centers podem proibir os rolezinhos? **Super.abril.com.br**, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/debate-shopping-centers-podem-proibir-os-rolezinhos/>. Acesso em: 05/03/2020.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**; entrevista a Maria Serena Palieri. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva -SESC, 1999.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Tradução de Rosa Camargo Artigas; Reginaldo Forti. São Paulo: Global, 1985.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1999. <https://doi.org/10.7476/9788575416051>.

FERREIRA, Willian R. **O espaço público nas áreas centrais: a rua como referência – um estudo de caso em Uberlândia – MG**. Tese de Doutorado – FFLCH –USP. São Paulo, 2002.

FONSECA, M. L. P. Padrões sociais e uso do espaço público. **Caderno CHR**, Salvador, v.18, n.45, p.377-394, set./dez., 2005.

FONSECA, M. L. P. **Forma Urbana e Uso do Espaço Público: As transformações no centro de Uberlândia, Brasil**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona, 2007.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, M. A. S. **As praças de Ribeirão Preto- SP: uma contribuição geográfica ao planejamento e à gestão dos espaços públicos**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2005.

_____, Marcos A. S. De largo a jardim: Praças Públicas no Brasil – algumas aproximações. **Estudos Geográficos**. Rio Claro, 5(1): p.101-120, 2007. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/estgeo>. Acesso em: 09/03/2020.

GOMES, Paulo César da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 129-191.

HABITAT III, Documentos Temáticos (ONU). **Espaço Público**. Conferência das Nações Unidas para Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável. Quito, 2016. Disponível em: http://habitat3.org/wp-content/uploads/11-Espa%C3%A7o-P%C3%BAblico_final.pdf. Acesso em: 12/02/2020.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Des-territorialização e identidade**. Niteróia: EDUFF, 1997.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução Carlos Szlak. Coordenação Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2005.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – **Censo demográfico**, 2010.

ITV URBANISMO. **Assessoria de Marketing e Conteúdo**, 2020. ITV Urbanismo. Disponível a partir de questionário encaminhado à Assessoria de Marketing e Conteúdo do grupo ITV Urbanismo. Acesso em: 06/11/2020.

INAUGURAÇÃO da Praça Sérgio Pacheco: 1976. **Museu virtual de Uberlândia**, 2016. Disponível em: <https://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br/site/inauguracao-da-praca-sergio-pacheco-1976/>. Acesso em: 08/08/2019.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. A cidade moderna e as técnicas: uma nova espacialidade do tempo livre. In: **Anais do Encontro da Comissão de Geografia Cultural da União Geográfica Internacional**, Rio de Janeiro, 2003.

KLIASS, Rosa G. e MAGNOLI, Miranda M. Áreas verdes de recreação. In **Paisagem e Ambiente. Ensaios: Especial Miranda Magnoli**. N.21 - São Paulo: p. 245 – 256, 2006. <http://www.revistas.usp.br/paam/issue/view/3333>. Acesso em 20/06/2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i21p245-256>.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Contexto Traduções. São Paulo: Aleph, 2003.

LEFÉBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo, Ed. Ática, 1991.

_____. **O Direito à Cidade**. São Paulo, Centauro, 2001.

_____. **Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental – sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 10ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

LUCAS, Fabrício da Mata. **A prática do lazer em áreas urbanas sujeitas à exclusão social em Presidente Prudente – SP**. Dissertação de Mestrado em Geografia. FCT, UNESP - Presidente Prudente - SP, 2007; 168 p.

MACEDO, S. S. e SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e Educação**, 3ª edição – Campinas - SP: Papirus, 1995.

_____. (Org.). **Políticas Públicas Setoriais de Lazer – O papel das prefeituras**. Campinas - SP: Autores Associados, 1996.

_____. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2ªed., Campinas - SP: Autores Associados, 2000.

_____. **Lazer e Humanização**. 7ªed., Campinas - SP: Papirus, 2003.

MAZZEI, Kátia, COLESANTI, Marlene T. M. e SANTOS, Douglas Gomes dos. Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer. **Revista Sociedade e Natureza**, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9350>. Acesso em: 24/05/2017.

MEDEIROS, Ethel B. **O Lazer no planejamento urbano**. 2ªed., Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L.; RANDERS, Jorgen; BEHRENS III, W. W. **Limites do Crescimento: Um relatório para o projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

MELAZZO, Everaldo Santos, GUIMARÃES, Raul Borges. (Orgs.) **Exclusão Social em cidades brasileiras: um desafio para as políticas públicas**. São Paulo: Ed UNESP, 2010.

MELO, Vitor A. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003. (Introdução - p.21 - 28).

MOURA, Gersa G. e SOARES, Beatriz R. A periferia de Uberlândia: da sua origem até a sua expansão nos anos 1990. **Caminhos de Geografia**. V.10, N.32 (2009) – dezembro. In <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16156>. Acesso em 10 de maio de 2021.

MUÑOZ, Francisc. Urbanización: En el Zoco Global de las Imágenes Urbanas. In **Cidades-Comunidades e Territórios**, Dez. 2004, nº9, p.27-38. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9198/6645>. Acesso em: 26/06/2018. <https://doi.org/10.7749/citiescommunitiesterritories.dez2004.009.art02>.

NARCISO, Carla A. F. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.9, n.2, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9102/7486>. Acesso em: 10/03/2020. <https://doi.org/10.12957/epp.2009.9102>.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação Sócio-espacial: alguns conceitos e análises. **Coletâneas do nosso tempo**. Rondonópolis - MT, v. VII, nº 8, p. 129 a 153, 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/pc/Downloads/108-99-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/108-99-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 10/05/2019.

NOVE praças de Uberlândia já foram revitalizadas. **Uipi.com.br**, 2013. Disponível em: <http://uipi.com.br/destaques/destaque-1/2013/07/31/nove-pracas-de-uberlandia-ja-foramrevitalizadas/>. Acesso em: 10/08/2019.

OLIVEIRA, Hélio C. M. **Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias**: reflexões a partir de Uberlândia – MG. Dissertação de Mestrado – Instituto de Geografia -UFU. Uberlândia – MG, 2008. 364f.

OLIVEIRA, Lucas M. Espaço público e urbanidade: análise do sistema de espaços livres do Bairro Fundinho em Uberlândia, Minas Gerais. **Journal Interdisciplinary**, Caraguatubá - SP, v.1, n.1, p.120 -134, jul./dez.2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/134335510-Espaco-publico-e-urbanidade>. Acesso em: 05/09/2019.

PADILHA, Valquíria. Se o trabalho é doença, o lazer é remédio? In MULLER, Ademir e DA COSTA, Lamartine P. (Org.) **Lazer e Trabalho**: um único ou múltiplos olhares? Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. Consumo e lazer reificado no universo onírico do shopping center. In: PADILHA, Valquíria. (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 126-155.

PAIVA, Kauê F.; CAPPELLO, Maria Beatriz C. Documentação dos Projetos para a Praça Sérgio Pacheco em Uberlândia: a proposta de Ary Garcia Roza e Roberto Burle Marx. **Horizonte Científico**. Uberlândia – MG, Vol.05, Nº.2 (Dez. 2011). Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/13606>. Acesso em 01/03/2021.

PAULA, Daniela de. **Usos e desusos de parques urbanos contemporâneos**: estudo de caso Parque da Cidade – Serra (ES). Dissertação de Mestrado. – Arquitetura e Urbanismo – C. A. – UFES. Vitória, 2017, 277f.

PARKER, S. **A sociologia do lazer**. São Paulo: Zahar, 1978.

PRAÇA Clarimundo Carneiro – bem tombado. **Diário de Uberlândia**, 2019. Disponível em <https://diariodeuberlandia.com.br/coluna/3356/bem-tombado--praca-clarimundo-carneiro>. Acesso em 15/03/2021.

PRAÇA Sérgio Pacheco é revitalizada. **Diário de Uberlândia**, 2018. Disponível em: diariodeuberlandia.com.br/noticia/16013/praca-sergio-pacheco-e-revitalizada. Acesso em: 08/08/2019.

PROJETO visa revitalizar praças de Uberlândia com ajuda de artistas. **G1.globo.com**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/06/projeto-visa-revitalizar-pracas-de-uberlandia-com-ajuda-de-artistas.html>. Acesso em: 10/08/2019.

REGIÕES de influência das cidades 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10/05/2019.

RIBEIRO FIHLO, Vitor. A Área Central e Sua Dinâmica: uma discussão. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 16 (31) 155-167, dez. 2004.

ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

SAKATA, F. G. O Parque urbano brasileiro do século XXI. **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**. [S.l.], v. 3, n. 7, ago. 2015. Disponível em: <https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/cidades_verdes/article/view/973>. Acesso em: 03 Mar. 2020. <https://doi.org/10.17271/23178604372015973>.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado** – Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____ e SILVEIRA, Maria L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **A Urbanização Brasileira**. – 5ªed., 2ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **O Espaço do Cidadão**. 7ªed., São Paulo: Edusp, 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. **As Causas da Pobreza**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

SEBRAE/MG. Políticas Públicas: conceitos e práticas – **Série Políticas Públicas**, v.7 -, supervisão por Brenner Lopes e Jefferson N. Amaral; coordenação de Ricardo W. Caldas. Belo Horizonte: Sebrae/MG, 2008. Disponível em: <http://www.mp.ce.gov.br/n especiais/promulher/manuais/MANUAL%20DE%20POLITICAS%20P%C3%9ABLICAS.pdf>. Acesso em: 10/10/2019.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SERDOURA, Francisco. As Dimensões do Espaço Urbano Público. **ARTiTEXTOS05**. Dezembro, 2007.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Mauro Beirigo. **A dinâmica do comércio de autosserviço do varejo alimentar e a expansão das lojas de vizinhança na cidade de Uberaba – MG**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 140f., 2011.

SILVA, Kássia Nunes da. **Expansão urbana do setor sul da cidade de Uberlândia-MG: um estudo dos processos de exclusão e segregação socioespacial**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SILVA, Lara Cristina. **O Mapeamento das Áreas Verdes Urbanas de Uberlândia (MG): análise da concentração de investimentos públicos**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás, Catalão – GO, 2018.

SILVA, Andressa L. Breve discussão sobre o conceito de cidade média. **Geoiंगा**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá, v. 5, n. 1, p. 58-76, 2013. Disponível em file:///C:/Users/pc/Downloads/49203-Texto%20do%20artigo-751375170761-1-10-20130910.pdf. Acesso em 10/04/2019.

SOARES, Beatriz Ribeiro et al. Dinâmica urbana na bacia do rio Araguari (MG) – 1970-2000. In: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rosselvelt José (Org.). **Gestão ambiental na bacia do rio Araguari: rumo ao desenvolvimento sustentável**, Uberlândia: UFU/IG, Brasília: CNPq, 2004, p. 125-161.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade** – Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. O direito ao centro da cidade. In: **Passa Palavra**, 4 de Abr. de 2011 . Disponível em: <http://pelamoradia.wordpress.com/2011/04/04/o-direito-aocentro-da-cidade/>. Acesso em: 15/04/ 2019.

SPÓSITO, Maria Encarnação B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In SPÓSITO, Maria Encarnação B. (Org.) **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Programa de Pós-Graduação em Geografia – Gasperr: Presidente Prudente, 2001.

_____. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. Tese (Livre Docência), FCT/ UNESP - Presidente Prudente - SP, 2004.

_____ et al. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-68.

_____. A produção do Espaço Urbano: Escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO Maria Encarnação B. (Organizadores). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

TARDIM, Raquel. **Espaços livres**: sistema e projeto territorial. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

UBERLÂNDIA. Banco de Dados Integrados – BDI 2020. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano – Ano base 2019, V.1; V.2 e V3, 2020. Disponível em <http://docs.uberlandia.mg.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/BDI-2019-vol2.pdf>. Acesso em 15/09/2020.

_____. **Caderno Informativo 2018/2019.** Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, 2019. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/planejamento-urbano/politicas-publicas/>. Acesso em: 01 de agosto de 2019.

_____. **Caderno Informativo 2020.** Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, 2020. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/planejamento-urbano/politicas-publicas/>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

_____. **Diretoria de Urbanismo, 2020.** Secretaria Municipal de Planejamento Urbano – SEPLAN. Disponível a partir de questionário encaminhado à SEPLAN. Acesso em: 29/06/2020.

_____. **Lei Complementar nº 023/2017 – Revisão do Plano Diretor do Município de Uberlândia, 2017.** Disponível em <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/planejamento-urbano/plano-diretor/>. Acesso em 10/09/2019.

_____. **Lei Orgânica do município de Uberlândia, 10ª ed., 2013.** Disponível em: <https://www.camarauberlandia.mg.gov.br/concurso/edital-no-01-2021/legislacao/lei-organica-do-municipio-de-uberlandia.pdf>. Acesso em 30 de setembro 2020.

_____. **Núcleo de Projetos Ambientais, 2020.** Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Serviços Urbanos – SMMASU. Disponível através de questionário encaminhado ao núcleo da SMMASU. Acesso em 29/06/2020.

_____. **Secretaria de Cultura - Conjunto Praça Clarimundo Carneiro, Edifício da Câmara Municipal e Coreto.** Disponível em <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/praca-clarimundo-carneiro-camara-municipal-coreto/>. Acesso 01/08/2019.

_____. **Secretaria de Cultura – Praça Tubal Vilela.** Disponível em <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/praca-tubal-vilela/>. Acesso 01/08/2019.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1967. (Introdução - p.1 – 15).

YÁZIGI, E. **O mundo das calçadas.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2000.

APÊNDICE A

Banco de Dissertações e Teses da CAPES que abordam a relação e as temáticas “lazer, espaços públicos urbanos e praças”					
Mestra do	Doutorado	Nº de trabalhos nos Programas de Pós-Graduação	Nº de trabalhos defendidos e Universidades	Ano e Nº de publicações	Palavras- chave
213	29				
		64.Arquitetura e Urbanismo	(22) - UFMG	1990 (1)	*Público e privado; * Uso e apropriação do espaço público e lazer; * Praças, funções, parcerias público-privado; * Dinâmica geográfica; * Espaço de arte/lazer; * Arborização urbana; * Distribuição espacial; * Espaço de lazer/planejamento; * Qualidade térmica; * Parques e praças, fator de segregação; * Gestão do espaço público, áreas históricas; * Índice de qualidade de vida; * Participação popular; * Praça como lugar; * Exclusão do espaço público; * Pequenas cidades, cidades médias e praças; * Memória das praças; * Arquitetura paisagística; * Qualidade espacial das praças.
		54 . Geografia	(20) USP	1992 (1)	
		16 .Ed. Física	(12) UFRJ	1993 (1)	
		13.Desenvolvimento Urbano	(11) - UFRGS	1995 (2)	
		12 . Estudos do lazer	(9) – UFPR, UFBA, UNICAMP	1996(1)	
		9 . Ciências Sociais	(8) - UEM, UNESP, UFSC, UFPE	1997 (3)	
		8 . Engenharia; Planejamento Urbano, Regional e territorial	(7) - UFF	1998 (2)	
		5 . Dinâmica do Espaço Habitado; Educação	(6) - UFRN	1999 (6)	
		4. Desenvolvimento Regional; Ciências do Movimento Humano	(5) - UFAL, UEPG, UFPB	2000 (5)	
		3. Gestão de Pol. Públicas; Sustentabilidade e Ciências Ambientais;	(4) - UFU, UERJ, UFC, UNB, MACKENZIE, UNIVALE ITAJAÍ SC	2001 (6)	
		2. Estudos Urbanos e Regionais; Desenv. Territorial e Pol. Públicas; Turismo e Hotelaria; Antropologia; Desenvolvimento Sustentável	(3) - UFMT, PUCAMP, UFES, UFS, UPF	2002 (4)	
		1. Ciências da Cidade; Gestão de Negócios Turísticos; Design; Direito Ambiental; Psicologia; Gestão Social e Desenv. Local; Sociedade e Desenv.; Projeto e Cidade; Dinâmicas Populares e regionais; Ambiente e Sociedade; Ambiente Construído; Projeto e	(2) – UFSCAR, UECE, UNIVAP SP, UNIRITTER, UFGO, UFGD, UEPB, UFT, UFSM	2003 (4)	
				2004 (3)	
				2005 (8)	
				2006 (12)	
				2007 (13)	
				2008 (9)	
				2009 (14)	
				2010 (6)	
				2011 (8)	
				2012 (12)	
				2013 (9)	
				2014 (15)	
				2015 (13)	
				2016 (9)	
				2017 (18)	

	Patrimônio; Comunicação Social; Serviço Social; Dinâmica territ. do Semi Árido		2018 (20) 2019 (20)	
		(1) -UFJF, UFRRJ, UTFPR, FURG, UEA, UEL, UFPA,UFRR, UNIMONTES, UNIFORTALEZA, UNISINOS, UNI.BRASIL, UNISANTACRUZ, UFPI, UNIARARAQUARA, UNIJUÍ, UNIBH, UEG, UFCG, PUC GO, PUC RS, UNIAMAZONIA, UNIMEP, PUCRIO, UESC, UEPR, Inst. Pesquisa RJ, Inst. Ens. E Pesquisa Divinópolis, PUC SP, PUCMG, UERN, UFMA	2020 (8) 2021 (4)	

*A pesquisa incluiu as 25 primeiras páginas de busca do Portal de Teses e Dissertações da CAPES.

Fonte: Portal CAPES, 2021.

Organizador: Fabricio da Mata Lucas, 2021.

APÊNDICE B

Questionário - Aplicado à Secretaria de Meio Ambiente e Serviços Urbanos de Uberlândia (SMMASU) e à Secretaria de Planejamento Urbano (SEPLAN).

Total: 10 perguntas

- 1 – Existe algum critério específico ou lei que normatize a instalação de praças em Uberlândia?
- 2 – Quem é responsável pela instalação de praças na cidade? Qual é a responsabilidade do loteador e do poder público no processo?
- 3 – Caso seja uma prerrogativa inicial do loteador, existem normas diferentes para cada tipo de loteador? Quais são as exigências impostas pelo poder público?
- 4 – Qual é o orçamento básico utilizado para a instalação de uma praça? E para sua manutenção?
- 5 – Existe previsão de programação específica de lazer que atenda às praças, sobretudo, em sua concepção e instalação?
- 6 – Como funciona os critérios da parceria público- privado? Existem outras parcerias além do programa “adote uma praça”?
- 7 – Existe um mapeamento das praças com a disposição de seus equipamentos de lazer e presença de áreas verdes? Caso exista, é possível fornecer esse mapeamento para a presente pesquisa?
- 8 – Existe um levantamento das áreas ou setores mais vulneráveis da cidade que necessitam de espaços públicos como praças? Há previsão para a urbanização de praças em determinados setores?
- 9 – Na instalação de uma praça, encontra-se presente alguma forma de participação ou consulta popular? Caso isso ocorra, qual é o perfil socioeconômico dos bairros que a população mais se envolve e o que é mais cobrado no processo?
- 10 – Existe a presença de reivindicações por parte da população de alguns bairros para requerer a presença de praças e áreas verdes?

APÊNDICE C

Questionário - Aplicado para as pessoas físicas ou jurídicas que adotaram praças em Uberlândia.

- 1 – Há quanto tempo a praça foi adotada pela empresa, pessoa física ou ONG?

- 2 – Como funciona esse processo de adoção, a empresa, pessoa física ou ONG cuida integralmente da praça e de seus equipamentos ou conta com o apoio da prefeitura? O que efetivamente a empresa faz?

- 3 – Existe alguma contrapartida ofertada pelo poder público para a empresa, pessoa física ou ONG adotar a praça?

- 4 – Qual é o custo médio da empresa, pessoa física ou ONG na manutenção da praça mensalmente?

- 5 – Existe prazo estipulado para o período de manutenção da adoção da presente praça? Caso seja positivo, qual é o prazo?

- 6 – Existe algum tipo de levantamento ou enquete por parte da empresa, pessoa física ou ONG junto aos frequentadores da praça para compreender sua satisfação? Caso seja positivo, como isso ocorre?

- 7 – É perceptível algum retorno social, econômico e ambiental para a empresa, pessoa física ou ONG devido à manutenção da praça? Como isso funciona?

- 8 – É desenvolvida alguma programação por parte da empresa, pessoa física ou ONG na praça?

- 9 – A empresa, pessoa física ou ONG possui alguma outra parceria que envolve outros espaços verdes ou praças na cidade de Uberlândia? Em caso positivo, quais são os espaços envolvidos?

APÊNDICE D

Questionário – Aplicado à empresa ITV Urbanismo responsável pela implantação da Praça do Jacaré no bairro Novo Mundo

- 1- A Praça do Jacaré foi inteiramente instalada pelo grupo ITV Urbanismo ou houve alguma contrapartida e parceria com a prefeitura?

- 2 - Este modelo de praça foi inspirado em outros projetos do grupo?

- 3 - Houve participação de moradores na escolha da praça e de sua estrutura?

- 4 - Após a instalação, a prefeitura assumiu com a manutenção de mobiliário e limpeza urbana?

- 5 - Existem outras praças públicas instaladas em Uberlândia nesse formato?

- 6 - A empresa possui informações acerca da utilização e satisfação dos moradores do bairro em relação à praça?

- 7 - A presença desta praça se constitui como atrativo para a venda de imóveis no entorno?

APÊNDICE E

Quadro – Levantamento quantitativo do mobiliário e dos equipamentos das Praças de Uberlândia

Nome da Praça: _____

Localização: _____

Bairro: _____

Data da avaliação: _____.

Equipamentos/ Estruturas	Existentes	Ausentes	Nº- quantidade
1 – Bancos – material:			
2 – Iluminação: alta () baixa ()			
3 – Lixeiras			
4 – Sanitários			
5 – Telefone público			
6 – Bebedouros			
7 – Caminhos internos – material:			
8 – Palco/Coreto			
9 – () Monumento () Estátua () Busto			
10 – Espelho d água/ fonte ou chafariz			
11 – Estacionamento			
12 – Ponto de ônibus			
13 – Ponto de taxi			
14 – Quadra esportiva – quantidade:			
15 – Espaço para prática de exercício físico – equipamentos:			
16 – Espaço da 3ª idade – estruturas:			
17 – Parque infantil – equipamentos:			
18 – Banca de revista:			
19 – Quiosque de alimentação ou similar:			
20 – Edificação institucional:			
21 – Templo religioso:			
22 – Vegetação: () grande porte, () arbustiva, () gramada			
23 – Outros:			

Adaptação de De Angelis, (2005).

APÊNDICE F

Quadro– Levantamento Qualitativo dos Equipamentos e instalações das Praças de Uberlândia

Localização:

Pontuação atribuída: (0) – Ausência de equipamentos e instalações;

(1)- ruim;

(2) - regular;

(3) - bom.

Itens avaliados	Nota
1 – Bancos	
2 – Iluminação alta/ baixa	
3 – Lixeiras	
4 – Sanitários	
5 – Telefone público	
6 – Bebedouros	
7 – Piso	
8 – Traçado dos caminhos	
9 – Palco/ coreto	
10 – () Monumento () Estátua () Busto	
11 – Espelho d água/ fonte ou chafariz	
12 – Estacionamento	
13 – Ponto de ônibus	
14 – Ponto de táxi	
15 – Quadra esportiva	
16 – Espaço e equipamentos para prática de exercício físico	
17 – Estrutura dos equipamentos para a 3ª idade	
18 – Parque infantil	
19 – Banca de revista	
20 – Quiosque para alimentação/ ou similar	
21 – Vegetação	
22 – Paisagismo	
23 – Manutenção das estruturas físicas	
24 – Limpeza	
25 – Segurança	
26 – Conforto acústico	
27 – Conforto térmico	
28 - Conforto visual	

Adaptação de De Angelis, (2005).

APÊNDICE H

Questionário - Enquete aplicada aos frequentadores de praças habitantes de Uberlândia

Perfil do entrevistado:

1 – Qual é sua idade?

- < de 14 anos 14 a 19 anos 20 a 29 anos 30 a 39 anos 40 a 49 anos
 50 a 59 anos > de 59 anos.

2 – Estado civil:

- Casado união estável Solteiro Divorciado

2 – Qual gênero você se identifica?

- M F Nenhum dos dois especificamente

3 – Nível de escolaridade:

- Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Médio incompleto Ensino Médio completo Ensino Superior incompleto Ensino Superior completo Pós graduação

4 – Renda Mensal aproximada:

- Até 2 salários mínimos; de 2 a 4 salários mínimos; de 4 a 6 salários mínimos; acima de 6 salários mínimos.

5 – Qual é a ocupação principal que você exerce?

- Estudante;
 Profissional assalariado prestador de serviços (saúde, educação, comércio, financeiro etc.)
 Profissional proprietário de comércio
 Profissional ligado ao setor industrial e/ ou agroindustrial
 Trabalhador rural
 Profissional sem vínculo específico que atua em atividades informais
 Desempregado
 Outras funções.

6 – Em média, quantos horas são dedicadas às atividades obrigatórias de trabalho e/ou estudo por semana?

- Até 10 horas; 10 a 20 horas; 20 a 30 horas; 30 a 40 horas; > de 40 horas.

Perfil de ocupação no seu tempo disponível e opções de lazer:

7 – Quantas horas, em média, você dedica seu tempo disponível para atividades de lazer ou recreativas por semana?

- < de 1 hora; De 1 a 2 horas; 2 a 4 horas; De 4 a 6 horas; > de 6 horas.

8 – Nos seus dias de folga, o que você mais costuma fazer? (Imaginando o cenário comum sem o impacto da pandemia)

- fica em casa; sai de casa

9 – Ao ficar em casa no seu tempo disponível, o que mais costuma fazer? (Marcar o número necessário de atividades)

- Assistir TV (documentários, esportes, séries, filmes etc.)
- Realizar trabalhos artísticos e/ ou manuais
- Praticar atividade física
- Descansar
- Todas elas
- Outros. Especificar: _____

10 – Ao sair de casa, o que costuma fazer em seu tempo disponível?

- Frequentar espaços privados de uso coletivo (restaurantes, cafés, bares, clubes, shopping center etc).
- Frequentar a casa de amigos e parentes
- Frequentar espaços públicos livres ou abertos (parques, feiras, praças etc.)
- Frequentar outros espaços públicos fechados com algum tipo de limitação no uso (casas de espetáculos, teatros, bibliotecas, museus etc.)
- Frequentar espaços esportivos específicos em busca de atividades físicas (quadras privadas, academias etc).
- Frequentar a zona rural ou áreas naturais em busca de esportes e contemplação.
- Todas as opções anteriores
- Outros não citados. Especificar: _____

Presença nos espaços públicos das praças:

11 – Você frequenta praças na cidade?

- Sim. Qual(is) _____
- Não.

12 – Caso seja positiva a resposta anterior, qual, ou quais dias da semana você vai à praça?

- Durante a semana esporadicamente () Aos sábados () Aos domingos e feriados
- Esporadicamente em algum dia no final da semana () Não tenho um período definido

13 – Qual período do dia você prefere frequentar a praça?

- Durante as manhãs () Durante as tardes () Durante as noites() Não tem período específico

14 – Qual é o seu tempo de permanência em média em uma praça?

- até 1 hora () de 1 a 2 horas () de 2 a 3 horas () mais de 3 horas

15 – Qual é o motivo que leva você a frequentar a praça?

- buscar atividades físicas - esportivas e recreativas
- buscar relaxamento, ver pessoas e contemplar a paisagem
- Buscar áreas sombreadas que despertem conforto na temperatura
- Busca por atividades culturais
- Levar crianças e animais de estimação
- Todas as respostas anteriores
- Outras alternativas. Especificar: _____

16 – O que você acha necessário existir para melhorar sua utilização e o acesso às praças públicas da cidade?

- Ampliar a presença de praças urbanizadas e com infraestrutura ao longo dos bairros
- Mais cuidados com a infraestrutura e limpeza.

- Mais segurança ao longo do dia e da noite com a polícia fazendo rondas regulares ou mantendo um posto móvel no local
- Maior iluminação para o período noturno
- Maior presença de vegetação de grande porte com árvores que proporcionem sombreamento.
- Todas as alternativas anteriores
- Outras alternativas não mencionadas. Especificar: _____.

16 – Por qual motivo você não frequenta uma praça pública na cidade?

- A grande distância das praças de sua residência.
- Falta de infraestrutura e segurança
- Não gosto de frequentar espaços abertos sujeitos a problemas
- Não gosto de praças
- Falta de motivação devido ao calor intenso em boa parte do ano
- Outros motivos. Exemplos: _____

17 – Você acha que é importante existir praças na cidade?

- sim
- não

Aponte dois motivos: _____, _____.